

JOSÉ ESTEVÃO

APONTAMENTOS

PARA A SUA BIOGRAPHIA

POR

MARQUES GOMES

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA  
E DO INSTITUTO DE COIMBRA



PORTO

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL.

66, Rua da Fabrica, 66

1889

3. 0. 11.

A. V. F. 11. 11.

JOSÉ ESTEVÃO

bibRIA

Apontamentos para a sua biographia

**bibRIA**

# JOSÉ ESTEVÃO

---

Apontamentos para a sua biographia

POR

MARQUES GOMES  
D'ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA  
E DO INSTITUTO DE COIMBRA

---

---



PORTO

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

66, Rua da Fabrica, 66

1889

JOSE ESTEVAO

Apontamentos para a sua biographia

1871

JACQUES GOMES  
bibRIA



PORTO

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

de José de Faria, 21

1871

À EX.<sup>ma</sup> SNR.<sup>a</sup>

D. Maria Dorothea Coelho de Magalhães

IRMÃ EXTREMECIDA DO IMMORTAL TRIBUNO

ALIBIB

# I

Opportunidade da presente publicação—Investigações genealogicas—Luiz Cypriano—Nascimento do tribuno—Casa onde nasceu—Lapide commemorativa—Baptismo e appellido—Os primeiros estudos—Vocação oratoria—Entra para a Universidade—Estudante distincto—Campanha de 1826—Alista-se no batalhão academico—Ataques de somno—Loja maçonica em Aveiro—O conselheiro Queiroz e Luiz Cypriano—O primeiro grito de liberdade.—Parte que José Estevão teve na revolução de maio de 1828—Alista-se novamente no batalhão academico—Diligencia ao Porto—Salva a vida a dois prisioneiros—Derrota do exercito constitucional—A caminho do exilio—No acampamento de Lobios—Partida para Inglaterra—Em Plymouth—Não vae para o barracão—Recusa-se a estudar inglez—Iniciação na maçonaria—Expedição aos Açores—Desembarque na Terceira—Não toma parte na acção da Villa da Praia—Redactor da *Chronica da Terceira*—Expedição a S. Miguel.—Acção da Ladeira de Velha—Baptismo de fogo—Expedição do Mindello—Chegada ao Porto—Pae e filho—Homisio de Luiz Cypriano—Acção de Ponte Ferreira—Noticia falsa—Dá-se ordem de embarque—«Veio para ficar e não para embarcar»—Expedição a Villa de Conde—Fortifica-se a Serra do Pilar—José Estevão nas fortificações—Defeza da Serra do Pilar—José Estevão condecorado—Promoção—Ultima vez que faz serviço como «academico»—Ataque de 25 de julho de 1833—Flecha dos mortos—Segunda vez condecorado—E' levantado o cerco do Porto—Batalha de Almoester—José Estevão faz a apothese dos seus serviços militares.

# I

D'aqui a poucos dias Aveiro terá saldado uma enorme divida. A memoria sempre querida do seu mais illustre filho José Estevão Coelho de Magalhães será perpetuada no marmore e no bronze para recordação dos tempos idos e para lição dos vindouros, por isso azado é o momento de enfeixar o que durante alguns annos fui colhendo a proposito dos seus feitos militares, das suas audacias revolucionarias, dos seus triumphos oratorios, emfim da sua vida toda abnegação e desinteresse.

Explicada assim a oportunidade d'esta publicação, passo a innumerar os factos e a reunir os documentos que colligi sobre a vida de José Estevão.

---

Manoel Coelho de Magalhães, natural da Villa da Feira, veio no ultimo quartel do seculo XVIII para a hoje extincta villa d'Eixo, do concelho de Aveiro exercer o cargo de escrivão do Almoxarifado da

Casa de Bragança. Pouco depois casou alli com D. Maria Angelica Ferreira de Abreu, filha de lavradores abastados.

D'este casamento nasceram dois filhos e tres filhas, dos quaes o primogenito foi Luiz Cypriano Coelho de Magalhães que seus paes destinaram desde o berço a uma carreira scientifica reservando para o outro filho, Manoel Coelho de Magalhães, o officio de escrivão do Almojarifado, que, com effeito veio depois a exercer (1).

Manoel Coelho de Magalhães, já pelos rendimentos do logar que exercia, já pelos bens que sua mulher lhe levára em dote, gozava de modesta abastança, mas apesar d'isso pediu, e obteve, que seu filho Luiz Cypriano fosse admittido gratuitamente no *Collegio de Sciencias Naturaes*, vulgarmente chamado *Collegio da Brôa*, em Coimbra e, como collegial d'elle frequentasse a Universidade e se formasse na faculdade de Medicina.

Luiz Cypriano que, fôra sempre um estudante distinctissimo, depois de formado, veio viver para a companhia do pae, e por alguns annos exerceu a clinica em Eixo. Manoel Coelho vivia então n'uma casa na rua do Matouto, e que hoje pertence ao snr. Joaquim de Carvalho Saldanha.

Pouco depois de ter concluido a sua formatura, Luiz Cypriano viu cabir seu pae fulminado por um ataque apoplectico. Não houve recurso medico que não empregasse para o arrancar á morte, porém tudo foi inutil. Manoel Coelho morreu nos braços do filho. Desde então, Luiz Cypriano principiou a descrever da sciencia medica e mal-dizer a profissão que havia escolhido. Annos depois, quando o espinho da saudade lhe vinha relembrar a lucta que tinha sustentado para salvar a vida do pae, com os olhos arrasados de lagrimas, e com a convicção nascida do coração dizia «se algum filho meu quizer ser medico que não mais me chame pae, pois desde o dia em que elle abraçar tal carreira deixa de ser meu filho.»

Em 1804 veio definitivamente estabelecer a sua residencia em Aveiro onde desde logo principiou a exercer a clinica, com enorme exito e notavel desinteresse, pois era este um dos mais notaveis dotes da sua formosissima alma (2). Luiz Cypriano desde o dia em que veio para Aveiro até áquelle em que a doença que o havia de victimar o prostrou no leito jámais recusou os seus serviços á pobreza, e que cuidados elle não dispensava ao infeliz que sabia não poder retribuir-lh'os! quantas vezes elle depunha sobre o misero grabato o dinheiro que comsigo trazia, chegando até a levar de sua propria casa, occultas no seu amplo capote de *camelão*, as gallinhas para alimentar os seus pobresinhos.

Luiz Cypriano, depois dos pobres e da sua familia, amava muito e muito as crianças, por isso estas, quando o avistavam ao longe deixavam logo os paes e as mães para correr ao seu encontro, e elle afagava-as com fraternal carinho, distribuindo-lhe doces e fructas de que de antemão andava munido. D'isto posso eu dar testemunho,

apezar de contar apenas quatro annos quando Luiz Cypriano morreu, tão vivos tenho ainda retratados na memoria os carinhos que me dispensava e os bellos pecegos que me offerecia, finalmente as lagrimas que chorei, quando meu pae me disse: «morreu agora o snr. dr. Luiz Cypriano». Do pae dos desvalidos e do amigo das creancinhas, de Luiz Cypriano, conservo além d'aquellas recordações uma outra que não prezo menos e que guardo como que fosse uma joia de alto preço, é um *bibelot* que elle me offertou em troca de eu tomar um remedio bastante amargoso, que me havia receitado, e que eu obstinadamente me recusava a tomar.

Pouco depois de Luiz Cypriano se haver estabelecido em Aveiro, desposou a snr.<sup>a</sup> D. Clara Miquelina de Azevedo, filha de Manoel da Costa Guimarães e de D. Anna Joaquina Rosa, considerados negociantes d'esta praça.

Foi d'este casamento que nasceu o tribuno.

## II

No dia 26 de dezembro de 1809, n'uma casa de modesta apparencia, sita na rua dos Mercadores d'esta cidade de Aveiro, nasceu uma creança que mais tarde havia de vir a ser a maior gloria d'ella. Nenhum acontecimento extraordinario ou manifestação de publico contentamento o assignalou (3).

Aquella casa que hoje deve ser considerada como um dos monumentos historicos de Aveiro tem duas frentes, uma para a rua dos Mercadores, (que era por onde em 1809 tinha a sua entrada) e outra para a nova rua de José Estevão. Está actualmente dividida em duas, pertencendo uma á snr.<sup>a</sup> D. Maria Adelaide Sousa e outra ao snr. Amadeu Faria de Magalhães.

Esta casa pertencia na epocha do nascimento do tribuno a seus avós maternos. No momento que estou escrevendo estas linhas 15 de julho, ás 10 horas da manhã, principiou a collocar-se ali uma lapide commemorativa do nascimento de José Estevão.

A inscripção diz o seguinte:

«Casa onde nasceu aos 26 de dezembro de 1809 o grande tribuno parlamentar e benemerito cidadão portuguez José Estevão Coelho de Magalhães.

Em honra de tão querida memoria mandou a Camara Municipal d'Aveiro fazer e collocar esta lapide, por deliberação tomada em sua sessão de 10 de fevereiro de 1887.»

No dia 1 de janeiro de 1810 foi solememente baptisado o menino com o nome de José, na igreja de Nossa Senhora d'Apresentação pelo vigario, o dr. Manoel Rodrigues Tavares de Araujo Taborda.

Foi padrinho José Ribeiro de Azevedo Leitão e madrinha Luiza

Theresa seus tios maternos. Pelas notas genealogicas que deixo transcriptas o nome e appellidos do futuro tribuno deveriam ser José Estevão Coelho de Magalhães Azevedo, mas por razões que desconheço ficou usando só os appellidos de seu pae e o mesmo succedeu com seus irmãos Antonio Augusto Coelho de Magalhães, Luiz Rufino Coelho de Magalhães já á muito fallecidos e a snr.<sup>a</sup> D. Maria Dorothea Coelho de Magalhães que felizmente ainda vive e, a quem presto a sincera homenagem da mais respeitosa sympathia, dedicando-lhe este modestissimo escripto.

A mãe de José Estevão, pela sua compleição demasiado fraca não pôde amamentar seu filho, pelo que o menino teve de ser entregue aos cuidados d'uma ama, sob as vistas de sua avó materna em casa de quem se conservou até á idade de nove annos (4). Foi então que José Estevão foi frequentar a escola primaria de que era professor Custodio José Baptista, por alcunha o *Cossoia*, e que morava quasi fronteiro a Luiz Cypriano. Frequentava José Estevão aquella escola quando teve a desdita de perder sua boa e santa mãe; a dôr que então o feriu, apesar dos seus poucos annos, foi agudissima e a recordação d'este tristissimo successo nunca se lhe varreu da memoria.

Saindo da escola primaria, José Estevão foi frequentar o latim com o habillissimo professor José Lucas de Sousa da Silveira que, depois lhe explicou tambem os principios da geometria. Tendo feito exame de latim no Collegio das Artes, em Coimbra, estudou tambem em Aveiro a logica e a rhetorica, esta com o padre Manoel Xavier, poeta e orador distincto e aquella com o dr. Francisco Ignacio de Mendonça. Foi na frequencia d'estas disciplinas que José Estevão principiou a dar provas positivas da sua grande intelligencia, já argumentando com os condiscipulos, já discutindo com os professores. A sua vivesa de espirito e a sua réplica sempre prompta e feliz tornavam-no geralmente estimado. Algumas vezes no antigo adro da igreja de S. Miguel, que ficava fronteiro ao palacete que os duques de Lafões aqui tinham e então servia de quartel a uma ala do batalhão de caçadores n.º 10, José Estevão discutia animadamente com os mais distinctos officiaes do mesmo batalhão, que o arrastavam a discussões sempre proveitosas e algumas vezes difficeis, não lhe negando nunca o seu applauso. O antigo adro de S. Miguel, que foi por assim dizer o theatro dos primeiros triumphos oratorios de José Estevão, está presentemente incluido no largo onde agora vae ser inaugurada a sua estatua.

Havendo concluido os preparatorios então exigidos para entrar para a Universidade, José Estevão partiu para Coimbra nos principios de outubro de 1825 e dias depois matriculava-se no 4.º anno juridico.

Residiu n'esse anno na rua dos Estudos n.º 24. Em breve adquiriu reputação de optimo estudante, e manifestou os recursos da sua superior intelligencia. José Estevão e um seu condiscipulo natural de Bragança eram apontados como os primeiros estudantes do curso, onde ainda assim havia muitos outros de talento comprovado. Manteve sempre o bom nome que alcançara, mas as suas ideias manifestamente liberaes, que não eram as da maioria de seus mestres, fizeram com que nunca fosse premiado (5). Logo nos primeiros mezes da sua estada em Coimbra teve occasião de manifestar abertamente os seus sentimentos liberaes.

Quando em dezembro de 1826, as forças absolutistas do Marquez de Chaves entraram em Vizeu e ahi acclamaram rei o Infante D. Miguel, o general da provincia Francisco de Paula d'Azeredo, não podendo por falta de força supplantar a revolta, appellou para o patriotismo e independencia da mocidade que frequentava a Universidade, e mandou convidar os academicos para se armarem e formarem um batalhão.

O convite foi accete com o maior enthusiasmo por uma grande parte da academia. O batalhão organisou-se em poucos dias, não obstante o alistarem-se só os academicos cujos sentimentos eram mais rasgadamente liberaes, pois á sua organização não só se mostrava contrario todo o corpo cathedratico, mas até o proprio governo.

José Estevão foi um dos primeiros a alistar-se, e no novo batalhão ficou pertencendo á 6.ª companhia, de que era commandante o tenente de caçadores n.º 7, João Arsenio Judice Bicker.

No dia 26 de dezembro sabiu de Coimbra aquelle batalhão para a Beira a unir-se ás forças do general Azeredo. Por ordem d'elle foram os academicos guarnecer Vizeu, pois que, apesar do seu animo e enthusiasmo, escreve o snr. conde de Samodães (6), mal podiam suportar a violencia das marchas, os bivaques e as inclemencias da estação invernosa no paiz mais frio e desabrido de Portugal.

Durante a permanencia do batalhão academico em Vizeu, José Estevão esteve aboletado em casa do conego Menezes, que então era um exaltado absolutista e que depois em 1834 se mostrou muito liberal, e tanto que chegou a ser escolhido para governador do bispado. Em casa do tal conego Menezes, José Estevão passou as maiores inclemencias, pois o padre nada mais lhe fornecia do que agua, lume e sal. Para dormir nem sequer lhe ministrou uma pequena enxerga, e o somno era então e foi sempre um dos grandes achaques de José Estevão. Logo no primeiro dia da marcha, elle ficou á rectaguarda, nos Fornos, por não poder vencer um grande ataque de somno. A proposito d'este somno, vou transcrever o que escreveu Bulhão Pato no seu formoso livro *Sob os cyprestes*:

«José Estevão tinha uns ataques de somno repentino, que o faziam cahir como fulminado.

«A um terço ou meio do artigo que estava dictando, — á noite principalmente, — era raro que de improviso não dissesse :

«— Lá vem *elle*, lá vem *elle*, lá vem o diabo ».

Este *elle*, este diabo era o somno. Não podia resistir. Adormecia profundamente.

Quinze ou vinte minutos depois abria os olhos, e sem repetir a phrase que ficára suspensa, proseguia discorrendo pelo mesmo fio, com egual correcção e facilidade».

Foi curta a campanha de 1826, mas nem por isso deixaram de ser importantes os serviços prestados á causa da liberdade pelos bravos briosos academicos, serviços esses, cuja apologia foi feita na sessão da camara dos deputados de 16 de março de 1827.

Mandado dissolver o batalhão academico, José Estevão voltou para Coimbra a continuar nas suas lides escholares.

## IV

O infante D. Miguel nomeado *logar-tenente* de seu irmão D. Pedro, logo depois da sua chegada a Lisboa em 22 de fevereiro de 1828, principiou a tomar um certo numero de medidas, todas tendentes a derrubar a *Carta Constitucional* e fazer-se acclamar rei. Uma das primeiras, foi a dissolução da camara dos deputados, a qual se não deu por dissolvida sem primeiro protestar energicamente contra o arbitrario procedimento do infante. Um dos membros da camara dissolvida era o desembargador Joaquim José de Queiroz, liberal convicto e homem de rasgada energia. O desembargador Queiroz era natural do concelho de Aveiro onde tinha casa. Logo que se dissolheu a camara veio para aqui com o firme proposito de contraminar o que se acabava de fazer. Conhecendo de perto todos os liberaes importantes do paiz, principiou a preparar o terreno para uma revolução em favor dos direitos da rainha. Em Aveiro é que tinham logar as reuniões, estabelecendo-se para isso aqui um *club* ou loja maçónica. Esta loja effectuava as suas sessões ora em Verdemilho, em casa do desembargador Queiroz, ora no bairro do Alboi, na casa da Quinta dos Santos Martyres, onde desde 1820 a 1823 estivera tambem estabelecida uma outra *loja*. Foi ahi que se organisou a revolução constitucional.

Luiz Cypriano parece que fazia tambem parte d'aquella loja, ou pelo menos era intimo de Queiroz e estava sabedor da revolução, que se planeava. Reconhecendo que os sentimentos politicos do seu filho eram os seus e, desejando concorrer por todos os meios para o triumpho da causa da liberdade tão rudemente ameaçada, pôz José Estevão a par do que se passava e este a seu turno informou

de tudo o seu contemporaneo na Universidade e devotado liberal o snr. Simão José da Luz Soriano, que desde logo começou a trabalhar para que em Coimbra se iniciasse tambem o movimento de reacção contra as aspirações do Infante. Tendo-se posto *ponto* na faculdade de direito, José Estevão a pedido do snr. Soriano partiu para Aveiro, nos principios de maio e aqui se demorou até que no dia 16 surgiu n'esta cidade o grito da liberdade, facto que communicou immediatamente para Coimbra (7).

Como José Estevão nem sequer ostensivamente figurou na revolução que em 16 de maio de 1828 teve logar em Aveiro em prol dos direitos da rainha D. Maria II, não nos deteremos a narrar esse glorioso facto da historia da cidade que se presa ter sido seu berço.

José Estevão poucos dias depois foi para Coimbra, e feita ahí a revolução em 22 de maio, organisou-se o batalhão academico, sendo elle um dos primeiros a alistar-se.

Luiz Cypriano recebeu com immenso enthusiasmo a noticia do alistamento de José Estevão.

No dia 23 de junho fizeram as forças constitucionaes um reconhecimento sobre a villa da Ega, onde pouco antes haviam chegado as avançadas miguelistas, e depois de pequeno tiroteio aprisionaram além de grande numero de praças de pret, o commandante das forças absolutistas, o major da infantaria n.º 22 Antonio Roque de Andrade e um capitão do mesmo regimento. O primeiro d'estes dois officiaes trasia um braço atravessado por um bala. Ambos foram levados para Coimbra, e ahí recolhidos na cadeia da Portagem. A delegação da Junta do Porto que ahí se achava, julgou mais acertado que os dois prisioneiros fossem transportados immediatamente para as cadeias da Relação, e assim se fez. Para custodiar os prisioneiros organisou-se uma numerosa escolta, mas como não houvesse inteira confiança na tropa, não de que ella deixasse fugir os prisioneiros, mas sim que tentasse contra a sua vida, tal era a excitação que contra elles existia, ordenou-se que fizessem tambem parte d'ella, alguns *academicos*. N'este numero entraram José Estevão e o seu amigo e patricio Mendes Leite. Ambos foram informados de que havia tenções de assassinar os prisioneiros durante a marcha; em virtude d'isto adoptaram taes providencias, foram de tal modo energicos e cautelosos, que o partido liberal não passou pela enorme vergonha porque o queriam fazer passar.

O major Antonio Roque d'Andrade, depois que deu entrada nas cadeias da Relação, confessou aos dois briosos *academicos* que sabia dever-lhes a vida e que jámais esqueceria o muito e muito que lhes devia. Que se não morresse do ferimento que tinha recebido e se o seu partido algum dia fosse o vencedor, lhe mostraria então quanto grato lhes era (8).

José Estevão chegou ao Porto no desempenho d'aquella deligencia pela tarde do dia 26 de junho. Uma ou duas horas antes ha-

viam desembarcado na mesma cidade do vapor *Belfast*, os generaes Saldanha, Stubs, Palmella, etc.

José Estevão aguardou no Porto a chegada do batalhão academico, pois teve noticia de que este corpo havia tambem retirado de Coimbra com as demais forças constitucionaes e para alli se dirigia.

Batido o exercito constitucional e dissolvida a Junta do Porto, o batalhão academico como todas as demais forças fieis seguiu o caminho da fronteira, vindo a entrar na Gallisa no dia 6 de julho. Não é nosso proposito o relatar as inclemencias e maus tratos que as forças constitucionaes soffreram na marcha e foram acolhidas pelos nossos visinhos e portanto José Estevão tambem, mas ainda assim sempre diremos que elle soffreu tudo isso senão com constancia ao menos com a despreoccupação folgasa da sua vigorosa mocidade. Durante a marcha, por andar pouco, foi José Estevão ameaçado pelo celebre tenente-coronel de milicias de Orense, D. Manoel Ignacio Pereira, mas depois vingou-se da ameaça sahindo do campo de Lobios muito antes que os restantes academicos, pois dando-se por meliciano disse ser impedido de seu primo o official de milicias Manoel Luiz, e assim seguiu para Orense e d'ahi para o Ferrol, d'onde foi tambem um dos primeiros a embarcar para Inglaterra. José Estevão fez toda a marcha quasi que sem dinheiro, sem roupa e sem calçado. Em Lobios o seu amigo e patricio Mendes Leite deu-lhe uma das duas unicas camisas que levava. José Estevão levára consigo de Coimbra um pequeno cordão de oiro, talvez uma recordação de familia, mas em Lobios desfez-se d'elle, não para occorrer a alguma das suas muitas necessidades de occasião, mas sim para satisfazer a sua gulodice (pois era e sempre foi muito guloso) para comprar *gemas*.

Para se avaliar de quanto lhe custariam as taes *gemas*, basta dizer-se que no acampamento de Lobios se vendia então por 600 réis uma brôa de pão de milho que poderia valer 100 réis.

## v

José Estevão desembarcou em Portsmouth em 26 d'agosto, e dias depois seguia para Plymouth, onde esteve até partir para a Ilha Terceira.

Acolá não passou por todas as privações por que passaram muitos dos seus camaradas e condiscipulos; pôde eximir-se a ter por quartel o celebre *Barracão de Plymouth*, graças á generosidade de um seu conterraneo e velho amigo de seu pae. Hospedou-se n'uma casa particular conjunctamente com Mendes Leite, Robocho (depois visconde de Santo Antonio), e Manoel Maria da Rocha Culmieiro.

Era este ultimo que abonava todas as despezas, e foi portanto a elle que José Estevão deveu o não ter por leito a palha pôdre do *barraçáo* e a viver unicamente dos miseros seis *pences*, que foi o soldo que se dava aos academicos.

Como muitos outros academicos foi tambem obrigado a fazer serviço a bordo dos navios que se achavam fundeados no porto de Plymouth por conta do deposito, verdadeiras persigangas, de que ainda muitos annos depois se recordava com horror.

Em quanto que ia curtindo saudades da terra que lhe havia sido berço, o seu querido Aveiro, contemplando com olhos marejados de lagrimas o canal de Plymouth, cheio de navios e que alguns longes lhe dava do caes da sua terra, em Portugal, era José Estevão mandado riscar perpetuamente da Universidade por haver tomado armas pela liberdade. A ordem para assim se proceder foi o *aviso* de 28 março de 1829, dirigido pelo ministro de D. Miguel, D. Francisco Alexandre Lobo, ao vice-reitor dr. Antonio Pinheiro de Azevedo e Silva.

Durante a sua estada em Plymouth, José Estevão iniciou-se na maçonaria sendo seu apresentante, n'uma das *lojas* d'aquella cidade, Manoel Maria da Rocha Culmieiro.

Reconhecendo a necessidade de saber o inglez, e depois de muitas instancias de alguns seus amigos principiou a estudal-o, mas á terceira ou quarta lição resolveu terminantemente pôr ponto n'esta ordem d'estudos e, para tornar mais effectiva esta sua resolução, atirou com o compendio pela janella fóra, exclamando: «isto não é lingua de gente».

Assegurada a posse da Ilha Terceira tratou-se em Plymouth de mandar para alli reforços, organisando-se para isso uma expedição de que faziam parte além de outros corpos, o batalhão de voluntarios da Rainha. A primeira companhia d'este batalhão era formada por academicos, e n'esse numero contava-se José Estevão.

A expedição foi por differentes vezes e em differentes navios. A primeira companhia d'aquelle batalhão de que fazia parte, como já disse, José Estevão, sahiu de Plymouth a 30 de janeiro de 1829 a bordo da galera americana James Croper e desembarcou em Angra em 16 de fevereiro seguinte. José Estevão dizia muitas vezes, e repetiu-o ainda poucos dias antes da sua morte, que o dia em que desembarcou na Terceira fóra um dos mais felizes da sua vida, tal foi o prazer que sentiu quando depois de um anno de emigração, pisou de novo terra portugueza.

Ao batalhão de voluntarios da Rainha foi dada para quartel a villa da Praia, que tão celebre se veio a tornar depois da famosa acção de 11 d'agosto de 1829. Entre os bravos defensores da liberdade portugueza, nem sempre existiu a união que o bem da causa exigia, e a Terceira foi d'isso testemunha. Procurou-se revoltar o batalhão de voluntarios da Rainha contra a Junta provisoria que

havia assumido o governo da ilha, e entre os que para isso conspiraram contavam-se alguns *academicos*.

A revolta abortiu, mas os *academicos* foram desligados d'aquelle batalhão e, com a denominação de «Companhia de artilheiros academicos», mandados guarnecer o districto de S. Pedro dos Biscoitos, um dos oito districtos militares em que foi dividida a Ilha.

Quando teve logar a acção da Villa da Praia, e em que o maior quinhão de gloria coube ao batalhão de voluntarios da Rainha, os *academicos* estavam a algumas leguas de distancia, não podendo por isso tomar parte em tão memoravel feito como aquelle foi. O baptismo de fogo de José Estevão só teve portanto logar alguns mezes depois.

José Estevão que, como soldado se conservára inactivo depois do seu desembarque na Terceira, pois não só não tomou parte na acção da Villa da Praia, como vimos, tambem não foi na expedição ás ilhas do Oeste, em que foram trinta e tantos dos seus camaradas *academicos*, sob o commando do 2.º tenente de artilheria, Francisco Jaques da Cunha (9). Nos fins de julho de 1830 organisou-se na Terceira uma expedição contra a ilha de S. Miguel a unica que então ainda obedecia a D. Miguel. Para tomarem parte na expedição foram escolhidos sessenta e um *academicos*, entre os quaes se contava José Estevão, e que na respectiva *escala* tinha o n.º 6 (10).

No dia 2 d'agosto effectuava a expedição o seu desembarque em S. Miguel, que pelo local escolhido foi assaz arriscado e, no dia seguinte dava-se a famosa acção da Ladeira da Velha onde o exercito constitucional se cobriu de gloria e em que os briosos *academicos* obráram prodigios. Foi aqui que José Estevão fez as suas primeiras armas, pois até então nunca tinha entrado em fogo.

No seu regresso de S. Miguel a Angra, José Estevão foi encarregado conjunctamente com o voluntario academico Elias José de Moraes, de redigir a *Chronica da Terceira* em substituição do snr. Simão José da Luz, que se havia exonerado de redactor. Este periodico que começou a publicar-se em 17 de abril de 1830, era o jornal official da Regencia. Além das peças officiaes propriamente ditas, publicava artigos doutrinarios, noticias, etc. Nenhum porém traz assignatura, de fórma que é hoje impossivel dizer o que ali ha devido á penna do tribuno. O snr. Simão José da Luz, redigiu a *Chronica* até o n.º 10 ou 12 e José Estevão e Elias José de Moraes desde ahi até o n.º 39 ou 40 em que, foram substituidos pelo alferes João Eduardo de Abren Tavares.

Organisada a expedição que sob o commando do duque de Bragança veio trazer a Portugal a liberdade, embarcou José Estevão com as restantes praças do batalhão academico no brigue mercante —*Concordia*— na ilha Terceira, d'onde se dirigiu para S. Miguel, ponto de reunião de todo o exercito libertador.

No dia 23 de junho deixou S. Miguel, a bordo do mesmo navio, avistando ao fim de dez dias de viagem «as praias do malfadado Portugal», segundo a phrase de D. Pedro na proclamação que fez distribuir aos seus soldados pouco antes de se effectuar o desembarque do exercito libertador, no dia 8 de julho de 1832. José Estevão bem contra sua vontade não foi dos primeiros a saltar em terra, porque essa gloria coube aos bravos soldados de caçadores n.º 3.

Os *academicos*. foram mandados proteger a artilheria volante, por isso José Estevão com os seus valentes camaradas teve de marchar toda a noite de 8 para 9 de espingarda ao hombro e mochila ás costas, chegando ao romper do dia ás immedições do Porto. O batalhão academico não entrou com os restantes corpos na cidade, fez alto fóra d'ella por haver recebido ordem para fazer a guarda da rectaguarda do exercito. «Na nossa frente, escreve Soares de Luna, tinhamos os amigos da liberdade, os benemeritos portuenses; na nossa rectaguarda ficavam as forças inimigas, que a intentarem qualquer tentativa, ao bravo Corpo Academico, que eu tinha a honra de commandar, cabia a gloria de ser o primeiro a combatel-as.» (11)

Pela tarde, coube afinal a vez tambem ao batalhão academico de fazer a sua entrada no Porto, onde foi recebido entusiasticamente. Fez alto na Praia Nova d'onde depois seguiu para o *Convento dos Grillos*, que foi o edificio que se lhe destinou para quartel. Ainda antes de recolher ao quartel, José Estevão teve a suprema ventura de poder abraçar seu pae.

Luiz Cypriano havia bastantes mêzes que se tinha refugiado no Porto, conservando-se alli escondido. Pronunciado em Aveiro, por haver auxiliado a revolução de 16 de maio, abandonou a clinica e a familia e foi acolher-se sob a protecção de seu padrinho o desembargador José Patricio de Seixas Diniz, em casa de quem ficou. Não podia escolher mais seguro azylo, pois o desembargador José Patricio era um dos juizes da famosa alçada nomeada pelo governo de D. Miguel para julgar e punir os constitucionaes.

Em 23 de julho teve lugar a acção de Ponte Ferreira, as primeiras noticias que d'ella chegaram ao Porto produziram um panico enorme. O governador militar D. Thomaz de Mascarenhas foi um dos primeiros a dar o signal do alarme, dando elle proprio ordem para que os differentes corpos que haviam ficado guarnecendo a cidade marchassem immediatamente para a Torre da Marca e Foz. O batalhão academico victima da mais nobre das virtudes militares, a cega ob-

diencia, (como disse o seu bravo commandante, Soares Luna, no relatório que a tal respeito dirigiu ao ministro da guerra Agostinho José Freire, em 29 de julho), marchou também, mas não chegou a embarcar como succedeu com Mousinho da Silveira e outros muitos, porque alguns academicos e o seu commandante obstaram a esse embarque. «Nós viemos para ficar, e não para embarcar» gritavam aquelles valentes e um dos que mais gritava era José Estevão, arrancando os cabellos no cumulo do desespero e da raiva.

Em 29 de julho recebeu o commandante do batalhão academico ordem para com uma parte do mesmo corpo se unir no dia seguinte a outros contingentes de tropa de linha e partir para Villa do Conde no vapor—*Cidade de Edymburgo*—no desempenho d'uma diligencia importante. Entre os academicos *escalados* para irem a Villa do Conde contava-se o cabo José Estevão. A diligencia effectuou-se e com grande gloria para os *academicos*, pois tendo de bater-se com forças muito superiores as pozeram em completa debandada, «praticando gentilezas de valor que não se excedem e raras vezes se imitam» escreve Soares Luna.

As primeiras obras de defeza levantadas dentro do Porto foram em grande parte levadas a effeito pelos academicos, que n'isso deram não só provas de rara coragem mas até de rara aptidão. Quando se cuidou seriamente de fortificar a serra do Pilar, por indicação de Sá da Bandeira, foi logo mandado para alli um destacamento d'aquelle batalhão que se rendia de oito em oito dias pois todos disputavam a gloria de quererem ir para a Serra. José Estevão foi requisitado para fazer serviço alli ás ordens do engenheiro, Antonio Feliciano da Silva Costa, que estava encarregado das obras de defeza, que se julgaram mais necessarias, prestando n'esta commissão muito bons serviços á causa da liberdade. Muitas d'aquellas obras faziam-se debaixo do fogo do inimigo, de fórma que muitas vezes trocava-se o alvião pela espingarda.

Os feitos praticados pelos valentes defensores da Serra, só esses encheriam um grosso volume, por isso limitar-me-hei a citar um factó apenas. Entre os dias mais memoraveis da defeza da Serra, tem preferencia o de 13 e 14 d'outubro de 1832, pois o assalto por parte das forças miguelistas assumiu proporções verdadeiramente extraordinarias, tal era o numero dos assaltantes, tal a coragem e valor com que o realisaram. De qual a parte que José Estevão teve na acção d'aquelles dias, é testemunho authenticó o seguinte trecho que vamos pedir ao officio que em 19 d'outubro dirigiu ao conde de Villa Flór, o commandante da Serra, o velho brigadeiro Torres :

«O destacamento dos voluntarios academicos desenvolveu n'esta gloriosa acção, como é proprio do seu extremado valor, a maior bravura, intelligencia, coragem e sangue frio, tanto no serviço d'artilheira como no que voluntariamente fizeram de fuzilaria, de uma maneira tal, que por mais que pretenda extremar um só, na defeza do

dia 14, não me é possível fazel-o; e se o fizesse ficaria eternamente opprimido por um continuo remorso de injustiça a respeito d'aquelles que mencionasse; e por isso os recommendo muito a v. ex.<sup>a</sup>, pedindo-lhe ao mesmo tempo que se sirva levar á presença de sua magestade imperial os relevantes serviços prestados por estes tão bravos e distinctos jovens defensores assim como merece os meus elogios o seu commandante, o capitão d'artilheria Severiano Sizenando de Bettencourt, que na qualidade de commandante d'aquella arma desempenhou as minhas ordens com bravura, intelligencia e sangue frio. E' comtudo do meu dever declarar a v. ex.<sup>a</sup>, que no dia 13 os dois voluntarios academicos, José Estevão Coelho de Magalhães e José Silvestre Ribeiro, bem como o alferes Alexandre do Carvalho Silveira Pereira, encarregados dos trabalhos de fortificação, dirigiram como taes o restabelecimento da brecha, debaixo de um vivissimo fogo de artilheria; e no dia 14 tiveram um comportamento igual ao dos seus camaradas».

Por os serviços prestados nos dias 13 e 14 d'outubro, recebeu José Estevão o grau de cavalleiro da ordem da Torre Espada. O decreto que lhe concedeu esta mercê tem a data de 23 de novembro de 1832. (12)

# bibRIA

VII

O valor que havia mostrado José Estevão nas differentes acções em que tomára parte, junto ás suas naturaes aptidões para a vida militar, fizeram com que Baldy (1) propozesse a sua passagem do batalhão academico para a arma d'artilheria no posto de official. Por decreto de 4 d'abril de 1833 foi José Estevão nomeado 2.<sup>o</sup> tenente d'artilheria.

Já despachado official, mas ainda com a fardeta de academico, José Estevão bateu-se valentemente na tomada de Covello, que teve logar em 9 d'abril. Foi esta a ultima vez que fez serviço como *academico*.

Ao amanhecer de 25 de julho, o general francez Bourmont, a quem D. Miguel havia confiado o commando em chefe do seu exer-

(1) José Maria Baldy, distinctissimo official d'artilheria, capitão, commandante da bateria de campanha de calibre 3, que foi o primeiro commandante que os academicos tiveram na Terceira, e os instruiu nas ordenanças e exercicios da arma d'artilheria. Baldy, pela acção de 25 de julho, foi nomeado cavalleiro da Torre Espada, e recebeu a gradação de major.

cito, resolveu accommetter com grandes forças as linhas do Porto. O ponto escolhido para o ataque era o logar de Lordello e o reducto do Pastelleiro, e o numero dos atacantes elevava-se de 11:000 para 12:000 homens divididos em oito pequenas columnas. Era ao centro d'estes dois pontos, que ficava a celebre Flecha dos Mortos, n'esse dia defendida por um forte destacamento d'artilheria, commandado por José Estevão, e que desde que rompeu o fogo esteve sempre sob um chuvaireiro continuo de balas e granadas. Depois de algumas horas de fogo, uma forte columna miguelista de que faziam parte esquadrões de cavallaria de Chaves e do Fundão, commandada pelo bravo Larochejaquelin, investe o Pastelleiro com um valor digno de especial memoria. A *Flecha dos mortos* tornou-se o ponto principal do ataque, forças muitas vezes superiores ás que a defendiam, approximam-se, não obstante o fogo mortifero que d'ella se despede, e que juntou de cadaveres o solo que lhe fica fronteiro. Mas á bravura responde a bravura, a defeza estava sendo heroica, por isso o assalto tambem o vae ser. O já legendario regimento de infantaria de Cascaes avança e a lucta é corpo a corpo.

José Estevão quando já de todo em todo não póde sustentar aquella formidavel posição que o inimigo tão encarnicadamente disputa, retira, mas na retirada dá ainda uma prova do seu sangue frio, praticando um gracejo de rapaz, mas de rapaz valente e ousado; com a *vella mixta*, que conservava ainda acceza, chamusca as barbas do official miguelista que primeiro saltou dentro. A *Flecha* ficou em poder dos miguelistas, mas foi por poucos momentos; d'ahi a pouco é retomada pelos constitucionaes para de novo ser perdida e ainda de novo retomada mas agora para nunca mais cahir em poder dos miguelistas. N'estes esforços titanicos que foi mister fazer para sustentar aquella ponto, teve José Estevão grande quinhão de gloria, pois chegou até a bater-se com a espada. Por estes serviços foi agraciado de novo com o grau de cavalleiro da ordem da Torre Espada, por decreto de 15 d'agosto de 1833.

Organisada a expedição do Algarve, José Estevão não fez parte d'ella, ficou no Porto, não assistindo por isso á brilhante serie de triumphos alcançada pelo valente duque da Terceira, mas continuou como até ahi a tomar parte nas differentes acções com que o Porto se defendeu depois da partida d'aquella expedição, vindo a final a partir tambem.

Levantado o cerco do Porto depois da acção de 18 de agosto de 1833, Saldanha partiu para Lisboa onde os seus serviços eram urgentemente reclamados. No numero de corpos que formaram a expedição que o acompanhou não ia nenhum d'artilheria é verdade, mas tambem não é menos verdade que José Estevão fez parte d'esta expedição, mas em que qualidade, ignoro-o.

Como segundo tenente d'artilheria n.º 1 José Estevão tomou parte na acção de Almoester. Foi com ella que fechou o cyclo de ouro

dos seus feitos militares em prol da liberdade. José Estevão vangloriava-se e com razão dos seus serviços militares. Na sessão de 23 de março de 1839 respondendo ao conde do Bomfim, então ministro da guerra, disse José Estevão: «A minha carreira militar é mais curta que a de s. ex.<sup>a</sup>, figura menos por condecorações, menos por sangue, mas não figura menos por devoção e por bravura (apoiados) e por bravura... e as curtas paginas da minha vida militar não se envergonham de apparecer na presença dos grossos volumes em que está escripta a carreira de s. ex.<sup>a</sup>» (apoiados).

bibRIA

dos são (fatos) tidos em geral de liberdade. Já os Estados Unidos  
 não são e com razão nos seus artigos militares, há cerca de 23  
 de março de 1910, respondendo ao caso de Hamilton, onde  
 no de guerra, disse: "o direito de guerra militar é  
 mais curto que o de paz". Logo depois, por consequência, em  
 nos países, mas não há mais guerra por liberdade e por direitos  
 (pessoas) e por guerra... e as cartas pagas de modo diverso.  
 há não se mencionam de qualquer maneira as pressões dos governos  
 mas em que esta escrita a guerra e guerra de paz (pessoas).

# bibRIA

## II

José Estevão volta a frequentar a Universidade—No collegio de S. Jeronymo—Ane-  
docta da vida academica d'então—O Pirão—Já não é o mesmo estudante—Uma  
boa lição—Luiz Cypriano, deputado—«Revolução de Setembro»—José Estevão,  
deputado—A quem deve a eleição—Toma assento nos bancos da esquerda—Es-  
treia parlamentar—Combate a illegibilidade dos ministros—Affirmações democra-  
ticas—Não é republicano—O orador e o homem photographado por Bulhão Pato  
—Chefe da opposição—Assim o considerou Manoel Passos—Club dos Camillos—  
Demissão do ministerio Passos—José Estevão apoia o ministerio Dias Oliveira—  
Revolta dos marechaes—José Estevão ao lado do governo—Recomposições mi-  
nisteriaes—José Estevão na opposição—A arsenalada—José Estevão offerece a  
sua mediação aos sublevados—Convenção Marcos Filippe—Uma sessão do  
Congresso no Paço das Necessidades—Projecto d'uma mensagem á Guarda Na-  
cional apresentado por José Estevão—Protege os sublevados mas não os apoia  
—Jura-se a constituição—Novas eleições—E' reeleito por Aveiro—Na resposta ao  
discurso da corôa combate a politica do ministerio—Debates parlamentares—  
Funda o «Tempo»—Queda do ministerio—E' chamado ao poder o barão de Ri-  
beira de Sabrosa—As esquerdas passam a ser direitas—José Estevão apoia o  
novo gabinete—Demissão do ministerio Ribeira Sabrosa.

## I

Terminada a lucta pela convenção de Evora Monte, José Estevão  
obteve licença para vir residir em Aveiro. Em outubro de 1834 foi  
para Coimbra onde se matriculou no 3.º anno juridico, visto ter sido  
dispensado do acto do 2.º anno pelo decreto de 8 de março de 1833  
favor concedido a todos os academicos que se alistaram no exercito  
libertador. Foi residir no collegio de S. Jeronymo. O collegio havia  
sido arrendado em setembro por José Estevão, Mendes Leite, João  
Ribeiro da Silva Aranjó e Julio Maximo de Oliveira Pimentel, depois  
visconde de Villa Maior, pela quantia de 30\$000 réis annuaes, e era  
habitado por 24 academicos, divididos em duas secções, que na sua  
maioria haviam militado na ultima campanha.

Os arrendatarios do collegio de S. Jeronymo desvelaram-se  
pela sua conservação, mandando fazer bastantes reparos á propria  
custa; mas não obstante isto não conseguiram serem sympathicos a  
todos os vizinhos, especialmente áquelles que eram affectos ao regi-  
men absoluto. Um sapateiro que ficava fronteiro, e que sem duvida

havia tido por freguezes os antigos habitadores do collegio, dirigiu uma queixa ao Sub-Prefeito contra os arrendatarios do collegio, allegando que estes estavam damnificando consideravelmente o edificio.

A auctoridade superior do districto que conhecia de sobra quanto infundada era tal censura, não tomou providencia alguma, mas communicou a alguém o que tinha havido. Conhecido o accusador, um dos habitadores do collegio, João Ribeiro da Silva Araujo, encarregou-se de lhe dar o devido correctivo. Regressando da Universidade, entrou em casa do sapateiro, e sem mais preambulos applicou-lhe uma valente bofetada, e ao retirar advertiu-lhe que d'ahi a meia hora voltaria para lhe dar segunda e assim seguidamente até elle confessar que havia cobardemente mentido, dizendo que o collegio estava damnificado.

O brioso academico não faltou á sua palavra; estando a meio do jantar, levantou-se e dizendo aos seus companheiros de casa, que ia cumprir o que tinha promettido, havendo passado já a meia hora, sahiu em busca do sapateiro; este porém havia desaparecido, e tal foi o medo de que se apossou que n'esse mesmo dia divagou pelas casas de alguns lentes para estes implorarem de seus discipulos o perdão d'elle. No dia seguinte á sahida das aulas, aos academicos que habitavam o collegio de S. Jeronymo, pediram os respectivos lentes o perdão do sapateiro; a José Estevão e, a Mendes Leite, que foi quem nós narra esta curiosa peripecia da vida academica d'então, foi o dr. Pedro Paulo de Figueiredo da Cunha e Mello, depois arcebispo de Braga, que pediu com a maior instancia que não matassem o sapateiro, como se no espirito d'aquelles briosos rapazes podesse germinar a ideia d'um crime.

O sapateiro foi absolvido, e convidado a visitar o edificio, confessou que se havia illudido, pois achava-o melhor que no tempo dos frades, o que lhe valeu ser eleito por aclamação sapateiro privado dos seus habitadores.

Durante o cerco do Porto um antigo criado de estudantes um celebre Pirão estabeleceu uma especie de hospedaria no Convento da Serra. Era d'ella que comiam quasi todos os «academicos» que destacavam para aquelle inconquistavel baluarte da liberdade. Pirão alimentava o fogo da sua cosinha com as imagens da igreja e oratorios do convento, dos corredores e moveis e até mesmo com as traves e taboas dos tectos das cellas.

Das pesquisas do Pirão em busca do combustivel, atravez dos forros do convento da Serra, iam sendo victimas José Estevão, José da Costa Sousa Pinto Basto e Mendes Leite, em vista de se ter despeñado do tecto do compartimento em que estavam almoçando, uma enorme trave, que elle com os criados da sua hospedaria tratava de conduzir a bom caminho da lareira.

Muitas vezes dizia Pirão aos seus hospedes, que se tinham achado bom o jantar o deviam ao santo, pois n'esse dia havia sido

com elle cosinhado. Terminada a campanha Pirão veio para Aveiro, e valendo-se das suas antigas relações com José Estevão installou-se em casa de Luiz Cypriano. Este, sendo eleito deputado, levou-o comsigo para Lisboa onde o teve por criado, e parece que o não serviu de todo mal. Fechada a camara em abril de 1835, Luiz Cypriano, de volta para Aveiro demorou-se alguns dias em Coimbra. O Pirão que vinha tambem, recordando-se dos antigos tempos e achando-se mais á vontade no meio de estudantes declarou a Luiz Cypriano que não sabia mais d'alli e que deixava o seu serviço para ficar ao de José Estevão e seus companheiros. Se bem o disse melhor o fez.

Concluido o anno lectivo José Estevão e os demais arrendatarios do collegio de S. Jeronymo, entregaram a guarda d'este, a Pirão que, desde logo principiou a abusar da confiança que n'elle haviam depositado. Vendo-se senhor do collegio tratou de estabelecer uma hospedaria para estudantes, o que levou a effeito, servindo-se até das proprias roupas e moveis, que os academicos, a quem nos referimos, alli haviam deixado, na ideia de ahi continuarem a viver.

Em outubro annunciou a abertura da sua hospedaria, mas José Estevão que tinha sido uma vez logrado não o queria ser segunda, não voltou para S. Jeronymo e foi viver n'uma casa na rua da Mathematica. Pirão inaugurou em S. Jeronymo o systema que havia seguido na serra do Pilar, queimou imagens ás duzias e fez toda a qualidade de tropelias, queimando e vendendo retabulos de que poude lançar mão. Das baetas verdes que cobriam os altares fez librés para os criados.

Em 24 de julho de 1834 José Estevão saiu 1.<sup>o</sup> tenente de artilheria, e com o seu soldo custeava não só todas as suas despesas em Coimbra, mas tambem concorria em parte para a de seus irmãos Antonio Augusto e Luiz Rufino que com elle foram então frequentar a Universidade. Diminutos foram sempre os haveres de Luiz Cypriano, pois pouco havendo herdado de seus paes, tinha de viver do que ganhava como medico. Homisiado durante annos, aquelles mesmos proventos foram grandemente desfalcados, de fórma que se não fosse o seu soldo, José Estevão a custo teria podido ir concluir a sua formatura.

As convicções rasgadamente liberaes de Luiz Cypriano, os seus talentos e as suas grandes virtudes civicas e emfim a enorme sympathia que gosava entre os seus conterraneos, levaram-no ao parlamento na primeira legislatura que se reuniu apoz o triumpho da liberdade. Alli tomou assento nos bancos da esquerda, ao lado de

Saldanha e dos Passos. Fez opposição franca mas leal aos chamados amigos de D. Pedro. Fez parte d'algumas comissões e a sua opinião era sempre acatada pelos collegas. Tinha dotes oratorios mas na camara nunca os manifestou. Em 4 de junho de 1836 foi dissolvida a camara e procedendo-se a eleição de outra, Luiz Cypriano, foi reeleito como opposição, pela provincia do Douro. No dia 8 de setembro sabiu Luiz Cypriano a barra do Porto com os demais deputados eleitos por aquelle circulo, e que no dia 10 desembarcavam em Lisboa no meio de ruidosas manifestações de sympathia que foram o inicio da revolução que n'essa mesma noite teve logar e que fez cahir o ministerio Pereira.

Aos concelhos da corôa foi chamado então Passos Manoel chefe da opposição na camara dos deputados. As camaras não chegaram a reunir-se em virtude da nova ordem de cousas estabelecida pela revolução, por isso Luiz Cypriano voltou logo para Aveiro onde o chamavam graves negocios de familia, como era a doença de seu filho Luiz Rufino, que mezes depois viu morrer-lhe nos braços.

Para governador civil do districto de Aveiro foi escolhido pelo ministerio Passos o snr. José Henriques Ferreira de Carvalho deputado da extrema esquerda n'aquella legislatura, que emigrára e tivera a cabeça d'um irmão collocada n'um alto poste em frente da sua casa pelo unico crime de ser liberal. A nomeação de secretario geral recahiu no snr. Manoel José Mendes Leite cujos serviços á liberdade são tambem notorios e que poucos mezes antes havia concluido na Universidade a sua formatura em *canones e leis*.

Em outubro d'este anno, José Estevão não querendo aproveitar-se da concessão do decreto de 8 de março de 1883 referendado por Candido José Xavier que facultava aos voluntarios academicos de 1826 e 1828 de frequentarem o 5.º anno ficando a sua formatura completa no 4.º anno, voltou a matricular-se na Universidade.

O governo mandou proceder a eleições para côrtes constituintes, mas certo de que os cartistas não concorreriam á urna deixou aos administradores geraes a livre escolha dos candidatos que deviam ser votados. Os snrs. José Henriques e Mendes Leite eram amigos dedicados de José Estevão e além d'isso tinham pleno conhecimento das suas brilhantes qualidades intellectuaes. Sem o consultarem fizeram com que elle fosse votado conjunctamente com o dr. Caetano Xavier Pereira Brandão pelo circulo de Aveiro.

José Estevão ficou contentissimo ao saber que tinha sido eleito deputado, e ainda mais por não dever a sua eleição ao favor dos ministros com cujas pessoas sympathisava em extremo mas por não concordar com algumas das medidas governativas por elles postas em prática.

Nos primeiros dias de janeiro de 1837 partiu José Estevão para Lisboa, depois de haver sido dispensado da frequência das aulas na Universidade. Ali, hospedou-se em casa do abastado e velho amigo de seu pae José Ferreira Pinto Basto, de quem annos depois fez o elogio academico no Conservatorio e em cujo jazigo foram repousar as suas cinzas em quanto não vieram para Aveiro que, com justificadissimo orgulho hoje as guarda.

Logo na primeira sessão preparatoria do congresso, que teve logar no dia 18 de janeiro, compareceu José Estevão. A sua estreia fê-la na sessão de 21 de janeiro em que combateu conjunctamente com Costa Cabral, João Bernardo da Rocha e Barretto Feio a elegibilidade dos ministros.

«Snr. presidente, disse José Estevão, eu voto contra a eleição dos ministros, e para isso tenho muitas razões. Os factos, snr. presidente, criam direitos; a revolução de 9 de setembro é um facto e creou seus direitos.

Para mim depois que o grito da liberdade d'esse glorioso dia resouo unisono por todo o paiz; depois que elle recebeu uma universal e formal sancção, dois axiomas incontestaveis de direito publico se levantaram entre nós; 1.º a constituição de 23 de setembro de 1822 é a lei fundamental do estado; 2.º só as côrtes podem n'ella fazer modificações. Essa constituição determina que os ministros da corôa sejam inelegiveis para deputados; os mesmos ministros declararam-se elegiveis por um decreto da sua propria referenda, e depois d'este decreto, e em consequencia d'elle, são eleitos para deputados; esta eleição para mim é nulla, porque assenta sobre uma base de nullidade, que não pôde produzir resultados de outras especies. A eleição vem de uma infracção e uma infracção não dá direitos, antes responsabilidade.

Ao terminar, pronunciou estas palavras que são a manifestação rasgadamente sincera do seu elevadissimo character: — «Por mim dei a minha tenção condemnatoria, e despedaço a penna com que a lavrei. Voto contra o parecer da commissão».

Na sessão 24 de fevereiro, fallou outra vez e as suas palavras provocaram agora protestos e muitos deputados pediram-lhe explicações que elle não lhes negou.

Das sessões preparatorias do congresso não se publicaram senão simples extractos por isso do discurso de José Estevão n'esta sessão não resta publicado senão as linhas que vou transcrever.

«O snr. Coelho de Magalhães principiou por dizer que á sua lealdade devia uma declaração franca, e continuou dizendo que tendo apparecido depois dos successos de novembro uma nova fórma de procurações se essa nova fórma era para que se entendesse que os principios da nova Constituição haviam de ser os da Carta de 1826,

que rejeitava essa parte da sua procuração e quando seus constituintes lhe dissessem que era aquella a sua vontade, elle regeitava a Cadeira, que não tomaria mais tempo á assemblêa apesar de ter mais materia para isso, disse mais que o convenio de Belem foi sobrepticio em si, em seus effeitos: pois sendo feito na Capital foi imposto a todas as provincias e tornando a fallar da nova fórma de procurações, censurou asperamente o proceder do governo por as ter mandado quando a urna já estava aberta.»

## IV

José Estevão tomára assento nos bancos da extrema esquerda, então quasi desertos. Não devia a sua eleição ao favor do governo, por isso desassombradamente se declarou opposição. Mas antes de passarmos mais além, vejamos o que era já então José Estevão, como homem e como orador. Vamos offerecer aos leitores o seu retrato que seguindo a opinião dos entendidos está parcidissimo. A photographia é de Bullão Pato um dos maiores admiradores de José Estevão e um dos mais primorosos estilistas do nosso tempo. Ouçamol-o —:

«Foi nas luctas grandiosas da «constituente» que José Estevão soltou pela primeira vez a voz na camara dos deputados.

Os pródromos d'aquella extraordinaria eloquencia eram apenas conhecidos dos seus companheiros de armas no desterro; depois da batalha, nas conversações scintillantes do bivaque, entre os condiscipulos, nas palestras academicas e nas raras lições proferidas no curso de direito.

O imprevisto espanta sempre. Foi o espanto o primeiro sentimento da camara em presença da figura, do gesto, da voz, da inspição e da palavra do moço tribuno!

Os maiores jurisconsultos, estadistas, oradores, homens de letras de Portugal estavam em S. Bento. José Estevão, aos vinte e sete annos, caía de improviso no meio de tão grandes homens—para dominal-os e vencel-os muitas vezes, — para arrebatall-os sempre!

Incapaz, pela mobilidade e ardor da imaginação, pela mocidade agitadissima, de poder reunir avultada somma de estudos aturados e profundos, José Estevão tinha como que o dom sobrenatural, o *quid* divino da adivinhação.

Ha poucos mezes o primeiro jornalista de Portugal, Rodrigues Sampaio, que passára largos annos na imprensa, nas commissões, nas sociedades secretas, e na tribuna com José Estevão, dizia-me:

—«Era, realmente, homem extraordinario! Reuniamo-nos ás vezes para resolver negocio grave e intrincadissimo. De todos nós o unico que não sabia uma palavra da questão era José Estevão. Co-

meçava dispartando. Passado um quarto de hora, estava senhor do assumpto, e a primeira luz e o primeiro conselho eram d'elle.»

A voz, que tomára de assalto a admiração da constituinte, eccoou immediatamente por todos os angulos da capital e do paiz. Apesar das gravissimas complicações politicas d'essa época, da violencia dos partidos e da exaltação nervosa das paixões, o nome que andava em todas as bôccas, mordido na sombra pelos invejosos, abençoado pelas almas nobres, era o nome de José Estevão.

Esse nome, com as palavras «camara», «sessões», «deputados», etc., chegou aos meus ouvidos e picou a minha curiosidade infantil.

Instei com meu pae para que me levasse ás côrtes. Tinha já visto o theatro, e queria vêr aquelle outro theatro mais real e não menos cortado de paixões nobres e miseraveis, de lances, de situações, de scenas, de peripecias e principalmente de enredos.

Cedeu ás minhas instancias a lenidade paterna.

Fui um dia a S. Bento.

José Estevão tinha a palavra.

Aquella figura elegante, gentilissima, arrebatadora, ficou-me gravada no espirito, tão fundamentalmente, que me parece estal-a vendo agora diante de mim.

O cabello fino, basto, anelado, castanho escuro, povoava-lhe a cabeça de vinte e sete annos, bella e correcta como uma obra de arte nos dias aureos da Grecia, ou nos prodigiosos dias da Renascença. A barba longa, não demasiado espessa, de uma tinta mais clara que a dos cabellos, apartava-se na ponta do queixo, semelhante á barba de Christo nos quadros de Van Dyck.

O rosto pallido; nos transportes da palavra, ora enfiava, como se o sangue parasse na circulação, ora se lhe tingia de purpura. O nariz, levemente aquilino, completava a graça e correção do perfil.

As azas do nariz vincavam-se e pareciam palpitar quando a paixão o inflammava. Medindo o adversario, antes de lhe disparar a apostrophe fulminante, a cabeça erguia-se e conservava-se na immobildade ameaçadora do nebri pairando subitamente nos ares antes de saltar sobre a presa.

Os olhos pequenos, vivissimos, faiscavam como dois relampagos. A bôcca era cortada com franqueza para accudir rapida á transmissão do verbo fluentissimo. A estatura elevada; o peito bombeado e amplo; o pescoço forte, resaindo dos hombros largos, e proprio para auxiliar os movimentos leoninos da cabeça enérgica.

Proporcionadissimas todas as partes de sua estatura. As mãos finas, o gesto de inspirado; a voz com inflexões meigas, terriveis, patheticas, suavissimas, apaixonadas arrebatadoras! José Estevão n'aquella idade com o baptismo do exilio e o baptismo do campo da batalha, acceso no amor da liberdade e ferido com o amor da mulher, illuminado pelo genio, encarando um horisonte sem termo,

advogando a causa da humanidade com a bocca livre e os pulsos des-  
apertados das algemas da tyrannia, coberto de palmas, nadando em  
gloria, como um dia de abril nada em sol, era a realisação na terra  
da maxima felicidade a que póde aspirar o homem.

Eu não sabia o que eram «camaras», nem «deputados», nem  
o que significavam as palavras «discursos» e «eloquencia», — não  
comprehendia o que José Estevão dizia, mas não podia tirar os olhos  
d'aquelle homem singular, e na minha alma infantil ficou gravada  
por muito tempo a sua imagem como uma cousa extraordinaria!

Tal é o poder do genio.»

V

Mas reatemos a narração interrompida. O ministerio nunca logrou  
obter as sympathias da parte exaltada do partido setembrista, repre-  
sentada pelas differentes sociedades politicas mais ou menos secretas  
que havia na capital.

Os clubs queriam impor á sua vontade soberana, faziam as  
exigencias mais radicaes, proclamavam os principios mais avançados  
de fórma que era impossivel satisfazer a todas as velleidades. O  
mais notavel d'estes clubs era a *Sociedade patriótica lisbonense*,  
mais conhecida pelo club dos Camillos, por estar instalada no antigo  
convento de S. Camillo de Lelis.

José Estevão, do mesmo modo que os deputados Antonio Ber-  
nardo da Costa Cabral, Santos Cruz, Manoel Antonio de Vasconcellos  
etc. fazia parte d'este club.

«Discutiam-se alli as proposições mais exaltadas; escreve Frei-  
tas e Oliveira, e como a corôa não tivesse abraçado a revolução de  
9 de setembro senão com constrangimento, alguns, poucos dos  
membros do club dos Camillos, nos seus ataques ao ministerio, en-  
volviam tambem o throno; e tanto, que n'uma das mais acaloradas  
discussões, que alli houve, quando um dos membros, arrancando  
um punhal, protestou medir com elle a distancia das Necessidades  
ao Caes do Tejo, José Estevão levantou-se indignado, e derribando  
na velocidade do seu movimento o collega, que tinha proximo de si,  
agarrou no orador pelas bandas da casaca, e gritou-lhe: «Calla-te  
miseravel! E se esta sala tem eccos que repitam a tua proposição,  
eu saio d'aqui, porque jámais pertencerei a uma sociedade de assas-  
sinos.»

No dia 5 d'abril principiou no Congresso a discussão do pro-  
jecto da *Constituição*. Discutindo-o José Estevão, pronunciou n'essa  
mesma sessão o seu primeiro discurso politico, que é ao mesmo tem-  
po a sua profissão de fé politica, que elle resumiu assim: «Juiz só,  
a julgar só; um rei, com ministros responsaveis, a executar só;

*um corpo legislativo só, a legislar só; eis a minha monarchia, eis o meu governo representativo.»*

José Estevão affirmou então assim os seus principios democraticos :

«Para que a consideração da minha pouca idade, alguns preconceitos levantados sobre a exaltação das minhas opiniões politicas, e mesmo o preambulo de prevenções, que tenho feito, não atemorizem as consciencias timidas de alguns dos meus collegas, e os não ponham em receio de que vá sahir da minha bocca alguma explosão de principios pouco concordes com a dignidade do throno, e com a estabilidade da monarchia; eu, denunciando a minha seita, patentearéi em uma só palavra a minha crença; caracterisar-me-hei por um appellido, que não póde dar suspeita de grande exaggeração politica, e que nós estamos muito acostumados a ouvir pronunciar n'este congresso. Eu tambem sou doutrinario; mas a minha doutrina é a que se vae ouvir.

Se nós julgamos ter dado um grande passo de progresso, declarando o principio da soberania nacional, enganamo-nos. Confessando nós este grande dogma politico, é reconhecermos a força das causas, não contestarmos os phenomenos do dia, e sujeitar-nos á influencia inenunciavel dos successos. Seria preciso que rasgássemos as nossas proprias procurações, que desconhecéssemos o facto da nossa existencia politica, — seria preciso que déssemos um inaudito testemunho de immoralidade e scepticismo para negarmos a luminosa verdade, que no povo reside a soberania.»

Depois combateu a interferencia estrangeira nos nossos negocios internos dizendo :

«O principio da soberania popular, e a cessação dos abusos da Carta foram a grande conquista de 9 de setembro; e esta conquista foi que nos levantou inimigos fóra e dentro do paiz. A Europa do direito divino, não póde soffrer que nós quebrantássemos os seus dogmas de escravidão; e os que viviam do desgoverno da Carta, enraiveceram-sé pela volta a um regimen de ordem e de responsabilidade. Estes inimigos fizeram alliança entre si, e esta alliança commum fez o seu commum descredito. Os nossos inimigos internos, apoiando-se para as suas machinações nas influencias do estrangeiro, são contrarios á nossa nacionalidade; e os estrangeiros que, para combater a nossa revolução, se ligam ao partido dos abusos, querem estorvar a nossa prosperidade.»

Quasi no fim do discurso, José Estevão fez uma declaração importante, que convém registrar aqui; isto é, affirmou que não era republicano :

«Sr. presidente, segundo a minha exposição, talvez amanhã se diga, que sou republicano; se o fosse, havia de dizel-o; porque o nome não tem fealdade; mas eu não sou republicano, nem esse nome é de apeterer no nosso paiz. Todos os homens publicos, que

entre nós mereceram esse appellido, tem assistido aos funeraes da liberdade, trajando galas, e cantando hymnos d'alegria. Eu amo os thronos, porque vejo n'elles um principio innocente na organisação social: julgo que todos os damnos que tem feito não vem d'elles, mas do modo de os constituir, do erro de os cercar de direitos ter-riveis, que lhe são funestos. O throno entregue ás suas attribuições de beneficencia, fóra das contestações politicas, escudado pela sua indifferença governativa, hade descançar sempre socegado á sombra das sympathias populares.»

## VI

No congresso não havia opposição cartista mas, havia a setem-brista composta da parte mais avançada d'este partido. Os seus primeiros ataques ao ministerio foram capitaniados por Antonio Bernar-do da Costa Cabral. José Estevão, porém, depois do seu discurso de 5 de abril alcançou o primeiro logar, era um luctador mais temivel e um democrata mais convicto, por isso a opposição principiou desde então a reconhecê-lo por chefe. Foi elle já quem commandou a campanha parlamentar da creação dos secretarios de estado, que foi a causa apparente da queda do primeiro ministerio setembrista. Anos depois, 18 de outubro de 1844, Manoel Passos confirmou isto mes-mo, dizendo em plena camara dos deputados:

«... E o sr. deputado José Estevão Coelho de Magalhães — que foi o *chefe da opposição* que eu tive no Congresso Constituinte; era muito moço esse grande talento, quando pela primeira vez entrou n'esta casa. Pensava então sinceramente que a revolução, que eu entregára gloriosa e vencedora, pura e immaculada ao Congresso Constituinte podia obter mais força, mais gloria e mais esplendor; reprovava o que então se chamavam as minhas pastelarias. Muito tempo depois conservou ainda esses preconceitos; mas o tempo e experiencia o desenganaram das suas illusões, e mais tarde fez-me justiça, não só ás minhas intenções, mas tambem á minha politica.»

Demittido o ministerio Passos foram enormes as difficuldades para encontrar quem o substituisse, vindo afinal a organizar novo gabinete Antonio Dias de Oliveira, que, no congresso era um dos poucos que, acompanhavam José Estevão. O tribuno não regateou portanto o seu apoio ao novo ministerio, que teve de luctar com os cartistas armados, pois foi durante o seu advento que, se verificou a «Revolta dos marechaes.»

Emquanto que as forças do governo andavam em perseguição dos revoltosos teve logar uma crise ministerial sendo substituido Dias de Oliveira pelo Visconde de Sá da Bandeira e entrando de novo Julio Gomes da Silva Sandes e José Alexandre de Campos, ambos setembristas esquerdistas.

Foi longa e por vezes acalorada a discussão do projecto da nova Constituição, José Estevão tomou muitas vezes parte n'ella e divergindo não poucas da opinião do governo e da de quasi todos os deputados. Elle não cessava de affirmar os seus principios democraticos. Na sessão de 25 de abril dizia elle: Pertença á seita da mocidade — a essa seita que se soccorre sem se vêr communicar, e que se communica sem se corresponder, a essa seita, cujos symbolos são os proprios signaes da juventude, cujos estatutos são os puros sentimentos da natureza: — seita a que a Europa deve tudo que tem de grandeza, de civilisação e de liberdade — seita, cujos principios eu defenderei sempre mesmo depois das cãs me alvejarem na cabeça. E n'este momento irei buscar a coragem necessaria para sabir da perigosa situação que me acho á minha propria convicção e só a ella.»

Estas doutrinas eram combatidas acremente por alguns deputados sendo um d'esses Garrett. Respondendo ao grande poeta dizia José Estevão n'aquella mesma sessão :

«Os desfavores da fortuna destroem por acaso os direitos dos povos? as conspirações liberticidas podem desacreditar a liberdade? Porque motivo a theoria tem resolvido contra os factos o programma do *Hotel de Ville*? O illustre deputado (Almeida Garrett) bem o sabe, e o congresso não os pôde ignorar!

«Tambem se nos citou a morte de Carlos I e de Luiz XVI.

Snr. presidente, os dias em que uma nação se constitue, são os dias de noivado entre o throno e essa nação; e será cortez aguar o prazer do festim com as narrativas funebres, e salpicar com sangue as galas dos convidados? Quando nós vamos lançar sobre o joven throno as flores da boda, para que é mistural-as com os cyrestes da morte? Snr. presidente, a nossa rua do parlamento, a nossa praça da revolução, é esta sala; e aqui discutem-se muito maduramente os direitos da corôa e do povo, e não se cortam cabeças de reis (*Apoiado, apoiado*). E os Robespierres e os Marats!... exclamou o nobre deputado. Muitas vezes reflectindo eu sobre a sorte dos povos, tenho dito comigo: — estes homens tem feito mais mal á liberdade com os seus nomes do que com os seus crimes. E com effeito, os seus crimes passaram; o tempo tem-lhe desvanecido os effeitos; mas os seus nomes intimidam o presente, e prejudicam o futuro; são (permitta-se-me que assim lhes chame) os *papões da liberdade* com que se intimida o povo, e se incutem receios no progresso.

Snr. presidente, desenganemo-nos; a historia da revolução franceza, é a historia só da França, e só d'essa revolução. Não se tornam a repetir os seus successos, nem cá, nem em paiz algum; não o consente a civilisação da nossa idade. Desde os horrores d'essa vertigem revolucionaria até agora, quantos povos tem tomado as armas para defender os seus direitos? Acaso tem algum representado

as scenas criminosas da convenção e do directorio? O mesmo povo francez, sentado nas ruinas de um throno, tendo em suas armas victoriosas os destinos da França, senhor da lei e da força, lançou aos pés do heroe dos dois mundos os trophéos do seu civico triumpho, e á voz d'elle a ordem e o governo renasceram sem esforço do orgulho da victoria, do tumulto das paixões e das confusões dos partidos. Tal é a differença dos tempos, tal é o espirito da nossa idade! Robespierres e Marats em Portugal!... O nosso paiz não nutre estes monstros. Abra-se a nossa historia; não tem sido poucas as nossas revoluções, e ainda não appareceu em nenhuma um homem d'esses. Os Robespierres e Marats nunca foram do nosso clima, e já não são do nosso seculo».

## VII

O congresso na sua sessão de 14 de outubro votou por uma maioria enorme que houvesse uma segunda camara mas que, esta fosse temporaria e de eleição popular. Era este um dos grandes ideaes politicos de José Estevão. O novo presidente de conselho porém é que não pensava do mesmo modo.

Sá da Bandeira declarou terminantemente que não assumia a presidencia do ministerio sem que o congresso se responsabilisasse a que addicionaria um artigo transitorio á constituição pelo qual a futura legislatura ficava auctorisada a modificar a organização do senado. A maioria dos deputados, quasi todos que haviam votado que o senado fosse da eleição popular, votaram o aditamento. José Estevão porém continuando a sustentar os principios que sempre defendera, regeitou a proposta. Desde este dia, o apoio que José Estevão prestava ao gabinete principiou a afrouxar, mais e mais. Elle via os ministros seguirem um rumo muito differente do que a elle se lhe affigurava o melhor, por isso no começo de 1838 era mais opposição que ministerial. Não é proposito meu escrever agora a historia contemporanea do paiz n'esta epocha, por isso não farei referencias ás modificações ministeriaes que então tiveram lugar, por isso só direi que nos fins de fevereiro de 1838 a maior parte do ministerio pediu a demissão. A guarda nacional quiz-se dirigir á rainha pedindo-lhe que o novo gabinete fosse composto de homens affectos aos principios de setembro. Isto foi o começo da «Arsenalada».

A attitude tomada pela guarda nacional levou o governo a tomar medidas extraordinarias. No congresso um deputado propoz que se enviasse uma mensagem á rainha assegurando-lhe a sua fidelidade e em que se declarasse que a dignidade da corôa não tinha sido compromettida. José Estevão approvou a ideia d'esta mensagem, mas propoz que se dirigisse tambem uma allocução á guarda nacio-

nal para que se não conservasse em armas, o que foi approvedo. Estes documentos não chegaram a ser expedidos em vista dos acontecimentos que depois tiveram logar.

## VIII

Quando alguns batalhões da guarda nacional se intrincheiraram no Arsenal da marinha, de 8 para 9 de março, em aberta hostilidade contra o governo e, este ordenou ás forças de linha que os desalojassem d'alli, José Estevão, querendo evitar derramamento de sangue offereceu-se aos sublevados para ir tratar em nome d'elles, com o governo. O offerecimento foi acceite e, da mediação de José Estevão é que, nasceu a chamada Convenção Marcos Philippe que, por então pôz termo á revolução. Em 11 recommencaram os tumultos, e no dia seguinte, ás 8 da manhã, reuniu o congresso em sessão secreta no proprio palacio das Necessidades. Deliberou-se manifestar á rainha por meio d'uma mensagem verbal que, o congresso estava na firme resolução de defender os seus direitos constitucionaes e de sustentar as prerogativas da corôa. José Estevão, propoz logo em seguida que, o congresso depois de manifestar á rainha os sentimentos de que estava possuido se retirasse para S. Bento, para ali deliberar, aliaz dir-se-hia que o fizera sob a influencia do throno e com receio do povo. Esta proposta foi approveda. Duas horas depois reabria-se a sessão do congresso no local proprio, e José Estevão propoz que depois do que se havia praticado para com a rainha se devia dirigir tambem uma mensagem á guarda nacional e para isso apresentou um projecto de allocução. E' notavel este documento não só pelas ideias n'elle expendidas, como tambem por se affirmar que José Estevão era um dos instigadores da revolta. A mensagem não chegou a ser expedida, mas se o tivesse sido, talvez o sangue não chegasse a correr nas ruas de Lisboa no dia 13, como correu.

São do projecto da mensagem estes periodos:

Cidadãos! Com as armas que as leis vos confiaram sois obrigados a manter a Ordem e a Liberdade. Ás Côrtes cumpre velar por estes preciosos objectos, e ellas ainda não adormeceram na atalaia, que a Constituição lhes marca.

Os perigos, as tramas, as intrigas, é dever dos eleitos do povo expial-as e batel-as na tribuna. Só quando fallecem as armas da razão e da palavra é que as vossas se devem levantar, e ainda assim a hora da pejeja só a pôde apontar a prudencia das deliberações e não o fogo do coração.

.....  
Cidadãos! Não é chegada o momento em que sejam precisas

as vossas armas: a ordem só reclama os vossos serviços, e com a vossa prudência e comedimento é que podeis prestar-lhos.

Temeis attentados contra as liberdades públicas? De quem? Do Congresso? Não vos tem elle dado sobejas provas de que as préza tanto como vós? Do Throno? Não o occupa uma Rainha que não aprendeu a reinar sobre escravos, e que respeita a Constituição do Paiz? Receaes que vos desarmem? Quem ha-de tentar esse sacrilegio liberticida? Quem ha-de tirar á Corôa e ao Corpo Legislativo seus naturaes defensores? Olhae que a intriga não larga as suas armas de seducção e engano e aproveita habilmente as vossas disposições para conduzir-vos vendados pela estrada da liberdade no abysmo da tyrannia. Acontellai-vos, senão chorareis um dia a vossa cegueira, e a perda da revolução de Setembro que é a consequencia natural e o fim occulto dos acontecimentos que tem occorrido desde a semana passada.

.....  
As Côrtes juraram manter illesas as prerogativas da Corôa. Vós deveis ter aprendido da sua firmeza que ellas não sabem jurar em vão; os protestos que dirigiram á Soberana não-de ser religiosamente cumpridos. Os Deputados da Nação dedicados por dever e sentimentos á Santa Causa da Liberdade não-de morrer junto ao Throno se a furia das conjurações o pretender desacatar, assim como não-de vigiar incessantemente que os Ministros da Corôa respeitem as Liberdades públicas e a revolução de Setembro, que todos abraçamos e havemos de defender».

Em 22 de março reorganizou-se o ministerio, entrando para a pasta do reino Antonio Fernandes Coelho e para a da justiça Manoel Duarte Leitão; era a *ordem* que, José Estevão depois tanto combateu, a escalar o poder.

No dia 3 d'abril foi jurada pela rainha a nova constituição e em seguida deu-se por finda a missão do congresso. Em agosto teve logar a eleição de senadores e deputados, José Estevão foi reeleito por Aveiro. O governo se não lhe favoreceu a candidatura tambem não lh'a hostilizou.

## IX

Em 9 de dezembro abriu-se o parlamento, a maioria que o governo levou á camara não chegava a trinta deputados. Na eleição das differentes commissões parlamentares ficaram representados os dois lados da camara. A' da resposta ao discurso da corôa ficou pertencendo José Estevão, que veio ser o seu relator e que, apresentou um projecto de resposta hostile ao governo. A discussão do projecto foi rija sustentando-a energicamente José Estevão que, agora viu

combater ao seu lado Manoel Passos. O tribuno convidou em plena camara o governo, a deixar o poder. Emquanto que um deputado setembrista assim combatia o ministerio que, setembrista se dizia tambem os cartistas que, tinham assento na camara apoiavam-no senão em todos pelo menos em algumas questões. A existencia do governo não era viavel, não tinha uma maioria sua propriamente dita, mas a opposição tambem não contava com numero de votos sufficientes para o derrubar.

Era vigorissima a opposição que ao ministerio faziam alguns jornaes de Lisboa, contando-se n'este numero o *Tempo*. Este jornal foi fundado por José Estevão, Manoel Antonio de Vasconcellos e Valentim Marcellino dos Santos. Principiou a publicar-se em 23 de janeiro de 1838 sendo muitos dos seus artigos politicos escriptos por José Estevão, que tratou alli com bastante proficiencia ao estado financeiro do paiz que, durante os primeiros mezes d'este anno foi largamente discutido na imprensa e no parlamento.

D'um artigo de fundo do *Tempo*, publicado então e que positivamente se sabe ser da penna de José Estevão, transcrevo os seguintes periodos.

«Trez annos da mais dura experiencia nos convenceram que o partido da Carta não tinha uma bandeira politica, e que os seus homens se acobertavam com ella, só para delapidar a fazenda publica. Composto dos extremos de todos os partidos, o seu laço de união era estragar e perder. A esta grande ideia todos os resentimentos, todos os odios, todas as opiniões eram sacrificadas, e animados de um sancto zelo na grande obra da ruína do paiz, antigos democratas, aristocratas *do dia*, absolutistas arrependidos, todos formavam uma só irmandade. A queda da Carta choravam-n'a como uma terrivel calamidade, só porque lhe tirou das mãos os restos da fazenda publica.

«Erros de homens, difficuldades do tempo e a força do poder pecuniario conseguiram desgraçadamente que, a revolução de setembro não dêsse o vôo financeiro, que d'ella se esperava, e que continuasse a trilhar os lodosos caminhos em que a Carta se tinha enxovalhado.

«Um systema governativo não póde acabar de repente; tomada uma medida, outras lhe são consequentes, ellas criam interesses; e os interesses, diffundem-se, e criam difficuldades. Tão gigantes que crescem insensivelmente, e que, quando ha lembrança de os combater, já não ha força que os derribe. Istò aconteceu com os ministros da revolução. Sem saberem o que faziam, buscáram os favores da agiotagem; e ella primeiro recebeu-os com desdem, mas depois apoderou-se d'elles, dictou-lhe a lei, e a final fez-lhe ligar as cadeias que lhe lançou, e cantaram os seus louvores. — Os inimigos d'essa malfadada revolução viram com gosto esta desastrosa alliança; ganharam animo e começaram a conspirar exprobrando-lhe pela im-

prensa a sua inutilidade, tirando-lhe conta dos bens que tinha feito, alardeando de que ella tinha sancionado os principios que condemnára, mostraram-a ao paiz como interesseira, facciosa e inconsequente; e depois de haverem procurado desvaivar a opinião, tomaram as armas, e levantaram o estandarte da guerra civil. A nação não respondeu aos seus gritos; elles foram victimas do seu descredito.

«No meio de todos estes successos, quem tinha comprehendido o espirito do movimento de setembro, não cessava de clamar que as finanças eram a origem dos nossos males, que era mister dar-lhes um golpe forte, que os interesses da ordem e o credito da revolução d'ahi estavam dependentes. Os novos adeptos de agiotagem decorados com os titulos de patriota, ligando-se com os veteranos d'essa cohorte destruidora, levantaram sustos, propagaram illusões, fizeram promessas, e addiaram assim por largo tempo o golpe, que lhes estava eminente; mas a força das coisas foi conquistando todos os espiritos, e o que antes parecia um passo arriscado, foi julgado geralmente como o unico meio de salvação. O dia chegou, e foi terrivel, porque a verdade fallou com coragem e o erro confessou-se vencido.

«Então a facção delapidadora julgou que era chegada a sua hora; que de todo ia ser destruido o seu systema, que a sua regeneração se tornava impossivel, que a nação ia a libertar-se para sempre do seu poder, e a revolução de setembro começava a diffundir os seus beneficios por toda a classe de cidadãos. Tratou-se de conjurar a tempestade; os nossos inimigos mostraram-se sem mascara; e quando todos julgavam que appareceriam a advogar os interesses publicos, e a soccorrer a miseria geral, vemol-os agglomerados em uma facção, que ainda cura dos seus caprichos, dos seus soldos e das suas usuras no meio da ruina publica.

«Com effeito a questão das finanças, que toda é nacional, tem sido vergonhosamente subordinada aos principios politicos, e quando se presta mais desinteresse, lá estão disfarçados os projectos de lucros execrandos».

## X

No dia 27 de março de 1839 uma votação contraria ao ministerio na fixação da força armada levou-o a demittir-se.

A votação foi assaz curiosa. A minoria da commissão da guerra apresentou tambem um parecer, que sendo contrario ao governo, era patrocinado pela opposição. Mas este parecer foi egualmente regeitado pela camara, o que demonstra que esta não fazia d'elles questões ministeriaes, por isso alguns deputados da esquerda vota-

ram pelo parecer da maioria da commissão, assim como alguns da direita votaram por a da minoria. D'esta fórma uma tal votação não indicava uma derrota para o ministerio, mas como este só procurava um meio para deixar o poder, lançou mão do primeiro que se lhe deparou e, demittiu-se.

Foi difficil e demorada a organização do novo gabinete, mas afinal em 18 de abril com espanto de muitos, appareceu presidente de conselho o barão da Ribeira de Sabrosa, tendo por collegas Julio Gomes da Silva Sanches, Manoel Antonio de Carvalho e João Cardoso da Cunha.

Na sessão de 19 de abril apresentou-se o ministerio ás camaras, mas só dias depois é que se conheceu qual era a attitude dos differentes grupos em que ellas se achavam divididos. Foi no dia 27, Ribeira de Sabrosa pediu na camara dos deputados licença para o deputado Fontoura ir para o Algarve assumir o commando das forças que andavam em perseguição do Remechido. A este pedido oppozeram-se alguns deputados da direita com motivos mais ou menos futeis. O governo fez d'aquella auctorisação questão ministerial, a defendel-o teve José Estevão e Leonel Tavares. Estavam portanto extremados os campos, a antiga direita era agora opposição e a esquerda governo.

José Estevão havia sido adversario politico do barão de Ribeira de Sabrosa, estiveram sempre em campo diverso, mas agora apoiou-o e apoiou-o lealmente.

Dizia José Estevão na sessão de 28 d'abril.

« Sr. presidente, eu sou homem de principios; reputo em muito valor este meu brazão: n'elle se cifra todo o meu orgulho: para os homens de principios ha uma grande vantagem: n'elles a ambição não é um vicio, mas um pensamento; não é um frenesi pessoal, mas é desejo sensato de os vêr triumphar. Eu sou homem de principios (repito) mas reconheço que todos os principios estão sujeitos ás conveniencias publicas, e que todo o homem, que tem principios, entende que é do interesse d'elles submeter-se prudentemente ás circumstancias sem deslumbre da sua posição: por virtude d'estas considerações eu entrego a minha *virgindade opposicionista* ao sr. barão da Ribeira de Sabrosa; poucas esperanças podia elle ter de triumphar do meu pudor, porque olhando para a nossa vida passada deve elle recordar-se, que me encontrou sempre mais como adversario que como amante».

Explicando porque votava com o governo disse José Estevão:

« Voto pela proposta do governo: as minhas opiniões estão *in-terinamente* modificadas pelas exigencias do paiz, e da nossa posição politica: persistirei na defeza do ministerio se elle se não pozer em hostilidade aberta com os meus principios. Entendo que o ministerio não é capaz de abusar da força que com este apoio lhe ministramos; porque eu confio ainda n'esta maxima garantia, em pre-

sença da qual todos são debeis, que é — *a consciencia da moralidade com que todo o homem deve usar do poder, que por qualquer modo lhe foi á mão.* Desejo que o ministerio governe o paiz, fazendo executar severamente as leis sobre todos os homens, de todos os partidos; dando a todos os partidos a maior liberdade politica (*multos apoiados*), que não é um favor que lhe peçamos, mas um direito, de que não pôde desapossar-nós.»

O ministerio Sabrosa foi demittido em 26 de novembro de 1839, porque o foi não historiarei aqui porque isso levar-me-hia longe.

bibRIA

Ministerio Bomfim—«Baptisado do Ministerio»—«Porto Pireu»—José Estevão e Garrett  
 —Qual foi maior—Gomes de Amorim e Pinheiro Chagas—Dissolução da camara  
 —Ministerio guerreia a candidatura de José Estevão por Aveiro—A «Lança»—  
 José Estevão funda a «Revolução de Setembro»—Chama Rodrigues de Sampaio  
 para collaborador—O partido setembrista a *bernardear*—Revolta de 12 d'agosto  
 de 1840—Sessão da camara dos deputados descripta por Herculano—José Este-  
 vão combate na camara o projecto de suspensão de garantias, um dos seus melho-  
 res discursos, e na «Revolução de Setembro», um dos seus melhores artigos  
 —Defesa do projecto por Garrett—Um facto pouco sabido—José Estevão renega  
 simplesmente a sua responsabilidade na revolta da vespera—Nobilissimo pro-  
 cedimento de Mendes Leite.

# bibRIA

Ao ministerio Ribeira de Sabrosa succedeu um gabinete *ordei-  
 ro* legitimo, tendo por presidente o conde de Bomfim, e de que fa-  
 ziam parte Rodrigo da Fonseca Magalhães, Costa Cabral, Pereira Fer-  
 raz etc. José Estevão recebeu-o na ponta das bayonetas. O primeiro  
 ataque que lhe dirigiu foi uma satyra pungentissima que fez publi-  
 car n'um jornal do Porto o *Athleta*. O *baptisado do ministerio* se  
 intitulava ella; o seu merito está não só em photographar a situação  
 em que se encontrava o ministerio Bomfim no começo de 1840, a  
 posição dos partidos e as influencias no paço e da Inglaterra na so-  
 lução politica mas tambem em ser o unico escripto de José Estevão  
 n'este genero que, poucos annos tinha estado tanto em voga e em  
 que era inexcédível Sousa Bandeira.

Como specimen vou transcrever a parte final do *Baptisado do  
 ministerio*. Eil-a:

«A parteira só desembrulhou o pequeno n'esta occasião e por  
 isso só então se soube como vinha arranjadinho. Olhe, compadre,  
 trazia uma camisinha de panno *bill de escravatura* muito fino; uma

faxa de tafetá *Morning Chronicle*, debruada com discursos de lord Broghiam, e as fraldinhas eram todas de *Leis das Pautas*.

Desde que estava na igreja diziam que já tinha sujado sete. Apenas a creança sabiu da agua, começou em um berreiro que atroava tudo. A parteira disse logo que era fome, e pediu que lhe chamassem a ama com toda a pressa. E que lhe parece, compadre, que figura teria a tal amasinha? Fiquei pasmado! Era um cangalho, velha, magra, descorada, suja, emfim mettia nojo. Eu disse para um dos meus companheiros: que diabo de mulher é esta? Isto não póde comsigo! O ratão que nos tinha contado a historia da filiação da creança acudiu logo:

— Vocemecê enganou-se. E' muito boa criadeira; quasi todos os nossos governantes, e principalmente os do tempo moderno tem mamado n'ella, e tem-se dado muito bem com o leite; está assim arrasada por causa das muitas creanças; pois olhe, todos temos bastantes relações com ella! E' a Antonia Fazenda Publica. Eu fitei os olhos na pobre mulher, e disse commigo: — Esta creança não levas tu ao fim; morres decididamente. O rapaz é muito forte e ha-de ser muito mamão. Meu dito, meu feito. A creancinha apenas sentiu o peito ao pé de si, lançou-lhe os beijos e começou a sugar com muita gana.»

# bibRIA

II

Logo no começo da sessão de 1840 o governo teve uma opposição tenacissima por parte da antiga esquerda setembrista. O projecto de resposta ao discurso da corôa foi o terreno escolhido para a grande batalha. José Estevão apesar de já ha muito reconhecido por chefe não foi o primeiro a atacar. Foi em 6 de fevereiro que elle usou da palavra para pulverisar aquelle projecto e foi então que elle alludiu ao Porto Pireu, o que deu causa á celebrada replica de Garrett, conhecida na nossa historia parlamentar pelo nome de discurso do Porto Pireu. N'aquelle discurso ha trechos admiraveis, ou para melhor, todo elle é uma obra prima. O meu desejo era transcrevel-o todo mas na impossibilidade de o fazer darei d'elle largos extractos:

«Snr. presidente, dizia José Estevão, uma voz grande e generosa soou n'esta casa, seus effeitos foram magicos, um brilhante sortilegio se operou dentro d'estas paredes, as bandeiras dos partidos tomaram seus logares, os timbres das nossas opiniões extremaram nossos campos, fez-se-nos justiça, destruíram-se antigas e atrocissimas calumnias. — Uma voz se levantou do centro da camara, e desde então o cahos de leis anarchicas está d'aquelle lado (*o direito*), os grandes males publicos d'alli vieram, os grandes ataques ao Throno

d'aquelle lado nasceram. — Nós estamos innocentes, nós estamos ilibados. Agradecemos ao *centro generoso*; elle é que nos salvou, só a sua omnipotencia, e virtude nos podia arrancar aos dentes da calumnia, e das facções! Snr. presidente, depois de um facto tão importante, depois de um favor tão assignalado, porque nos não abraçamos nós com esse *centro bemfazejo*? Porque, snr. presidente? Porque o *centro* é prudente, é circumspecto, sabe avaliar as circumstancias, respeitar, e sujeitar-se aos factos, e agora ha um facto grave, gravissimo para o *centro*, que é o ministerio; se não fôra elle, nossos braços se estenderiam para darmos o amplexo cordial. . . . . novo motivo para praguejarmos a nova administração, que nos desprende, talvez para sempre, d'amigos tão antigos, e tão historicos!

Eu disse, que o *centro* da camara sabe respeitar os factos. . . vai a mais a sua sciencia: o *centro* sabe apropriar-se de todos os factos, e declarar-se o fautor, e auctor de todos os acontecimentos que apparecem no nosso globo! Tudo se faz *pela ordem, em virtude da ordem, pelo bem da ordem, e em nome da ordem!* Snr. presidente, o *centro* da camara é aquelle bem aventurado louco, que se declarou dono do porto do Pireu, e de todos os navios que n'elle entram: o porto do Pireu é o *banco* dos ministros, e as galeras, que n'elle entram são os differentes ministerios. (*Riso prolongado*). Perdoe-se-me esta comparação, talvez seja baixa; aventure outra. O *centro* da camara é um fidalgo d'aldeia, que se pretende apparentar com todos os titulares, por consanguinidade, por afinidade, e até por bastardia! (*Hilariedade geral, e prolongada*). Snr. presidente, serão talvez, impias estas minhas palavras, os gozos da vida não passam de illusões; e pôde ser que eu tenha perturbado a mansão de inefaveis prazeres, em que vive o *centro ditoso, e fatuo*. . . Mas esta *crença de poder* será uma illusão? Não, snrs., é uma realidade, e os factos nol-o provam. Não ha um anno, que um membro d'aquelle lado da camara, o (*direito*) lançando muitas palavras para o *centro*, então quasi imperceptivel, o felicitou de haver tomado o volume de *um atomo*; não ha um anno, que esse *centro*, na opinião de outros, *espírito volátil*, encarnou por algum tempo na *direita*, e hoje esse *centro*, forte, poderoso, colossal, empunha o facho da civilisação, vae metter a luz da ordem em todas as nossas leis, e obriga o partido, em que encarnou, a pedir-lhe perdão dos seus erros, e a arrenegar de suas convicções! E a nós, limpando-nos da baba da calumnia restitui-nos ao paiz, puros, como sempre fomos.

Este *centro*, que mil vezes tem morrido, e mil vezes tornado á vida; este *centro*, que tem passado por milhares de sortilegios; este *centro*, grupo de duendos politicos, não admira, que encare sem susto as sombras dos ministros resuscitados; mas, snr. presidente, a este respeito fôra melhor que houvesse de menos um exemplo, e de mais um testemunho de gratidão, um discurso antes menos con-

cludente, mas mais attencioso. O nobre visconde de Sá tem certamente commettido erros politicos, mas nunca resuscitou no poder para vir atraçoar o seu paiz. . . Quando nós estavamos meditando com respeito na omnipotencia do *centro*, e agradecendo em silencio o serviço, que acabava de prestar-nos, um deputado *central*, como que pesando-se d'esse acto de justiça, levantou-se contra este lado da camara (*o esquerdo*) com todo o poder de voz, com toda a acrimonia das phrases, com toda a expressão dos gestos, e, proclamando-se carrasco do despotismo, e cavalheiro da liberdade, mettenos na mão, ora o alfange *argelino*, ora o *chuço anarchista*, pintando-nos a folgar sobre as ruinas do paiz, que nós sós havíamos feito!!!

Snr. presidente, a offensa foi grave, e muito grave. . . E que desforra devemos nós tomar? Esquecel-a, perdoal-a. Nós? disse eu! Sim nós, porque quando pronuncio sentimentos de generosidade, sei que sou verdadeiro orgão d'este lado da camara (*o esquerdo*) a generosidade, está sem duvida nas cabeças e corações de todos os meus amigos politicos. Mas se perdoamos as injurias que se nos fazem, não podemos perdoar as que são irrogadas ao paiz; a nossa voz pertence-lhe, e é forçoso levantá-la para destruir as imputações que se lhe fizeram, imputações tão felizmente falsas, como imprudentemente allegadas.

No solemniissimo momento em que o estrangeiro nos cobre de calumnias nos seus parlamentos, e nas suas impressas, no solemniissimo momento em que, por ventura, ou teremos de ceder a todas as suas infundadas exigencias, ou de vestirmos, para o guerrear, as armas do Condestavel (*muitos apoiados*) é n'esse mesmo momento que se denuncia o paiz em tal estado de miseria, de confusão, e d'anarchia, que mais é de esperar roguemos a esse estrangeiro o beneficio d'uma colonisação, do que levantemos braço para lhe resistir! — Vinde estrangeiro orgulhoso, que os nossos armazens estão desprovidos, e os nossos arsenaes vazios; vinde que a acção do governo é morta, e o espirito da nacionalidade extincto; vinde que só encontrareis diante de vós os punhaes dos assassinos, a debilidade dos tumultos, o desleixo da indifferença!

Felizmente estes brados são enganosos; são vociferações de partido, e ai do estrangeiro se se confiasse n'ellas! Magôa-me comtudo que um coração portuguez, que ainda reputo tal, se deixasse vencer em tão grande descrime das pretensões politicas, e que se esquecesse do paiz para se lembrar do demonio das facções! Triste indiscripção, que a todos nós deve servir de exemplo! Snr. presidente, para descrever o paiz é preciso ser digno d'elle, e não tomar para ponto de perspectiva as rivalidades conterraneas, e as rixas da visinhança; é preciso observá-lo pelas lentes da verdade, e não pelo prisma das facções.

.....

«O mesmo illustre deputado (referia-se a Garrett), frenetico contra este estado, lançou sobre nossos vestidos, gotta a gotta, todo o sangue dos assassinatos, que se tem commettido em Portugal depois da restauração.

Snr. presidente, foram os ministros da carta que depois da convenção de Evora Monte, consentiram, que o punhal das facções andasse solto pelas ruas da capital vingando odios, e mal-querenças passadas, que os moribundos viessem arrastando-se a dar o ultimo arranco na sua presença, e não sei mesmo se com as rodas de suas berlindas pisaram algumas vezes os cadaveres dos infelizes que deixaram assassinar! Este punhal devastador passou da capital para as provincias, e das mãos dos fanaticos politicos para as dos salteadores facinorosos! Penetrou as nossas mais pequenas povoações, infestou todas as nossas estradas, e semeou por toda a parte os seus horrorosos estragos! Isto são factos, snr. presidente: o assassinato começou em Portugal por fanatismo politico, alenton-se pelo desleixo, continuou pelo exemplo, e generalizou-se por necessidade... por necessidade sim... snr. presidente, a lei a mais imprudente, a mais atroz e provocante, a lei das indemnisações, (*muitos apoiados*) levantou esperanças enganosas, suscitou pretensões esquecidas, sancionou exigencias indiscretas, e distraiu dos seus mesteres o laborioso artista, o pequeno commerciante, o proprietario dos poucos teres, com a expectativa das prometidas delicias, com a mira dos prejuizos resarcidos!

A illusão dissipou-se, e os homens illudidos, tendo perdido o habito do trabalho, entregaram-se ás violencias, para haverem aquillo que a lei lhes tinha promettido, e cuja recusa reputaram depois em roubo, que lhes dava direito a outro roubo! A lei das indemnisações espalhou no paiz mais de tres mil punhaes, e perdeu muito cidadão util, e honesto! Recaia pois a culpa d'esses assassinos sobre quem promulgou essa lei...

.....  
«O paiz é, e quer ser livre, e, desenganemo-nos, ha-de sê-lo; nossas esperanças invencíveis de liberdade já não murcham, nem podem murchar (*com força*), e hão de rebentar d'entre todos os sortilegios ordeiros, e sophismas doutrinarios (*Vivos apoiados do lado esquerdo*). — O snr. Derramado — E contra todos os sortilegios anarchicos) hão de rebentar d'entre esses sortilegios e sophismas para perdoar no dia do seu triumpho a tantas esperanças dignas de compaixão, a tantos projectos loucamente concebidos. (*Novos e estrondosos apoiados do lado esquerdo*).

Veio a carta, snr. presidente, e a carta foi baptisada n'um rio de sangue; a carta esteve exilada, e durante o seu exilio correu sangue por ella, voltou ás nossas praias, e de lá um jorro de sangue a trouxe á capital e a firmou no poder, e com ella na cabeça da rainha uma corôa, levantada do pó da tyrannia até essa augusta fronte, em um montão sempre crescente de cadaveres portuguezes. Snr. presi-

dente, esta grande obra foi nacional (*apoiados*); nenhuma das fracções de homens que por differentes modos soffreu pela liberdade, pôde arrogar-se a gloria exclusiva de a ter executado (*apoiados*). Não foram sete ou oito mil emigrados, intrigando-se por palavra e por escripto, dando e tirando corôas, fazendo e desfazendo republicas, os que fizeram esta grande obra (*apoiados*). Para ella concorreram, em grande parte, os homens que gemeram nas prisões, e que protestaram alli a todo o instante contra os horrores da tyrannia, mostrando n'esses arriscados trances mais coragem, do que era preciso desenvolver nos bailes de França, ou nos *pasmatorios* de Plymouth (*apoiados*); sim, foram esses corajosos martyres, que conservaram no meio dos furores da tyrannia aquelle fogo sagrado da liberdade que nunca se apagou no paiz, e que nunca se ha de apagar; a despeito d'esta nevoa de cinza ordeira, com que a pretendem cobrir (*repetidos apoiados do lado esquerdo*); foram as auctoridades, que recebendo a missão do tyranno, a procuraram exercitar com doçura, sacrificio ás vezes mais arriscado do que os perigos que se correm ao empunhar uma espada, porque elle lhe pendurava sobre a cabeça o cutello da vingança (*apoiado*), que a todo o instante os podia castigar de sua frouxidão; foram aquelles, que promoveram as communicações, conservaram as esperanças, animaram os tibios, protegeram as emigrações, armaram os soldados, e abriram as portas das povoações ao exercito libertador, que sem este soccorro teria de ver acabar o curso de suas victorias diante dos frageis muros de algumas cidades; foram finalmente os sessenta mil soldados, tirados pela maior parte das classes que agora se pretendem excluir da urna. (*O snr. conde da Taipa: — Tudo se deve á classe media*). — *O orador: —* A classe media estava nos estados maiores, estava nos commandos; estava nos commissariados, estava na parte philosophica da expedição, estava empregada na grande corretagem politica. (*Riso*). Assim, snr. presidente, não só é exacto liberdade aquelle que primeiro acode ao sino, que s. ex.<sup>a</sup> lá pintou pendurando no templo d'essã deusa (a imagem fica por sua conta); mas até é preciso assistir a todas as cerimoniaes do seu culto, a todas as suas orações, á resa da vespera, á resa da manhã, sujeitar-se ao seu regimen austero, até mesmo aos seus jejuns; porque a liberdade tambem tem jejuns, e alguem ha que tem jejuado bem pouco por ella...

Snr. presidente, a carta foi uma mentira, não realisou nenhuma das condições do systema representativo; ninguem pôde contestar esta verdade, sanccionada pelos factos e sellada pelo sangue; é ao menos uma conquista da revolução o silencio significativo d'aquelle lado da camara (*o direito*). A carta foi porém uma mentira; o poder que ella tinha levantado destruiu-se; uma nova constituição foi proclamada; essa constituição recebeu, depois de modificada, a sanção

do throno, recebeu a sancção de todo o paiz; a revolução que a produziu, atravessou por meio das funcções, das intrigas estrangeiras, da guerra, reunindo sempre todas as condições do poder para triumphar, e todos os predicados da liberdade para não opprimir (*uma voz—opprimiu.*)—*O orador*—Opprimiu! Ah snrs., se as scenas agora se voltassem, quem, passado pouco tempo, poderia comprar sem pejo o quadro das oppressões revolucionarias com as que havia de commetter uma restauração se tivéssemos a desventura de a presenciarmos?!...

Snr. presidente, para destruir esta revolução recorreu-se finalmente a meios insurreccionaes (não toco n'isto por offender; tenho amigos intimos, pessoa que respeito entre os que figuraram n'esses acontecimentos). Recorreu-se a operações militares; houve uma correria pelo reino, e o povo olhou para ella como para um cirio feito em honra de santo, por quem não tinha devoção. . . . Eis-aqui, snr. presidente, a indifferença do paiz, a indifferença a que o illustre deputado alludia; indifferença gloriosa, com a qual o paiz protestou que as suas opiniões eram progressistas, que os principios da constituição eram o seu idolo: indifferença gloriosa e significativa, que a voz do snr. deputado não pôde menoscoar. Durante este quadro revolucionario em que as forças de todo o partido liberal se dividiam e combatiam, como se apresentou diante do paiz o partido absolutista? Snr. presidente, o canhão do despotismo retumbou sempre nas serranias do Algarve; o inimigo da nação visinha chegou até ás portas do Alentejo; suas avançadas vieram á ponte d'Alcantara; a fé dos tractados exigiu que um exercito nosso marchasse a soccorrer os nossos irmãos da Hespanha, e as quinas portuguezas appareceram na batalha de Alvalan, cujo digno chefe creio que me está ouvindo. (*Todos os olhos se voltaram para a galeria diplomatica, onde se achava a general Cordova*). Este paiz pôde pois luctar com todas as difficuldades d'uma nova organização politica; este paiz pôde passar d'instituições para instituições, e d'homens para homens; este paiz venceu facções dentro do seu territorio; segurou suas fronteiras, viu seus fillos combaterem no territorio visinho; e resistiu a um cardume de conspirações tão bem urdidadas que fariam tremer a politica franceza; este paiz, finalmente, triumphou de tudo isto sem dar um suspiro de lembrança, um ai de saudade pelo absolutismo; e é, todavia, este paiz *que não tem força para ser livre!* E' este paiz que *aborrece o progresso!* E' este paiz *barbaro e feudal!!!*

Snr. presidente, esta observação é capital, poderão torneal-a, mas destruil-a é impossivel, por que para isso seria preciso rasgar a historia de nossos dias.»

De responder a José Estevão encarregou-se Garrett, e para se avaliar quão grandioso foi o debate é preciso lembrar aqui o que o poeta escreveu na auto-biographia que deixou manuscrita, tantas vezes citada pelo sr. Gomes de Amorim, a proposito do discurso com que respondeu José Estevão. «Na discussão da resposta ao discurso da corôa, e redarguindo ao mais vehemente e distincto orador da opposição, pronunciou o seu mais famoso discurso, que obteve a designação de Porto Pireu, pela felicidade com que voltou para os seus contrarios, a sabida anedocta do doido atheniense. E' este sem duvida o mais vigoroso e eloquente discurso que até hoje tem sido pronunciado na tribuna portugueza; tem periodos, que não envergonhariam a Demosthenes ou a Cicero, imagens, estylo e conceitos que os primeiros oradores da França e da Inglaterra folgariam de tomar por seus. A muitas pessoas de diversos partidos que assistiram áquella memoravel sessão, temos ouvido asseverar que no espaço de duas horas que durou o discurso, a camara toda estava como arrebatada, e sentia dominada a sua attenção por um poder sobrenatural.»

«Pois apesar da impressão causada na camara disse alguém, pela oração do auctor da D. Branca, José Estevão ousa medir-se com o seu antagonista e no seu discurso, consegue por vezes elevar-se mais alto do que o orador que tinha arrebatado a camara com a sua palavra fluente e correcta.»

Foi n'esta memoravel sessão de 1840 que José Estevão conquistou com toda a justiça o logar de primeiro orador de Portugal. Um dos documentos d'esta grande gloria é o discurso de José Estevão na sessão de 12 de fevereiro. Garrett fez com toda a arte a apologia da ordem, rebateu um a um os ataques que José Estevão havia dirigido ao centro da camara, e concluiu voltando, (como elle disse) a anedocta do doido atheniense para os seus contrarios. Essa é de veras admiravel, porém José Estevão foi ainda mais além. O discurso d'este é extensissimo, por isso não posso transcrever-o todo como era o meu maior desejo, mas ainda assim apresentarei aqui grande parte d'essa obra prima da eloquencia parlamentar.

José Estevão principiou assim a sua replica a Garrett:

«Disseram-se injurias, jogaram-se apedrejos, e eu não ouvi as injurias, e as pedras nem os vestidos me tocaram.

O tempo é do paiz, está adjudicado ao cumprimento das nossas obrigações, mas é o nosso sangue, que nos corre nas veias, e a sua primeira hypotheca é feita á nossa honra. Assim não vou eu no que disser intentar um desforço, mas responder a um discurso.

Julgou-se que eu pretendia a corôa de Eschines e Demosthe-

nes; não a mereci, nem meditei alcançal-a. Essa corôa eu a vejo com prazer na frente de um orador central, perdoai se eu lhe lanço a mão: não é por inveja mas por curiosidade: parece-me seus louros já murcharam, e que estão cosidos em uma tira de manto cynico.

Pequei, senhores, e pequei contra a sublime celestial ordem; restringi o campo de suas maravilhas, menospresei o poder de seus meios, desacatei a força de seus sortilegios. A *ordem* tomou d'estas affrontas uma desforra, que me confundiu. Tendo operado um grande encanto dentro d'esta sala, quiz experimentar as virtudes da sua magia em todo o paiz.

Os circulos descrevem-se, e apagam-se rapidamente diante de nossos olhos, a luz empalidece, o sapo estruge nas brasas afogueadas, e o fumo dos sargaços eleva-se até aos astros. O oraculo da *ordem* senta-se na tripode mysteriosa, e prepara-se para revelar os seus portentosos arcanos.

Oraculo? Quantos partidos ha no paiz!

Oraculo? Quantos partidos ha n'esta camara.

No paiz ha dois partidos e duas facções, e n'esta camara um partido, e uns poucos de illudidos.

E' verdade que não ha muito tempo que o mesmo oraculo da *ordem* passou increpações de um para o outro lado da camara, e que no resto da sua grande revelação fallou de um partido distincto, d'esse unico que só reconhecem n'esta casa. Mas como hão-de embarçar a *ordem* estes erros logicos, se a logica é filha da *ordem*, e sujeita a seus preceitos? Se a *ordem* pôde combinar as desharmônias da natureza para os grandes fins da criação, se ella pôde ligar todas as dissonancias do mundo, como não hade sujeitar as contradicções d'um discurso á sua concludencia, e fazer d'asserções oppostas uma só verdade.

Eu vou incorrer novamente nas iras da *ordem*; eu vou rectificar o quadro de nossos partidos politicos; eu vou fazer a historia d'essa *ordem* tão calumniada, fallar de seus serviços, descrever a sua indole, e descobrir suas pretensões.

A nós ainda nos não foi muito prejudicial a fusão *ordeira*; ficamos salvos da alliança nefanda, que ella operou: Sim, senhores, nós ficamos fóra do gremio d'esse partido, que unico se deu por existente n'este recinto; e foi isto uma fortuna, porque antes nos distingâmos pela illusão de nossos preconceitos, do que nos confundamos na realidade d'aquellas convicções. (*Apontando para o centro*).

Mas a moral, a religião politica do paiz, a honra e timbre dos homens publicos não seriam offendidas n'esta grande mystificação? Decerto, e é preciso vingal-as. Percorramos pois o panorama politico, que a *ordem* nos poz á vista.

E' esta, eu a vejo, a monarchia velha, carregada com a existencia de seculos, mostrando quasi sempre atravez do pezo dos

annos o vigor da juventude. Absoluta em muitas de suas formulas, mas livre em sua origem, eu a vejo com as suas leis muito sensatas para o tempo, e com os seus costumes mais sensatos, que suas leis, abatendô já o orgulho dos barões, já a insolencia dos clerigos: eu a vejo cercada de seus oradores, de seus jurisprudentes, e de seus capitães, tendo a um lado a lança d'Egas Moniz, e d'outro a penna de João das Regras: eu a vejo fiel como Martin de Freitas, resistente como o ministro de Affonso IV triumphar no Zaire, no Amazonas, e no Ganges. Saudade não, mas respeito essa monarchia sempre ciosa do nome portuguez.

E' esta a monarchia nova, a monarchia da restauração. Obra da diplomacia, sustentada pelos braços do paiz, ajudada pela rivalidade dos aulicos, pelo despeito dos ambiciosos, recolhe em sua côrte os ágaloados, que a tyrannia despediu do seu serviço. Herdando da monarchia velha seu valôr, e gentilezas, vence pelas armas, mas depois da victoria, esquece-se dos vencidos para os proteger, e dos vencedores para os premiar: recebe o paiz cheio d'esperanças, entrega-o abatido de desenganos; deixa perder em suas mãos esta força da confiança, que é o primeiro elemento das grandes empresas governativas. Arroja-se a todas as instituições antigas, despedaça-as, liberta os servos, apodera-se das esplanadas dos castellos fendaes, e a mão que taes obras commettera, deshonra-se compondo arminhos para pares. Esta inconsequencia é grande, mas o paiz perdôa-a: era forçoso commettel-a. Alguma voz que hoje só se levanta em apoio do poder, então bradava tribunicia contra os homens, que emprehenderam taes reformas, e o que então se julgavam inspirações do bem publico, eram saudades dos abusos passados. Que esses homens que foram alvo d'essa opposição desleal a guardem como um espinho do seu martyrio governativo, que o mostrem ao paiz, que elle só por isto os absolverá dos seus peccados! Em politica uma só grande medida desculpa ás vezes um cumulo de desacertos, e mesmo alguns crimes. Essa monarchia fez-se dissipadora, desgovernada, e exclusiva, e o seu poder desapareceu.

Que é feito porém, onde está ella, não a vejo essa monarchia novissima, a monarchia da revolução, a monarchia de 4 d'abril, monarchia feita por nós, levantada nas nossas lanças, monarchia que tem suas raizes no coração do paiz, e nos degraus de cujo throno se sentam os officiaes da hierarchia social, e não as raças, que a vaidade distingue; essa monarchia bella, generosa, e forte como a juventude, sensata, economica e prudente, como a idade provecta: essa monarchia, que abateu a seus pés o orgulho estrangeiro!!

Pois esta monarchia, que esqueceu ao oraculo da ordem é a nossa: d'esta monarchia somos nós facciosos; é facciosa a parte mais brilhante do exercito portuguez, que levantou com dó suas lanças contra seus irmãos d'armas; é facciosa uma magistratura il-

lustrada e firme, que a revolução legou ao nosso fôro; é facciosa a rainha, porque a jurou, e palavra de rei não torna a traz; é faccioso finalmente todo o paiz, o paiz que nos devia julgar, e de cuja legal jurisdicção vós appellaes para as alçadas, e commissões, que taes são vossos collegios sensiticos. Esta facção é pois grande, é a facção da legalidade.

E não ha facciosos? Ha, e os verdadeiros facciosos são aquelles que rasgam com a faca da lisonja as paginas mais brilhantes da nossa historia, os que riscam do seu calendario os dias de ovação nacional, os que tiram da collecção de suas leis a lei fundamental do estado, os que babam todas as instituições, que não sabem substituir, os que querem endondecer a grave monarchia representativa, mettendo-lhe na cabeça ora os escriptos do imperio, ora os decretos da convenção, ora as ordenanças da restauração, os que contrariando por sua vida desregrada todos os preceitos religiosos querem firmar o illiotismo em um culto santo de paz, e igualdade, os que apregoando-se amigos do throno para o intrigarem e comprometterem no conceito do paiz, excitando contra quem os denuncia todas as furias do poder: finalmente facciosos são aquelles, que sahindo ha pouco dos conselhos d'um partido, em que tinham franca entrada, quando elle os podia tomar por testemunhas da sua innocencia, se convertem em seus insensatos, e falsarios accusadores, fazendo para isto a mais nojenta rapsodia dos convicios, que sujam a parda gazeta de Lisboa, e os escriptos do padre Macedo, e Alvito Buella.

No meio d'estes facciosos anda um grupo de guerrilhas politicas, que ora acompanha os pendões do castellão, ora as insignias das cidades livres, que se mette nas tendas dos generaes, e nas baracas dos soldados, que atica os combates, e colhe os despojos das batalhas, que apparece sempre ao pagar o estipendio, ao repartir as rações, e que grita por toda a parte *Ordem! Ordem!* ordem, que não tem, ordem, que não quer, ordem, que não respeita, ordem, que detesta.

E este grupo de guerrilhas é composto de filhos bastardos da mãe nobre, em cuja herança tiveram largo quinhão, e que agora encobrem suas virtudes, exaggeram suas fraquezas, sem se lembrarem que a mais vergonhosa d'ellas é o havel-os gerado! A mãe é a revolução, e os filhos são os deputados do centro, alguns dos quaes só apparecem em parlamento depois da revolução, e por influxo d'ella.

*Ordem!* Palavra magica, que faz esbravejar aquelles que mais vezes a pronunciam. *Ordem!* Palavra magica, que é o martyrio dos que a inculcam, como sua corôa; porque o dôce nome de Deus fere, mortifica menos o coração do impio, que o pragueja, do que o do hypocrita, que o finge adorar. O impio ao ouvil-o, solta mais uma praga, e tem mais um prazer: o hypocrita é obrigado a acatar mais uma vez o ser que aborrece, e faz mais um sacrificio.

E sabeis vós os que estão no Pireu? São aquelles que com uma carta de recommendação mercantil, assignada pela *ordem*, cujas lettras no mercado politico estão agora valendo tanto como os titulos azues na nossa praça, julgam converter o paiz em uma feitoria sua de poder, alcançando que todos os ministerios lhe venham sempre consignados.

*Não se quebrou o poder da Carta!* Aonde está a mão fatidica, que pôde delir de cima dos acontecimentos a cicatriz d'esta grande cisura politica? Quem pôde suffocar os brados populares, que ainda se ouvem, ao som dos quaes se abateu todo o edificio social? Quem pôde riscar da memoria os longos trabalhos de uma constituinte, que veio soldar o golpe da revolução? Sim, senhores, leis, throno, instituições, tudo esteve por momentos aos pés do povo, e lá estiveram tambem as becas dos desembargadores, e as pastas das envia-turas.

Esta aristocracia de orçamento, que só tem por armas as cifras de seus ordenados, e por pergaminhos os diplomas dos seus officios, lá foi tirar ao meio do *forum* algumas d'essas becas, e d'essas pastas, e lá foi com ellas salpicadas ainda com a lama da revolução aos paços reaes, aonde seu *talon rouge* que tão mal fica a pés plebeus, é entre disfarçadas caricias objecto do escarneo, e motejo.

Quem conteve porém em respeito essa revolução? Quem lhe abrandou as fúrias no dia do seu triumpho? Seriam os especuladores politicos, que á noute vinham fazer a côrte á apoiada carta, e que de dia cumprimentavam a revolução, remendando ao mesmo tempo a velha sotaina de tribunos, não usada nas contendas da liberdade, e nas orações do parlamento, mas nas arengas d'esquina, e nas orgias da insurreição, e compondo e enfeitando os galões da farda bordada para estarem promptos a offerecer os seus serviços ao poder, a quem a sorte dêsse a victoria? Seriam os especuladores politicos, que durante os tempos duvidosos ajustavam aos pés as sandalias de Gracho, e limpavam a faixa patriciana para virem á praça, ou beijar o punhal vingador de Bruto, ou ouvir a oração do ordeiro Marco Antonio, e seguir a toga ensanguentada de Cesar? Não snrs.; quem socegon a revolução, quem a livrou das garras da anarchia, foram esses infernaes anarchistas, que superiores a todos os prejuizos, conhecem que as paixões dos reis, e dos povos são fraquezas, qué é mister antes mitigar, que exasperar, e cujo unico crime é o haverem-se recusado a vender aos ambiciosos os cadaveres de seus concidadãos a troco de miseraveis lentejoulas.

E se nós realmente somos anarchistas, porque não deixamos sem freio esse furor de retrogradação, que vos devora? Porque não vos abandonamos ao vosso fanatismo politico, ao desatino das vossas paixões? Porque não fazemos accender com o nosso silencio as fúrias do povo, que mais se exacerba, quando se vê desamparado, para vós levantardes contra elle as forcas da oppressão, e elle

contra vós os punhaes da vingança, convertendo o paiz por estas reacções tyrannicas em um lago de sangue, contemplando-vos com prazer sobrenadando n'elle sempre a gritar *ordem, ordem, a ordem* dos cadafalsos, a ordem das turbas, a ordem anarchia do povo, e da anarchica do governo?

## IV

Passando a fazer a historia da *ordem* José Estevão foi admiravel, pena é que não possamos transcrever aqui todas essas bellas, mas o seguinte trecho basta para aprecial-as todas :

«Quando a expedição restauradora, epilogo romantico de esperanças, de receios, de saudade, e valor, quando essa expedição, que em si encerrava maiores fados, que a nau sagrada dos athenienses, atirou peça de leva nas lagoas dos Açores, quem se poz ao leme de seus navios? A *ordem*. Quem abateu os mares, quem enfreou os ventos, quem fez singrar os escaleres, quem deu a mão ao soldado para saltar em terra, quem tangeu os clarins, quem rufou os tambores, quem limpou o fusil, quem fez rodar o canhão? A *ordem*.

Eu mesmo, que então tinha no braço as minhas insignias de cabo d'esquadra, e que com os granadeiros da minha peça marchavamos silenciosos, e soffredores, carregando muitas vezes com o peso dos canhões, vós mesmos companheiros de batalha, que vos sentaes ao meu lado, quando depois sahiamos das baterias, salpicadas com o sangue de nossos irmãos de armas, e abrindo caminho com as bayonetas por entre os inimigos, nós todos que julgavamos, que estas vigílias, estes perigos, estes transes, este valor eram filhos do nosso patriotismo, da nossa devoção pela liberdade, enganavamos-nos, porque todos estes feitos eram devidos ao influxo magico da *ordem*, de que tinhamos sido tocados. Ingratos! e devemos á *ordem* toda a nossa gloria e nome, e negamos-lhe o acatamento, a que tem direito!

E nos dias de perigo não appareceu em nossas fileiras o oraculo da *ordem*, e nós suspeitamos do seu patriotismo. Como fomos loucos! n'esses momentos operava elle todas as maravilhas, e todas as gentilezas das nossas armas, desenvolvendo por um gasometro ordeiro o espirito vivificador da ordem, e repartindo-o por conductos invisiveis a todos os soldados da liberdade.

Está decidido; não ha outro poder na terra senão a ordem; todo o mundo material e politico lhe pertence.»

Apanhando a luva que lhe lançara Garrett, inumerando os que estiveram no Pireu respondeu José Estevão :

«Sabeis vós os que estão no Pireu? São aquelles que vem despachar ás alfandegas da publicidade estes fardos avariados de historia, sem o sêllo da critica, e expôr á venda no bazar do parlamento, em vez dos panos finos da verdade, as baetas do sofisma.

Estão tambem no Pireu os que vendo voltar dos bancos das eleições muita embarcação, carregada de quartolas de confiança, de barris de votos, de dornas d'actas, e tendo muitas vezes apprehendido sem successo esta pesca d'alto com perda de barcos eapparelhos, agora julgam fazer-se senhores do ganho de toda esta especulação, fingindo-se caixeiro e guarda-livros da nação, e querendo comprar por sua conta todo o pescado, passando para tudo isto letras em nome d'ella, com o mesmo direito com que uma vez tres alfaiates inglezes proclamaram em nome da Gra-Bretanha.

Estão no Pireu os que considerando a corôa como uma mina, se associam a todas as companhias nacionaes e estrangeiras, para a explorar meditando largar a empresa, logo que a veia estiver pobre, e as galerias da mineração inundadas.

Estão no Pireu os que dos livros que lêem, só ficam conhecendo as capas; os que alardeiam de applicados para se esquivarem ás provas de talento; os que respondem aos argumentos com a recordação de suas vigílias, e habilitações academicas; os que sirzem de fazenda emprestada relatorios, leis e discursos; os que chamam ignorantes aos que lhe redarguem; e finalmente os que, para que se não estrague o gosto publico, recommendam as suas obras com prefacios panegyristas, escriptos por sua propria e modesta mão.

Estão no Pireu os que no seculo XIII mandaram vir de França por atacado quintaes de discursos do *Abbate Mauri*, e d'outros, e que insopando estas insôssas comidas com molho de *Guisot*, e *Royer Collard*, expõem á venda, como eguaria exquisita a chanfana da soberania da rasão, da supremacia legal das capacidades, julgando que a grosseira cosinha doutrinaria, que com seus pasteis tanto tem arruinado a saude de povos e reis, ainda pôde satisfazer o delicado paladar das nações, acostumadas aos apetitosos guisados da soberania popular, da igualdade e da justiça.

Estão no Pireu os que depois de terem feito suas genuflexões á estatua de ferro da usurpação, foram para a emigração adorar algumas estatuas de ouro, que por lá se levantaram, e que depois se recolheram ao paiz, para se associarem, não com aquelles que haviam sustentado o colosso da tyrannia, julgando que combatiam pelo bem da nação, e pelos direitos da realeza, mas com os que sem

acreditarem causa alguma as seguem todas, que tem a chronologia das desgraças publicas marcada no peito com as insignias das mercês, e que havendo levantado o usurpador do pó do nada, depois que tiraram todo o partido dos seus maleficios, procuraram minar o seu poder para servirem outro senhor, que melhor lhes pague.

Estão no Pireu os actores de todos os entremezes, comedias, e tragedias ministeriaes, que vestem com a mesma facilidade a jaqueta de gatuno, o manto do rei tyranno, e o chambre d'aulico retirado, sem lhe importar os apupos da plateia, e as censuras dos litteratos, procurando só que haja boas enchentes, que as escripturas da empreza sejam cumpridas, embora todos os dias mudem os empresarios.

Estão no Pireu os que deixando o licito commercio da virtude e honestidade, se pozeram a traficar em galões, plumas, e lentejoulas, e que sollicitando um logar nos mercados das côrtes estrangeiras, para irem expôr á venda suas fazendas, o não poderam alcançar.

Estão finalmente no Pireu os que vieram para a casa commercial Revolução & C.<sup>ª</sup>, como a mocidade do Minho vem para as lojas do Porto, e que tendo feito alguma fortuna pela bondade dos patrões, agora os perseguem, desacreditam, e procuram arruinar por todo o modo.

Mas quem é toda esta gente, que se acha no Pireu? Que está ella lá fazendo? Foi um sonho; no Pireu só vejo uma companhia de trabalhos braçaes, que corre avidamente á praia, quando chega alguma carregação ministerial, e que carrega por todo o preço os fardos, de que ella se compõe, qualquer que seja a firma commercial, com que venham marcados.»

## VI

Depois de haver assim flagelado os seus contrariós, e nem sempre com inteira justiça, pede a verdade que se diga, José Estevão passa a analysar a organização do ministerio de 26 de novembro (Ribeira de Sabrosa) e refere-se então á prerogativa da corôa e da liberdade que era permittida á rainha na escolha dos seus ministros por esta fôrma:

«Ao encerrar as nossas sessões deixámos á corôa um ministerio coberto com os nossos votos, unguido com a nossa confiança, e esses votos e confiança valem bastante aos nossos olhos, e aos do paiz para deixarmos de inquirir as causas, porque se frustrou o seu influxo.

A corôa retirou a sua confiança aos ministros; a acção de sua prerogativa parou aqui, mas sobre nós peza tarefa mais ardua e odiosa; nós somos obrigados a trazer ao banco dos accusados os ministros, que mal servem o paiz.

Assim prevenidos pela resolução da corôa, nós precisamos saber, se o ministerio transacto merece que entreguemos ao tribunal da segunda camara o exame da sua politica; é pois em nome da prerogativa da camara, que nós interrogamos a prerogativa da corôa.

As luctas parlamentares tinham cançado o paiz; depois de embaíhada a espada de nossas dissensões politicas, por toda a parte se faziam votos por um systema de tolerancia, e concordia. A palavra *conciliação* foi repetida no meio d'esta casa entre os nossos applausos, e inculcada como a senha de uma politica protectora, que devia melhorar o nosso futuro, e esquecer o nosso passado. O ministerio de 18 d'abril ia realisando este esperançoso programma; o timbre opposicionista do lado direito desvaneceu-se nas primeiras questões do governo, e tanta era a sua tendencia para segurar o poder, que nós nos vimos obrigados a levantar n'estes bancos alguma voz de opposição para sustentarmos o equilibrio parlamentar. Que causas destruíram pois este desejado accordo? Que causas enlutaram outra vez o nosso horisonte politico, que começava a limpar-se?

Recordemos a organização do ministerio de 18 d'abril. A corôa chamou aos seus conselhos todos os homens importantes; rodeou-se de todos os partidos; ouviu as suas exigencias. A missão organisadora foi incumbida a diversos caracteres, e uns depois dos outros pediram a sua magestade a exoneração d'aquelle honroso encargo. Ensaíaram-se todas as combinações, tentaram-se todos os nomes, e nós aguardámos, sem a difficuldar, a escolha da corôa. Afinal appareceu o ministerio de 18 d'abril, e ninguém pôde contestar, que elle foi o resultado do mais livre e meditado exercicio da prerogativa real. Que causas pois annullaram a expressão expontanea da vontade da corôa?

Finalmente. snrs., nós somos obrigados a julgar, e commentar á face do paiz todos os successos importantes, que tenham acontecido no intervallo de nossas sessões; e a mudança de um ministerio é na ordem constitucional um facto da maior transcendencia. Não podemos pois ficar silenciosos sobre ella, sem fazermos abnegação do nosso mandato.

Esta obrigação de julgarmos o facto da nova administração redobra, se attendermos ás varias, mas importantes explicações, que geralmente se dão d'este phenomeno politico.

.....

A prerogativa da corôa não é uma homenagem, é um principio; não é um sentimento, é uma doutrina; respeitá-a é observar as leis, que marcam a sua acção. A prerogativa é livre, liberrima; mas os actos do seu exercicio geram responsabilidade, e essa responsabilidade está nos snrs. ministros. O primeiro acto porque o ministerio é responsavel é a sua propria existencia, porque o systema represen-

tativo fôra um absurdo, se não tornasse alguém responsavel pelo mais importante facto politico, que elle reconhece.

Os snrs. ministros dirão talvez que acceitaram as pastas, porque sua magestade lh'o ordenou; mas uma organização ministerial não é um objecto de disciplina de quartéis; um ministerio é um compromisso entre quem o acceita e o nomeia, e quaesquer que fossem as considerações que dictaram á corôa essa nomeação, ellas encarnaram na cabeça dos snrs. ministros, que pelo facto de acceitarem o poder as esposaram. Assim, sem entrar na esphera irresponsavel da prerogativa, que eu raspeito lealmente, o grande facto da mudança do ministerio está debaixo da nossa censura.

A prerogativa é livre, já o disse, mas não é muda. E' verdade que ella não entende a grosseria de nossos dialectos, nem nós podemos comprehender a sublimidade da sua linguagem, mas tem interpretes, tem linguas, que são os snrs. ministros, e a estes é que nos dirigimos. E' um facto deploravel que elles tenham emudecido.

A prerogativa da corôa é livre e independente, como a prerogativa da camara, mas a independencia das forças politicas não é a sua isolação: todas ellas se podem entender sem se confundirem; e é isto que nós exigimos.»

# bib**R**IA

Na parte restante do discurso, que occupa ainda bastantes columnas do *Diario da camara*, aprecia José Estevão a politica externa do gabinete e accusa-o pela sua subserviencia á Inglaterra. Castigando com phrases vehementissimas e muitas referencias historicas, o modo como a Grã-Bretanha nos tem tractado, faz uma reseña dos auxilios que d'ella temos recebido, e dos que em troca ella nos tem exigido, desde o tempo de el-rei D. Fernando até ás campanhas da liberdade. Todo o quadro é magnifico, mas temos de mutilar a tela para a poder metter nos apertados limites d'este modestissimo escripto. Eis o que, José Estevão disse com relação ao procedimento da Inglaterra quando Portugal teve de luctar com as hostes de Napoleão e quando depois luctou tambem para estabelecer o regimen constitucional:

«Quando a espada de Napoleão se levantou no meio da Europa revolucionada, nós fomos levados á guerra pela nossa alliada; a França contentava-se com a nossa neutralidade. Pelo tractado de Badajoz nós eramos obrigados a fechar os portos á Inglaterra, e a ceder Olivença á Hespanha. O imperador n'estas e n'outras estipulações. só queria ganhar vantagem sobre os alliados d'Inglaterra para negociar uma paz favoravel aos alliados da França. Com effeito, na paz d'Amiens, depois de prolongadas discussões entre as duas partes

contractantes, depois de acceptadas e regeitadas diversas bazas da negociação, os inglezes para ficarem com a ilha da Trindade, deixaram-nos sem Olivença.

Em 1807 a nossa nacionalidade foi garrotada em Fontainebleau; a nossa lealdade para com a Inglaterra levou-nos a este deshonroso sacrificio: o Imperador só nos feriu para chegar á sua rival. A bandeira tricolôr tinha já passado nossas fronteiras: a aguia franceza quasi já assomava como um agouro de morte sobre as torres de Lisboa, e o pavilhão inglez, arvorado no Tejo em 30 de outubro, levou para as terras do Brazil esse rei benefico, cuja corôa n'este momento representava, não tanto a nossa nacionalidade, como os interesses da Grã-Bretanha. No bojo da nau, que conduzia a familia de nossos reis, iam já as estipulações e decretos fataes, que deviam dar o ultimo golpe no nosso commercio e industria; ia já o tractado de 1810, esse tractado ignominioso, arrancado no meio da angustia a um governo timido, como se arranca a bolsa a um viajante para resgate da vida.

Os inglezes queriam então Portugal sem governo, sem côrte; o nosso territorio era o seu arraial, o seu desembarcadouro, o seu deposito de viveres, e recrutas, a sua base de operações; precisaram dominal-o absolutamente para o poderem aproveitar para taes usos. O Brazil era uma mina, que até alli não tinham podido explorar á sua vontade: seu commercio não lhe tinha sido até então completamente franqueado, e as eventualidades da lucta pendente obrigavam o governo inglez a considerar o novo mundo como um refugio em suas ultimas calamidades. Os tractados de 1810 são a expressão d'estes pensamentos.

Depois d'estes successos sabido é como nos lançamos na grande lucta, que para a Inglaterra era de vida ou de morte, na lucta, em que ella, ou teria de succumbir, ou de que colheria, como colheu, todos os fructos; sabido é como a flôr da nossa juventude, o ouro de nossos cofres, a paz de nossos campos, a galla de nossas cidades, o sangue de nossos soldados, a devoção de nossos povos, se empenharam pela destruição do poder colossal do imperio; sabido é como a Inglaterra considerou pouco estes esforços, depreciou o valor d'estes sacrificios, e calou a gentileza de nossas armas.

E depois d'isto a Inglaterra apregoa-se como salvadora da nossa nacionalidade; ella que só combateu, e nos fez combater pela sua independencia!! Ah! senhores, quanto melhor nos não fôra jugo por jugo, tyrannia por tyrannia, a d'essa espada creadora de Napoleão, d'essa espada portentosa, debaixo de cujos golpes a Italia sabiu do seu longo entorpecimento, viu desenvolver em seu seio o genio das artes, e fez pasmar depois seus legitimos soberanos das maravilhas, que só a ausencia de seus estupidos governos tinha alli produzido; d'essa espada portentosa, que aperfeiçãoou as officinas da Belgica, que a fez rival da industria franceza, e que lançou ahi os

germens d'esta nova nacionalidade, que a revolução de julho desenvolveu e seccionou. Sim snrs., quanto melhor nos fôra a espada organisadora do imperador do que o bastão d'esses proconsules orgulhosos, que insultaram nossos brios militares, que accenderam as fogueiras da inveja para n'ellas queimarem os nossos capitães, e que mais ferozes que os inimigos reduziram a cinzas todas as nossas fabricas?!

Depois da prolongada lucta, que deu á Inglaterra o imperio dos mares, que a fez senhora de tantas possessões, e que estendeu tanto seu commercio, e poder, nós, seus constantes auxiliares, seus companheiros em todos os perigos, e não poucas vezes os salvadores da honra de suas armas, que tiramos, que parte nos coube no rico despojo d'esta batalha europêa!

Perdemos a Guiana, de que a Inglaterra dispôz, sem sequer nos ouvir; tivemos uma somma de indemnisações inferior á que alcançou a mais insignificante potencia, e nem se nos perdoaram as dividas da guerra, que foram saldadas aos aliados do norte.

A memoria d'estas injurias não se apagou entre os portuguezes; recolheram-na em seus peitos, excitando com ella seus brios, e esforço, até que em 1820 rompeu o grito revolucionario; foi um brado de indignação contra os inglezes; foi o estalar dos grilhões, que a nossa alliada nos lançára e que nós despedaçamos.

Em quanto no cerco do Porto o poder constitucional não representava um governo estabelecido, mas as eventualidades d'uma campanha, o governo inglez conservou sempre entre os dous partidos contendores uma politica dubia, e calculada, e talvez uma penna imparcial não tarde a fazer revelações importantes sobre esta parte da historia das nossas relações com a Inglaterra.

Repete-se sempre que o partido constitucional recebeu grandes auxilios do governo inglez, e que fôra elle sempre infesto ao governo tyrannico do usurpador. Para não cançar a camara, abstenho-me de profundar a verdade d'estas observações, mas os tiros da Terceira aturdiram a Europa, e não podem deixar de ser considerados n'esta confrntação. Porque motivo porém foi o governo inglez adverso ao governo do usurpador? Porque este (é força confessal-o) presava a dignidade do nosso nome, e resistia ás suggestões externas; era um governo duro, mas portuguez. Enforcava-nos sim, mas por desembargadores portuguezes, como carrascos portuguezes, e com cordas portuguezas. (*O snr. ministro do reino: — Deus nos livre de taí nacionalidade*). Eu faço os meus votos que s. ex.<sup>a</sup>, mas antes quero uma corda com honra, do que uma pasta com ignominia; antes uma força por um tyranno portuguez, do que o poder por um embaixador inglez.»

## VIII

José Estevão fechou o seu patriótico discurso com chave de ouro, vingando com sua palavra de fogo a affronta que, a Inglaterra nos havia feito mandando metter a pique um navio portuguez pelo seu lugre *Columbine*. Foi este attentado que, o levou a dizer:

«Agora, senhores, esse governo cobrindo-se com uma ideia nobre e generosa, em que elle não crê, rebuçando suas vistas mercantis em expressões de philantropia, promovendo á sombra dos interesses da humanidade, o emprego de seus marujos, o exercicio de seus officiaes de mar, a extensão de seu commercio, e o consumimo de suas manufacturas; agora esse governo inglez recolhendo os votos sinceros feitos a favor da abolição do trafico da escravatura pela nação, a que é indigno de presidir, converte a moralidade do seu paiz em uma especulação vergonhosa; e levado d'estas sordidas vistas, e de offensas pessoaes, insulta, enxovalha, e rasga, como um insolente pirata a nossa heroica bandeira, a nossa bandeira, debaixo de cujo influxo se realisou primeiro o grande pensamento da civilização africana; a nossa bandeira diante de quem se abriram as portas do Oriente; a nossa bandeira que muitas vezes obrigou o pavilhão hollandez a servir de mortalha aos seus almirantes; a nossa bandeira, que ainda agora nos mares da China dá amparo e guarida aos contrabandistas inglezes; a nossa bandeira, que se tremulando nas poppas da forte esquadra que acompanhou a familia real ao Brazil para ahi apodrecer em suas enseadas, tivesse apparecido na batalha de Trafalgar, talvez com o formidavel enlace das quinas portuguezas e do leão iberio, teria sepultado no mar o cadaver de *Nelson*, e hoje não seria rota pelas cobardissimas balas do *Columbine*, nem teria beijado as aguas do Oceano, em que até agora por mal ninguem a molhou, sem ellas estarem tintas com o sangue de seus inimigos!...

Por esta commemoração longa, verdadeira, mas dolorosa das nossas relações com a Inglaterra, conhece-se que desde longo tempo nós temos sacrificado a uma ficção de amizade nossos interesses, nossa prosperidade, nossos destinos, nossa historia, o sangue de nossos filhos, a fama de nossos capitães, o poder de nossas armas, e que o leão britannico tem abertas as garras sobre a nossa cabeça com mais avidez do que a aguiã russiana olha para a triste Constantinopla.»

## IX

Desde aquella epocha Jose Estevão ficou sendo tido como o primeiro orador do parlamento portuguez.

Darei agora a palavra a Rebello da Silva, para retratar o tribuno

com a sua soberba e portuguesissima lignagem. Será mais uma photographia que entercalo aqui, e não ha-de ser talvez a ultima pois de José Estevão todos os retratos que restam ainda são poucos para guarnecer a vasta galeria da gratidão nacional, para fazer extasiar deante d'elles a multidão dos seus admiradores:

«Presença e voz insinnante, escreveu Rebello da Silva, phrase e phantasia arrebatada foram as prendas, que grangearam a José Estevão as palmas de primeiro orador portuguez, e o lugar eminente que occupou nas lides parlamentares.

Quando o assumpto o inflammava, quando descia sobre elle a luz, que despedé o astro radioso dos poetas, quem, não sentia, ouvindo-o, o espirito enlevado na commoção irresistivel, que só o bello tem o raro privilegio de excitar, qualquer que seja a fórma e o momento?

N'esta manifestação de arte, uma das mais arriscadas, os doctes physicos são auxiliares poderosos. Muitas vezes na tribuna o aspecto completa o discurso; e por isso antes de nos determos diante do orador paremos por instantes a contemplar o homem.

«José Estevão pertenceu á geração, que assistiu em 1828 á queda da liberdade, que padeceu por ella nas amarguras do des-terro, e que a fez triumphar nas luctas e combates.

De estatura mais do que mediana, esbelta, e tocada de certa arrogancia militar, que lhe realçava a gentileza, a sua presença, sympathica, espirituosa e animada attrahia e insinuava-se. O rosto cheio e engraçado, as feições nobres e varonis, e a vivesa dos olhos, que ao menor impeto scintillavam, compunham uma das physionomias mais distinctas do typo peninsular.

A fronte, já despovoada, rasgava-se espaçosa e sem nuvens em harmonia com o sorriso, não desmalicioso, que lhe alegrava a bocca. Todas as proporções do corpo, quando um grande pensamento o dominava, concorriam para o decoro do gesto e da exposição, e nas occasiões solemnes ninguem excedia a elegancia d'aquelle busto, que a natureza parecia ter moldado de proposito para a tribuna.

Nas horas de anciedade publica, ou nos momentos mais graves de anciosa discussão, antes de elle abrir os labios já o silencio de amigos e de adversarios annunciava a voz que todos escutavam com admiração.

Nervoso e sensivel, o coração pulsava-lhe em cada palavra, o enthusiasmo, ou a indignação, acendiam-lhe a phrase, e de um jacto fundiam a imagem.»

.....

«José Estevão na prosa de seus discursos sobresahia mais poeta, do que muitos, que usurpam as honras de validos das musas. Ninguem se eleva tanto nas azas de ouro da inspiração sem ter recebido de Deus facultades, que raros possuiram em grau equal. A sua elo-quencia, filha mimosa da phantasia, nunca hesitou nos grandes ras-

gos, que firmam a reputação do orador. Devendo menos ao estudo e ás meditações, do que aos raptos da illuminação espontanea, que n'elle adivinhava quasi tudo, seria digno dos modelos classicos se unisse aos dotes naturaes os subsidios de uma vasta leitura, e o profundo conhecimento dos segredos da arte.

Mas (quem sabe!) talvez perdesse então a facilidade arrojada, que o levava sem resvalar por entre precipicios, que nem sempre souberam evitar os maiores mestres da palavra.

.....

O genero da eloquencia de José Estevão aproximava-se muito das melhores recordações da tribuna franceza no tempo da restauração. O que n'elle attrahia, e subjugava, assim como no general Foix, em Benjamin Constant, e em muitos outros do mesmo cyclo, eram os traços vigorosos, o desenho em grande, as côres destacadas e esplendidas, e sobre tudo o calor vivificante, que animava o quadro.

As delicadesas da fórma, os relevos cinzelados por buril cuidadoso, as finas e calculadas gradações de um para outro tom, os toques de luz e de sombra quasi imperceptiveis, que realçam as paginas do livro, debalde se buscariam em suas orações.

Lançando-se nos braços dos auditorios, sentia, e communicava-lhes a paixão, que o arrebatava, dizendo o que alma fremente inspira ao repentista nos momentos, em que elle deixa de viver a vida propria para viver e fallar segundo o coração das multidões.

N'estes raptos em que não tinha igual, tudo lhe acodia. A lingua prestava-se aos menores caprichos, a phrase moldava-se espontanea, o ardor da inspiração circulava por todos os membros do discurso, e as grandes imagens, as imagens épicas, forjadas no fogo do entusiasmo, surgiam armadas, e precipitavam-se umas após outras como a antiga Minerva da frente de Jupiter».

.....

Em José Estevão, á medida que a tela se ia desenrolando, as figuras a principio confusas avultavam, caracterizando-se. O semblante abria a expressão, e illuminava-se da viva chamma do fogo interior. A cabeça erecta e dourada pelos raios da commoção interior, tomava posições poeticas em harmonia com a grandesa do assumpto. O gesto, largo e magestoso no exordio, precedia, ou acompanhava a phrase. Eram os signaes precursores dos grandes movimentos. Depois a torrente despenhava-se, e o trovão, que estalava, era o espirito, que de esphera em esphera se arremessava ás nuvens, perdendo a terra de vista; era finalmente, o que os latinos chamavam *magna voz*, e o que Mirabeau traduziu na presença dos comícios sobressaltados; era o orador antigo resuscitado pelo delirio sublime, não com os affectos mortos dos livros, mas com os affectos vivos e abrasadores, que só brotam ao sol da liberdade.

Notava-se-lhe logo certa familiaridade com alguns dos nossos classicos, e sobre tudo intima convivencia com os livros do padre

Vieira. A cada momento appareciam trechos, que lembravam as ousadias e as elegancias, que em tantos periodos estimados cunham o estylo admiravel d'aquelle engenho ainda mais apto para a eloquencia politica, do que para a persuasão religiosa, engenho comprimido pelo habito e pela epocha, cujas explosões repentinas, transformando o pulpito em tribuna, tantas vezes converteram o panegyrico em satyra, para cravar os validos na cruz do mau ladrão, ou para na mais pungente das ironias, flagellar uma legião inteira de perseguidores, pedindo aos peixes o thema e o disfarce.

Em José Estevão o que mais imperava n'essas occasiões era o sentimento. Nas refregas ordinarias pelejava como partidario debaixo da sua bandeira e defendia-a com esforço; mas apenas rebentava instantaneo qualquer conflicto, estremecia, ou vacillava alguma das liberdades essenciaes, ou se o paiz recebia na face algum ultrage, era para vêr então como os impulsos generosos o concitavam, como a indignação o transfigurava, como aquella physionomia meia adormecida pelo cansaço da lucta quotidiana despertava, revivia, e se espiritalisava. Era outro homem, era outra voz.

N'estes lances tornava a vestir todas as peças da sua armadura de tribuno. A imaginação rejuvenescia como nos dias de esperança, em que cingira as primeiras corôas. Tudo se remoçava n'elle, o espirito, os poderes intellectuaes. Firme e recolhido, rompia todos os vinculos, que lhe podessem prender as forças, e entrava na arena, como o athleta antigo, senhor de toda a liberdade dos movimentos, e com todos os brios de sua vigorosa organização.

Erguendo a viscira, encarava os obstaculos, e atirava a luva direita ao rosto do inimigo. Não lhe propozessem temporisações, que as regeitaria como treguas indignas da sua causa. Não lhe sugerissem evasivas, ou manobras astuciosas, porque fugiria d'ellas como de ciladas infamantes.

Se o desamparavam sahia só, luctava só contra todos, e amortalhado no glorioso estandarte dos principios, sem recuar um passo, dizia á fortuna, que o futuro pertencia a Deus, e que a derrota de hoje amanhã seria victoria.

Mais de uma vez o vimos assim, cavalleiro unico desafiar todos os encontros, medir-se com os mais denodados adversarios, e sahir vencido pelo numero, mas triumphante pela palavra.»

## X

Já se quiz tirar a José Estevão a gloria de haver sido o primeiro orador portuguez e para que isto não pareça uma asserção gratuita da minha parte, vou transcrever aqui um artigo publicado pelo snr. Pinheiro Chagas, tambem orador distinctissimo, na *Illus-*

*tração portugueza*. Publicou-o na integra, pois uma linha só que possesse de parte seria prova de lesa gosto. Eis o artigo:

«Voltando da Belgica a Lisboa, lança-se energicamente Garrett na vida politica, combate com um vigor inexcedivel o ministerio no *Portuguez* resuscitado, concorre com a sua pena para a revolução de setembro, e, eleito deputado ás côrtes constituintes, começa n'esse congresso, onde tambem José Estevão se estreiou, a sua brilhante carreira de orador.

O author d'estas linhas tinha apenas doze annos quando Garrett morreu, não pôde por conseguinte ouvi-lo na camara, nem sequer o conheceu pessoalmente; nunca o viu, nunca escutou a sua voz sonora e grave; em compensação ouviu, e mal se pôde imaginar com que enthusiasmo! a voz inspirada de José Estevão. Talvez seja por isso que eu li, com um sentimento que se approxima da indignação, as seguintes linhas no livro do snr. Gomes de Amorim:

«Chamou-se a José Estevão «primeiro orador portuguez», abusando-se da facilidade com que n'este paiz se fazem classificações e se dão titulos arbitrarios. Quem assim o qualificou, ouviu-o, mas parece que não o leu. E' indubitavel que elle arrebatava por vezes o auditorio; voz, gesto, olhar, e a sua bella cabeça, todas as feições, todos os movimentos de physionomia e do corpo faziam parte do seu discurso, compunham a sua eloquencia, davam vida, energia, e persuasão á palavra ardente e impetuosa. Desaparecido, porém, o tribuno, ia-se com elle a maioria das bellezas oratorias. Recorra-se aos *Diarios*: o que d'elle nos resta, com quanto se eleva ainda muito acima da mediocridade, está longe de satisfazer em tudo os que amam a correcção da fôrma, a maneira de vestir elegantemente as idéas e de bem exprimir o pensamento. Garrett, pelo contrario, grave, composto, nobre, servo, e solemne até, quando cumpria, foi sempre tão admirado pelos que o ouviram, como ha de ser-o eternamente pelos que o lerem, etc.»

Desafio o snr. Gomes de Amorim a que seja mais admirador de Garrett do que eu sou, mas essa admiração apaixonada não me cega a ponto que me force a rebaixar os talentos extraordinarios que viveram e brilharam ao lado do de Garrett. Que vinte e dois annos depois da morte de José Estevão, haja um escriptor que o conheceu, e que o ouviu, que diga que «se chamou José Estevão o primeiro orador portuguez, abusando-se da facilidade com que n'este paiz se fazem classificações»!!!! Nunca esperei ler semelhante phrase senão no livro de algum chocho detrador de glorias que não comprehendel

Mas o que é mais extraordinario ainda é a justificação da phrase! Leiam-se os discursos de José Estevão, diz o snr. Gomes de Amorim, e ver-se-ha que o que alli existe, se está acima da mediocridade, está muito longe da verdadeira belleza!

Já se vê! Leia-se o pallido reflexo que nas notas tachygraphicas ficou dos maravilhosos improvisos d'esse poeta da tribuna, leia-se o

extracto amortecido, incompleto, truncado d'essas admiraveis orações que nós todos ouviamos n'um enlevo, que nunca mais orador algum soube inspirar na tribuna portugueza, e avalie-se por ahi um dos primeiros tribunos não só de Portugal, mas dos tempos modernos!

Que o snr. Gomes de Amorim dissesse que um orador, se quer passar á posteridade, precisa de ser como Cicero, Garrett, ou Castellar, grande escriptor tambem, muita razão lhe encontrariamos. O orador improvisa, commove, arrebatava o auditorio, depois vem para casa, reconstrue, emenda, compõe, arranja para o publico ledor esses discursos que lhe saíram dos labios candentes, na incorrecção genial da primeira inspiração.

Quantas vezes (e não applicamos esta observação a Garrett) quantas vezes esse discurso escripto é completamente diverso do discurso pronunciado! Conhece o snr. Gomes de Amorim a anedota de Cicero. O famoso romano, tendo de defender Milão, seu partidario, accusado do assassinio de Clodio, perturbado pelo aspecto tumultuoso do tribunal, pronunciou um discurso mediocre, e Milão foi condemnado ao exilio para Marselha.

Voltando ao rémanso do seu gabinete, livre das preocupações que o tinham assaltado em pleno tribunal, Cicero refez pacientemente o seu discurso, e escreveu a sua oração *pro Milone*, que nós hoje admiramos como uma das obras primas da eloquencia antiga. Diz-se até que, tendo enviado uma copia do seu discurso ao seu infeliz cliente, este lhe respondera, dizendo:

— Ah! se tivesses pronunciado esse discurso diante dos meus juizes, não estaria eu agora comendo os figos de Marselha!

Isto prova que a Cicero faltava uma das grandes qualidades do tribuno — a coragem. Teve-a diante de Catilina, porque estava ao seu lado a maioria do Senado; não a teve diante dos amigos de Clodio, no tribunal, quando se sentiu isolado.

Se Lamartine não fosse tambem um grande escriptor, se não tivesse podido por conseguinte recompôr admiravelmente os discursos pronunciados na praça do *Hotel de Ville* para conter o povo insurreccionado, se apenas d'esses discursos tivessemos os extractos incolores e incompletos de algum ouvinte, o que succederia? Succederia que hoje contestariamos a Lamartine, que no meio do perigo soube encontrar os accentos mais eloquentes, a palma de grande orador que iriamos dar a Cicero, que não teve comtudo no momento critico a eloquencia que só lhe sorriu de novo na placidez do seu gabinete.

Mas orador não é quem faz os seus discursos em casa, orador é aquelle que na tribuna, sob a impressão ardente dos debates ou da situação, arranca da sua alma apaixonada os discursos que arrebata e commove aquelles que os escutam. Esse é que é o orador e não desconheço que uma parte do seu prestigio lhe provém da voz, do gesto, da presença. Mas tudo isso faz parte dos dotes

oratorios, como o talento de dar á sua physionomia a expressão apaixonada ou tragica, á sua voz as notas lancinantes que a situaçãõ reclame, é o talento do actor. Ora o orador não é outra coisa senão a reunião n'uma só d'essas duas personalidades que na scena se separam — a do actor e a do auctor. Se essa parte do genio do orador só pôde ser avaliada pelos que o viram e o ouviram a estes ao menos cumpre dar testemunho da impressãõ recebida, para que a posteridade faça, em vista do seu depoimento, a justiça que os documentos escriptos a não habilitam a fazer.

Mas com José Estevão ainda succede outra coisa: é que nos seus discursos não só falta o relevo que só do seu gesto, da sua presença, da sua voz elles podiam auferir, mas falta-lhes ainda a fidelidade na copia. A tachygraphia é uma arte infantil que entre nós pelo menos dá os mais lamentaveis resultados. De um discurso que na camara se pronuncia o que chega ás notas tachygraphicas são pedaços descosidos, com as imagens desbotadas, com o pensamento incomprehensivel, com as ideias muitas vezes contradictorias. O orador lá arranja isso, como pôde, e põe o discurso em estado de ser lido, mas esse discurso nunca é o discurso exacto que elle proferiu. Imagine-se o que succederia a José Estevão, que não revia os seus discursos, que deixava por consequente os tachygraphos ligarem uns aos outros os trechos dos seus discursos mal apanhados com banalidades de sua lavra, que substituiam assim para o futuro, para a posteridade, as expressões pittorescas e imaginosas do eminente orador.

Que um escriptor moderno, que nunca ouviu José Estevão, ao ler essas pallidas notas tachygraphicas que ahí andam pelos *Diarios*, duvide do genio do tribuno eminente, vá! mas que o snr. Gomes de Amorim, que o ouviu, que sentiu de certo circular nas suas veias o fogo com que nos incendiam a todas as palavras ardentissimas de José Estevão, venha animar a injustiça provavel da posteridade com as suas palavras crueis e injustissimas, é o que devéras se não comprehende, a não ser que a admiração do biographo pelo biographado o levasse a querer deprimir todos que poderam achar-se um dia em competencia com o maravilhoso heroe do seu livro.

Eu porém, que ouvi José Estevão, eu que senti correrem-me as lagrimas pelas minhas faces imberbes de adolescente, quando elle ergueu a sua voz patriótica para pronunciar aquelle maravilhoso discurso do *Charles et George*, sinto que devo protestar contra as expressões injustissimas do snr. Gomes de Amorim, e bradar bem alto que não imagino que se podesse ir em eloquencia tribunicia mais longe do que ia José Estevão. Confesso porém que José Estevão não era dos oradores que escrevem, pertencia á raça dos Demosthenes mais do que á raça dos Ciceros, era tão incapaz de pronunciar no tribunal, perante uma assembleia qualquer, por mais hostil e

mais tempestuosa que fosse, o discurso frouxissimo que a favor de Milão Cicero pronunciou, como era incapaz de escrever depois no gabinete a admiravel *orationem pro Milone* que Cicero escreveu. Por isso corre muitos serios riscos de lhe fazer a posteridade a injustiça, que o sr. Gomes de Amorim, que o conheceu e o ouviu, lhe não devia fazer».

O ministerio que no parlamento contava com uma pequena maioria, e esta mesma vacillante, dissolveu a camara dos deputados em 25 de fevereiro.

A nova eleição verificou-se no dia 22 de março, e n'ella José Estevão foi eleito por Aveiro, conjunctamente com Mendes Leite, Manoel Baptista da Rocha Colmeeiro e Philippe Pereira Brandão. O ministerio guerreou-lhe abertamente a eleição, mas não conseguiu deixal-o fóra do parlamento como aconteceu com os Passos, Leonel Tavares e outros debutados setembristas. As camaras reabriram-se em 25 de maio e José Estevão que continuou a sentar-se nos bancos da extrema esquerda, explicou na sessão de 25 de junho a fórmula porque occupava aquelle lugar.

«Sr. presidente, a minha posição é singular; é preciso que a camara a avalie; eu sou um martyr que escapou ao sacrificio dos meus correligionarios politicos, que venho em nome d'elles declarar a firmeza n'uma creença que talvez os tenha morto; eu, sr. presidente, represento a voz de um vivo que falla em nome de cincoenta finados; venho declarar, repito, que elles persistem nos principios que talvez os tenham condemnado á morte; sim, a camara o deve saber, se a lei sensitica fosse a lei do paiz, talvez que este lado da camara (*o esquerdo*) estivesse mais povoado; não fallo pois por espirito de partido, presto obediencia ás minhas convicções e aos meus principios, independente a considerações mesquinhas: sr. presidente, e que faz a camara? A camara é ingrata ao principio que a elegeu, a camara condemna o facto da sua eleição; nós pois fomos constantes, está triumphante a nossa doutrina, ainda que os louros do triumpho se levantem no meio d'estes campos».

## XI

Quando se recebeu em Lisboa o n.º do *Atheleta* que continha o celebre artigo de José Estevão. — O baptisado do ministerio, — a que nos referimos ha pouco, o jornal foi procurado e lido com avidéz. Por este tempo principiou a publicar-se ali um jornal politico de que era redactor Joaquim da Fonseca da Silva e Castro, intitulado a *Lança*.

Silva e Castro era um setembrista exaltado e o seu jornal de opposição, por isso deu-se pressa em transcrever o artigo a que, adi-

cionou algumas phrases injuriosas para a corôa e para o ministerio e que lhe valeram um processo criminal, pelo qual foi preso e lhe sequestraram a imprensa. Chegado o dia do julgamento, Silva e Castro, não quiz advogado e defendeu-se elle proprio, valendo-lhe a defesa brilhante que fez a absolvição plena do jury. A *Lança* voltou a publicar-se indo até o n.º 25, em que suspendeu para dar logar à *Revolução de setembro*. Os dois ultimos numeros d'aquella contém o programma politico d'esta. Este programma, foi escripto por José Estevão. Antes da transcripção do *Baptizado do ministerio* o tribuno não conhecia Silva e Castro, foi ella o motivo da aproximação dos dois e da amisade intima que depois existiu entre elles. Silva e Castro ficou depois sendo conhecido pelo *Castro da Lança* e assim o explica José Estevão escrevendo da sua morte, que, teve logar em agosto de 1847, na *Revolução de setembro* «fez um tão notavel ensaio de jornalista que o publico ajuntou ao seu nome o da sua folha e assim os honrou até hoje com a sua lembrança e com as suas saudades.» A proposito d'este artigo. Todos os jornaes deram a noticia da morte do *Castro da Lança*, a *Revolução de Setembro*, porém não disse palavra; o motivo era José Estevão haver dito que elle é que escrevia sobre esse triste acontecimento. Passaram dias apoz dias, e o artigo sem apparecer, então o sr. Mendes Leite fez vêr a José Estevão que não parecia bem que o jornal ficasse assim silencioso.

O tribuno, escreveu afinal o artigo de que acima dei duas ou tres linhas e que começa «morreu, já se não pôde duvidar, o nosso amigo Silva e Castro» para d'esta fórma desculpar a demora havida.

O *Tempo* que José Estevão fundára como disse em 1838 acabou em 24 d'agosto de 1839, por isso n'esta epocha, primeiros meses de 1840, o tribuno não tinha na imprensa orgão seu. Para supprir esta falta procurou fundar um novo jornal de sociedade com o seu amigo Mendes Leite. Este projecto em breve se converteu n'um facto. No diá 22 de junho principiava a publicar-se a *Revolução de setembro*.

Eram seus redactores José Estevão e Mendes Leite e collaboradores Antonio Rodrigues Sampaio e Joaquim da Fonseca Silva e Castro que era o responsavel tambem. O artigo principal foi escripto por José Estevão, e por isso é dever meu transcrevel-o aqui. Eil-o:

«Temos diante de nós uma epocha de reacção: vimol-a nascer, tomar corpo e criar força. Hoje já se apregoa senhora dos acontecimentos, arbitra dos homens e das cousas; de suas tendencias faz a lei publica, e de suas vontades os destinos do paiz.

E' fatua, é ridicula pretensão: Não tememos, que se realice ainda que todos nos deitassemos a dormir. Oppõem-se-lhe a historia do mundo, as condições sociaes, o espirito do tempo, e o timbre nacional: ainda ninguem venceu, nem hade vencer, estas forças reunidas.

Póde crer-se, que uma nação espirituosa e valente, que sus-

tentou em arriscados apuros sua existencia e pondonores, com penna e espada, contra traças e violencias; que por vezes tomou em suas mãos a corôa da monarchia para a cingir em testas de sua escolha, que bebendo logo no berço o leite da liberdade não deixou perder um de seus foros sem o disputar em peleja, nem esperdiçou occasião de o reconquistar pelejando; pôde crer-se, que tal nação esquecida de seus brios, desvariada de seus feitos, eivada de sua compleição, consinta, que uma centena d'homens audazes entreguem sua alma, seu corpo, seus filhos, seu nome e sua fazenda á avareza, ao mando absoluto e ás exigencias do estrangeiro? A essa trindade infernal, que fórma o primeiro mysterio da religião politica dos homens da nossa governança?

Será possivel, que uma nação, que nunca teve ouvidos, nem coração cerrado para os brados da gloria e do heroismo, que uma nação, que primeiro pregou o evangelho da civilisação na Europa, se deixe agora arrastar para a rectaguarda de todos os povos, e se curve submissa á espada dos vandalos, que já abateu a seus pés; agora que a empunham mãos debeis e corrompidas?

Será possivel, que uma nacionalidade de seculos, que uma historia de gentilesas, que um futuro de gloria e prosperidade se despedacem e aniquilem á face d'um povo, sem elle soltar esse brado poderoso, que ouviu Ourique, e Ruivães?

E' impossivel, mil vezes impossivel, o complemento d'essa apregoada victoria; mas nem por isso cessará a lide pela conservar; que não veem essa impossibilidade os contaminados da ambição, e em politica ha mais fatalismo do que providencia.

Para esta quadra de vertigem e de cegueira, para este tempo de violencias e flagicio, é que empunha-nos a penna. Não, pretendemos com ella parar a corrente dos acontecimentos; nem o podemos, nem o desejamos: a salvação do paiz, é uma necessidade, que sem a nossa escripta se hade cumprir. Nossos adversarios não o deixam adormecer; por que sua tyrania é pesada: não o podem iludir; por que seus fins são patentes: e seus meios assaz grosseiros.

Escrevemos pois em desagravo da moral; escrevemos para guiar a coragem publica; para não dar á tyrania o praser do silencio, e para cumprirmos com os nossos adversarios o ultimo dever de irmãos. Queremos avisal-os, ter-lhe sempre aberto o precipicio, que elles cavarão, e mostrar-lhe a cada passo, que elles derem, o abysmo, que os vae engulir.

Não pararão de certo; mas a nossa consciencia ficará tranquilla; e o seu remorso será maior; que não poderão desculpar-se perante si mesmos, com a allegação da ignorancia.

O livro de que havemos tirar todas as nossas exhortações, nossos textos, nossas doutrinas, é o *mestre* da nossa vida politica, *A Revolução de setembro* grande codigo de liberdade e gloria, que tomamos por timbre da nossa folha.

«Sim: é essa revolução, com que quebraremos sempre os olhos de nossos adversarios; é essa revolução, de cuja sorte lhe havemos pedir estriclas contas; é essa revolução, por que bradaremos mesmo quando a sua memoria fôr já um crime: é essa revolução finalmente, que hoje escrevemos em rotulo fatidico sobre os arcos do seu desgraçado triumpho.

Todas as nossas vontades, todo o nosso pensamento se cifra na nossa invocação; e a sorte de nossos adversariosahi está marcada.

Queremos uma constituição popular; um rei sem arbitrio; uma representação extensa; uma familia social; nacionalidade segura; administração sem opprimir; auctoridade com confiança; centralisação com fóros; justiça com independencia; fazenda regulada; despesas com economia: tratados com industria; reciprocidade sem perdição; ordem sem enthusiasmo; e liberdade sem sophisma.

Tudo isto nos deu a revolução de setembro: tudo conquistamos com armas e com leis: e é essa conquista que defendemos, o fim é justo, os meios são legaes; e o paiz hade ouvir-nos, e Deus ajudar-nos.»

## XII

Quando José Estevão fundou a *Revolução*, Rodrigues Sampaio achava-se em Lisboa em bem precarias circumstancias, o tribuno tendo d'isso conhecimento, e conhecendo as suas aptidões jornalisticas pelos seus artigos na *Vedeta da Liberdade*, convidou-o a entrar para a redacção do jornal afim de redigir o noticiario e traduzir os jornaes estrangeiros, com o ordenado de desenove mil e dusetos mensaes. A collaboração de Sampaio começou logo no primeiro numero da *Revolução*, sendo d'elle o artigo *correspondencias*. Como collaborador esteve Sampaio até 1842, não se occupando até esta epocha da parte politica do jornal, que estava a cargo exclusivo de José Estevão e Mendes Leite. N'este anno, estando um dia, aquelle fóra de Lisboa e tendo este de ausentar-se de repente, offereceu-se Sampaio para escrever o artigo de fundo para o jornal. Aceite o offerecimento, Sampaio escreveu o artigo, que mereceu plena approvação de José Estevão e o encarregou depois de escrever muitos outros, vindo afinal a confiar-lhe a direcção politica do jornal. Se Sampaio foi o primeiro jornalista de Portugal assim como José Estevão foi o seu primeiro orador, deve-o em grande parte a este.

José Estevão amava em extremo a sua *Revolução*, pela manhã ao despertar lia-a logo desde a primeira linha até á ultima. Uma cousa de que elle muito gostava, é que o noticiario fosse sempre muito abundante. Chamava-lhe o *chouriço* e tinha por elle uma

enorme sympathia. Nos ultimos annos que redigiu a *Revolução* José Estevão tinha sempre uma pessoa encarregada de escrever o que elle ditava; um d'estes secretarios 1856-1857 foi o meu illustrado amigo Eduardo Coelho, ha pouco fallecido, que áquelle facto se refere assim n'um bello artigo do *Diario de Noticias* (n.º 5858 de 23 de maio de 1882):

«Nas manhãs em casa de José Estevão, para mim obrigadas a uma chavena de caldo com batatas, que era a sua refeição matinal favorita, entre o dictar de um quarto, e o dormir ao menos, apparente, de um somno em cujo acordar ruidoso a sua bocca se desentranhava em torrentes de idéas, como se estivesse orando ardentemente em pleno parlamento. O luminoso tribuno d'esse periodo de reconstrucção social, feita segundo os moldes constitucionaes, tinha por vezes difficuldade em circumscrever as expansões do seu espirito ás proporções acanhadas de um artigo de fundo, e por isso o inutilisava cinco ou seis fórmãs differentes antes de encontrar a definitiva. Nas madrugadas da *Revolução de Setembro*, quando elle, por ausencia de A. R. Sampaio, estava encarregado do principal artigo, havia episodios curiosos. Uma vez, em que muitos amigos, como a miúdo succedia, o tinham impedido de escrever, ao vê-los sair, o zelosissimo chefe da composicção lembrou-lhe amavelmente que era tarde, não havia artigo de fundo e o noticiario era pouco. José Estevão bradou tomado de iras de Othello:

—E elles não deram nada para o chouriço? patifes! despotas!... prohibo que alguém d'ora ávante aqui ponha o pé sem contribuir para o chouriço!

E decretou n'uma circular a todos a *contribuição do chouriço*; ou o fornecimento de informações para o noticiario.

Outra vez estava a dictar o artigo de fundo com successivas intermittencias de somno. Eram 3 e meia horas da manhã.

De repente ergueu-se rubro de cholera e clamou:

—Estas cadeiras foram inventadas pelos inquisidores.

Atirou com uma para cima da mesa, entornando o tinteiro, e disse ao Coutinho, saindo com o casaco branco de rastos, e o chapéu á Zamperini:

—Mandem dizer ao Latino que faça o artigo de fundo!

O moço do jornal saiu, e d'ahi a meia hora voltava do Gremio com um artigo do Latino Coelho, ácerca de uma reforma de instrucção publica.

O jornal imprimiu-se n'esse dia mais tarde».

Alexandre Herculano que havia sahido eleito deputado pela primeira vez, n'esta legislatura, a de 1840, fez a sua estreia parlamentar na sessão de 6 de julho, José Estevão fez d'ella a seguinte apreciação na *Revolução*: «coube a palavra ao snr. Alexandre Herculano, litterato conhecido e deputado debutante.

O discurso d'este senhor foi modelo em dicção, mesquinho na intenção e falho nos meios.

Este snr. deputado tendo-se declarado opposicionista não preferiu uma palavra de censura contra o ministerio, e querendo inculpar as administrações da Revolução mostrou, que nem sempre os bons desejos supprem a escassez dos recursos.

O snr. deputado é um talento, e póde vir a ser um bom orador applicando os encantos da sua dicção, aos termos logicos das questões».

Herculano veio a estimar muito e muito José Estevão, porém á tribuna parlamentar poucas vezes subiu mais.

### XIII

Na sessão de 7 de julho combatendo José Estevão o projecto de resposta ao discurso da corôa ao acabar de dizer estas palavras: «O governo, snr. presidente, não tem partido; muito bem, pois o seu apoio, como nasce dos desertores de todos os partidos é um apoio de corrupção» foi interrompido pelo conde da Taipa que voltando-se para elle lhe disse: «n'essa cara não ha vergonha» — José Estevão, sem a mais leve contracção no rosto, sereno como se tivesse ouvido apenas um áparte inofensivo, disse: «Snr. presidente, o dito do snr. conde da Taipa impõe dois deveres, um a mim, outro a v. ex.<sup>a</sup>, e se v. ex.<sup>a</sup> não tem força para cumprir com o seu, eu tenho força e coragem bastante para cumprir com o meu lá fóra, sem que isso sirva de interrupção ao fio do meu discurso, porque eu continuo».

No dia seguinte José Estevão encarregou o barão de Leiria e um outro cavalheiro de pedirem uma reparação pelas armas ao conde da Taipa. Este escolheu dois dos seus amigos para se entenderem com aquelles, os quaes em conferencia decidiram que a pendencia não podia ter solução pacifica. Como José Estevão era o offendido, e porisso lhe cabia a escolha das armas, os seus amigos optaram pela pistola.

O duello verificou-se pelas 11 horas e tres quartos da manhã do dia 10 de julho, nas terras do Calhariz. A distancia era de 10 passos, dada a voz de fogo, ambos desfecharam quasi que ao mesmo tempo, a bala da pistola de José Estevão ainda roçou pelo casaco do conde da Taipa, que havendo alterado rapidamente a pontaria fez fogo para o ar. José Estevão correu para elle e estendeu-lhe a mão que elle apertou entre as suas dizendo para as testemunhas: «Eu não quero mal a José Estevão, pois se eu sempre fui amigo d'elle e seu admirador».

Uma vez reconciliados nunca em tempo algum se quebrou mais o fio da amizade que os ligava.

## XIV

Por portaria de 17 de julho d'este anno (1840) foi José Estevão nomeado lente da 40.<sup>a</sup> cadeira da Escola Polytechnica. Não foi para galardoar serviços politicos ou para amainar tempestades parlamentares que se fez esta nomeação, foi para premiar o merito como vou mostrar.

Em sessão do conselho da Escola Polytechnica de 12 de outubro de 1839 foram admittidos ao concurso da 10.<sup>o</sup> cadeira (economia politica, direito administrativo e commercial José Estevão e José Maria Eugenio d'Almeida). O conselho para quem eram estranhas estas materias nomeou uma commissão de cavalheiros que não faziam parte do corpo docente para assistir ao concurso e esclarecer com o seu voto consultivo sobre o merito dos candidatos. Esta commissão compoz-se do snr. José Silvestre Ribeiro e Gaspar Pereira da Silva. O concurso teve logar em 15 de novembro. As provas foram brilhantissimas, tanto por parte d'um como d'outro candidato. José Maria Eugenio sabia muito e era mesmo eloquente na exposição, porém José Estevão que a estudára muito menos, apesar de ter estudado bastante, e que sabia tambem menos, soube de tal forma tirar partido dos seus recursos oratorios que supplantou o adversario. Momentos antes de principiarem as provas, José Maria Eugenio que annos depois veio a ser um dos homens mais ricos do paiz, dirigindo-se a José Estevão disse: «creia que não é para o guerrear que vim ao concurso, vim, porque tenho fome».

A commissão equiparou os dois candidatos em merito relativo, e ambos considerou mui dignos em merito absoluto. No dia 16 o conselho da Escola procedeu á votação, quatro votos por José Estevão, tres por José Maria Eugenio e um voto em branco. Eram portanto oito os votantes; só sete porém assignaram a respectiva acta a saber: o director da Escola José Feliciano da Silva Costa, José Cordeiro Feio (mais tarde visconde das Fontainhas), João Gonçalves de Miranda Roballo Peleijão, José de Freitas Teixeira Spinalo Castello Branco, dr. Filippe Folque, Guilherme José Antonio Dias Pegado e João Terra Campos. Não assignou um, provavelmente o que votou em branco, e que parece ser o lente de mathematica Albino de Figueiredo. Depois d'esta votação em merito relativo passou-se a votar sobre merito absoluto de José Estevão que obteve seis votos favoraveis e dois contrarios. Tendo assim obtido mais dois terços dos votantes, ficou admittido e a consulta do conselho propondo a sua nomeação tem a data de 27 de dezembro de 1839.

Os trabalhos parlamentares, e as luctas revolucionarias junto a uma natural negação para o professorado, fizeram com que raras vezes José Estevão regesse a sua cadeira. Essas poucas vezes porém

que foi a aula, foi brilhante como sempre; de verdade e solidez de doutrina curava pouco, não estudava, nem podia estudar. Caminhava um dia para a aula, na praça então chamada Patriarchal queimada, hoje do Príncipe Real, e encontrou-se com Garrett, José Maria Grande e conde de Lavradio. Perguntaram-lhe estes para onde ia? — Vou á aula. — Pois vamos ouvir-o. — Não quero. Elles insistiram e José Estevão faltou á aula por lhe quererem ouvir a lição. Não era aquelle o seu meio. Tinha a clara comprehensão de que não podia amoldar-se ás modestas exigencias do ensino elementar.

José Estevão deixou algumas lições originaes de economia politica, que ainda se conservam ineditas. Um dos seus mais distinctos discipulos o snr. José Horta, publicou tambem alguns apontamentos das lições que lhe ouviu. N'uma d'ellas trata o tribuno da emigração portugueza. Da maneira como o fez falla bem alto o trecho que segue:

« Só ha meios indirectos para amparar as inevitaveis consequencias da população. Um só é nada, todos são insufficientes. A educação, um governo illustrado, intelligente e moral, conhecedor consciencioso das suas obrigações e deveres, instrucção publica derramada com profusão por toda a parte, religião verdadeira e santa, conselhos honestos e prudentes, juiz claro e recto, tal é a colligação que poderá conter o excesso em limites menos perigosos. *Moralisar, desaccumular, repartir, produzir*, são as quatro chaves que podem conter a população.

« E moralisar é educar, estabelecer egualdades justas, proclamar o codigo dos direitos e deveres.

« Desaccumular é destruir monopolios nocivos, concessões usurpadoras, privilegios inadmissiveis.

« Repartir é dividir a população em relação á extensão do solo e á sua fertilidade.

« Produzir é accumular os meios que podem tornar as subsistencias mais numerosas, baratas e geraes.

« As emigrações são o meio conhecido até aqui para dar sahida aos excessos da população. Bem antigo é elle, ainda que fosse differente o principio que então o guiava. Nas eras conquistadoras, este meio era empregado debaixo de um ponto de vista politico; hoje o pensamento é todo economico. Nós nascemos de uma colonia romana. O *ducere colonos*, de que resa Tito Livio, era emigração praticada pelos romanos. Como hoje se faz, cada demarcação nacional é uma alfandega de homens; os direitos que ahi se exigem são bem pesados; nem todos os podem pagar. Sentimentos, sympathias, habitos, parentes, familia, affeições, e finalmente a patria... são o desalmado imposto das emigrações. Sacrificio moral o mais pesado de quantos ha! Especulação da vida, a mais dolorosa que póde haver! O individuo que emigra não é um nómada, um selvagem só possuidor de armas e uma tenda portatil, para quem a deslocação é facil e a locomoção desembaraçada; é um homem que tem uma pa-

tria, familia e amigos. A partida é sempre dolorosa, e muitas vezes impossível. A facilidade, a indiferença em deixar o solo natal só se dá em duas classes verdadeiramente antipodas, nos philosophos e nos criminosos. Mas as causas que os impellem são diversas. As suas tendencias, educação e habitos são differentes, porém ambos se confundem n'este commum sentimento de desapêgo da patria. Uns são levados pela grandeza da philosophia, pelo scepticismo da razão, a investigações longinquas e remotas. Os outros por uma especulação unicamente aventureira, pela perspectiva de melhor futuro.

«Mas isto são classes apenas, não são as massas sociaes, porque estas não quinhoam de certo tão aridos sentimentos. Hoje a emigração é uma lamentavel servidão. O colono, quando mette o pé no barco, já é escravo do negociante pelo seu transporte. Levantou um credito sobre a sua vida e força. Se tem a felicidade de resistir ás intemperies do clima, ás differenças de alimentação, á saudade pungente da patria, poderá pagar essa letra de sangue que saccaram sobre elle, e elle sellou com lagrimas. Se não poder, então, parecerá, e parecerá escravo da emigração. Este recurso é falso e impotente. Na nossa emigração para o Brazil, o painel das miserias que lá vão passar os nossos emigrados contrista e envergonha um coração portuguez. Muitos dos nossos vão lá ser vendidos como escravos a esses senhores de engenho, duros aristocratas do capital, que não veem lagrimas, porque só veem ouro. As emigrações são uma anomalia que envergonha a epocha em que vivemos, sem, de nenhuma fórma, remediar os males da população. A emigração póde continuar, mas sob outros auspícios, e com outras leis. Pois não é estranhavel, e até barbaro, que haja consules de cada paiz nos differentes reinos, para zelar o commercio, para curar da avaria dos navios, para evitar que as mercadorias se damnifiquem, e que a *mercadoria humana* mereça tão pouco cuidado á administração publica! Uma pipa de azeite merecerá por ventura mais ao mercantilismo do que um homem? As emigrações hão-de em breve deixar de ser consideradas como uma especulação individual, mas sim como um negocio de estado, que interessa aos paizes e aos governos. Sem duvida que o augmento da população terá decisões sérias a este respeito. O homem que deixá um paiz deve, perante a boa razão, ficar debaixo da tutella da nação d'onde são, e d'aquella para onde parte, porque ambas utilisam com esta deslocação. No anno passado, em vista do estado economico do mundo, e em presença do grande movimento das ideias reformistas, disse eu com toda a singeleza de coração, e com toda a confiança da verdade, que o augmento da população traria, sem duvida, um accôrdo entre as nações, para repartirem o excesso de braços pelos logares inhabitados que apresentassem futuro de produção. Considerava assim a terra como uma granja extensa, e toda a humanidade irmã no trabalho. Enganei-me.

Mal suppunha eu que desejos tão sinceros, que aspirações tão justas, fossem assim mallogradas!

« Em vez de congresso de paz socialista, houve batalhas sociaes. Mas a sentença não é menos verdadeira. O periodo da sua realisação affasta-se, mas o seu apparecimento não é menos urgente: ha-de chegar um dia, e será aquelle em que raiar o verdadeiro progresso para o mundo, e em que os principios christãos ascenderem á sua verdadeira altura. E de passagem diremos, que nos não cumpre clasificar de utopia senão o estacionamento ».

## X V

Em méiados do anno de 1840 conspirava-se abertamente contra o ministerio Bomfim; e uma casa da Travessa do Sacramento, em que habitava então José Estevão com Mendes Leite, havia amiudadas reuniões cujo fim era resolver n'uma revolução na capital, que obrigasse o governo a deixar o poder. Além dos donos da casa, deviam entrar na revolução José Gerardo Ferreira Passos, então coronel de artilheria, Antonio Manuel Lopes Vieira de Castro, Manuel de Jesus Coelho, Leonel Tavares Cabral, França, Silva e Castro, e muitos outros, entrando n'este numero não poucos officiaes dos diferentes corpos da guarnição.

Os sediciosos contavam para o bom exito da sua empreza com a artilheria do commando do coronel Passos, o regimento de infantaria n.º 10, alguns esquadrones de cavallaria, e contingentes d'outros corpos, incluindo a propria guarda municipal, que era considerada então como o corpo mais fiel, de que o governo podia dispor.

O boato, que se propalou, de que o coronel Passos ia ser exonerado do commando que estava exercendo, ficando assim a revolução privada do auxilio que, lhe devia prestar a força que, elle commandava, fez com que se designasse a noite de 11 d'agosto para se effectuar a revolução; mas tão apressadamente isto se fez, que nem sequer houve tempo necessario para prevenir a mór parte dos que, n'ella tinham de entrar.

Pelas 10 horas da noite d'aquelle dia, a 4.ª companhia da guarda municipal, que tinha o seu quartel na Travessa dos Ladrões, sahio para a rua, acompanhada d'uns duzentos a trezentos populares, e procurou a adhesão de varias forças militares, a começar pela guarda do hospital da Estrella, mas todas se recusaram a adherir ao pensamento revolucionario que iniciára. O numero dos populares é que foi augmentando, de fórma que pouco depois surprehendiam a guarda do arsenal do exercito, e, arrombando as portas, correram a armar-se de espingardas e espadas, e com tudo o mais que encontraram. A' frente dos populares ia Silva Castro, e dos chefes

membros mais classificados da revolta, foi elle o unico que não faltou.

Ao approximarem-se do arsenal o batalhão de caçadores 30 e outras forças que o governo poz em movimento, os populares pozeram-se logo em desordenada fuga; alguns porém esconderam-se no proprio edificio e n'este numero conta-se Silva e Castro, que, sendo encontrado de manhã escondido n'um armario, ahi foi preso, e conduzido em seguida para o Castello de S. Jorge, conjunctamente com trinta e sete individuos.

José Estevão era um dos conspiradores, mas não compareceu como muitos outros. Seriam 10 horas da noite, Mendes Leite foi procural-o afim de partirem juntos para o Arsenal. Estava em casa a escrever o artigo de fundo para a *Revolução* do dia seguinte.

Ao convite de Mendes Leite para que o acompanhasse respondeu que não ia, porque lhe não *cheirava* e retorquindo-lhe este cavalheiro que era desairoso para elle o não acompanhar os revoltosos depois de a isso se haver compromettido, José Estevão gritou, —«não vou porque a derrota é certa, o toque roufenho d'aquella corneta é o prenuncio d'ella».

A corneta que se ouvia ao longe era a da companhia da guarda municipal a que acima nos referimos.

Mendes Leite vendo que o tribuno não o acompanhava, dirigiu-se só em direcção ao Arsenal mas informado no caminho de que a revolução estava supplantada voltou para casa, onde aquelle o esperava, ansioso de noticias.

Na sessão da camara dos deputados do dia seguinte, o governo depois de haver relatado exageradamente os tumultos da vespera apresentou um projecto de suspensão das garantias individuaes. Para relator foi escolhido Garrett que deu parecer favoravel á proposta do governo. Para o impugnar levantou-se José Estevão que proferiu um discurso magistral e que principiava assim:

«Snr. presidente, entrou o prestito lugubre e traz debaixo das togas o decreto da morte; poucos momentos de vida restam á victima, e em poucos momentos, sobre o cadaver d'ella, levantará seu throno a tyrannia; mas a tyrannia que ha de ser funesta a quem a lembrou, funesta aos que tem de a exercitar!»

Pelo discurso além, ha trechos admiraveis como estes:

«Snr. presidente, a camara ouviu os snrs. ministros, e a camara ha de ouvir-me se não declarar suspensa a ultima das garantias constitucionaes, a ultima das garantias do homem, a liberdade de fallar, de cuja duração eu não concebo muitas esperanças!

Snr. presidente, quando os partidos vêm assim ao campo dos factos, quando elles, prescindindo dos meios, denunciam tão claramente os fins, eu sei que a palavra é um crime e o raciocinio um escandalo, mas, apesar d'isto, quero ainda, por um esforço imaginativo, esquecer-me da situação em que nos achamos, quero por al-

guns momentos aproveitar-me das immunidades d'esta cadeira, usando do direito de fallar perante uma assembleia, que tem obrigação de me ouvir.

Snr. presidente, o snr. ministro dos negocios da guerra declarou, que a espada da justiça cahiria inexoravelmente sobre esses homens illudidos, infelizes, ou altamente criminosos, os tracta a caprichosa jurisprudencia do governo, sobre esses homens que foram despojos de seu miseravel triumpho! Já nós sabemos qual é a espada da lei que ha-de cahir sobre estes desgraçados, é a espada de uma lei facciosa, é a espada da lei do arbitrio, não manejada pelos exercitadores naturaes das leis, mas pela mão dos proprios ministros! E quem são esses inimigos, triste despojo, miseraveis victimas de nossos arrogantes senhores? Alguns são officiaes benemeritos, cujos peitos se ornã com cicatrizes recebidas em batalhas pelejadas pela rainha e pela liberdade, cicatrizes, que se querem abrir pelas balas dos granadeiros em nome d'esta mesma rainha e d'essa liberdade; outros são homens de vida honesta, que não importunam o poder, que não embaraçam as escadas das secretarias, homens que vivem dos seus mesteres, e cuja independencia é para o governo um crime imperdoavel, que só com o supplicio pôde expiar-se!

.....  
 Ministros da corôa! Que fizesteis vós, quando aconselhasteis, quando promovesteis as insurreições em que tendes figurado, e a que deveis riquezas e honras? Como juntasteis vós a força, como illudisteis os incautos, que logares designasteis para se irem procurar armas? Não cingisteis os vossos cúmplices de fuzis e correames? Ministros da corôa! não eclipseis a vossa historia, não escondaes as vossas heroicidades, e, mestres que sois no officio de ordeiros, não trateis agora tão mal uns poucos de aprendizes da vossa profissão. E que attentados se commetteram no meio de todas estas violencias que se nos relatam? Foram presos alguns individuos conspicuos no partido odiado, alguns individuos, que se assentam n'esta camara, e elles foram bem tratados, foram soltos: a revolta poupon-lhes as vidas, deu-lhes a liberdade, e hão-de esses indultados d'hontem votar hoje uma lei sanguinaria em paga da generosidade com que foram respeitados?!...

.....  
 Abule-se a liberdade d'imprensa, estabelece-se a retroactividade de no julgamento para todos os crimes politicos, suspendem-se todas as garantias, e depois d'isto que nos fica de liberdade, que direitos nos restam? Fica apenas esta voz, que os freneticos economistas de tempo em breve suffocarão, ou com algum novo regimento, ou com a introducção da tyrannica ampulheta proscripta em uma assembleia franceza. Que nos resta, snr. presidente, depois de tantas perdas? Apenas uma ficção de liberdade, quatro ministros com o sequito da sua maioria, o absolutismo com criados parlamentares, o

absolutismo arrancado do segredo dos gabinetes para o meio d'esta sala, o absolutismo discutido, sancionado e approved na presença de centenares de testemunhas o absolutismo com escandalo! (*profunda sensação na camara*).

.....

Snr. presidente, tudo o que se tem passado n'esta camara com todos os successos d'esta noute é uma verdadeira farça; o governo tomou esse acontecimento como um pretexto para satisfazer os seus fins politicos, para estabelecer seus planos com menos embaraços; e eu sinto, magoa-me profundamente que o illustre relator da commissão, cuja cabeça em julgava superior a estas pequenas considerações de partidos, cujo espirito elevado me parecia estar ao nivel dos acontecimentos e da moralidade d'esta fórma de governo, sinto muito, digo, que essa cabeça lhe inspirasse e que a mão escrevesse um relatorio mil vezes mais fulminante, mil vezes mais inexacto, mil vezes mais faccioso que o do proprio governo.

.....

Snr. presidente, sinto que os factos me arrastam á convicção profunda de que o fim principal d'esta lei, é um fim apaixonado, é um fim de partido, é um fim de vingança, de que esta lei exprime um desejo de sangue, uma precisão de cabeças. E não fôra melhor e mais nobre reunir essas cabeças n'um campo, chamar esses inimigos, á ponta das bayonetas? Não fôra melhor prescindir de todas as formulas? Não fôra melhor marcar-os com o ferrete de desaffectedos, e entregal-os logo ao carrasco? Não fôra melhor tratal-os como obstaculos materiaes, esmagal-os debaixo do ferro, ou pizal-os aos pés?!!

Em circumstancias mais penosas, quando assolava o paiz *uma revolta*, que se não intentava para a mudança do ministerio, mas para a destruição da lei fundamental, revolta que tinha todo o caracter de guerra, que teve todos os effeitos d'ella, revolta que usurpou todas as prerogativas da corôa, constituindo auctoridades, nomeando empregados, estabelecendo-lhes ordenados, dispondo dos dinheiros publicos; uma assembleia, que zelava com lealdade o principio governativo de então, a despeito dos embaraços que a cercaram, não precisou fazer uma lei tão rigida e sanguinaria: declarou suspensas as garantias; não instituiu tribunaes revolucionarios, não auctorisou conselhos de guerra, nem poz o paiz debaixo de uma lei militar. Então votaram por essa lei, não a pediram mais forte, muitos dos snrs. deputados, a quem agora, em presença de tão pequenos acontecimentos, não tremeu a mão quando assignaram cegamente todas as indicações do governo!... (*O snr. Derramado, com velocidade —Peço a palavra.*) Snr. presidente, esta lei de represalia deshonra quem a toma, e honra quem deu motivo a ella...

O governo, snr. presidente, deu parabens ao paiz porque não tiveram resultado os acontecimentos da noute. O paiz regeita taes

parabens. *Parabens ao paiz?* Porque! Pela honra de continuar a ser governado por um ministerio oppressor? Pelas fortunas e delicias da suspensão das garantias? Parabens aos ministros, porque só elles lucraram com o desfecho da insurreição, parabens aos ministros, porque não estariam agora n'essas cadeiras se a fortuna tivesse favorecido o motim.

Esses negros acontecimentos, esses nefandos projectos, essa revolta espantosa, essa rebelião armada, esse arrombamento criminoso, e feito, segundo o snr. ministro do reino, ás pancadas de um *ariete* que s. ex.<sup>a</sup> nos pintou deitado á porta do Arsenal, com uma voz tão lugubre, temerosa e arrebatada, que julguei nos communicava ter ficado morto no campo da batalha algum elephante, que os revoltosos seguindo a tactica de Metridates tivessem conduzido para escalar os muros da Fundação, um arrombamento feito ás pancadas de um *ariete*, a que na minha terra se chama alavanca ou pé de cabra (*hilaridade*). (O snr. ministro do reino:—Nem uma, nem outra cousa). Snr. presidente, aonde iriam os amotinados buscar um *ariete* para baterem as muralhas do Arsenal?! aonde está esse deposito de machinas de guerra da velha tactica? Aonde estão as catapultas, as balistas? O *ariete* do snr. ministro do reino é um anachronismo militar, é uma amplificação ridicula.

Dizia eu, esses negros acontecimentos, esses nefandos projectos, essa revolta espantosa, essa rebelião armada, esse arrombamento criminoso deram ao governo força, gloria, credito, vida e salvação, porque o livraram da morte, não a mais tormentosa, mas a mais deshonrosa para o poder — a morte d'innanição — que lhe estava eminente, e que já tinha sido preconizada pela sua maioria, que nas ultimas sessões, por tal motivo, havia dado exemplos de pouca subordinação e muita fraqueza.

Os amotinados pois, por insoffridos, prejudicaram o facto, que por qualquer modo estava a consummar-se, e os snrs. ministros devem render muitas graças á cegueira que os precipitou!

Snr. presidente, eu respeito a prerogativa da corôa, rejeito estes meios de ascensão ao poder, não me associo a elles, e no governo está quem sabe se estas são as minhas antigas opiniões; mas tambem reconheço que se as armas da lealdade portugueza se levantassem n'este momento, e d'entre ellas rebentasse um brado de indignação contra o ministerio, que nos deshonra, este procedimento, pouco constitucional, limparia a corôa de uma nódoa negra, que lhe lançou a diplomacia, quando levantou em seus braços a administração de 26 de novembro!... nódoa, snr. presidente, que está denunciada á face da Europa e nos seus parlamentos; nódoa que é já um facto historico e que nenhum dos snrs. ministros pôde negar.

.....  
Snr. presidente, eu reconheço que a resistencia armada é em certas occasiões, não digo um direito, mas uma obrigação. (*Sus-*

*surro*). Se não me quereis conceder este principio, se o reputaes criminoso, ponde todos as mãos sobre o cepo, porque as mãos de todos hão-de cahir junto d'elle. Se a minha doutrina é peccaminosa, todos tendes peccado, mas se o snr. ministro do reino nas suas insinuações teve o pensamento de se dirigir á minha pessoa, quero desenganal-o que se eu fosse chefe de uma conspiração... (*O snr. ministro do reino*: — Dá licença? Já me constou que o nobre deputado desconfiava que eu fizesse uma insinuação á sua pessoa, declaro-lhe que não a fiz). *O orador continuando*: — Bem, e todos assim devem fazer, porque, snr. presidente, se eu fosse chefe de uma conspiração, se eu entendesse que os meus deveres de honra, que as necessidades do meu paiz, exigiam que eu renunciasses a procuração para tomar uma arma, que eu largasse esta cadeira para ir para o campo, os meus adversarios, os chefes do poder, os snrs. ministros que combatessem essa conspiração, haviam de certo vêr-me no meio dos conspiradores, e a victoria não lhes seria tão facil como a de hontem, porque desgraçadamente tinha de ser mais sanguinolenta! (*Sensação*).

.....  
 Reputo esta lei uma especulação feita sobre os acontecimentos da noute, cuja gravidade é mui pequena, e de nenhum modo propria para fundamentar taes medidas; reputo que esta lei dará fructos de tyrannia, ainda mais amargos que os da usurpação, e pela minha parte termino o meu discurso, e talvez a minha carreira publica, e de certo as minhas orações n'esta sessão, porque em breve tenho de me retirar d'aqui por molivos de molestia, declarando, snr. presidente, que tenho a profundissima convicção, de que se o ministerio actual continuar por dous annos na gerencia dos negocios publicos, ficaremos sem os menores vestigios da honra, do nome, da liberdade, e da fazenda da nação: (*sensação, agitação*). São estas as minhas profundas, desgraçadas, e penosas convicções, a que eu não posso resistir, assim como não posso resistir ao dever de as exprimir n'esta hora extrema, n'esta hora solemnissima, n'esta hora a mais negra da nossa vida politica. (*Silencio profundo*).

## XVI

Foi profundissima a impressão na camara por este discurso. Alexandre Herculano, ha muitos annos, n'um jantar e, motivando uma saude a José Estevão fez d'ella uma narração fidelissima. O snr. Bulhão Pato reproduzindo as palavras do mestre descreve-a assim:

« Situação terrivel!

O partido progressista, de que era tribuno José Estevão, tinha

sido, na vespera, apanhado com as armas na mão, arrombando as portas dos arsenaes, com o «ariete de bronze», de que fallou Garret no seu soberbo discurso; o sangue corrêra pelas ruas e praças da capital; n'uma palavra, o attentado contra a ordem e contra as instituições fôra tremendo?

A sessão prolongára-se quasi á noite.

A anciedade pintava-se claramente nos semblantes dos deputados, que representavam o partido que assolára a capital com a revolução da vespera.

A «deusa da ordem», velando o semblante grave, parecia pairar por sobre a maioria, inspirando-a no odio e na indignação da demagogia desatinada e terrivel.

O governo vinha pedir á camara a suspensão de garantias.

A suspensão, n'esse tempo, significava o homisio, quando não o desterro. Rodrigo da Fonseca Magalhães era o ministro do reino.

O relator da commissão, nomeada para dar parecer sobre a suspensão, era João Baptista de Almeida Garrett, auctoridade que se impunha á camara em peso, com o seu grande nome de escriptor e orador.

Caía a noite quando a commissão entrou na sala. A anciedade crescia nos deputados da esquerda. Não havia um fio de esperança. Como soltar a voz, aventurar um brado n'aquella situação de inferno em que o partido progressista se havia collocado?

Renegar a revolução não podia; aceitar-a era protestar contra os principios, contra as instituições e contra a sua propria posição dentro d'aquella casa.

A commissão seguiu com ar solemne e passo tardio até ao centro da camara. Garrett tinha no rosto a expressão severa de Cicerone na hora suprema de julgar a conjuração de Catilina.

Que voz andaz ousaria erguer-se em tal momento para defender a conspiração e os conspiradores?

O silencio, precursor das grandes tormentas, reinou na camara.

De repente viu-se a figura de José Estevão erguer-se, não tímida e perplexa como réu diante do juiz inexoravel, mas erecta, firme, inspirada, como a do apostolo que, em presença da condemnação imminente, desafia a colera dos seus julgadores, e convicto de seus principios, repete com ardor o «credo» da sua religião, mais ufano de colher as palmas do martyrio diante da grandeza da morte do que os laureis da gloria em presença das vaidades da vida!

Os cabellos em desordem, o rosto bello e varonil, pallido de tantas commoções e tantas vigílias, o braço erguido, parecia aquelle homem que tinha o idolo levantado sobre a espadua, como a sibyla! Nos olhos os relampagos da colera divina, nos labios tremulos o sopro da deusa que o inspirava — a liberdade!

Apontando para os seus adversarios rompeu o discurso por estas palavras:

— «Entrou o prestito lugubre e traz debaixo das togas o decreto da morte. Poucos momentos de vida restam á victima; em breve sobre o seu cadaver levantará um throno a tyrannia, mas tyrannia que será funesta a quem a lembrou, funesta a quem a proteger, funesta a quem tiver de a exercitar.»

Quem o ouviu, e estão ainda vivos alguns, entre elles A. Herculano, affirmam que é indscriptivel o effeito d'aquella voz e a magia d'aquella palavra!

A escuma em frocos cobria-lhe o bigode e salpicava-lhe a barba. Assim o corseil arabe, na impaciencia marcial, morde o freio escumante ao ouvir o clarim da batalha!

A impressão nos proprios adversarios era tal, que a maioria hesitou em dar o voto ao governo.

Foi preciso que João Baptista de Almeida Garrett se levantasse, pronunciando o melhor discurso da sua vida, para vencera quelle moço de vinte e nove annos, que fizera os seus estudos pelos albergues da emigração e tomára notas sobre o tambor vibrante ainda de rufar á carga».

Na opinião dos menos parciaes de José Estevão o discurso que este pronunciou na sessão de 12 d'agosto, foi um dos melhores de toda a sua vida mas tambem não se pôde negar que o de Garrett foi soberbo, segundo o testemunho dos que o ouviram. Mas foi de tal modo reaccionario, que julgou melhor não lhe dar publicidade, e é este o motivo porque o poeta não devolveu as notas tachygraphicas d'este discurso. Affirmou-se então e parece que com todos os visos de verdade, que o ministro do reino Rodrigo da Fonseca Magalhães o presenteou com um conto de réis, por elle com o seu famoso discurso lhe ter alcançado a approvação do projecto.

## XVII

No dia seguinte a *Revolução* abria com este artigo escripto por José Estevão:

«Este numero é o canto do cysne. A'manhã já é defeza a livre communicação do pensamento: amanhã já o silencio da escravidão pesa sobre o paiz: amanhã já o enunciado de opiniões é um crime: amanhã já os jornaes estão condemnados como instrumentos de anarchia; amanhã já a censura dos actos governativos é um arrojio: amanhã finalmente já o governo é superior a todas as intelligencias, e gosa de infallibilidade em seus desejos e doutrinas.

«Hontem em sessão de dez horas apresentou-se, discutiu-se e approvou-se a lei da suspensão de garantias.

«A camara entre alaridos, applausos e vozerias, ebria com a victoria de seus annos, e tomada de vingança, decepou todos os direitos constitucionaes, e entregou os cidadãos portuguezes á tyrannia do governo.

«Amanhã a mesma lei passará no senado logo depois receberá a saneção régia; e o paiz será subjugado.»

Em razão do projecto do governo ter de subir á camara dos senadores, para ser discutido, ainda se publicou o n.º da *Revolução* respeitante ao dia 14: José Estevão voltou de novo á arena escrevendo um artigo como rarissimas vezes os escreveu melhores.

Começava assim:

«Ainda a garantia da discussão parlamentar, unica que pouparam os nossos oppressores, para fraudulento simulacro da liberdade, deu mais quarenta e oito horas de vida á sua preciosa irmã — a garantia da imprensa.

Graças á illustrada e corajosa opposição do senado; porque em quanto lá estão soando as vozes da verdade, e os brados da lei; em quanto lá se está rasgando o diaphano véo, que encobre as negras tenções do governo; em quanto lá se entoa o venerando *requiem* aos foros do paiz, ainda nos é licito fazer a nossos concidadãos a narrativa fiel dos acontecimentos, apontar-lhes o futuro, que nos ameaça, e por-lhes diante dos olhos um a um os criminosos fabricadores dos ferros, que nos vão opprimir.

Sim: a tyrannia já se não reбуça, já se não acanha: confessa os seus fins, ufanisa-se de seus meios: responde aos prognosticos de horror com a protestação de seus maleficios, e ás vezes dos queixosos com os risos do escarneo.

Os sacerdotes d'este culto nefando gabam-se do seu officio, ostentam as suas decorações, e entoam em alto côro as rezas de sangue e carnagem, que propiciam o numen seu culto.

Roubando, e não merecendo a confiança dos povos, fabricando para si e por suas mãos um mandato, que a urna nunca lhe entregaria, fizeram-se legisladores do paiz, para se converterem em seus verdugos, começaram a sua carreira por um grande *latrocinio* de confiança; deviam acabar a vida no patibulo do desprezo publico. Só lhes restava um meio de salvação — podiam trocar a morte pela infamia; não hesitaram na troca, fizeram-se carrascos para viver.

Por effeito de suas obras d'aqui a vinte quatro horas ninguem tocará sequer no rasto do poder: ninguem poderá sequer lançar vistas superciliosas para os executores de seus flagicios: ninguem poderá sequer soltar um ai de queixa, romper um desafogo de indignação. Por effeito de suas obras d'aqui a vinte quatro horas o silencio dos tumulos dominará o paiz; e no meio d'esta solidão sentados sobre as ruinas da liberdade só os arautos do governo intimaram a seus escravos os decretos da morte; e o genio da calumnia e da lisonja entoaram depois o horrendo cantico de injurias á innocencia, de homenagens ao

poder. Por effeito de suas obras d'aqui a vinte e quatro horas os interesses da nossa fazenda, o pundonor do nosso nome, os penhores da nossa independencia e a fortuna dos nossos direitos só terão defensores nas casas consistoriaes dos commissarios do governo; e suas vozes ficarão suffocadas entre as paredes que os encerram, sem que seus echos de justiça e consolação possam percorrer o paiz, e à Europa, para desaggravo da nossa honra e confusão de nossos inimigos.

Um momento de enojo, um ataque de mau humor, um capricho durão garrote n'este ultimo phantasma de liberdade; e os sêllos de Cromwel sellarão as portas de S. Bento quando as mordanças de Polignac já tiverem suffocado as vozes da typographia.

Nunca o governo e a sua maioria se apresentaram tão unidos; porque nunca houve assumpto para que os puxassem tanto as inspirações do coração. A suspensão das garantias é uma bandeira de vingança, e as camaras e governo só tem valor ao aspecto d'estas côres só sabem pelejar em volta d'este pendão. A suspensão das garantias é uma medida tyrannica, e a camara e governo só folgam com a tyrannia, só se unem com este laço. Tyrannicos na origem, e na missão camaras e governo lêem no sepulchro das leis as recordações do seu nascimento, e a sorte do seu futuro, e travam em volta do cadaver da liberdade as danças selvaticas que os antropophagos celebram em torno das fogueiras, que queimam os restos de suas miseraveis victimas. A suspensão das garantias foi para as camaras e para o governo um banquete carniceiro: n'elle saciaram sua fome de arbitrio, e fraternisaram cordelmente entre os brindes à morte dos seus generosos adversarios.

Fallamos nós de suspensão de garantias! Foi mais: foi a anniquilação de todas as fórmulas, a offensa de todos os principios, o assassinato da lei fundamental, a inauguração da espionagem, e canonisação dos tribunaes revolucionarios, finalmente a morte e o desterro de todos os cidadãos livres. Foi mais: foi um esforço de tyrannia, que assombra os feitos da usurpação: foi um aperfeiçoamento amplificado às alçadas do Porto, às commissões do castello: foi um epilogo dos horrores dos governos da anarchia e do despotismo: foi uma traducção augmentada e correcta dos institutos de Torquemada e das maximas de Robespierre.

Depois de historiar como se effectuou a fallada revolta e dos direitos que o governo disse assistir-lhe para suspender as garantias conclue:

Que é pois a suspensão das garantias apresentada pelo governo? Que character apresenta? Em que doutrinas se funda? Em que exemplos se fundamenta? E' ella um exemplo o primeiro e por ventura o ultimo em nossas dissensões, em nossos governos; porque a crueldade de nossos adversarios nunca hade cançar a nossa generosidade. Nem elles podem deixar de vingar-se, nem nós podemos resistir aos incentivos de perdoar.

Fez-nos Deus assim, é só Deus nos pôde matar. Esta é a nossa máxima; e os nossos adversarios não podem comprehender a sublimidade d'esta doutrina. Tambem elles tem Deus, e esse Deus tambem mata; mas seguem o polytheismo, por que tem tantas divindades quantos os membros das suas alçadas; e perante ellas querem sacrificar tantas victimas quantas as cabeças que não pensam como as suas, quantos os corações que não podem reprimir as palpitações de indignação ao aspecto de suas infamias.

Quando na camara dos deputados entrou nas mãos da commissão assassina o decreto exterminador dos cidadãos portuguezes, tomou esta historica assembleia um aspecto de solemnidade cruel, de prazer rancoroso; prerompeu em uivos de vingança, em applausos de tyrannia; manifestou tanta impaciencia por vêr consummado o sacrificio das immunidades nacionaes, que é difficil encontrar uma pagina de boa comparação entre esta scena de horror e os transes de barbaridade que avultam nas chronicas das commissões facciosas, dos tribunaes sanguinarios desde os tempos feudaes até ás justicas revolucionarias da republica franceza, que tinham cadaveres por assentos, e a guilhotina por emblema.

Aberta a discussão, e impugnado energica e concludentemente o parecer da commissão pelo sr. José Estevão, rompeu o sr. Garrett o seu velho discurso da *suspensão de garantias*, discurso que elle preparou quando estava ao serviço do ministerio Dias d'Oliveira, e que agora recitou para servir o ministerio, e que recitará sempre para servir todos os ministerios que Deus nos der e opprimir todos os partidos, em que se divida o nosso pobre paiz.

E' com effeito notavel, que o nome e os triumphos oratorios do sr. Garrett andem unidos a estas medidas de excepção, e que a sua voz se levante sempre n'estas occasiões para deprimir os pequenos, e exaltar os grandes, para pedir sangue, e exigir perseguições.

O illustre bardo da suspensão das garantias, que não faz discurso de graça não deve ter ganho pouco á custa das imprudencias, e revezes dos partidos, e não sabemos quem calcula com mais attenção, quem espera com mais anciedade por esses casos horrorosos de sedição, se o prégador que tem sermão certo n'estas festas, e que fica sempre bem com os irmãos de cargo, se os desagradados modernos d'essa confraria revolucionaria, que ficam as mais das vezes arruinados com as despesas das funcções, em que quasi sempre chove.

Por effeito d'uma d'essas sedições o sr. Garrett foi tirado do fundo da sua casa, a que o tinha condemnado o desprezo publico e elevado a cargos importantes, collocado em posições proveitosas, e enfeitado com distincções de honra.

Se s. exc.<sup>a</sup> se lembrasse do tempo (que não passou á muito) em que se viu obrigado, para subsistir, a assalarariar a sua penna

contra o partido que hoje incensa, e que então cobriu de injurias, certamente não seria tão orgulhoso, arrogante, e ingrato para quem fez a sua carreira, e lhe abriu o caminho da fortuna.

Fôra longe o enumerar todas as asserções falsas, todas as doutrinas erroneas, todas as insinuações perfidas, todas as declamações lisongeiças que o snr. Garrett recitou; pois fica entregue a si mesmo e á sua vida, que é para elle um flagello, porque o obriga a repetidas apologias.

No senado a sessão foi mais regular, e toda a opposição se distinguiu por sua coragem, logica e eloquencia.

O snr. visconde de Sá, Manoel Duarte Leitão, e barão da Ribeira de Sabrosa bem mereceram do paiz n'esta noite memoravel.

A lei amanhã ha de ser sancionada, e esse momento é o ultimo da liberdade.

Preparemo-nos pois para este golpe com desassembro, e esperança».

#### XVIII

Na celebre sessão de 12 deu-se um facto que é dever meu lembrar aqui que não só diz respeito a um dos maiores senão o maior amigo de José Estevão como tambem porque este violentando sem duvida a sua consciencia, votou uma proposta que não devia votar.

Na camara electiva, o deputado Alheira propoz um voto de agradecimento á guarnição da capital pelo seu nobre e leal comportamento em a noute antecedente, o que foi approvedo».

Houve porém um deputado, um unico, que votou contra. Foi Mendes Leite.

O ministro do reino Rodrigo da Fonseca quiz por todas as fórmas evitar que a declaração do snr. Mendes Leite fosse consignada na acta, mas como o não podesse conseguir, fez com que o nome d'este cavalheiro fosse omitido.

Na sessão de 13 levantou este incidente o deputado Silva Carvalho, que propoz que se declarasse na acta quem foi que não votou agradecimentos; porque se o mesmo snr. deputado teve a nobre franqueza de o declarar, se ha louvor n'isto, deve-se-lhe dar.

Depois de alguma discussão em que tomaram parte varios deputados, foi approveda a proposta de Silva Carvalho, perpetuando-se assim a declaração do snr. Mendes Leite, que teve a nobre coragem de dizer o que sentia, o que não fizeram os restantes deputados da opposição, e entre elles José Estevão que assim como elle haviam tomado parte mais ou menos na revolta.



## IV

Garrett reforma o conservatorio. — José Estevão faz o elogio de José Ferreira Pinto Basto. — Recomposições ministeriaes. — Deputados comprados. — Restauração da Carta. — Guerra á *outrance* que faz José Estevão á nova ordem de cousas. — Apreciação parlamentar de José Estevão do *Portugal velho*. — Perseguição á imprensa. — José Estevão defende o *Portugal velho*. — Defeza d'um reu, accusado de tentativa d'assassinato.

# bibRIA

Quando Garrett na sua reforma do Conservatorio da arte dramatica lhe deu um character academico, estabeleceu que em todos os annos, em sessão solemne, se lesse o elogio historico de cada um dos socios fallecidos. A primeira vez qua isto se fez foi em 21 de dezembro de 1841. Foi uma festa brilhantissima em que tomaram parte Garrett, Castilho, Herculano, Mendes Leal, Veruhagem e José Estevão, lendo os mais eloquentes discursos panegyricos. A José Estevão coube o de José Ferreira Pinto Basto, e d'essa missão para elle nova, sabiu-se muito bem como de tudo o mais, fez um admiravel discurso academico. O seu talento amoldava-se grandemente a todos os generos da oratoria, testemunho d'isto é o discurso. Eis como José Estevão começou :

« Quando, senhores, se observam os limbres das nações humilhadas, a memoria dos grandes feitos apagada, as letras deshonoradas, e o ondear das chammas que se alevantam das fogueiras accesas pela superstição e fanatismo: quando se considera a ingratição das republicas, e o reger ferreo dos monarchas: o ostracismo do Areopago e a lanceta dos imperadores romanos: quando o homem acordado do seu somno de illusões patrioticas por esses phantasmas de sangue, pergunta a si mesmo porque ha-de amar a patria, responde-lhe o coração — que ella é o seu berço, e brada-lhe a religião, que ella ha-de ser a sua sepultura.

« É necessário sentir as affeições patrióticas n'esta sua ingenuidade para resistir a duas forças poderosas e sedutoras que hoje trabalham em alluir o espirito das necessidades. E' a primeira d'ellas esse cosmopolitismo jactancioso, triste exaggeração do seculo philosophico que a gravidade das ideias modernas vae corrigindo, e que apenas se conserva como um sophisma anachronico e artificioso contra a liberdade dos povos pequenos: á a segunda essa mobilisação sempre crescente das riquezas, que tirou o mundo das garras do feudalismo, mas que hoje parece querer entregal-o á prostituição mercantil, que não conhece patria nem penates.

«O snr. José Ferreira Pinto Basto, despresou com superstição patriótica estas perigosas tentações.

«As viagens pareceram-lhe sempre ingratição ao paiz; a crença no poder estrangeiro, um insulto ao nosso pundonor: o emprego dos capitaes fóra do sólo patrio, um attentado contra a moral publica: a confiança da inferioridade das nossas coisas, uma fraqueza imperdoavel».

Referindo-se á rasgada iniciativa de José Ferreira Pinto Basto, disse José Estevão:

«Dominado profundamente das tendencias do seu tempo, votou todo o cabedal do espirito, toda a copia dos seus meios, ás empresas industriaes, e exercitou n'ellas com enthusiasmo a sua paixão pelo engrandecimento publico, e os seus sentimentos de beneficencia.

A minha terra natal foi o logar escolhido para estes grandiosos trabalhos. A saudade e gratidão d'um povo ousado e livre não deslustra esta respeitavel cerimonia. Permitti pois que a oblação d'estes sentimentos se misture tambem com os accentos da vossa dôr.

A estrella cadente da prosperidade d'este povo brilhou com renovada luz; as suas tradições commerciaes reanimaram-se; as carreiras da sua navegação pareciam abrir-se de novo; e este pequeno simulacro de Veneza, pelo seu solo retalhado de aguas navegaveis, e contraste d'ella pelas propensões de seus filhos, ia já cobrir-se de suas antigas galas.

Tudo isto foi um sonho passageiro. As diligencias do homem foram contrariadas por causas insuperaveis, e os seus estabelecimentos commerciaes succumbiram ao peso d'ellas <sup>1</sup>.

Junto ao logar d'esta tentativa infeliz eleva-se logo um grande estabelecimento industrial. Não se ordenava uma empresa conhecida, creava-se uma industria. Era necessário estudar os seus methodos, reunir os soccorros da sciencia, levantar tudo dos elementos primi-

<sup>1</sup> Refere-se José Estevão á fabrica de moagem no Cojo, e á fabrica de soda no Alboi, que Pinto Basto estabelecera em Aveiro, e que não chegaram a funcionar.

tivos. O homem que concebe esta ideia busca preencher todas aquellas indicações, e no seu empenho em dar vulto a um pensamento predilecto, entrega-se a trabalhos estranhos á sua educação.

Todas as artes auxiliares d'aquella bella industria são alli ensinadas e praticadas; talentos condemnados a guiar o arado vão ahi dar documentos da nossa aptidão universal; e a mocidade recebe, com meios novos de subsistencia, uma educação collegial. A' custa de perseverança indomavel são creados tamanhos esforços, e funda-se assim a nossa independencia em um ramo de industria destinado não só a satisfazer precisões e commodos domesticos, mas até os extremos da civilisação material».

E termina assim:

« Consagremos tambem ao culto venerando do nosso paiz o cinzel, a palheta, a penna, e a voz: honremos os tumulos de todos os homens que o teem honrado, e esta nossa nacionalidade fortificada pela religião dos mortos, santificada pela milagrosa nação das artes, lançar-se-ha confiada nos braços do destino futuro do mundo, tomando por symbolo da sua honra o pundonor, as aventuras do Magriço e as victorias do condestavel.

Durante este anno de 1841, teve logar mais d'uma recomposição ministerial, todas porém foram combatidas por José Estevão, pois com a mudança de ministros não mudaram os principios *ordeiros* que elle atacava. A opposição de José Estevão tanto na camara como na imprensa, era violentissima. Rara era a sessão em que elle não usava da palavra para combater os actos governativos, e nem um só dia a *Revolução de Setembro* deixava de verberar os ministros. Os deputados da maioria tambem muitas vezes não eram poupados. Um exemplo basta. Na sessão de 28 de maio houve votação nominal por proposta de José Estevão sobre um additamento qualquer. Trinta e oito deputados votaram com o governo e igual numero votou contra. O ministerio tinha portanto de demittir-se ou de dissolver a camara. Nada d'isto fez. *Comprou* alguns deputados na phrase de Rodrigo da Fonseca annos depois tão repetida.

Na sessão seguinte (29 de maio) repetiu-se aquella votação tendo o gabinete 7 votos de maioria. A razão d'isto foi seis deputados approvarem agora o que na vespera tinham rejeitado. José Estevão stigmatizou este procedimento n'um artigo da *Revolução de Setembro* e que principia:

« Enganamo-nos. Não julgamos tão potente a venalidade, nem tão descarada a ambição: ha no requinte dos vicios alguma cousa de incomprehensivel.

É bem difficil aventurar previsões politicas n'esta época. A corrupção está tão audaz em suas concepções, tão atrevida em seus meios, que ninguem pôde assignalar o alcance das suas obras: é um profundissimo abysmo, a que não chegam sondas ordinarias, e para que não prestam as formulas de calculo conhecidas. Não é pequeno

martyrio ter de commemorar os escandalos depois de acontecidos, ter de apalpar esses monumentos de devassidão, e de cravar a vista no sepulchro da moral e do systema representativo. A historia é bem negra para que a prophesia seja grata.

Enganamo-nos: foi uma fortuna. Não antecipamos o soffrimento publico; vivemos por algumas horas n'uma illusão honrosa; demoramos o supplicio do paiz. Agora sinte-se o mal quando elle realmente apparecer, e agradeça-se á nossa fraqueza a ventura d'esta folga.

Dissemos que era infallivel ou novo gabinete, ou nova camara. O prognostico foi desgraçado: as premissas eram falsas. Contavamos que não havia na camara quem vendesse a consciencia em *hasta publica*, quem votasse em 24 horas em favor e contra o ministerio, quem desertasse cobardemente das suas cadeiras, quem se conspirasse contra seus proprios factos. Contavamos que no ministerio ainda havia pudor ao menos calculo para não repetir espectaculos de ambição torpe e pueril, e juizo para avaliar que o poder se annullaria de todo em suas mãos depois de fraccionados os elementos de apoio que até aqui lhe tinham dado um simulacro de vida. Contavamos que n'esses conselhos supremos, n'esses estadistas directores ainda se acharia alguma cabeça capaz de entender que o descredito é um facto politico, que não ha paiz tão amolecido que se não irrite com o escarneo, nem throno tão poderoso, que possa isolar-se da nação. Fomos muito innocentes».

## II

Estou escrevendo a biographia de José Estevão ou antes armazenando elementos para ella, e não a historia contemporanea do paiz, por isso não direi como o ministro da justiça veio ao Porto em 1842 e ahi fez uma revolução com o fim de restaurar a *Carta Constitucional*, como esta revolução se repetiu em Lisboa, como ministerio presidido por Joaquim Antonio d'Aguiar se demittiu, como houve outro que só durou tres dias, e que afinal se organisou um presidido pelo duque da Terceira e foi oficialmente proclamada a restauração da Carta, porque em tudo isto o papel politico de José Estevão se limitou a alguns artigos vehementemente aggressivos publicados na *Revolução de Setembro* contra os restauradores. No numero de 15 de fevereiro escreveu José Estevão com o titulo—*Historia das vinte e quatro horas* um artigo que occupa nove columnas do jornal e que abre por esta fórma:

«A Carta formava as delicias da cõrte, e a sua restauração era um empenho de interesses e de paixões para os cortezaõs. A rai-

nha tinha compromettido n'esta pendencia o seu amor proprio; o rei vinculando a ella todo o seu futuro de ambição».

Por decreto de 10 de fevereiro foram dissolvidas as camaras e por um outro de 5 de março mandou o governo proceder a novas eleições, fixando para a eleição o dia 19 de junho. O ministerio lançou mão de tudo para vencer as eleições, não houve prepotencia de que não lançasse mão, nem escandalo que o detivesse. A opposição tambem fez o que pôde. Todos os partidos adversos ao ministerio, sem excepção do miguelista, se coligaram, e assim foram à urna. Apesar de todos estes esforços a opposição apenas triumphou no circulo da Extremadura. José Estevão que havia apresentado a sua candidatura por Lisboa saiu, portanto, eleito deputado, apesar da opposição individual que lhe fez Costa Cabral e que nos seus jornaes o accusava de «republicano iberico».

Abertas as camaras, e logo nas primeiras sessões, José Estevão iniciou a campanha contra o ministerio, capitaneando quasi sempre a opposição.

Em setembro o jornal miguelista, *O Portugal Velho*, publicou um artigo anonymo mas estranho à redacção, que foi então muito procurado. Intitulava-se: *A minoria da Camara electiva em 1842*.

A apreciação que se fez ahi de José Estevão é esta:

«O snr. José Estevão. — E' a alma e a vida do congresso. — Nada lhe falta para possuir todas as qualidades do primeiro dos nossos oradores: o mais sublime dos declamadores portuguezes: a declamação é o seu forte, o improviso, o seu elemento. Com tanto talento, e com tanto espirito mal se pôde sugeitar às fastidiosas regras do classico parlamentar: elle é o deputado romantico!! Optima figura, bella phisionomia, animação, graça, força, engenho, harmonia, e maneiras affaveis, — que lhe faltará para arrebatá a seu bel-prazer a maioria da camara! Mais liberdade da parte d'esta... as maiorias vêem reunidas de fóra, mal se podem convencer dentro do parlamento; comtudo o fogoso orador faz da camara quanto lhe é possivel fazer: quando elle falla a camara e as galerias ficam mudas, e como estaticas! Já isto é uma assignalada victoria! é a primeira das corôas parlamentares concedida aos seus mais dignos ornamentos. Ha trechos dos discursos do snr. José Estevão, que teem ficado na memoria dos espectadores, como emblemas do seu engenho e da sua galanteria. E' o unico orador que tem poder sobre as massas».

A opposição que José Estevão fez ao ministerio Pereira Cabral, foi constante, mas ainda assim ficou muito àquem da que elle fizera aos primeiros ministerios ordeiros. Principiavam as dissolu-

ções, e a necessidade de que era preciso lançar mão d'outros meios de combate antolhava-se-lhe cada dia mais urgente.

A perseguição contra a imprensa por parte do governo era constante, as querellas elevavam-se ás duzias sobre os jornaes opposicionistas. José Estevão que nunca quiz ir ao tribunal defender o editor da sua *Revolução de Setembro*, que por dezenas de vezes se foi sentar no banco dos reus, por causa dos artigos que elle e Rodrigo Sampaio escrevião, offereceu-se para defender o jornal miguelista — *O Portugal velho*. A audiencia teve logar em 5 de dezembro de 1843, e n'esse dia o tribunal foi demasiado pequeno para conter um terço da multidão que concorreu alli para ouvir o tribuno. José Estevão, alma aberta só para o bem, deu n'esta occasião uma prova de grande tolerancia politica que foi sempre um dos artigos do seu credo, e mostrou como se esquecem velhos agravos e se sabe perdoar emfim.

O discurso foi reproduzido pelas notas tachygraphicas de dois tachygraphos que para o tribunal mandou a redacção do jornal accusado, e depois publicado n'um opusculo, hoje rarissimo. São 32 paginas de formato grande, o discurso, por isso impossivel é reproduzil-o aqui. Perante esta difficuldade direi apenas o final do discurso que é o que segue:

« Respeitae as convicções que se não oppõem á ordem publica, que não passam de um testemunho de respeito pelas saudosas recordações, em que faz consistir seu limbre de honra o partido digno de nossos respetos pela constancia com que acata no throno de seus corações, com respeitosa devoção, um principio esteril de resultados.

Não nos peze pelo assim ter praticado, que eu vou dar-vos um testemunho de que reconheço a excellencia da tolerancia, de que sei ser piedoso e indulgente, de que sei sacrificar os caprichos ás conveniencias sociaes?

Quando os horrores da perseguição pesavam sobre nossa malfadada patria, na terra em que nascemos estava homisiada uma pessoa de nossa familia que nos era extremamente cara.

O infame digito do delator deshonorado atreveu-se a sacrificar o socego, a perturbar a paz, a destruir a ventura de uma familia consternada, apontando o esconderijo em que apenas passou entre receios uma vida attribulada um homem respeitavel.

Houve um homem que alli foi, que correu sua mão sobre o infeliz, e que fechando os olhos, fingia não vêr a victima apontada.

O homem retira-se, mas quando já tinha deixado respirar o attribulado, um impulso de lealdade, e cheio de consciencia, obrigado por um sentimento erroneo de justiça, voltou atraz, e disse: — eis-aqui o homem. — O malfadado coberto de injurias, opprimido, algemado foi conduzido ás prisões de Almeida, e lá terminou o ho-

mem honrado sua virtuosa carreira entre os horrores de um carcere solitario e duro!

A minha alma cheia do horror que inspirava o facto, perdeu a sua força, e nos momentos de uma dôr indefinivel concebeu a ideia de um crime! Do mais horrendo de todos os crimes, associado á maior de todas as fraquezas. Sim, senhores: associei á vingança jurada, a necessidade de commetter o assassinio!

Delato-me ante vós, e concebi esse nefando projecto! Eu jurei com toda a força de minha alma passar com um punhal aquelle peito de que brotaram as amarguras que soffrêra!

Passaram-se muitos annos sem que o immolador avistasse a victima: o crime não passou de projecto, porque ha dias estando eu em minha casa, entrou n'ella esse homem, cujo exterminio eu considerava um a de minhas maiores delicias; estendeu-me a mão: e essa mão que devia apertar o punhal, apertou a sua; o braço que o havia de arrojar sem vida no vacuo da eternidade aproximou-o do coração!

É assim que um homem firme na razão de sua boa causa abandonou a premeditada vingança; é este o meio de tomar vingança das offensas dos partidos.

Segui pois, senhores, o nobre principio da tolerancia quando ella não offenda a justiça. Imitae a prática dos paizes mais civilizados.

N'essa famosa França não duvidou, depois de grande victoria, á face da representação nacional, o respeitavel *Chateaubriand* sanctificar com o seu voto os principios de sua crença politica.

Vêde senhores, como não se envergonham á face da Europa os legitimistas francezes de irem render seus respeitos ao ultimo ramo da dynastia dos Bourbons, e isto quando nas ruas de Londres passeia aquelle que occupa o logar que a elle pertencia segundo o direito velho.

Respeitae, sim, respeitae as innocentes crenças do *Portugal Velho*, consenti que elle lance uma saudade sobre a campa que lhe escondera para sempre o idolo que adorava!

N'esta hora extrema, n'este momento final sêde o que deveis ser, sereis assim justos e respeitaveis.

Entrego em vossas mãos o processo, e espero cheio de confiança que vossa deliberação corresponderá á ideia que de vós fórma o paiz».

A eloquencia de José Estevão arrancou ao jury a absolvição de *Portugal Velho*, mas no dia seguinte os jornaes ministeriaes dirigiam por este motivo as maiores diatribes ao tribuno. Este porém não os deixou sem resposta, pois n'um artigo da *Revolução de Setembro* de 9 de dezembro dizia:

«O defensor do *Portugal Velho* e a gente da *Revolução* sustentaram no campo a causa da liberdade e o throno da rainha: esta causa não era de um partido, nem de uma facção politica — as

garantias da Carta não são para meia dúzia de homens, nem para os vencedores só — são communs a vencedores e vencidos.

Sustentar no fôro ou na imprensa a liberdade da discussão não é contrariar o acto de ter sustentado a Carta no campo — é ser coherente — é querer que se goze na paz o que se conquistou na guerra. Eis-aqui a posição do defensor do *Portugal Velho*, e a da nossa folha.

A posição dos jornaes do ministerio é diversa. Essa gente que os escreve ninguém a viu nos dias das pelejas — estava açapada, porque os empregos são para os que ficam, e não para os que morrem. Mostra essa corja todo o seu liberalismo berrando contra a liberdade de imprensa, e querendo privar d'ella uma parte dos portuguezes — são esses os seus unicos titulos de gloria, que não pôde apresentar outros.

Liberaes, que é dos livros mestres aonde se acham os vossos assentamentos de praça? Em que acções entrastes? Gritaes só agora para encobriredes a vossa nullidade? Essa gente que ninguém viu na lucta, e a quem faz tão mal o cheiro da polvora é a que ousa censurar-nos! — essa gente cujo nome só figura no orçamento, que invadiu, e d'onde lançou fóra os mais valentes soldados da liberdade.

Já se vê que uma sucia d'estas não é habil para julgar d'estes assumptos. Clama contra os miguelistas porque se quer justificar de o haver sido — é como os grandes perseguidores do tempo de D. Miguel, a maior parte do quaes tinham sido furiosos demagogos ».

## IV

Annos depois, José Estevão, voltou ao tribunal da Boa Hora defender um réu. Não se tratava agora d'um delicto de imprensa, mas sim d'um crime grave. Um boticario era accusado de ter passado uma obrigação de um conto de reis a certo facinorá para lhe matar o sogro, marchante riquissimo, cuja herança a mulher do pharmaceutico havia de receber. A accusação era representada além do delegado do ministerio publico, pelos distinctissimos advogados Paulo Midosi e Pinto Coelho. José Estevão era o defensor.

Os debates começaram ás nove horas da manhã e foi só ás dez da noite que coube a palavra a José Estevão.

Fôra difficil descrever o movimento de excitação, escreve um seu biographo, o murmurio de anciedade comprimida que subitamente resoou por toda a sala do tribunal, logo que o orador se ergueu. A impressão que este acolhimento fez no juiz, nos jurados e nos advogados contrarios, foi bem comparavel á do grande Condé quando n'uma grande festividade, vendo apparecer no pulpito o eloquente Bourdaloue, impacientando-o o sussurro do povo, bradou em

alta voz, sem reparar que estava na egreja, *silence!* E vendo que se não aquietavam, repetiu: — *silence donc! l'ennemi est en présence!*

Mal ageitado com a toga, de bigode e barba cerrada, o que então era contra a pragmatica forense, de pé no meio do tribunal, com o garbo militar que então conservava, parecia mais um cavalleiro da antiguidade que alli apparecêra a quebrar lanças pela innocencia accusada, que um advogado dos nossos auditorios.

O exordio condizendo com a figura e representação do orador, sahiu-lhe dos labios com tal fogo e arrebatamento, fulminando os ardis e intentos da accusação, que o processo, n'aquellas primeiras chammas, ficou reduzido a cinzas.

Passando ao relatorio dos autos, traçou um quadro cujo desenho e colorido maravilhou o auditorio, pelo retrato dos actores d'aquella tenebrosa causa, pela analyse dos incidentes cavilhosos que a tinham enredado, e pelas definições juridicas, moraes e ironicas dos capitulos da accusação.

A pintura do espião astuto que dêra fio para aquella teia; a historia do marchante accusador, homem duro de coração, tão carregado de odios como de cabedaeas; a fama do malleitor com que agiotava o inculcado assassino; o character pusillamine do boticario, e a demonstração da inculpabilidade dos actos suggeridos pelo medo, cuja enfermidade o orador estranhou quizessem curar nos tribunaes; tudo isto foi descripto com arte, valentia de imagens e de expressão, com tanta facundia e matiz oratoria, e ao mesmo passo achegado ao alcance e percepção dos jurados, que não podia deixar de convencer que toda aquella accusação era phantastica.

Na contestação do discurso do advogado do accusador, o dr. Pinto Coelho, um dos poderosos athletas do fôro, foi José Estevão inexecedível. Umavez severo e impetuoso, confutando os argumentos contra os argumentos contrarios; outras benevolo e risonho, provocando a hilariedade, conseguiu anniquilar o effeito que a oração notavel do seu adversario havia produzido no animo dos juizes.

A peroração, onde difficilmente primam os oradores mais impetuosos e repentistas como era José Estevão, foi a radiante corôa de tal discurso. Esmaltado pelos toques da sensibilidade que lhe era natural, reluzindo pela invocação aos affectos que mais podiam mover o coração dos julgadores, as lagrimas de enternecimento que reventaram no auditorio, deram testemunho de que o orador arrebatando-lhe os sentidos, tinha juntamente arrebatado das mãos da justiça a victima de tão tenebrosa cilada ».

A audiencia prolongou-se até ás 4 horas da manhã. A sala, os corredores e escadas do tribunal, estiveram constantemente cheias de povo, tal foi o effeito da palavra arrebatadora e magica do tribuno. O boticario foi absolvido e a sua absolvição deve-a em grande parte a José Estevão.



## V

Preparativos de revolta—Revolução de Torres Novas—Cercos de Almeida—José Estevão em Traz-os-Montes—A sua cabeça posta a preço—Esforços mallogrados—Segunda vez emigrado—Carta a Garrett—Passos Manoel faz a apologia de José Estevão—Apreciação do tribuno por D. João de Azevedo—A Maria da Fonte—Regresso à patria—Jantar aos emigrados—Discurso saude—Trabalhos eleitoraes—«Golpe d'estado»—A contra-revolução—Em Setubal organisa-se uma Junta por indicações de José Estevão—Procedimento correctissimo—Acção de Torres Vedras—José Estevão no Algarve e de novo em Setubal—Acção do Alto do Viso—Prisioneiro dos inglezes—O primeiro meeting que houve em Portugal—Conspiração das hydras—José Estevão homisiado—O padre Antonio—A lei das rolhas.

# bibRIA

A opposição colligada, com excepção dos miguelistas, vendo que o partido cabralista se consolidava no poder, e que as violencias emanadas do ministerio augmentavam de dia para dia, resolveu tentar uma revolta militar. Para a levar a effeito, organisou em Lisboa uma *commissão central* que em breve ganhou valiosas adhesões em differentes pontos do paiz. No começo do anno de 1844 os trabalhos estavam bastante adiantados, e para as provincias partiram emissarios que deviam, no momento aprasado, fazer com que se levantasse o grito revolucionario. Um dos chefes d'esta projectada revolta era José Estevão, que tendo sahido de Lisboa nos ultimos dias de janeiro com o coronel Cezar de Vasconcellos, para Torres Novas, ahi revolucionaram o regimento de cavallaria 4. Deu-se isto no dia 4 de fevereiro, e não tendo marchado ao seu encontro o regimento de cavallaria n.º 8 que estava em Santarem, e que esperavam que se lhes unisse, José Estevão e Cezar de Vasconcellos marcharam sobre Castello Branco, onde caçadores n.º 12 secundou o grito de revolta. O conde do Bomfim já a este tempo tinha sahido tambem de Lisboa para o Alemtejo, onde a revolução foi mal succedida, pois nem um só soldado adheriu a ella. Para alli quizeram marchar José Estevão e Cezar de Vasconcellos, mas vendo o mau caminho que a causa que defendiam ia tomando, seguiram para a Guarda, depois

de ter vindo engrossar as suas forças o conde de Bomfim com caçadores n.º 1 que havia também adherido á revolução. O governo não descansou um só momento, suspendeu as garantias, e diversas columnas de tropas pozeram-se immediatamente em perseguição dos revoltosos e, indo occupar os pontos em que se receiava que a ordem fosse alterada.

Da Guarda, o conde do Bomfim que havia assumido o commando das tropas insurreccionadas, ordenou no dia 17 a José Estevão, que com um forte destacamento fosse occupar Almeida. Este, em cumprimento d'aquella ordem, assenhoreou-se sem resistencia da praça no dia 19. Era Almeida um magnifico ponto estrategico, e apesar de já muito desmanteladas as suas fortificações, não eram de todo inúteis para uma defeza ainda que prolongada. No dia seguinte acolhiam-se aos muros de Almeida todos os sublevados, para dentro em pouco serem envolvidos em apertado cerco por os regimentos de infantaria n.ºs 9, 13 e 14, e de cavallaria n.º 3 sob o commando do visconde de Fonte Nova. Os sitiados em vez de atacarem, julgaram que o melhor era obrigar os revoltosos a renderem-se pela fome. Ainda assim, de quando em quando, e logo que tiveram artilheria, que lhes foi do Porto, cobriam de balas a praça.

No resto do paiz não apparecia signal sequer de nova insurreição setembrista, e dentro da praça a falta de munições, de viveres e dinheiro tornava-se cada vez mais angustiosa. Qual era a situação de Almeida n'esta epocha descreveu-o assim, José Estevão quando voltou da sua segunda emigração, n'um jantar que a elle e aos demais emigrados foi offerecido no salão nobre do Theatro de D. Maria II em Lisboa:

«Ha quasi tres annos estavamos nós encerrados em Almeida sem mantimentos, nem munições. Contavamos grão a grão a polvora e o trigo, do nosso consummo diario, e a cada momento se nos ia uma esperanza, e a defeza se tornava um impossivel. Os soldados conheciam toda a dureza da nossa situação, e apesar d'isto nunca se lhês abatteram os espiritos. Não eram falazes noticias, não era o encarecimento de recursos, que não tinhamos, que sustentava o seu valor (*é verdade, é verdade*) era só a inspiração da nobre causa que defendiam. Um d'esses valerosos soldados atravessava vagarosamente um passo aonde a morte era quasi certa. Eu disse-lhe—*Para onde vais, soldado?* Elle olhou para mim com um rosto da mais corajosa resignação e respondeu-me: *Vou vêr o meu camarada que está ferido—Mas vê, redargui eu, que vais morrer.*—Encolheu os hombros, respondeu-me — *Que lhe hei-de eu fazer?* e continuou o seu caminho.

Outro, contemplando com uma expressão do mais vivo sentimento as ruinas, a que um bombardeamento brutal tinha reduzido as reliquias gloriosas d'aquella povoação, que na grande lucta da independencia nacional foi derrocada por um grande desastre da

guerra, disse-me a mim, que parei para o observar n'aquelle estado de dôr e de meditação:—*Meu capitão se vencermos havemos de dar todos um mez de soldo para indemnizarmos estes pobres paizanos dos perigos que teem soffrido.* Educai um exercito em sentimentos d'esta nobreza, e nunca o vencereis, porque nunca combaterá senão pela liberdade exclamou José Estevão.»

## II

Fazer uma sortida que obrigasse as forças do governo a levantar o cerco era empreza irrealisavel pela disparidade de numero entre sitiantes e sitiados.

Perante tal difficuldade pensou-se em promover um movimento popular em Traz-os-Montes que chamasse para ali a attenção d'aquellas forças. Como se principiou a pôr em prática este plano dil-o José Estevão n'uma carta que dirigiu de Cadiz em 5 de julho d'este anno (1844) á *Revolução de Setembro.*

«No dia 7 d'abril pelas 5 horas da tarde o mesmo general (o conde do Bomfim) chamando-me á parte disse-me, que eu faria um grande serviço se passasse á provincia de Traz-os-Montes a reunir os elementos revolucionarios, que ali havia, e a activar o seu desenvolvimento, e eu respondi, que não havia perigo, nem difficuldade, que moderasse o meu zelo pela causa, em que estavamos empenhados.

Convertido este convite em uma ordem escripta, que tenho aqui na minha carteira, sahi na noite do mesmo dia 7 da praça d'Almeida a pé, sem mais dinheiro do que quarenta e cinco mil réis, sem mais bagagem do que o meu vestido, sem mais defeza do que umas pistolas, e depois de correr iminentes riscos ao passar os postos das forças sitiantes, entre as quaes fui obrigado a passar uma noite em *bivouae*, consegui entrar para Hespanha na provincia de Traz-os-Montes.

Em Hespanha, José Estevão seguiu até ás proximidades de Fregeneda que fica uns poucos de kilometros distante do sitio em que atravessou a raia e passou o Douro n'uma jangada. Chegado á margem portugueza perto da noute, pediu informações a um homem que estava guardando um meloal, da distancia a que estava de Poiares e se alli residia o dr. Valentim Marcelino dos Santos.

Poiares estava com effeito muito proximo e o homem prestou-se da melhor vontade a acompanhar José Estevão a casa do dr. Valentim. Elle porém, declarou-lhe que desejava entrar em casa d'aquelle seu amigo pela quinta e não pelo portão. Á hora adeantada da noute, puzeram-se os dois a caminho e havendo saltado um muro de pedra insossa que vedava a propriedade, o guia de José Estevão bateu ás

janellas da casa e vindo um creado pediu para fallar directamente com o dono da casa. Este appareceu pouco depois armado d'uma clavina, mas sabendo que um seu amigo o procurava, foi-lhe ao encontro. Só quando José Estevão cahiu nos braços do dr. Valentim é que este o reconheceu, sendo enorme a satisfação que ambos sentiram n'este momento. O dr. Valentim Marcellino dos Santos era um liberal convicto e progressista *enragé*. Havia emigrado, feito a campanha da liberdade e sendo deputado do congresso constituinte em 1838, fundára com José Estevão, o jornal o *Tempo*. Não podia por isso o tribuno procurar melhor auxiliar para a empreza de que ia encarregado. Durante o resto d'esta noute e dia seguinte conservou-se occulto em casa do dr. Valentim até que á noute disfarçado em almocreve e montado n'um macho, se dirigiu para Moncorvo d'onde depois seguiu para outras povoações com o fim de levar a effeito o projectado pronunciamento popular.

A noticia de que José Estevão se tinha evadido de Almeida e se achava em Traz-os-Montes, depressa chegou a Lisboa. O ministro do reino segundo se diz, fez expedir logo uma portaria a todos os governadores civis do continente pedindo a prisão do tribuno e offerecendo á pessoa ou auctoridade que a effectuasse, o premio de um conto de réis.

De que fez José Estevão em Traz-os-Montes dá elle tambem noticia na carta a que acima nos referimos quando escreve :

« N'essa provincia andei trabalhando com verdadeira abnegação da minha pessoa na commissão, de que me tinham encarregado, e quando depois de muitas vicissitudes, algumas d'ellas por extremo desanimadoras, um felicissimo, e até certo ponto inesperado concurso de circumstancias, parecia assegurar á minha empreza o melhor e mais prompto resultado, veio a noticia da quêda d'Almeida, que se rendeu talvez só por falta de meios pecuniarios, pôr termo aos meus trabalhos ».

### III

Apóz a capitulação de Almeida, José Estevão passou novamente a Hespanha apresentando-se em 9 de maio em Salamanca, ao conde do Bomfim. Obtendo licença d'este general para se considerar como não fazendo parte do deposito de emigrados que alli se tinha estabelecido, seguiu logo para Cadiz. N'esta cidade recebeu, diz o tribuno uma recommendação do seu « melhor amigo » para lhe darem o que precisasse e uma ordem d'um outro amigo para dispôr de certa somma. Em 23 de junho escrevendo d'alli a Garrett, dizia-lhe :

« O mundo politico está muito revolvido. Diga ao conde da Taipa, que o fogo vae ser em toda a linha. Não faltará porque com-

bater, e conto que me não neguem uma espada e um cavallo para o fazer.

.....  
 « Os homens que mandaram em Almeida eram muito inferiores à situação, em que se viram — e muito superiores aos seus cumprices de outras partes. Estou farto de andar atado a cadaveres ».

Esta parte da carta explica bem porque o tribuno proferiu viajar quasi que sem dinheiro, a ficar em Salamanca sob as ordens do Bomfim. No dia 7 de julho embarcou para Marselha, d'onde seguiu para Paris a encontrar-se com Mendes Leite, que chegou alli nos fins d'agosto. Durante a sua estada em Paris, que se prolongou até maio de 1846, José Estevão passou a viver com aquelle seu amigo n'uma casa da rua Laffite n.º 20. Relacionou-se logo com as primeiras notabilidades litterarias e politicas da grande cidade, e frequentando os salões aristocraticos e principaes theatros, ouvindo prelações de professores notaveis, assim passava o tempo José Estevão na capital do mundo civilisado.

José Estevão que tinha sido promovido ao posto de capitão em 26 de novembro de 1840 e despachado lente proprietario da 10.ª cadeira da Escola Polytechnica por decreto de 5 d'agosto de 1842 foi demittido do posto de capitão e do logar de lente por decreto de 8 de fevereiro de 1844. Passos Manoel, referindo-se a esta demissão disse na sessão da camara dos deputados de 18 de outubro do mesmo anno :

« Se eu não tomasse a peito a defesa de um homem tão illustre talvez se entendesse que conservava algum resentimento contra o eloquente orador da opposição de 1837. A camara sabe quanto apreocio as suas virtudes e os seus talentos. Não venho aqui defender os mesquinhos interesses de uma patente ganha em cem combates a preço de sangue, nem as d'uma cadeira de professor obtida em certamen academico, venho defender os grandes interesses da sua reputação e da sua gloria. Inspira-me a amisade que lhe consagro, o esplendor d'esta tribuna que elle ennobrecia, e a felicidade da nação, porque elle sempre pugnára. Desejo abrir-lhe as portas da patria. A terra do exilio recebeu um grande orador; a patria acolherá no seu regresso um grande homem d'estado ».

#### IV

Em março ou abril de 1845 publicou-se em Lisboa o opusculo intitulado : *Quadro politico, historico e biographico do parlamento de 1842, por um eremita da serra d'Arga*. O auctor era D. João de Azevedo de Sá Coutinho, deputado cartista na camara de 1842. D'esta publicação hoje extremamente rara, transcrevo a parte que diz respeito ao tribuno :

hater, e como por um não neguem mas espada e um cavalleo para u  
kazar.

Os homens que marcharam em Alimda eram muito interiores  
a situação, em que se vivia - e muito superiores aos seus compari-  
ces de outras partes. Estando farto de andar a cavalleresca, e

Esta parte da carta explica bem porque o tribunao proferiu esta  
par dusa que sem dúbidas a fôrta em daltamente sob os olhos do  
Romão. No dia 7 de julho embarcou para Marabá, donde seguiu  
para Paris a comparecer com Mendes Lima, que chegou ali no dia  
d'agosto. Durante a sua estada em Paris, que se prolongou até maio  
de 1840, José Estevão passou a viver com aquelle seu amigo  
eas de sua familia no 30. de lactionon-se logo com as primeiras no-  
taliidades literarias e politicas da grande cidade, e frequentando as  
salões aristocraticos e principaes liberais, onde se falava de pro-  
fessores notáveis, e sempre passava o tempo José Estevão na capital  
do mundo civilizado.

José Estevão que tinha sido promovido ao posto de capitão  
em 28 de novembro de 1840 e despedido do seu emprego da 10.  
degrada da Escola Polytechnica por decreto de 5 de agosto de 1842  
foi demittido do cargo de capitão de 1.  
de 8 de fevereiro de 1844. Por esse decreto a demis-  
são disse que a demissão de José Estevão e a de  
do mesmo anno.

# bibRIA

Este se entendeu que conservava algum respectivo com o  
dignidade e o oppozição de 1842. E comtudo esse dusa que  
em as suas virtudes e os seus talentos. Mas como aquelle de  
intermittentes interesses de sua patria e de sua compa-  
pago de sangue, e de uma cadaver de professor obli-  
tamen acadêmico, sendo debeder os grandes interesses de sua  
patria e de sua gloria. Inquir-me a amizade das lib. consagr-  
o esplendor d'esta tribuna que elle amotencia, e a felicidade da na-  
ção, porque elle sempre paguara. Dejo scri-ir as portas da pa-  
tria. A terra do exilio recebeu um grande erador; a patria academi-  
no seu regresso um grande homem d'estado.

Em março de abril de 1845, publicou-se em Lisboa o opusculo  
intitulado: (vendo politico, historico e biographico do parthenão  
de 1812, por um erante de terra e t'raça. O autor era D. João  
de Azevedo da 2.<sup>a</sup> Comarca dequeto e de terra de 1842.  
Esta publicação hoje extremamente rara, transcrevo a parte que  
diz respeito ao tribuna:

## Coelho de Magalhães

«Sa voise domine le tumulte et sa phisionimie expressive impose á ses auditeurs...

Homme d'improvisation il ne calcule pas ce qu'il va dire, mais son inspiration est toujours heureuse.

Portrait du Marquis de La Rochemaquelin.

# bibRIA

«Assim como para Cezar de Vasconcellos não menos para José Estevão a desvirtuada revolta de Torres Novas foi uma especie d'irrupção vulcanica, que semeou innumeradas difficuldades em meio da sua carreira politica.

Feliz elle, se realisando o pensamento de Lamartine aproveitar tanto da importancia revolucionaria como os campos da lava com que os alastram os vulcões.

*Esperar e addiar* não é com effeito a arma politica que mais fere os contrarios; mas raras vezes o *precipitar* conduz a melhores resultados. Se Coelho de Magalhães o reconhecer terá ganho muito no seu exilio.

Mancebo de muitas esperanças, progressista de muitas convicções e character de muita probidade, José Estevão é inquestionavelmente o mais inergico improvisador que até hoje se conheceu entre nós.

Um tanto severo da physionomia, supposto que commumente jovial a sua maneira de orar é soberana, a sua voz impetuosa, os seus rasgos de eloquencia sublimes, e sabendo inflamar-se quando

convém, ha casos em que chegou a subjugar a attenção e forçar a camara ao silencio.

Mais moço nos annos que nos estudos, as suas theorias resentem-se do seu muito fogo de vida, e quasi se póde dizer d'este joven entusiasta que ha n'elle mais desejos de caminhar á felicidade da sua patria do que verdadeiro conhecimento da estrada que lá conduz.

Sem embargo ninguem deixa de o respeitar como valente soldado do exercito libertador, cathedratico de esclarecido talento, cidadão de muitas virtudes civicas e consciencioso propugnador das ideias do movimento. O povo de Portugal admira-o e o da capital idolatra-o.

Se a experiencia soccorrer tanto merito é inquestionavel que José Estevão virá a ser um dos nossos mais distinctos homens d'estado».

## II

Nos primeiros mezes de 1846 em diferentes pontos da provincia do Minho, principiou a ouvir-se o grito de: Morram os Cabraes. Nos campanarios sertanejos tocava-se a rebate, e o povo armava-se com os instrumentos da sua faina agricola para ir ás villas que lhe ficavam proximas lançar o fogo aos archivos das repartições de fazenda e administrações do concelho.

Era uma revolução incipiente é verdade, mas era uma revolução geral, não tinha chefe nem auctor, porque era de todos; todos pegaram em armas, paes e filhos, velhos e moços e, ainda dos mais distantes e reconditos logares, homens e mulheres correram a ajudar a revolução, como dois annos depois o affirmou no parlamento Rodrigo da Fonseca Magalhães.

Esta revolução foi a da Maria da Fonte, que fazendo baquear o ministerio cabralista que José Estevão tão denodadamente combatera com a palavra, com a penna e com a espada lhe abria agora de par em par as portas da patria.

Logo que em Paris, José Estevão teve noticia do triumpho da revolução partiu para Inglaterra d'onde embarcou para Portugal.

José Estevão, narrou um dia assim a Bulhão Pato, a impressão que recebera quando chegou a Lisboa de volta da sua segunda emigração:

—«Rapaz, tenho vivido muitos seculos: houve dois dias millionarios na minha vida. O primeiro foi quando entrei no Porto depois do desembarque do Mindello, e, vindo debaixo de fórma, descobri, entre o povo, meu pae, de quem não sabia havia annos, que julgava morto, e abraçando-me n'elle, lhe disse:

—«Pae se te fiz offensas estão redimidas com o meu amor, foram resgatadas com as saudades que tive tuas!»

Chorei então umas lagrimas de ineffaveis delicias que só se conhecem nas grandes desgraças ou nas grandes alegrias.

O outro foi na volta da segunda emigração, quando cheguei á barra e vi surgir das aguas esta Lisboa, que nós descompomos todos os dias».

## III

No dia 11 de julho (1846) teve logar um grande jantar publico em homenagem aos emigrados de Torres Novas, no salão nobre do theatro de D. Maria II. O jantar foi de subscrição, mas foi tal o numero de subscriptores, que a commissão que o promoveu teve-o de o reduzir immenso por não caberem no salão. Como representantes da emigração foram apenas convidados José Estevão, conde do Bomfim, Mendes Leite e Cezar de Vasconcellos. Assistiram tambem por convite os generaes hespanhoes (emigrados) Facundo Infante e Priarte, Passos Manoel e o major Montenegro como representantes da *Revolução*, e os redactores dos jornaes progressistas.

Presidiram o visconde de Sá da Bandeira e Almeida Garrett.

Fizeram-se quatorze discursos-saudes, sendo: — a primeira do visconde de Sá (*A' rainha e familia real e ás instituições livres da nação portugueza*); a segunda de Garrett (*A' nação portugueza*); a terceira de José Maria Grande (*Ao pronunciamento nacional*); a quarta de Manoel Passos (*A' provincia do Minho, á bella provincia do Minho*); a quinta de Joaquim Antonio de Aguiar (*Aos portuguezes emigrados, pelos acontecimentos politicos de Torres Novas em 1844, ou por ter a elles adherido*); a sexta do conde do Bomfim (*Ao deposito de Toledo e seu digno commandante Cezar de Vasconcellos*); a setima de Cezar de Vasconcellos (*A' illustre nação hespanhola*); a oitava do general Facundo Infante (*A' la memoria del immortal D. Pedro de Braganza*); a nona do general Priarte (*A' la prosperidad de Portugal*); a decima de José Estevão (*A' união intima e perpetua do exercito e do povo*); a undecima de Jervis de Athouguia (*A' guarda nacional portugueza*); a duodecima de Antonio de Sá Nogueira (*A' imprensa independente*); a decima-terceira de Antonio Rodrigues Sampaio (*A' tribuna livre*); a decima-quarta de Julio Gomes da Silva Sanches (*Aos eleitores independentes*).

De todos os discursos, os mais notaveis foram os de Garrett, José Estevão e Passos Manoel.

O discurso de José Estevão foi publicado no n.º 1:551 da *Revolução de Setembro* de 20 de julho de 1846. E' ahí que o fomos pedir para o transcrever aqui:

## DECIMA SAUDE

(PELO SNR. JOSÉ ESTEVÃO COELHO DE MAGALHÃES)

Vós sois hespanhol, valente general, e brindasteis a felicidade da nação portugueza. Não me satisfaz agradecer a este brinde. Quero commemoral-o, e festejal-o. Elle é mais do que um voto, é uma profecia. A bocca, que o pronunciou está sagrada por um infortunio honroso. (*Muito bem, muito bem*).

Hespanhoes e portuguezes de irmãos que eramos, d'irmãos, que estavamos destinados a ser sempre, fizeram-nos inimigos a ambição dos nossos reis, e os acasos da guerra. Uns e outros como leaes e corajosos que somos acceitamos este legado de sangue, e honramos as tradições de nossos maiores sem vergonha nem cobardia. As nossas luctas intestinas não intorpeceram porém o andamento da civilisação, e a causa das nossas respectivas nacionalidades não prejudicou a causa dos homens.

Separados, inimigos, instigou-nos sempre uma generosa emulação por cousas grandes e nobres: as nossas intelligencias e os nossos braços trabalharam primeiro do que os das outras nações na grande obra da regeneração do mundo. A' magestosa corôa que cinge a fronte gigantesca da civilisação, e em que estão representados todos os povos, que compõem o seu imperio, nós ajuntamos os symbolos de regiões, de povos. Nós doamos á civilisação o espaço que é a base de toda a acção, o primeiro elemento de toda a grandeza, o principio das inspirações mais elevadas.

Como o tempo perdemos a influencia que exerciamos sobre os destinos do mundo, e o mundo resente-se da nossa falta. Pensais vós que não aproveitaria á civilisação da época o concurso d'este principio entusiasta, desinteressado, e cavalheiresco, que constitue a essencia do nosso character? Pensais vós que o futuro d'esta civilisação não pôde mesmo ser compromettido sem o influxo d'este fecundo principio?

Está eminente á Europa um duello de morte. Embora se empenhem em o protrahir, o dia em que as armas se hão de cruzar, ha-de vir afinal. Este duello poderá comprometter todos os interesses da humanidade, e sacrificar ás paixões que o promovem os melhores e os mais santos principios. Não será util ter organizada para este transe uma força intermedia, que reprima as exigencias menos racionais dos contendores, e que ajude a converter em um beneficio para a humanidade o que pôde reduzir-se a uma especulação ambiciosa? Preparemo-nos para o grande papel que este futuro nos offerece.

Senhores, tem-se querido fazer passar como um axioma que cada nação tem uma época de gloria e de engrandecimento, e que

passada ella não lhe resta vida senão para sentir a sua ruina. E' necessario protestarmos com todas as nossas forças contra esta falsidade historica, contra este absurdo de doutrina. Este supposto axioma não é mais do que uma sentença de desprezo proferida pelas nações poderosas e ricas contra as fracas e pobres: não é mais do que uma orgulhosa ostentação da fortuna, uma injuria cobarde feita á desgraça, uma blasfemia contra o Creador. Não, senhores, nos destinos das nações não ha condemnações de que ellas se não possam remir; não ha senão longas intermittençias, mas nunca fados indestructiveis. Aonde Deus poz os elementos do poder e da força, embora a sua acção esteja por tempos enervada, ahí tem elles afinal de reproduzir os seus effeitos. Sentimo-nos nós com fogo na intelligencia, com crenças na alma, com energia no coração, com vigor nos braços? Oh! Então nós temos ainda de fazer cousas grandes, e elevadas. (*Muito bem, muito bem*).

Quando a historia julgar as velleidades de alliança manifestadas recentemente por alguns politicos para unir os dous povos da peninsula, quando ella, sem ouvir os gemidos das victimas, contemplar as tremendas desgraças que apparecem ligadas a tão absurdo projecto, ha-de na sua critica capitular-o ao menos d'uma miseravel preocupação.

Podem duas nações acostumadas a combater-se, a odiar-se, lançarem-se de repente nos braços uma da outra, e firmar entre si uma cordial amizade? Podem estas ligações superficiaes de dynastias destruir como por encanto antigos e arraigados preconceitos? Oh! Bella e proficua lição de fraternidade! Instigar dous povos a que se abracem, tendo agrilhoados bem os pulsos de um e do outro! Ensinar-lhes os preceitos do amor na escóla da tyrannia!

Só a liberdade pôde operar esta grande e desejada obra; porque só a liberdade pôde elevar o coração dos homens como o das nações, porque só ella pôde esclarecer os seus interesses, e assegurar os seus direitos. Só ella é que pôde respeitando as nacionalidades, que são a mais sancta das religiões, constituir muitos povos em uma só familia, sem annullar as tradições de cada uma, que são o seu mais glorioso patrimonio. Sim, só a liberdade pôde fazer esquecer a portuguezes e hespanhoes as tristes aberrações a que as leis humanas e os successos do tempo nos teem obrigado. Só ella pôde unir sem as confundir estas duas desventuradas e esperançosas nações.

Esta liberdade está mais claramente definida no feito do Minho, do que nos grossos volumes de todos os publicistas. O esforço d'aquelle povo é a mais conceituosa e laconica explicação d'aquelle principio. A liberdade politica não é mais do que o exercito livre e desembaraçado da opinião geral de um paiz, o poderio d'ella contra toda a influencia opposta a este exercicio, e o direito de insurreição, para obter todas essas regalias quando todos os outros meios para

o conseguir foram defezos, ou se tornaram inúteis. Esta é a liberdade que o Minho proclamou. (*Applausos*).

Senhores, o exercito não é uma classe, é um principio. O exercito é o tributo de sangue pago á communitade por todos os cidadãos. A defeza do paiz exige além do sacrificio da vida, a sessão temporaria de outros direitos, que nós soldados nunca perdemos virtualmente, mas de que as necessidades da organização social e militar nos obrigam a prescindir por algum tempo. E' preciso que o soldado se sujeite ás severidades da obediencia militar, mas o soldado antes de obedecer como soldado, obedeceu como cidadão, e deixadas as fileiras volta ás franquias do estado civil.

Gabais-vos de ter vencido o exercito ; para muitos mais tinheis força ; porque a nação estava comvosco. Mas o que vos combateu não foi um exercito, se o fôra não poderieis alardear a victoria, porque não terieis occasião de batalhar. Um exercito depois de uma tão geral e espontanea manifestação da vontade do paiz, pejar-se-hia de levantar as armas a favor de alguns homens obcecados e perdidos. (*Applausos prolongados*). Fazendo assim, não commetteria um acto de cobardia, porque quando o soldado depõe as armas aos pés dos seus concidadãos, que combatem pela liberdade de todos, cumpre o seu mais sagrado dever, e no sacrificio de um falso pundonor, faz o maior acto de valentia. (*Muito bem, muito bem*). As armas são-lhe confiadas para defender as instituições, e não para defender os governos que escarnecem d'ellas.

Referindo-se ao exercito portuguez, José Estevão passa a relatar os factos que se deram em Almeida de que já transcrevemos em outro lugar.

Depois continúa :

Senhores, nós estamos aqui principalmente para festejar a boa vinda dos meus companheiros de emigração que tantas sympathias mereceram aos habitantes da nossa sempre bella Lisboa. O maior numero d'estes são valentes e honrados officiaes do exercito. Eu espero que tantos obsequios não serão perdidos no animo d'elles ; a sua coragem e dedicação merecem sem duvida ainda mais testemunhos de estima, mas as ovações populares significam sempre de parte de quem as dá um encargo, uma recommendação, e da parte de quem as recebe um dever. Para os officiaes militares que acabam de ser recebidos com tantos transportes de jubilo pela população da cidade, este dever consiste em se fazerem professores, apóstolos das doutrinas que fazem do exercito uma instituição simultaneamente militar, e popular.

Eu peço a estes meus companheiros de infortunio que divulguem no exercito o principio da obediencia limitada pelos casos de ataque contra as instituições do paiz : eu peço-lhes que digam sempre aos nossos camaradas, que não devem trocar os quartéis pelos

conventiculos políticos, e que o unico meio de se fazerem respeitar é respeitarem elles as leis do estado e os direitos de todos.

Em conclusão peço-vos — *que bebamos á união intima e perpetua do Exercito e do Povo*».

## IV

José Estevão assumiu logo que chegou a Lisboa a direcção politica da *Revolução de Setembro*, porém agora escrevia com muito menos assiduidade do que antes de haver emigrado. O ministerio nascido da revolução, teve de recompôr-se em 19 de julho, com elementos progressistas, e a isto não foi de todo estranho o tribuno. A politica porém não lhe tomava todo o tempo, e de collaboração com Garrett, quiz fundar uma especie de associação cujo fim principal era promover a discussão dos escriptos da imprensa periodica e não periodica. N'uma reunião preparatoria que se verificou no dia 4 d'agosto José Estevão apresentou um plano de medidas tendentes a facilitar e aperfeçoar a circulação dos escriptos. Outras reuniões tiveram lugar depois, porém tudo se mallogrou com os acontecimentos que se deram em resultado do golpe de estado de 6 de outubro.

Fixado o dia 11 de outubro para a eleição geral de deputados, principaram logo os trabalhos pela organização de centros eleitoraes. Um d'elles celebrava as suas reuniões n'uma casa da Calçada do Sacramento. Era o que apresentava ideias mais avançadas, e intitulava-se *Associação Eleitoral Setembrista*. Era presidido pelo barão de Villa Nova de Fozcôa e fazia parte d'elle José Estevão, que alli fez alguns discursos magnificos quando se discutiu o programma para os candidatos a deputados pelo districto de Lisboa. N'uma das sessões em que se discutiu aquelle programma, disse o tribuno: «Eu não fallo n'este objecto como candidato por Lisboa, porque o não sou nem pretendo sel-o». Teria porém de mudar de resolução se as eleições chegassem a realisar-se.

Na noute de 6 d'outubro, talvez á mesma hora que no paço de Belem, a rainha obrigava o duque de Palmella a demittir-se de presidente de conselho e a referendar os decretos de nomeação do ministerio Saldanha, n'aquella associação procedia-se ao apuramento dos votos para candidatos a deputados. De todos o mais votado foi José Estevão que teve 68 votos, seguindo-se-lhe o barão de Villa Nova de Fozcôa que obteve 67.

## V

A eleição não se verificou pelo motivo do ministerio Palmella haver sido demittido como acabei de dizer, mas em compensação

d'ahi a dias a revolta que ia abalando o throno e que a intervenção estrangeira impediu depois de alguns mezes de lucta titanica de ser o triumpho completo do partido setembrista rebentava no Porto. José Estevão não foi esta vez deputado, mas foi soldado e soldado valente como sempre que a liberdade carecia do esforço do seu braço. Logo que na manhã de 7 d'outubro constou que a rainha tinha demittido o ministerio, José Estevão tratou de esconder-se, receioso, e com razão, de ser procurado e preso.

Depois de alguns dias de homisio, sahiu de Lisboa disfarçado, e foi a Santarem promover a revolução a favor da Junta que se organisou no Porto. Com o mesmo intento percorreu Caldas, Alcobaça e Nazareth e, voltando a Santarem, foi mandado nos principios de dezembro pelo conde das Antas a Setubal para organizar a defeza da villa. Por essa occasião tentou apoderar-se de Almada. E' elle proprio que o diz n'um officio que dirigiu áquelle general, ás quatro horas e meia da tarde do dia 9 — «Estou a montar a cavallo para partir sem demora para Setubal. O officio incluso é de certo a participação official do abandono que o inimigo fez d'aquelle ponto... Póde v. ex.<sup>a</sup> estar descançado que hei-de fazer todas as diligencias para me apoderar de Almada, e que só o não farei se a sorte me não fôr favoravel, ou não poder emprehender este accommetimento sem manifesta temeridade».

No dia 10 de dezembro de madrugada, chegou José Estevão a Setubal e fez logo organizar uma Junta, mas não encontrando ahi armas nem munições, desistiu do projecto de fortificar a villa, que pouco depois teve de abandonar precipitadamente, porque ao anouteecer de 11, chegou noticia da aproximação das tropas de Lisboa, que estavam em Azeitão sob o commando do general visconde de Setubal. A Junta que elle havia formado em Setubal, não dispondo de recursos para occorrer ás despezas da lucta, appellou para o patriotismo dos cidadãos mais abastados, e muitos d'estes, já por dedicação á causa popular, já pela confiança que lhes inspirava o nome de José Estevão, concorreram prompta e generosamente com avultadas quantias; mas o illustre tribuno correspondeu com o maior cavalheirismo a esses sacrificios, porque apenas resolveu abandonar Setubal disse logo: «Entregue-se já o dinheiro a esses cidadãos que tão generosamente nol-o offereceram, porque lh'o pedimos para a defeza e sustentação d'esta terra, e como a força das circumstancias nos obriga a abandonal-a, não é justo que nos utilizemos do que para outro fim foi offerecido; entregue-se pois o dinheiro a seus donos». E observando-lhe alguém que ficavam sem recursos e que a tropa ia ver-se exposta a grandes soffrimentos e privações, redarguiu immediatamente José Estevão: «Nós não entramos n'isto para virmos gosar commodidades, mas viemos com a resolução firme de nos expormos a grandes sacrificios e com o unico fim de conservarmos a liberdade que tanto nos custou a plantar no nosso paiz»

José Estevão marchou com as suas forças para Alcacér e unindo-se ahí com o celebre Galamba seguiram todos para Évora. Encontrando-se a meio do caminho com as tropas que militavam sob o commando do conde de Mello, marcharam todas essas forças do partido da Junta para Alcacér e d'ahí para aguas de Moura, onde chegaram no dia 23 com ideia de atacarem Setubal no dia seguinte. Segundo as ordens recebidas n'essa noite, o conde de Mello aproximou-se do Tejo, mas tendo em Canha, na manhã de 25, recebido participação da derrota de Torres Vedras, voltou para Évora, e d'ahí mandou José Estevão e Anselmo José Braamcamp ao Algarve para n'essa provincia levantarem novas forças e obterem os meios pecuniarios indispensaveis para a continuação da guerra civil. Do Algarve vieram effectivamente reforços e auxilios importantes sendo o maior uma brigada que ahí se organisou sob o commando do general Maldonado e que no dia 24 de março entrou em Évora. José Estevão foi então chefe do estado maior d'aquelle general; havendo este feito junção em Pavia com as forças do conde de Mello e o qual assumiu o commando da divisão José Estevão foi nomeado quartel-mestre general. Depois de diversos movimentos estrategicos o conde de Mello occupou Setubal sem resistencia na manhã de 10 de abril. Havendo Sá da Bandeira com a divisão que a Junta do Porto mandou operar nas provincias do Sul entrado em Setubal, aquelle titular foi nomeado chefe do estado maior e José Estevão continuou a desempenhar as funções de quartel-mestre general.

Foram importantissimos os serviços que n'esta qualidade prestou José Estevão á causa popular assim como foi enorme o valor que mostrou no Alto do Viso no 1.º de maio, e intrigas que o levaram a dar aquella acção muito contra sua vontade e contra todos os principios da boa razão e da tatica militar. As accusações eram constantes mas um dos que mais defendia a inacção aparente de Sá da Bandeira era José Estevão. Um dia n'uma reunião, em que se sustentava que Sá da Bandeira já não era o mesmo homem, que queria agora poupar gente e tinha pena de a perder disse José Estevão—«Com que então o visconde de Sá da Bandeira já não é o mesmo homem? Já quer poupar gente e tem pena de a perder? Ora, os senhores não conhecem o visconde de Sá da Bandeira: o visconde de Sá da Bandeira quando entende que deve atacar ou defender-se importa-lhe tanto perder cem, dusentos ou trezentos homens, como vêr mortos dusentos cães.» E continuou: O visconde de Sá da Bandeira lá sabe o que deve fazer e as razões que tem para não dar a acção»—E elle tambem o sabia porque tinha pleno conhecimento do estado em que estavam as negociações diplomaticas e bem assim que em Setubal não havia polvora para se dar uma batalha.

Em seguida á acção do Alto do Viso houve uma suspensão d'armas em Setubal vindo depois a convenção de Gramido pôr de todo termo á lucta. Em 14 de junho com Sá da Bandeira e outros officiaes que se

achavam em Setubal, José Estevão pouco antes das forças do general conde de Vinhaes entrarem na villa, retirou-se para bordo do vapor inglez *Sidan* e ahi se conservou até ao desembarque em Lisboa. Pouco depois de desembarcar, não obstante a sua qualidade de amnistiado correu grave risco de ser assassinado.

O facto passou-se assim: subia o Chiado e tendo parado em frente da loja d'um cabelleireiro francez que alli havia a cumprimentar um seu amigo, ouviu gritar a pouca distancia — « mata », « mata » — eram alguns soldados do batalhão de voluntarios do Algarve (ricos homens do Algarve se intitulavam elles quando não passavam de meia duzia de maltrapilhos) que o perseguiam. José Estevão que ia só e desarmado, retirou-se para dentro da loja do cabelleireiro, evitando assim o encontro. N'esta epocha, tanto em Lisboa como nas provincias, a anarchia era geral e os setembristas eram insultados e espancados a cada passo, mas nem por isso José Estevão se escondeu.

## VI

No dia 1 de agosto reaparecia a *Revolução de Setembro*, abrindo com um artigo energico, que parece ter sido escripto pelo tribuno.

Vencido no campo da batalha, o partido popular, devia esperar pelo suffragio eleitoral e ahi medir forças com os vencedores. Esta era a opinião de José Estevão. Em 12 de agosto o governo mandou proceder á eleição de deputados, fixando para esse acto o dia 14 de novembro.

O tribuno e muitos dos seus amigos iniciaram logo os trabalhos eleitoraes, promovendo afinal um grande *meeting*, que veio a realisar-se n'um espaçoso quintal na rua do Thesouro Velho.

Presidiu o duque de Loulé e concorreram a elle mais de cinco ou seis mil pessoas. Alguns oradores foram de parecer que o partido popular não devia ir á urna. José Estevão foi o ultimo a fallar e n'um discurso brilhantissimo sustentou que o partido se não devia abster na proxima eleição pois era urgente sahir da politica especulativa e entrar na politica prática para assim se poderem realisar todas as vantagens da civilisação.

Os setembristas como não poderam combater com vantagem no campo eleitoral pensaram de novo na revolta.

Houve renniões importantes em Lisboa para este fim, e muitos officiaes da guarnição offereceram o concurso das suas espadas.

A' frente da projectada revolta estavam, José Estevão, Mendes Leite, Antonio José Duarte Nazareth e outros vultos importantes da politica d'então.

O governo teve noticia de que se conspirava e aterrorizado

deu-se pressa em mandar prender os indigitados conspiradores. José Estevão prevenido a tempo homision-se. Não poderam fazer porém o mesmo Mendes Leite, Nazareth, Manoel de Jesus Coelho, coronel Horta e outros que no dia 17 de junho de 1848 deram entrada no Licoeiro d'onde só saíram nos principios de novembro.

Durante o seu homisio, José Estevão teve por vezes de mudar de residencia para illudir as vistas da policia, e só de noite sabia e sempre disfarçado. Foi-lhe companheiro fidelissimo um padre, intelligencia tacanha mas alma de ouro que, por elle tinha uma dedicação sem limites.

Ouçamos sobre o assumpto Bulhão Pato :

«Quando sentia abafar o coração no peito, saia. O padre, depois de algumas observações timidas e sollicitas, acompanhava-o. Attravessavam a cidade em silencio. Chegando ao campo ordinariamente Campollide ou Monsanto, José Estevão, vendo-se livre, respirava a grandes tragos o ar lavado dos montes, e voltando-se para o padre Antonio exclamava :

— «Padre, já posso fallar!»

E fallava por mais de uma hora, n'um discurso magnifico, como se estivesse no parlamento ou diante do povo agitado, ou em presença dos seus companheiros d'armas!

Padre Antonio não entendia, mas contemplava a figura do seu dilecto amigo, ouvia-lhe a voz apaixonada, sentia as palavras — liberdade, igualdade, fraternidade e humanidade — e desatava a chorar!

José Estevão tambem se commovia; abraçava-se no padre, apertava-o de encontro ao coração e chamava-lhe :

— «Meu querido amigo!»

O padre ficava em rei!

Esta projectada revolta ficou sendo conhecida pela *Conspiração das hydras* por o presidente de conselho de ministros, Saldanha, ter dito no parlamento que havia de esmagar com mão de ferro a *hydra revolucionaria*.

Os setembristas presos pelo motivo da *Conspiração das hydras*, foram despronunciados e soltos em novembro de 1848, porém José Estevão teve de continuar ainda por alguns mezes homisiado.

Quatro annos depois, fallando de Saldanha e d'esta perseguição escreveu José Estevão:

«Havia sido perseguido durante o seu ministerio, e nenhum soffrimento da minha carreira politica me custára tanto como essa perseguição. Um homisio d'um anno não estando bastantemente comprometido para me resignar aos martyrios de uma emigração, não podendo exercitar livremente no paiz as faculdades mais nobres do espirito, nem cultivar as relações de parentesco e amisade, instigado pela minha innocencia legal a comparecer deante dos tribunaes, constringido pelo pundonor a ser carcereiro de mim mesmo, vendo dos incertos paradeiros das minhas curtas e enfadonhas peregrina-

ções, cahir n'um mar de sangue a estrella brilhante da revolução europêa, recebendo e abraçando no meu captiveiro os meus cúmplices já absolvidos e restituídos á liberdade de que por tal causa era eu o unico privado, tudo isto compozera para mim n'aquelles tempos uma d'estas situações equivocadas, fastidiosas e mortificantes que entristece mais do que as desgraças profundas e irremediáveis».

O ministerio Saldanha foi substituido em 18 de junho de 1849 por um presidido pelo conde de Thomar. Era a restauração completa do cabralismo:

Entre as medidas emanadas do gabinete do conde de Thomar uma das que mais clamores levantou foi o projecto de lei contra a liberdade de imprensa e que ficou sendo conhecida na nossa historia politica pela *lei das rollhas*. — Contra ella appareceu em 18 de fevereiro de 1850 um protesto publico assignado por *sessenta* publicistas, que fez sensação. O primeiro signatario era Alexandre Herculanoo, e o novo José Estevão.

Tenho-o dito e mais uma vez o repito, não estou a fazer a historia contemporanea do paiz, mas sim a reunir materiaes para a de José Estevão, por isso não me demorarei em detalhes que directamente lhe não digam respeito.

bibRIA

## VI

Movimento revolucionario de 1851—José Estevão não lhe é de todo estranho—Apoio prestado pelo partido progressista a Saldanha—Primeiro ministerio regenerador—Eleições—José Estevão apoz uma ausencia de sete annos volta ao parlamento—Apoia o ministerio—Adoece gravemente—Sympathias e cuidados que desperta a sua doença—Salvo—Dicta uma carta a seu pae—Carta que este lhe escreve por essa occasião—José Estevão agradece na camara a solicitude com que o povo de Lisboa o havia acompanhado na doença—Apresenta o primeiro projecto de caminho de ferro para ligar Lisboa e Porto—Conselhos de amigo—A camara é dissolvida—Os melhoramentos materiaes iniciados pelo ministerio enchem de entusiasmo o tribuno—O governo não lhe protege a candidatura—Carta aos eleitores—E' reeleito por Lisboa—Apoio condicional que presta ao gabinete—Serviços a Aveiro—Morte de D. Maria II—Artigo magistral de José Estevão sobre este tristissimo acontecimento—Novo reinado—Socio da Academia—Discurso notavel—Ministerio progressista historico—José Estevão na opposição—Morte de Luiz Cypriano—Palavras sentidas—José Estevão defende uma causa—crime no tribunal de Aveiro—Contracto do tabaco—Discurso notabilissimo de José Estevão sobre o assumpto.

# bibRIA

Nos principios de abril de 1851 o marechal Saldanha sahio de Lisboa para ir *fazer uma revolução militar* cujo fim principal era expulsar do poder o conde de Thomar. O marechal partiu para o Porto quasi que desacompanhado, pois muitos dos que se tinham compromettido a auxiliá-lo, por confiarem pouco nos resultados da empreza ou por qualquer outro motivo, deixaram-se ficar em casa. O primeiro plano falhou, tendo por isso o marechal de emigrar para Hespanha. Houve quasi logo nova tentativa e d'esta vez Saldanha triumphou. Victorioso entrou em Lisboa e a rainha entregou-lhe o poder. Esta revolução foi a *Regeneração*. Que parte teve em tudo isto José Estevão? E o que vamos vêr, ouvindo a sua propria:

« Não entrei nos conselhos que procederam e decidiram a tentativa do duque de Saldanha. D'esta vez não conspirei, nem dei auxilio aos conspiradores. Não tive incumbencia revolucionaria, nem me obriguei a prestar serviço algum á facção intentada. Soube confiadamente o que se resolvera, applaudi a resolução, mas fiquei inteiramente livre de ligações e compromissos, não só a respeito da lucta que se ia travar, mas para côm os poderes que a revolução por ventura triumphante tertia de crear depois.

Sabido é como o duque de Saldanha foi rebocado do exilio para acaudilhar a revolução a que a sua espada e o seu nome, não

poderam por si só dar victoria, e que um esforço magnanimo lhe apresentára n'um momento, factó consummado e situação feita. Este esforço foi do partido progressista, que por elle adheriu á regeneração tornando-o acto nacional e obra partidaria.

Em quanto os acontecimentos tiveram pendente o triumpho entre o governo e a revolução, em quanto se não aplanaram as difficuldades para instalar em Lisboa o poder representante da nova constituição, fiz repetidas conferencias com muitos dos caracteres mais conhecidos das parcialidades coalisadas contra o governo, e com os homens do partido progressista assignalados pela sua coragem e dedicação. Não me julgo auctorizado para publicar o que alli se passou e decidiu.

D'estes factos resulta: 1.º que não pertenco á regeneração; 2.º que só adheri formalmente a ella depois que o meu partido solememente a adoptára; 3.º que durante essa epocha revoltosa sempre tomei parte nos conselhos do partido progressista e deliberei com elle o que mais convinha aos seus interesses e dignidade.

Chegado o duque a Lisboa, ordenaram-me que o procurasse para lhe desvanecer as prevenções que tivesse contra o partido progressista, para o tranquillisar ácerca das suas futuras intenções, e dispol-o á concordia por meio da confiança, inutilizando por este modo as malquerenças e intrigas que o cercavam e desvairavam.

Commissões d'estas não são para a minha indole e para o meu espirito. Desempenhei-as sem me abater a mim nem a pessoa a quem me dirigia. Quando um homem se habitua a ser instrumento de vontades alheias assenta a sua importancia na instabilidade de seus propositos, e olha com a mesma affectuosa indiferença todas as pessoas que o praticam sem distinguir intrigantes de leaes, especuladores de desinteressados.

Frequentei, pois, a casa do duque de Saldanha por mandado do meu partido. Parece-me que uma vez me fez esperar um pouco, porque conferenciava em intimidade defesa a todos com um dos nossos amigos politicos, a quem sempre quizera bem e que nunca deixára de ser estimado. Este exemplo animou um pouco a minha timidez aulica, e se não me fez amiudar as minhas visitas, salvou-me dos escrupulos em que estava de ter offendido os dogmas do meu partido para cumprir os seus mandados e zelar os seus interesses».

O ministerio Saldanha assumiu a dictadura e convocou novas côrtes com poderes para reformar a Carta. Em 26 de maio nomeou uma commissão para apresentar as bases para a lei eleitoral. Entre os nomeados contava-se José Estevão.

Em 16 de novembro verificaram-se as eleições sendo José Estevão eleito deputado por Lisboa.

A 15 de dezembro abriu-se o parlamento, onde José Estevão collocou-se ao lado do governo, corroborando assim as ideias que havia manifestado na imprensa.

N'esta sessão parlamentar o tribuno não pôde ser tão assiduo como desejava e sempre foi.

Nos principios de fevereiro de 1852 foi atacado por uma molestia terrivel, uma febre typhoide que o levou quasi que á beira do tumulo. Morava então na rua da Cruz de Pau, e dias houve em que a população de Lisboa correu ali em peregrinação constante informar-se do seu estado.

Rarissimas vezes tem presenciado a capital manifestação identica, o nome de José Estevão andava na bocca de todos, todos procuravam com avidéz noticias do enfermo, por isso, quando se soube que o perigo tinha passado, quando no dia 8 de março a *Revolução de Setembro* noticiou—«O snr. José Estevão acha-se livre de perigo e entrou em convalescença» a alegria divisava-se em todos os rostos, as felicitações saiam de todos os labios.

Reconhecendo que a morte se approximava, pediu um padre, e havendo-se confessado quiz receber os ultimos sacramentos da Egreja, que promptamente lhe foram ministrados.

Nem só o povo de Lisboa e a imprensa do paiz se interessou pela vida do tribuno, lá fóra no estrangeiro tambem, se fizeram votos pelas suas melhoras. A *Nação*, jornal de Madrid, disse o seguinte:

«Todos os periodicos lisbonenses do dia 19, sem distincção de côr politica, annunciam com profundo sentimento que o illustre estadista snr. José Estevão continuava gravemente enfermo, e que, na opinião dos medicos que lhe assistem, a sua vida corre perigo. Postoque o snr. José Estevão tenha militado sempre nas fileiras do partido setembrista, não nos admira que a imprensa de todos os matizes considere como uma calamidade publica a sua irreparavel perda. Effectivamente, a sua morte privaria o throno de D. Maria da Gloria d'um de seus mais distinctos campeões; o parlamento d'um orador que com justo titulo é denominado o Mirabeau de Portugal; e a liberdade um de seus mais constantes e mais decididos defensores.

«Nós, que conhecemos pessoalmente este esclarecido patriota, e que não podemos olvidar os extraordinarios serviços que prestou á causa liberal em a nação visinha, unimos a nossa voz á dos jornaes do Tejo, para rogar á Providencia que conserve sua preciosa vida.»

José Estevão mal entrou em convalescença quiz escrever a seu velho pae, mas como o não podesse fazer por extremamente debilitado dictou a seguinte carta que assignou.

Meu pae.—Primeiro que tudo peço-lhe que me lance a sua benção, e que me dê liberdade para o abraçar.

«Estou ha seis dias em convalescença, e não tem havido n'ella o menor transtorno. Só appareceu uma tossinha, que os medicos attribuem a algum descuido no curativo dos causticos.

«Hontem comecei a tomar um cosimento de borragens para a debellar. Supponho que este incommodo pega com o quer que é, que tive na respiração, porque todo elle está no lado direito, que foi o mais affectado, e aquelle onde puz muitos causticos.

«Nada está determinado sobre o que se fará para ultimar a minha convalescença. Creio que destinam mandar-me para o campo, mas ainda não escolheram região d'entre as que nos suburbios de Lisboa se julgam mais proprias para doentes.

«Eu, posto que ancioso por deixar esta casa em extremo doentia, hei-de representar para não sahir, em quanto a quadra se não amenisar. Lisboa tem estado em muito mau estado sanitario, e o meu assistente todos os dias me conta casos da extraordinaria insalubridade, que está grassando.

«Eu supponho que estive mais morto do que vivo. Presenti que estava seriamente doente, e quando me deitei na cama estava firmemente convencido, que d'ella me levariam á sepultura. Pouco me importava isso por mim, porque tenho vivido de mais, e ha-de-me custar a soffrer a velhice, que está sobre mim. Mas a minha querida familia, e os meus sinceros amigos quasi que me faziam temer a morte. Por mim nunca a temi, e d'aqui por diante menos do que nunca; porque apprendi, que quasi não ha differença entre viver e morrer.

«Fui tratado com amizade, com dedicação, com desvelo. Devo aos medicos meus amigos, e mesmo áquelles que o não eram, quanto homens podem dever a homens.—Devo a toda a gente de Lisboa inapreciaveis provas de sympathia e amisade. Em uma palavra: a morte poupando-me carregou-me de obrigações, que uma longa vida apenas bastará a solver. O gosto de ser bemquisto não minora o pezo d'estas obrigações. Mas emfim ha uma ideia, que faz parar todas estas reflexões. Não se pôde disputar se é bom morrer ou viver quando só vivos podemos vêr nosso pae, abraçar nossas irmãs, beijar nossas sobrinhas, e pôr o nosso coração junto ao da nossa familia. Isto é que eu faço com toda a effusão d'alma e com as lagrimas sobre as faces.

«Logo que possa ahi vou. Tenciono passar lá o verão, e sob os conselhos de meu pae tratar de combater as inevitaveis ruinas da molestia, que acabo de padecer.

«Peço recados e affectos para todas as pessoas, que sinceramente se tiverem interessado por mim, e a meu pae torno a pedir a benção com toda a ternura e reverencia filial.—Seu filho—*José Estevão*. Lisboa, 10 de março de 1852».

Esta carta, modelo de piedade filial, encheu de contentamento Luiz Cypriano que decerto não sobreviria á morte do filho. O santo velhinho respondeu logo a José Estevão com esta carta:

«José, querido filho. — Depois de te julgar morto, quiz Deus que ainda recebesse a tua carta assignada pelo teu proprio punho, assegurando-me as tuas melhoras; mas ainda que seja apreciavel este testemunho do teu affecto para com teu pae, teu pae nunca duvidou d'elle para te não dispensar d'este esforço, em que as expansões do coração poderiam abalar prejudicialmente o debil estado da convalescença, que é a consequencia de um grande transtorno de saude.

«Consolou-me no meio dos receios, que sempre me acompanharam durante a violencia da tua molestia, o ver teu comportamento de submissão e respeito para com o Creador, que elle mesmo imprimiu no nosso ser, o que faz o primôr das nossas obras, e que nós nunca devemos deixar obscurecer pelos sentimentos terrestres, que perderão o seu prestimo n'este mundo, se as desacompanharmos do anjo da guarda que habita em nós com a alta prerogativa da razão.

«O combate foi renhido, e perder-se-hia se não fosse bem dirigido. E' preciso agora não perder a victoria pela alegria do triumpho. Has-de mudar de sitio conforme lá te ordenarem, e para onde te ordenar quem tanto se tem interessado por ti. Não digo que venhas logo para Aveiro; antes d'isso é necessario observar como entra o verão quanto a salubridade, que o anno passado esteve aqui muito doentio, e as condições locais não estão melhoradas.

«Resta-me saber como está o snr. Rodrigues Sampaio, que faz parte da minha familia, e me dá serio cuidado qualquer incommodo, da sua saude. E o Leite como vae? — que se não esqueça do que lhe escrevi. O Antonio e o Matheus teem saude, valha-nos isso. Cá vae-se resistindo. Todos te abraçam com lagrimas de ternura e eu fecho a carta lançando-te a benção de pae. — Luiz Cypriano.

«P. S. — Muitas são as obrigações contrahidas por occasião da tua doença que não pagáveis; o pago está na generosidade dos amigos».

#### IV

José Estevão não assistiu á discussão do *acto adicional*, e votou assim a proposta do seu dedicado amigo Mendes Leite que, aboliu entre nós a pena de morte nos crimes politicos. Na sessão de 21 de julho disse «que sentia muito não ter podido associar o seu voto ao d'aquelles que tinham votado pela abolição da pena de morte nos crimes politicos, porque além de ser esse um grande principio, era

o sentimento nacional, e mesmo nos crimes civis a desejava vêr abolida, para que o homem não podesse ter mais força que Deus ».

Foi esta a primeira sessão a que José Estevão assistia depois da sua doença, por isso querendo dar um testemunho publico do seu reconhecimento para com todos os que se haviam interessado pelas suas melhoras, principiou por esta fórma o seu discurso:

« Honrado amigo e illustre presidente da camara dos deputados: Permitti que n'esta casa parlamentar aonde nunca trouxe paixões mesquinhas (*apoiados*) me incline reverente e agradecido deante da illustrada população de Lisboa pelas provas de affecto que d'ella recebi durante a minha longa molestia, e que me congratule com os meus honrados e bons patricios pela prolongação da minha vida, que estimo principalmente, porque entendo que ella o não tem deshonorado. (*Apoiados*). No mesmo sentimento abraço todos os meus collegas. A vida publica que em mim foi um accaso, e depois um ponto de honra, de hoje em diante — é uma obrigação estricta e rigorosa, porque as dividas de lagrimas não se pagam senão com uma dedicação sem limites (*vozes, muito bem*) ».

José Estevão considerava a nova situação politica como « uma empreitada de obras publicas » e n'essa qualidade querendo auxilia-la tanto quanto podesse, preparou durante a sua convalescença um projecto de lei para a construcção de um caminho de ferro de Villa Nova da Rainha ao Porto. Na sessão de 13 de julho apresentou-o a consideração da camara, tendo por isso a prioridade da ligação accelerada entre as duas primeiras cidades do paiz. Por então só se pensava no caminho de ferro de Lisboa a Madrid; para se ir ao Porto julgava-se ser mais que sufficiente uma estrada de primeira ordem. O tempo, e não foi elle muito, veio justificar a proposta de José Estevão, e os que diziam bastar uma estrada ordinaria foram depois os primeiros a querer o caminho de ferro.

V

Na sessão de 21 de julho declarou José Estevão que pela sua parte apoiava franca, leal e deliberadamente o ministerio, porque conhecendo a situação politica, não a quer comprometter, julgando que é um grande serviço que se faz á liberdade, conservando á testa do governo homens moderados, mas liberaes, que conservem n'este canto da Europa não só o systema eleitoral, mas ainda um couto onde se acolham os liberaes perseguidos na Europa.

Deseja que o governo se entregue ás empresas tão necessarias n'este paiz, deixando de parte as questões politicas; e que recebesse o governo os conselhos que lhe dava não como de um homem que apoia o ministerio, mas como de um irmão e terminou o seu discurso por estas palavras :

«Fazei tudo quanto a epocha exige de vós, satisfazei a todas as necessidades publicas com desassombro, fazei coisas boas e grandes, e com isso não tereis do paiz senão bençãos».

Tendo havido na camara dos deputados uma votação contraria ao ministerio, este dissolveu a camara em 24 de julho e declarou-se em dictadura que, foi fertil em melhoramentos materiaes.

Em 30 de julho creou-se o ministerio das obras publicas e ordenou-se a construcção do caminho de ferro do norte. Estava em parte satisfeito um dos grandes *desideratuns* de José Estevão por isso elle não regateou louvores ao governo. Na *Revolução de Setembro* de 2 de setembro escrevia o tribuno:

«As medidas do governo enchera-nos de jubilo. Não podemos dissimular-o. Ganhamos annos na carreira da civilisação. Destruimos muitos embaraços ao progresso governativo. Proclamaram-se altos principios de economia e administração. Levantaram-se as balisas para as mais uteis construcções.

.....

.....

A criação do novo ministerio das obras publicas e industrias, applica ao fomento do paiz os cuidados e o prestimo da auctoridade publica. Isto importa a medida do governo, por quanto existia na administração publica para promover as industrias ou abrir communicações era por tal modo desmaseado, rotineiro e burocratico, que quasi se podia dizer que aquelles interesses sociaes estavam eliminados da gestão governativa, e entregues á sua propria força, escaça as mais das vezes para lhe dar uma existencia mesquinha, e quando muito, bastante para as arrastar a esforços inuteis, e desconcertos deploraveis.

O caminho de ferro de Lisboa ao Porto é a maior medida que se podia tomar, para imprimir nova vida a esta nação. Por qualquer aspecto que se olhe aquella obra, a sua importancia é incalculavel. Desde que dobramos o cabo da Boa-Esperança, nunca praticámos feito de tamanha transcendencia. O caminho de ferro do Porto é o primeiro manifesto de adhesão á moderna economia das nações, e uma confissão publica dos erros e desperdicios das nossas antigas descobertas. Só por esta obra dizemos a nós mesmos e á Europa que a civilisação se amolda a todos os espaços, que se aclimata em todas as regiões, que não é a vastidão dos territorios, mas o bom grangeio d'elle que faz a felicidade dos povos, que andar depressa e barato é trabalhar, ganhar, gosar, polir os costumes, activar as faculdades phisicas, prevenir os crimes, illustrar o entendimento, e augmentar a renda e os consummos de cada individuo. Estas vantagens são tão grandes como as verdades d'onde ellas se deduzem. Pronuncial-as officialmente, e represental-as por factos, é sem duvida um serviço assinalado.

O caminho de ferro de Lisboa ao Porto é uma optima especulação. Não communica duas cidades, nem as povoações que lhe ficam

na estrada, communica todas as provincias de Portugal na linha natural da sua viação. E' a unica via transitavel para os tres mllhões de habitantes que tem a nossa terra, e para maior parte dos productos, que elles trocãm uns com outros. Está no nosso territorio; não póde portanto ser prejudicado por outras linhas rivaes e pelas medidas economicas de governos estranhos. Abarca todo o movimento das nossas costas, mandando para viagens de longo curso, e para navios de maior lote, os capitães e os marujos empregados até agora na cabotagem».

## VI

O apoio condicional que José Estevão prestava ao gabinete fez com que este o não considerasse como candidato seu. Chegou a mandar-lhe offerer a sua reeleição por Aveiro, mas como isto obrigava o tribuno a explicações previas, este não aceitou o offercimento e propoz-se a candidato independente por Lisboa. E' muito notavel a carta que escreveu aos eleitores d'este circulo por essa occasião. Vem publicada na *Revolução de Setembro* de 6 de dezembro (1852) onde occupa quinze columnas, e é assim datada. — «Escrepta em Aveiro nos fins de outubro de 1852». — E' hoje conhecido de poucos este documento, e meu desejo era transcrevel-o aqui, mas não o posso fazer pela sua extensão.

A carta começava por esta fórma :

«Não ha governo livre sem regimen parlamentar, e não ha regimen parlamentar sem publicidade dos actos da administração, dos debates das assembleias é apenas uma instituição official, que não póde ser enganosa, mas que nem sempre satisfaz a consciencia dos cidadãos. Para a supprir e completar incumbe aos homens publicos darem razão dos seus procedimentos, relatarem as suas opiniões, patentear os seus intuitos, e conservar-se em uma especie de exposição moral em que possam ser bem vistos e bem julgados. As leis e principalmente as politicas não contêm todas as normas da vida social. Os bons cidadãos procuram alcançar a intenção d'ellas e desenvolvendo-o em maximas que os legisladores callaram, contando com a lealdade e virtude individual, a si proprios se obrigam. Quando os fundadores do systema constitucional legislaram a publicidade, decretaram virtualmente a franqueza. Quem falta a este dever na vida publica, conspira para desacreditar as doutrinas constitucionaes em que livram actualmente os destinos do mundo».

Depois de reiterar a sua profissão de fé politica, historia a alguns actos da sua vida publica especialmente os que dizem respeito à *regeneração*, a attitude do governo perante a camara dissolvida,

a alguns factos da politica europeia d'então, como o partido progressista guerreou o da Carta etc. Referindo-se ao modo porque aquelle partido tinha auxiliado o gabinete Saldanha e que esse auxilio lhe era indispensavel, escreve:

«E' notavel que a corôa e o partido progressista tenham sobrelevado ao governo em cordura e tacto. As paixões politicas recolheram-se ás estações aonde ellas deviam imperar menos. A corôa levantou nobremente todos os interdictos ao partido progressista, e admittiu aos seus conselhos um membro da Junta do Porto. A rainha não prática de certo em todo o seu reinado um acto de tanta independencia, de tanta coragem, soberania e discernimento. Com ella o partido progressista esqueceu a batalha de Torres Vedras, os odios parlamentares de 1840, e apoiou o duque de Saldanha e o snr. Rodrigo da Fonseca Magalhães».

## VII

Alguem accusou então José Estevão de ter apoiado o ministerio pela promessa de grandes favores individuaes. O tribuno desprezou a injuria como ella o merecia, mas apezar d'isso, escreveu no documento que vou citando o seguinte: «As pessoas a quem sobram occasiões e meios de se corresponderem são as que mais raras vezes se corrompem.

Quem chama corruptos sem o menor fundamento a qualquer homem que se distingue em politica, é porque julgando-se por si não concebe possível a virtude n'uma situação em que a deshonra pôde ser lucrativa.

Uma d'estas noites fui corrupto em sonhos. Vendera-me ao banco pela presidencia da sua direcção, ao contracto do tabaco por um logar de Caixa com poderes descricionarios, e ao governo pelo rendimento das allandegas. Todas estas minhas corrupções eram por um anno. Não sei que uso fiz, durante elle, de todos esses poderes e capitaes, que veio muita gente pedir-me que me deixasse corromper para o anno seguinte. Não quiz continuar em semelhante vida, e accordei destituído de todos os meus cargos e privado das minhas riquezas».

Mais uma transcrição ainda, pois a declaração por importante que é, não convém que fique esquecida nas columnas do jornal que hoje só ha pouco o é dado lêr:

«Senhores eleitores, não busqueis por agora em mim o homem politico. Esse não sei se morreu em alguma das batalhas ultimamente pelejadas pela liberdade ou se come no exilio o pão estrangeiro. Quem se vos apresenta, é simplesmente um homem ingenno e um cidadão, que julga ser util ao paiz, encaminhando os negocios do estado pela

vereda que vos indicou, e que se paga de todos os trabalhos e desgostos da vida publica com a honra de merecer os vossos votos. E para nada vos encobrir, esse mesmo homem, apesar das suas convicções profundamente democraticas, chega com as suas sympathias a um dos lados do throno. A ninguem peço vénia para esta respeitosa affectuosidade, porque para todo o homem livre a religião das ideias e dos sentimentos são dous cultos independentes e tolerantes ».

José Estevão foi com effeito eleito deputado por Lisboa, e por consenso unanime do partido progressista que votou tambem em um dos ministros, Fontes Pereira de Mello.

Aberto o parlamento, continuou ao lado do governo, mas tão sómente nas questões que julgava compatíveis com os seus principios politicos e economicos. Era portanto um apoio condicional, o seu.

## VIII

Em 22 de fevereiro de 1853 principiou na camara dos deputados a discutir-se o projecto de resposta ao discurso da corôa, n'esta discussão entrou José Estevão e foi elle que fecho a discussão fazendo um magnifico discurso na sessão de 2 de março, explicando d'uma maneira lucida e terminante a posição que o partido progressista occupava no parlamento e na imprensa. Disse que o apoio que o partido progressista dava ao governo não era só, porque é o que dá mais garantias de satisfazer aos desejos que desde tanto tempo tinha manifestado o mesmo partido; que apoiava o governo porque o que o podia substituir não dava nem as mesmas garantias, não tinha radicações no paiz e podia causar uma reacção que transorne a paz que os ministros tinham tido a boa fortuna de conservar.

Na sessão do 1 de abril pronunciou estas palavras que definem bem a sua posição perante o governo:

«Eu não me levanto para disciplinar as opposições; não me pertence esse officio, porque a posição que actualmente occupo, é essencialmente transitoria, e desgraçadamente terei que estar em opposição talvez mais cedo do que desejava, não por mim, mas pelo bem do meu paiz; porque eu não apoio senão governos honestos e tolerantes, e aquelle que se seguir a este ha-de tornal-o saudoso, e fazer derramar muitas lagrimas ao partido popular...»

«A minha posição é definida, clara, leal, defensavel; não a tomei sem reflexão, nem a abandono levanamente; e preso-me de ser um homem serio. Eu não sou ministerial dos ministros».

Digo snr. presidente, que não sou ministerial dos ministros;

não me levanto para defender suas pessoas; podem fulminal-os, pulverisal-os, que me não importa isso; o que me importa é a sua politica, e n'essa hei de ajudal-os em tudo que não comprometta os meus principios, nem os interesses do meu partido, como eu os entendo.»

José Estevão tinha entranhado affecto por tudo que dizia respeito a Aveiro, os seus melhoramentos materiaes preocupavam-no continuamente. Em Aveiro como quasi que em todo o resto do paiz faltava tudo, menos egrejas e conventos, não havia um plano de estrada, o caes que havia sido feito com recursos proprios cahia a pedaços, a barra para quem até então o Estado apenas havia concorrido com nomeações sobre nomeações de engenheiros e providencias legislativas cujos encargos pecuniarios carregavam só sobre os habitantes de Aveiro e do seu districto ameaçava desaparecer d'um momento para outro, a ria areava-se mais e mais por falta de plantações adequadas nas dunas do littoral, as aulas de instrucção secundaria estavam alojadas n'um velho e arruinado convento e assim tudo o mais. Tal era a situação d'esta cidade quando Portugal graças á regeneração iniciou essa brilhantissima serie de melhoramentos publicos, que a tornaram benemerita. José Estevão aproveitou portanto a occasião, para tornar lembrada a cidade que havendo sido o seu berço tambem o fôra da liberdade.

Na sessão de 8 de julho de 1853, requereu ao governo para que mandasse estudar o modo de fazer plantações de pinheiros na costa do mar, proximo de Aveiro; e na sessão de 16 do mesmo mez, requereu «primeiro, para que o governo mandasse fazer a planta e orçamento de um edificio para estabelecer o Lyceu de Aveiro, tendo por adjunto a bibliotheca publica, que estava decretada para aquella cabeça de districto, assim como para todos os mais; segundo, que se mandassem consultar as auctoridades para verificar se as ruinas da Albergaria de S. Braz eram o logar mais proprio para o Lyceu; terceiro, que o governo escolhesse dos edificios nacionaes que em Aveiro eram destinados para os diversos serviços da repartição militar os que se podessem dispensar com as melhores condições para se estabelecer as cadeias e tribunaes; por fôrma que o edificio satisfizesse ás condições que ás ideias humanitarias; á philosophia do direito e ás prescripções que o codigo penal indica em construcções d'aquella especie.

## IX

Em 15 de novembro d'este anno, morreu a rainha D. Maria II. José Estevão que estava em Aveiro n'essa occasião não quiz deixar passar tão tristissimo successo sem commemoração condigna. Diri-

giu-se á redacção do *Campeão do Vouga*, na rua do Alfena e ahí dictou ao dr. Bento de Magalhães o artigo que segue e que tendo sido publicado no n.º 172 d'aquelle jornal, em 17 de novembro, foi depois transcripto por todas as publicações periodicas do paiz :

« Falleceu a rainha, mas não falleceu o supremo magistrado da nação. Nem mesmo os reis absolutos morrem. Finado um, levanta-se outro. A lei já o tem designado e reputado. A realeza, que n'este governo está superior a todas as potencias da terra, como que nem reconhece o poder da morte, muda imperturbavelmente d'investidura. O tempo que medeia entre estas mudanças nem se póde contar. O luto nunca chega á instituição.

Muito menos morrem os reis constitucionaes. Esses são apenas uma expressão da soberania nacional, uma função governativa, uma formula politica. O individuo não avulta, não pesa, não se encherça. Na realidade é que está a abstracção. Julgou-se preciso na hierarchia social um espaço defeso a todas as ambições, e para o segurar melhor contra ellas occupou-se esse espaço. Julgou-se preciso no machinismo administrativo um poder inalteravel, uma força perenne, um limite, um regulador, e attribuiu-se este complicado trabalho, effeito natural das instituições, a um ser vivo, a uma personagem convencional.

Morreu pois a rainha, mas ficou a dynastia; ficaram os poderes legitimos; ficou o voto nacional; ficou o povo que faz os reis, e que provê sempre por qualquer modo á sua propria governação.

Mas o que findou com a rainha, foi o primeiro reinado depois do systema constitucional; foi o reinado installador d'esse systema; o reinado contemporaneo das suas primeiras luctas; o reinado sob cuja rubrica se traçaram os fundamentos da nova sociedade portugueza, o reinado sob cujo nome foram lançadas á terra as sementes da nossa serodia e infesada civilisação.

O principe que se deixou fazer rei para tornar uma colonia em nação, e que segura esta obra, cingiu uma espada para libertar um povo, morreu tendo apenas repousado poucos dias á sombra dos louros de tão gloriosa empreza. Desde então tem successivamente cahido na sepultura muitos dos generaes que o acompanharam nos perigos da guerra; muitos dos conselheiros que em dias angustiosos o igualaram em impavidez e esforço; muitos d'esses homens em fim que vindo de terra extranha mal beijaram o torrão da patria soffregos de pelear em defeza d'elle, e que apenas o libertaram correram a fartar saudades de familias, a perdoar affrontas, a agasalhar inimigos, a grangear fortunas devastadas pelas discordias civis, ou a servir o estado em modestos empregos, meŝquinha recompensa de seus muitos sacrificios e infortunios. Honrada familia de liberaes, de crencas vivas, de fê pura, sobre quem nunca poderão, nem os favores do poder, nem as suas malquerenças, nem os seus arbitros.

Honrada familia de liberaes, d'esses liberaes iniciadores, ho-

mens crestados da polvora, macerados de fome amarellecidos pelas masmorras, torturados pelo exilio, e que espalhados na terra que é duas vezes nossa, uma pelo direito do berço, outra pelo direito do resgate, conservastes, sempre immaculado o dogma, a doutrina, por que tanto sangue e lagrimas se derramaram. Estaes, nobre familia, bem rareada, bem reduzida, bem proxima a sair inteiramente do livro dos vivos, e entregar á nossa gente o fructo das nossas fadigas, das nossas dores e das nossas gentilezas.

Ainda ha pouco a rainha que ora ajoelha deante do throno do Altissimo estava ajoelhada deante d'um leito d'enferma. Essa enferma era sua irmã. Ambas filhas do principe instituidor, ambas coevas dos tempos de sangue e gloria, ambas nascidas em berço real, e expostas nos primeiros annos da vida aos revezes da fortuna, ambas entroncadas em uma geração de ideias, ambas baptisadas n'um gremio politico, ambas representantes de tradicções populares, abraçaram-se na terra com profundo enternecimento, com dó universal para se abraçarem pouco depois no seio da eternidade, na mansão dos justos. Uma, dama forte e mãe exemplar, outra, donzella timida, filha estremecida, a ambas cobriu depressa o pó da sepultura, ambas passaram ao quadro mortuario em que está figurada a epoca mais revolucionaria da nossa terra.

Mas todas estas mortes são glorias, são triumphos — glorias, triumphos para o que ha no mundo verdadeiramente grande, alto, sublime — a sorte dos povos e os progressos da humanidade. Foi-se o legislador e o capitão da liberdade, e a liberdade, não pereceu com elle. Vai-se a rainha a cujo direito dynastico a liberdade se amparára, e a liberdade fica vivendo da sua propria vida. As instituições tem entre nós resistido por longo tempo á acção desregrada dos partidos, á ambição turbulenta dos estadistas, ao desleixo governativo, ás corrupções desaforadas, ao desequilibrio dos poderes, ás exaggerações populares, ás restricções governamentais. As liberdades publicas, por vezes oprimas e cerceadas, quebraram afinal todas as prisões, restabeleceram todo o seu poderio, e nem mesmo nos dias de maior provação esconderam o seu direito, nem appareceu alguém que se atrevesse a negar-lh'o despejadamente. Ver-se-ha que tendo ellas arrostado com tantas tribulações, pódem agora com mais este ~~vez.~~

Deixemos que o tempo vá passando sobre tantas ossadas, e aguardemos desassombrados a nossa vez. Recordemo-nos sem sobresalto das luctas que temos presenciado, dos contratempos que temos perseguido; vejamos a ideia de sobreviver aos homens que a conceberam aos braços que a defenderam. Deixemo-nos ficar sem susto debaixo da abobada que está já sobreposta e calcinada. Tirem-lhe todos os simplices que a amparavam. Descancemos na geração nova. Estamos já sob a sua tutella, sob o seu influxo. Confiemos na razão publica,

nas massas populares. Choremos os golpes da morte, mas não tememos os perigos politicos.

Mas os que restamos dos tempos primitivos temos um grande dever a cumprir, um timbre a satisfazer. Cumpre-nos dar o exemplo de fortaleza e prudencia. Cumpre mostrarmo-nos sobranceiros ás calamidades publicas, e sublimar as virtudes da nossa creação.

Passamos pois entre nós—entre aquelles de nós que sempre fomos fieis ao dogma, aquellas palavras prestigiosas com o que nos dias atribulados levantavamos os animos, e assoberbavamos a morte, agreguemos fraternalmente ao nosso culto as almas juvenis já aquecidas pelo fogo da liberdade politica, que tanto nos custou a grangear, para que ella seja transmittida intacta a nossos mais remotos descendentes como um legado de familia, como um encargo de honra, como um juramento sagrado.

Os reis constitucionaes não tem mechrologia politica. A sua inviolabilidade dá-lhe privilegios além da campa. A historia para não contradizer as instituições, deve ser silenciosa ácerca dos seus actos governativos. Nem póde ser d'outro modo, porque taes actos não se supõe existir. Estes reis reinam só.

Mas a rainha reinou em tempos anormaes.

Foi um character publico, talvez o mais decidido, o mais pronunciado, o mais energico do nosso tempo. Não é occasião, nem nós que remos apreciar-o e julgar-o.

Uma grande verdade devemos á sua memoria. Confessamol-a e proclamamol-a com intima satisfação. Desejaramos que a defuncta a pudesse ouvir. A rainha nunca trahiu em seu animo o principio politico a que deveu o throno. Nunca conspirou para a destruição das liberdades que seu pae lhe encarregou de manter. Nunca se sorriu para as prerogativas e para os titulos do poder absoluto, nunca pensou pôr o seu nome em decreto que abulisse as instituições constitucionaes. Nunca tencionou assentar-se em throno cimentado no prejuizo e na ingratição. Folgava de segurar a sua auctoridade, e para a segurar não duvidava exaggeral-a. A sua vontade era indomavel, o seu instincto penetrantissimo. Tinha força, vocação, qualidades para ser mais do que rainha constitucional, mas não tinha impiedade filial, e a baixa coragem de o ser. O seu espirito era talvez maior do que a sua missão e de que o seu povo. Os seus commettimentos deram a medida do seu arrojo, e as suas proprias correccões a medida do seu juizo.

E os ultimos annos da vida da rainha foram tempo para ella provar todos estes dotes. Deus, como que não quiz deixar mal avaliado o character de tão notavel senhora, estendeu-lhe a vida para que a seu respeito se illustrassem os juizos humanos.

Todos sabemos como a revolução de 1848 fez renegár as doutrinas constitucionaes a reis, a principes, a sabios, a estadistas, a proceres e a populares. Todos sabemos com que afan, com que zelo se travaram desde então as alianças para desterrar do solo europeu

os principios de razão, de direito e de humanidade, que foram o resultado de lucubrações desapaixonadas, de experiencias infelicissimas, e de calamidades tremendas. A rainha encarou com o seu natural desassombro esta vaga politica e ousou oppor-lhe a pequenez dos seus estados. Delarou-se sem reboço contra todas essas tentativas libertecidas, e assim como só na Europa em quadras de geral tranquillidade viu seus povos revoltosos e inquietos, tambem n'esta deturpação e flagelo universal decidiu concorrer por sua parte para que não entrasse em nossa terra o contagio reacionario, a vertigem oppressora. As suas ideias sobre a politica da maior parte dos soberanos europeus eram concebidas. Nem a rainha se acanhava de as declarar. Dizia-as aos embaixadores, dizia-as ás pessoas suas conjunctas. E não se contentava de exprimir a sua opinião: empenhava a sua auctoridade real para a converter em factos politicos, protestando pela liberdade do seu governo, pela independencia de seu arbitrio. Fazia-se *Cassandra* dos desastres que ella antolhava consequentes dos excessos do poder, e doutrinada com proprias lições, desejava que ellas aproveitassem a suas parentes pelo sangue e pela dignidade.

Mas onde a rainha reinou e governou foi no centro da sua familia. Ali, amando e respeitando seu marido, assumiu ella os poderes todos e fez d'elles o mais edificante uso. Aquella constituição foi legislada por ella, aquelle povo por ella foi morigerado. Alli se revelaram todas as faculdades. Alli se estampou a sua indole. Perfeita mãe, seria uma rainha sem equal se os estados se podessem governar como as casas, os ministros como servos, e os subditos como filhos.

Filhos! Para estes é que devem ser todas as lagrimas. Estes é que devem chorar sempre, por que estes é que perderam tudo. Sim tudo, porque não gosam já adultos, com a sciencia do mundo e do coração, o mais puro, o mais sublime, o mais consolador, o mais delicioso, o mais necessario, o mais inefavel de todo o amor feminino, o amor de mãe, o amor conselho, o amor cuidado, o amor respeito, o amor submissão, o amor em que todo o sacrificio é mimo, e todo o praser virtude.

Mas a morte da rainha é uma grande admoestação para os partidos. Façamos todos exame de consciencia já que Deus nos avisou n'um dos poderes da terra. Os partidos tambem são poder, tambem teem vida, e são chamados a contas. E' no interior dos seus archivos, e não sobre a sepultura dos reis, que se faz o inventario das prosperidades dos povos. Acabou já um reinado depois do systema constitucional, e se foi pequeno para a vida da rainha defuncta, não o foi para o tempo que costumam passar no throno as testas coroadas. Que fizemos durante esta epocha? São 19 annos preciosissimos pelos acontecimentos que n'elles correram, pelas descobertas que durante elles se fizeram, pelos beneficios sociaes que se inventaram, pelas uteis empresas que se levaram ao cabo. Aproveitámos

nós todas estas vantagens, imitámos todos estes exemplos? Comprehendemos o espirito do nosso seculo? Demos ao paiz todos os melhoramentos que lhe podiamos dar? Levantámos cada classe á altura a que ella podia subir? Honrámos a geração a que pertencemos, a nação que nos deu nome? Responda cada um a si, responda á sua consciencia, que é o mesmo que responder a Deus.

E seja o que temos feito aviso para o que temos de fazer. A rainha morreu deixando inaugurada uma politica. Poz-nos de preceito o seu exemplo. Os ultimos actos da sua vida constitucional formam o seu testamento. A paz de que temos gosado deve-se-lhe em parte. Esta confissão é hoje desinteressada. Poucas vezes calamos a verdade, e nunca a podemos negar. Se a tivéssemos dito ha mais tempo, talvez prejudicássemos a causa do paiz, e desautorisássemos inutilmente a nossa pessoa. Mas a morte que põe termo a muitos males, tambem cria muitas isenções.

Estamos em regencia. Esta especie de governos não é muito abonada. Dizem que elles são fracos e vacilantes. Não o ha de ser esta. Temos muita confiança no principe a quem fica encarregada por curto espaço a corôa de seu filho, e as liberdades da nação. Esperamos tudo das suas altas qualidades, do seu nobre character. O ensejo é favoravel.

O paiz tem intelligencia, vontade, e cordura. O regente sabe melhor do que ninguem o que nos falta. Julga-nos mercedores e capazes de tudo. Não tem medo do seculo em que vive, nem do povo que é chamado a reger. Tem andado entre nós. Tem participado das nossas angustias, e das nossas miserias. Sabe que a realza é uma função publica, e comprehende os deveres d'ella. E' bondoso e leal. Possui as qualidades caracteristicas do povo portuguez. Não tem vaidade, nem ambição. Ama as coisas pelo que ellas valem, e os homens pelo que elles prestam.

A sua regencia deve servir a iniciar seu filho no systema constitucional, e a dar ao paiz os bens capitaes, que as luctas politicas, e a corrupção dos espiritos lhe tem por tanto tempo addiado.

Inclinemo-nos pois diante do feretro da rainha defuncta, lamentemos sua familia que lhe era tão cara, e saudemos e ajudemos o regente, cuja intenção é de certo tão boa como a alma que tem pintado no rosto.

Um regente plantou n'esta terra as liberdades publicas, plante outro entre nós a civilisação sem a qual ellas não podem arrear-se nem medrar. A obra é de todos e para todos. Empenhem-nos portanto n'ella com animo leal e resolutos».

A morte da rainha em nada alterou a politica do ministerio que continuou a merecer a confiança da corôa e a ter maioria em

ambas as camaras, e o mesmo succedeu quando em 16 de setembro de 1855 foi aclamado rei de Portugal D. Pedro V que continuou a depositar inteira confiança no gabinete.

N'este mesmo anno, a Academia Real das Sciencias de Lisboa, e em sessão de 28 de julho elegeu José Estevão seu socio effectivo.

Na sessão de 30 de abril da camara dos deputados pronunciou José Estevão um discurso muito notavel sobre caminhos de ferro, discurso com que occupou ainda as sessões 2 e 5 de maio. Em todos elles ha pontos de doutrina apreciabilissimos e passagens verdadeiramente eloquentes. No primeiro d'estes discursos José Estevão abre uma vehemente reprovação ao habito parlamentar portuguez de se responder ao discurso da corôa. Diz elle:

«Snr. presidente, antes de entrar na peleja em que se teem empenhado tão esforçados campeões, permitta-me v. ex.<sup>a</sup> que dirija duas palavras a uma opinião, que não é presentemente militante; e que de passagem lhe faça dois raparos, para vêr se a convenço á vista de tão instructiva experiencia, da sem-razão com que insiste em conservar uma prática desnecessaria, inutil, desperdiçadora de tempo, e que destroe em grande parte a força da palavra e a efficacia do voto parlamentar. Esses duros, esses desalmados partidarios da resposta ao discurso da corôa não lhes basta este debate tão prolixo, tão vigoroso, tão conducente a formar conclusões de todos os votos parlamentares e a decidir dos destinos do poder? Snr. presidente, tantas sessões, tantos discursos, tantas repetições, não provam que era deslocado o debate, sempre esgotado mas sempre encetado, da resposta ao discurso da corôa, e que uma vez devemos guardar o peso das nossas razões, a força da nossa eloquencia para o caso e para as circumstancias em que verdadeiramente se jogam os destinos do poder, e a preferencia dos systemas porque o paiz deve ser governado? Abaixo! mil vezes abaixo a resposta ao discurso do throno, como uma prática obsoleta, como um resquicio de habitos antigos, como uma das formulas que inibem os parlamentos de serem instrumentos de governo tão promptos, tão expeditos, como pedem as necessidades dos povos e as exigencias da civilisação, que teem hoje uma chronologia muito mais prompta, muito menos demorada do que a chronologia antiga!

Eu peço desculpa á camara de ter começado por este disparate; mas eu tenho por costume de quando encontro uma opinião que reputo prejudicial, não perder nunca occasião de a combater; pilhei por tanto a resposta ao discurso da corôa em flagrante infracção das tendencias e dos desejos de um parlamento esclarecido, não deixei passar a occasião de fazer sobresahir os seus inconvenientes».

Depois de ter criticado o abuso do direito de petição, dirige-se nos seguintes espirituosos termos ao partido progressista a que pertencia mas de que andava distanciado:

«Isto digo eu em geral; mas ao meu partido digo-o, appli-

cando a phrase conhecida: — pede, mas ouve. — Ao meu partido hei-de dizer: «Bate, mas ouve. Emquanto ouvires, hei-de consentir que batas»: mas hade ouvir sempre, porque é da sua inacta condição ouvir e não bater, e se elle bater e não ouvir, nem é partido, nem é liberal: é caceteiro. (*Riso*).

Snr. presidente, quando um homem, conscio da sua intelligencia, da força do seu character, se dirige a um grupo de individuos que têm as mesmas idéas, os mesmos principios, em que elles confiam muito, e seguem as suas inspirações, um homem n'estas circumstancias pôde dizer a esse grupo: «Segui-me, porque eu penso que vos levo aos melhoramentos publicos, e se eu errar, erremos todos». Mas quando se dá esta fatal discordancia entre um homem que pensa independente e fortemente no meio do seu povo politico; quando esse povo quer ir aonde elle não pôde ir, ou para onde elle não quer ir, não sei o que fariam os mais; eu sei o que faria. Eu diria a esse povo politico: «Dá, mas não dês de companhia; bate me, mas eu não te bato; dever de lealdade do homem publico, do homem politico, é nunca dar nos seus; quando elles precisam levar, que ás vezes precisam, outros que lhes venham dar». (*Riso*).

Em junho de 1856, recusando o rei ao ministerio a nomeação de novos pares, este demittiu-se. Ao poder foram então chamados os progressistas historicos que reconheciam por chefe o marquez de Loulé. Este partido compunha-se de elementos diversos mas o maior era o dos antigos setembristas que não quizeram acompanhar a regeneração como o tinha feito José Estevão. Fôra enorme o auxilio que o tribuno prestára ao gabinete cahido, e tambem não foram pequenos os beneficios que d'elle alcançou para o seu Aveiro. Na impossibilidade de os enumerar todos, citarei ao menos as estradas districtaes de Aveiro a Albergaria a Velha, e de Mogofores a Aveiro, construcção de edificio do Lyceu que é incontestavelmente o primeiro do paiz, e que custou ao Estado a quantia de 28:102\$448 reis.

José Estevão logo que o novo ministerio se apresentou ao parlamento declarou-se opposição, porque o fez escuso dizel-o, porque sendo coherente como sempre o foi não podia defender agora o que na vespera accusára.

Em fins de janeiro ou principios de fevereiro de 1857, José Estevão foi chamado a Aveiro para vir vêr seu pae, que se achava gravemente doente e a quem a sua avançada idade fazia recear um fim proximo. Não eram vãos estes receios.

Pelas 6 horas da tarde do dia 27 d'abril a alma de Luiz Cypriano desprehendia-se do seu involucro terreno. A dôr que José Estevão sentiu pela morte do pae foi profundissima.

Referindo-se ao passamento de Luiz Cypriano diz o *Campeão de Vouga* de 2 d'abril:

«No dia 28, quando o corpo estava já no athaude, foram seus dous filhos e sua neta, que nunca o desampararam, dizer-lhe o adeus

de despedida, e dar o ultimo beijo n'aquella mão gelada, que tantas vezes os tinha abençoado.

Esta scena de lucto e lagrimas, esta ultima entrevista dos filhos extremos com o cadaver do que fôra seu pae, contristou a todos que a presenciaram, e fez derramar o pranto sincero de uma sincera dôr.

A' noute mais de trezentas pessoas, de Aveiro, d'Eixo, da Oliveirinha, d'Ilhavo, e de Vista-Alegre acompanharam o feretro até ao cemiterio da cidade. A's argolas do caixão pegaram os ill.<sup>mos</sup> e ex.<sup>mos</sup> snrs. João Carlos do Amaral Ozorio, Alberto Ferreira Pinto Basto, Duarte Ferreira Pinto Basto, Casimiro Barreto Ferraz Sacchetti, Anthero Albano da Silveira Pinto, Francisco Thomé Marques Gomes, Jeronymo Fernandes da Silva e Germano Antonio Ernesto de Pinho. Levou a chave do caixão o ill.<sup>mo</sup> snr. doutor José Pereira de Carvalho e Silva.

Faziam parte do cortejo mortuario o ex.<sup>mo</sup> snr. vigario geral do bispado, o snr. governador militar, o snr. juiz de direito, o snr. delegado do procurador regio, e todos os empregados do juizo, empregados civis, das obras publicas, o corpo do lyceu, e os alumnos das diferentes aulas. Alli se viam entrelaçadas a toga, a espada, e a cruz, triplice alliança, que a morte santificava a beira do sepulchro».

Referindo-se tambem a este tristissimo successo, descreve o snr. Bulhão Pato.

«Luiz Cypriano, que fôra grande caçador, tinha ainda um perdieiro velho quando caiu no leito da morte.

José Estevão, no penultimo dia da vida de seu pae, passeava no quintal, extremamente agitado.

O cão fiel veio afagal-o, soltando um latido doloroso, como se lhe pedisse novas do dono moribundo, que tão affectuoso fôra com elle.

José Estevão, no desvario da sua afflicção, poz-se a fallar com o animal, lamentando-o pela perda do seu velho dono. Os que ouviram aquelle monologo dizem que não havia coração de pedra que se não partisse com a voz, as lagrimas, as palavras do grande homem, nivelado pela dôr com a criança ingenua e amantissima!

Quem sabe o que o cão sentiria!... A sciencia já nos tem dito muito e hã de dizer-nos muito mais a respeito das pobres alimarias, ás quaes o homem, em seu orgulho impio, não quiz reconhecer certas faculdades.

Chegou a hora funebre.

José Estevão recebeu-lhe o ultimo suspiro, deu-lhe o derradeiro osculo, e cerrou-lhe as palpebras com mão filial e piedosa.

Depois disse para os que o cercavam:

— «Quando estiver vestido e no caixão para ir para a cova, chamem-me.»

Obedeceram.

Uma hora antes de sair o prestito, foram avisar José Estevão.

Veio, ajoelhou ao pé do cadaver do pae, beijou-o na testa, beijou-o repetidas vezes nas mãos. Por largo espaço se ouviu o sussurrar das lagrimas e o soluçar cortado. De repente ergueu-se, e com semblante sereno disse, voltando-se para a eça onde o pae dormia :

— « Estás ahí bem, estás como um príncipe. Até breve, até qualquer dia ! »

E não tardou muito esse dia !

Passados poucos annos, o filho ia descansar para junto do pae, no chão dos cyprestes, na mesma terra que ambos, cada um por seu lado, tinham amado e honrado tanto !

N'esta epocha publicava-se um outro jornal em Aveiro além do *Campeão* era a *Imprensa*; referindo-se á morte e enterro de Luiz Cypriano escrevia :

« Centenaes de pessoas de todas as condições seguiram o fe-retro.

E cumpriam um dever.

Havia lagrimas em todos os olhos, e dôr em todos os corações. E lagrimas e dôr verdadeiras !

Aveiro será um monumento vivo e sempre erguido que atteste as virtudes não vulgares do nosso finado amigo.

Porque o pobre, o enfermo, o abandonado dirão aos seus filhos — não esqueças o homem bom, o modelo de caridade evangelica que sempre vos serviu de pae.

Que as virtudes d'este homem raro exemplifiquem ! »

A *Revolução de Setembro* tambem não deixou de commemorar sentidamente o passamento do pae do seu fundador publicando em 29 de março o seguinte :

« A *Revolução* está hoje de lucto pesado. Se a escura tarja fosse indispensavel para revelar um grande sentimento, se a saudade mais terna não pudesse manifestar-se senão pela negrura do typo, estas columnas deviam apparecer hoje bem assombradas.

Morreu hontem, ás seis horas da tarde, e morreu a morte do justo, o snr. Luiz Cypriano Coelho de Magalhães, pae do snr. José Estevão. Aveiro ficou orphão. Filhos d'elle não o eram só esses dous cavalheiros que nós todos conhecemos, eram-no todos os pobres d'aquella cidade, todos os necessitados, todos os desvalidos. Tinha bolsa mas para repartir com os outros o que era d'elle; tinha casa mas para agasalhar n'ella todo o mundo; gozava o que tinha privando-se d'elle para beneficiar os outros. Tinha mais que todos por que tinha o amor de todos, e cada um tinha o d'elle. A sua morte longo tempo será chorada, assim será honrada a sua memoria.

O snr. José Estevão, o filho predilecto, recebeu os seus ultimos suspiros. Sujeito áquelle duro destino era a maior ambição a que aspirava. Qual não seria o seu tormento se não pudesse apertar a mão de seu pae á sua, beijal-o pela ultima vez, abraçal-o, e cerrar-lhe os olhos ?

O snr. Luiz Cypriano já não vive na terra como mortal, mas o seu espirito que voltou para Deus ficará entre nós pelos exemplos da sua caridade e do seu patriotismo.

Não fazemos um necrologio, que nem o podíamos fazer. Exprimimos uma dôr commum, e callamo-nos porque a dôr concentrada não é de mais pequena valia ».

Dias depois da morte de seu pae, José Estevão foi ao tribunal judicial de Aveiro defender o snr. Alberto Ferreira Pinto Basto e outros cavalheiros d'Ilhavo, accusados de haverem commettido violencias eleitoraes na eleição do anno antecedente. Era a primeira vez que o tribuno fallava nos auditorios da sua terra, por isso a sympathia da causa ligava-se o desejo que todos nutriam de o ouvir.

Tudo o que em Aveiro havia de mais distincto correu ao tribunal, que n'um momento foi tomado de assalto por uma massa compacta de espectadores.

Os que não couberam, fizeram cauda, que se estendeu pelo largo municipal fóra. A audiencia levou dous dias, mas ninguem arredou pé enquanto José Estevão não fallou e isto succedeu só no fim da tarde do segundo dia. O discurso foi brilhantissimo, tendo o juiz por muitas vezes de valer-se de toda a sua auctoridade para impôr o silencio aos espectadores que esquecendo-se do logar em que estavam, rompiam em applausos calorosos ao tribuno. Este estava commovidissimo, não só por estas demonstrações dos seus patricios como tambem pela dôr que lhe ia n'alma, pois fóra na vespera que Luiz Cypriano tinha sido sepultado. Com os olhos rasos de lagrimas e apontando para a sua casa, que distanciava do tribunal apenas o espaço da viella, exclamou :

— « Se elle fosse vivo ouvir-me-hia d'alli ».

Nem uma só pessoa das muitas que enchiam o tribunal deixou n'este momento de juntar a sua dôr á de José Estevão, tal foi a entoação verdadeiramente extraordinaria e commovente com que elle arrancou do fundo d'alma aquellas palavras.

Desfolhadas as ultimas flores sob a campa do pae e com as lagrimas ainda mal enxutas, José Estevão partiu para Lisboa onde o chamavam os seus deveres de deputado.

Debatia-se então a questão do contracto do tabaco. Um dos artigos do programma da regeneração era a abolição do contracto e agora do ministerio progressista historico propoz que o contracto subsistisse.

José Estevão nunca revia as provas tachygraphicas dos seus discursos, por isso o que d'ellas resta nos *Diarios da Camara* é apenas uma pallida imagem do que elles foram. O discurso de 23 de maio foi brilhantissimo e a imprensa foi unanime em applausos ao tribuno. D'um dos jornaes d'então, da *Civilisação*, vou transcrever a parte do seu artigo principal a que se refere a este discurso :

«Cabia hoje a palavra ao snr. José Estevão. Todos os oradores

inscriptos antes d'elle haviam cedido o seu logar ao eloquente parlamentar, que depois de um largo silencio, interrompido por um doloroso infortunio de familia, subia áquella sua tão antiga e tão predilecta tribuna da opposição, para julgar e condemnar a alliança indigna da flôr da democracia portugueza com o typo mais severo e mais sombrio do espirito reaccionario em Portugal.

A maioria disciplinada pelos apostatas da democracia, e educada pelo exemplo do snr. Antonio José d'Avila, bem quizera evitar o ultimo supplicio, que lhe estava reservado na palavra, inspirada, fecunda e tribunicia do illustre representante por Aveiro. Bem andaram ensaiando um golpe de estado parlamentar para commetter dois escandalos em vez de um só, o de votarem a arrematação, e o de pôrem o voto da votação á objurgatoria vehemente, que bem sabiam estar-lhe reservada na oração do snr. José Estevão.

O orador levantou-se. Os mais obstinados e mais cegos partidarios das abjurações vergonhosas do snr. Avila, não poderam deixar de acompanhar a camara e a galeria no silencio religioso, com que ellas se dispunham a ouvir a voz insinuante, austera, e implacavel com que o illustre deputado ia começar o seu discurso.

Era, não um homem, mas as reliquias de um partido, deshonrado por complacencias affrontosas e por allianças absurdas; era o representante unico e verdadeiro da antiga e orthodoxa egreja progressista, o que se levantava para oppôr a sua auctoridade ás theorias, ás blasphemias, e aos attentados com que se havia maculado a traição, o dogma e os ritos fundamentaes d'aquella communhão tão veneranda n'outro tempo, e transformada agora na synagoga de um cabralista, e na servidão de um faccioso sem ideias e sem decoro.

O exordio foi logo o annuncio e o resumo do que seria a oração inteira. O orador, alludindo á dôr profunda com que o magoou uma perda recente e lastimosa, exclamou que vinha de um tumulto ainda entre-aberto ao tumulto do seu partido. O orador, perdendo ainda ha pouco um pae extremoso, honrado, e virtuoso, vinha assistir ás exequias de um partido, que fôra celebre pelas suas virtudes, exemplar pela sua honra politica, e estremecido cultor de todas as ideias generosas e progressistas, que haviam constituido o seu decalogo.

O snr. José Estevão vinha pronunciar a oração funebre de um partido que se suicidára, e mesclar á enumeração das suas virtudes e dos seus actos de heroicidade e de abnegação, a justa condemnação das fraquezas e dos erros com que havia envilecido a sua precoce decrepitude. O snr. José Estevão interrogou os chefes e influentes do partido progressista sobre o que haviam disposto da herança de idéas, de propositos, de virtudes, e de honra politica. Os desvaírados, ambiciosos e imprudentes caudilhos d'aquelle partido humilhado e dividido, estiveram ouvindo por largas horas a sentença que lhes estava dictando a justa indignação de um homem, que podia

perguntar pela honra do seu partido, porque é um exemplar de honra, que podia inquirir as idéas do seu gremio, porque as idéas mais generosas e progressistas acharam sempre n'elle o mais zeloso propugnador; que podia perguntar pela lealdade dos homens publicos, porque é um modelo vivo de lealdade cavalheirosa; e que podia julgar com austeridade e com rigor os crimes politicos dos seus correligionarios, porque comprára pelos serviços mais brilhantes, no campo da batalha, pelas mais honrosas campanhas da tribuna, pelo mais constante na imprensa, pelas perseguições, que padecera, pelos exilios que provára, o direito de interpellar os Esaús inconsiderados, que vendiam pela influencia passageira, a primogenitura das idéas, não ao mais novo dos irmãos na familia progressista, mas a um mercenario sem principios, a um aventureiro sem idéas, e a um cosmopolita sem convicções e sem patria politica.

Dos progressistas sem progresso passou o snr. José Estevão a tomar contas ao snr. Avila. O ministro, refractario a todas as accusações e a todas as apostrophes, conservou-se com a apparencia de serenidade, que mal se compadecia com a rebellião aberta em que lhe devia andar lá pór dentro a consciencia. O snr. José Estevão mostrou hoje ao ministro *por officio*, como elle o qualificou, que se é possivel vencer com a maioria, o triumpho é amargurado, quando um homem honrado e eloquente vem castigar a vaidade do estadista e a incoherencia do partidario.

O orador, assentando o vaidoso reaccionario, envernizado com as tintas ephemerás de um progressismo hypocrita, no equileo que lhe havia preparado, desconjunctou-lhe os ossos sem piedade, como o estava exigindo a enormidade dos seus delictos e a fealdade da sua vida publica, tão peccaminosa como absurda. Desde a apreciação historica até á imprecação vehemente, desde a ironia lancinante até ao ridiculo mais pungente, o antigo deputado progressista manejou contra o Avila todas as armas da oratoria, ora suspendendo a assembléa nos vãos de uma eloquencia digna dos mais formosos dias da tribuna, ora provocando com a veia caustica e com a dicacidade inimitavel, a risada unisona e estridente, que ia estalar como uma tempestade de ridiculo na face do amesquinhado ministro da fazenda».



VII

Questão *Charles et George*—Com um discurso José Estevão salva-nos d'uma grande vergonha—O partido regenerador de novo no poder—José Estevão ao seu lado—Benefícios que obtem d'elle para o seu Aveiro—A estrada da Gafanha—Morre o duque da Terceira e José Estevão consagra-lhe um artigo magnifico—Recomposição ministerial—Casamento de José Estevão—Um filho—O ministerio dissolve a camara dos deputados e manda guerrear a eleição de José Estevão em Aveiro—O seu competidor—Carta aos eleitores—Vence a eleição—Irmãs da caridade—Discursos de José Estevão a proposito d'ellas—Deixa a *Revolução de Setembro* e promove a criação d'outros jornaes—Asylos para a infancia desvalida—Partido novo—O seu programma politico—Morte de D. Pedro V—José Estevão faz a sua apologia no *Dsútricto de Aveiro*—Tumultos em Lisboa—José Estevão accusa e defende o gabinete—Grão-mestre da maçonaria—Discurso que pronuncia ao tomar posse do *malhete*—Avisinha-se do poder—Porque não entra para o ministerio—Adoece gravemente—Morte—O coração de José Estevão—Versos de Castilho—O enterro do tribuno—Sentimento geral e unanime manifestado pela imprensa do paiz—Demonstrações funebres—Pensa-se em erigir uma estatua a José Estevão em Lisboa e outra em Aveiro—Quem toma a iniciativa—Estatua do tribuno no largo das Côrtes—Trasladação das cinzas de José Estevão para Aveiro—Discursos á beira do tumulo—O fásjigo—Pensa-se de novo em se lhe erigir uma estatua em Aveiro—Trabalhos preliminares—Leva-se a effeito aquelle pensamento—O monumento.



O ministerio historico commetteu graves erros de administração sendo um dos maiores a maneira inhabil e anti-patriotica porque tractou a questão do aprisionamento da barca franceza *Charles et George*. Portugal foi insultado atrozmente pelo governo francez, mas d'esse insulto vingou-nos José Estevão no maravilhoso discurso que pronunciou na sessão da camara dos deputados de 14 de dezembro de 1857.

O discurso sobre a questão da *Charles et Georges*, diz Rebello da Silva veio revelar aos mais incredulos, que os grandes espiritos nunca envelhecem, e que peitos, aonde respiram os elevados sentimentos do amor da patria, e da liberdade, nunca esfriam, José Estevão, quando quiz, tornou a ser o mesmo homem, e a camara suspensa e captivada saudou o quadro epico do repentista.

Fiel ás promessas do seu esplendido noviciado, não descachia como Sansão, faltando-lhe o entusiasmo. Pelo contrario! Defendendo os fóros da humanidade, e punindo a provocação das naus francezas, vimol-o, como o heroe hebreu, arrancar dos quicios as portas das cidades, as portas dos imperios, e ir assental-as nas fronteiras do futu-

ro, juiz inexoravel dos oppressores e dos opprimidos, das victimas e dos tyrannos.

O raio antigo não arrefecera em suas mãos; mas apontava-o contra a aguia que tomára por emblema as gargalheiras servis. O ardor da inspiração não se lhe apagou, a imagem surgiu armada e luminosa, epica e arrebatada».

Todo o discurso é notabilissimo, e o meu desejo seria transcrevel-o todo aqui, mas como o não posso fazer, apresentarei apenas alguns dos seus trechos mais admiraveis, como são estes:

«A França é poderosa, poderosissima: tem numerosos exercitos, fortissimas esquadras, mas com tanta força, com tanta robustez, não se póle mexer, porque a França hoje está consubstanciada no imperio, e o imperio com as suas consequencias europeias é uma impossibilidade, um sonho. (*Vozes*: — Muito bem). Ninguem crê n'elle, ninguem o teme. Os factos estão a desmentir as pretensões que elle se arroga, e se mais pretensões tivera, não faltariam desmentidos estrepitosos.

A aguia imperial enfadada de sua forçada inacção, saudosa de aventuras, ávida de gloria, voou do seu ninho de pedra d'esses penhascos artificiaes de Cherburgo até ás margens do Tejo, só guarnecidas da sua natural belleza e de venerandas recordações; e veiu aqui (grande e nobre façanha) repôr a bandeira franceza em um navio, d'onde nós a havíamos arrancado para que não continuasse a manchar-se, cobrindo o trafico da escravatura.

Esta visita á nossa terra foi mais feliz do que outras, porque já vimos essa mesma aguia levantar-se das eminencias que bordam este mesmo Tejo, e arrastar-se em vôos atordoados e incertos de serro em serro atravez das Hespanhas, até se recolher na guarida d'onde sahira, levando apenas nas garras já mal seguras o desengano de imaginados dominios e poderios. (*Vozes*): — Muito bem).

A França nunca póde ser grande senão como philosopha, como humanitaria, como liberal, como protectora de altas ideias, e promotora de grandes intuitos. As suas armas são muitas e valorosas, mas desacompanhada d'estes auxiliares, estão sujeitas ás vicissitudes da guerra; e esta verdade já foi ensinada á França em amargas lições, que ella teria evitado, se não fôra o seu engodo por glorias falsas.

O maior defeito d'essa bravo e estimavel nação, é juntar á mais extremada vaidade a mais injustificavel modestia. A França crê que póde tudo, mas não crê poder governar-se, como se a uma nação d'aquellas não lhe fôra facilimo compôr governo de si propria para si propria, pelas suas luzes, pela sua sua experiencia, pelos instinctos do seu povo, pela dedicação e virtude de seus naturaes, que são muitos com estas qualidades sem recorrer nos seus momentos de angustia a recordações obsoletas, a nomes desprestigiados, a brasões obliterados, a symbolos que já se não podem traduzir, e a côres que ficaram para sempre desbotadas.

.....

Os heroes são excepções monstruosas da nossa natureza; podemos vangloriar-nos de vermos os seres da nossa especie exceder as condições ordinarias da nossa existencia, mas essa vaidosa satisfação custa sempre cara. Os heroes são uns filhos prodigos da natureza e da sociedade, que dispõem, em proveito das suas paixões, do oiro, do sangue e da honra do mundo; que sacrificam aos seus caprichos quanto ha n'elle de mais santo, de mais nobre e de mais sympathico (*Apoiados*), e a Providencia, que castiga sempre, ainda que por diversos modos, os que se esquecem da humildade do berço commum, ou lhes esconde a lousa da sepultura para que os deslêmbrem, ou lh'a deixa apontada á indignação publica para que os aborreçam. (*Vozes: — Muito bem*).

As ondas tocadas da tempestade batem furiosamente no penhasco que as assoberba. N'esta lide atropellam-se, amontoam-se; sobem umas sobre as outras, repetem assim os ataques, redobram os arremessos, até que galgam á altura onde a resistencia as levou, e de lá, fatigadas e desfeitas em espuma, cáem no mar de onde sahiram, no mar de onde eram, no mar que lhes déra a força, no mar em que se tornam (*Vozes: — Muito bem*). Os heroes são estas cataratas passageiras, estes cachões espumosos. O mar é a humanidade; como ella largo, vasto, immenso, como ella querendo sempre saltar fóra das suas barreiras, fugir ás leis que o domesticam, e voltando sempre, apesar da sua inquietação, aos principios de harmonia natural a que perpetuamente está sujeito, e para conservar os quaes foi creado. E serenada a tempestade, que resta dos penhascos em que as ondas já não batem, que o mar apenas roça, que já não attrahem as nossas vistas pela lucta que sobre elles se travára? Pedras de irregular conformação, sem bellezas que satisfaçam a nossa curiosidade, nem excitam o nosso pasmo.

.....

Eu tenho asco á guilhotina e não tenho consideração pela espada, quando ella serve a violentar os povos, porque a guilhotina é sempre a ignominia das revoluções, e a espada muitas vezes o opprobrio dos governos. Mas se nós tirassemos da historia o grande vulto do verdadeiro Napoleão, pelos milhares de vidas que se perderam nos campos da batalha, teriamos a contar mais alguns milhares de cabeças decepadas nos cadafalsos politicos, e o curso dos acontecimentos teria sido o mesmo, afóra a differença moral d'estes martyrios, porque os destinos do mundo saltam por cima das bayonetas e dos potros, e seguem a sua vereda sem haver nada que os detenha nem desvia. (*Apoiados*). Por estas rasões, para mim, quanto menos heroes melhor, e se digo isto dos heroes que verdadeiramente o são, que será dos heroes que apenas pretendem arremedá-los?»?

Aquella e outras questões dissecaram consideravelmente o gabinete Loulé, que não podendo vencer as difficuldades sob difficuldades que lhe impediam a marcha governativa, resignou o poder em meados de março de 1859. De formar o raro ministerio foi encarregado o duque da Terceira, que escolheu para collegas o general Ferreri, Fontes e os snrs. Manteno Ferrão, Casal Ribeiro e Antonio de Serpa.

Estava pois, a regeneração de novo no poder e José Estevão soldado fiel que no primeiro advento d'ella estivera sempre na sua vanguarda, veio tambem agora infileirar-se entre os combatentes, mas não veio com o mesmo enthusiasmo nem com a mesma fé com que primeiro viera, agora veio apenas como auxiliar e nada mais. Mas é mister confessar que este auxilio era e foi valiosissimo. José Estevão sustentou na camara rijas pelejas contra a opposição historica e de todas sahio triumphante, o que talvez nem sempre desejaria, pois os ministros tambem nem sempre lhe agradeceram como deviam os laureis que a cada momento elle lhe conquistava.

Do segundo ministerio regenerador José Estevão alcançou alguns beneficios importantes para o seu querido Aveiro como foram um subsidio de 15:000\$000 reis para as obras da barra, a continuação da estrada de Aveiro a Albergaria, que se respeitasse a autonomia do districto e do bispado, que se construísse a estrada da Gafanha, finalmente que o traçado já estudado do caminho de ferro de Lisboa ao Porto se alterasse obrigando-se a linha a vir tocar em Aveiro. Estes dois ultimos melhoramentos acarretaram-lhe dissabores grandes e obrigaram-no a impôr o peso de toda a sua authoridade politica para os conseguir. Se não fosse José Estevão, o caminho de ferro nunca tocaria em Aveiro. D. Jsoê Salamanca chegou a mandar-lhe offerecer cem contos de reis para elle desistir da sua pretensão, mas o tribuno fez-lhe saber que não trocava pelo valor de todos os caminhos de ferro do mundo o amor que consagrava à sua terra e o desejo que tinha dos seus patricios terem lá tambem o caminho de ferro. A insistencia de Salamanca em não querer acceder à vontade de José Estevão provinha do enorme accrescimento de despesas que a nova directriz trazia, não só pelo valor elevadissimo das expropriações como tambem pelo custo de tres grandes obras d'arte, as pontes do Panno, Esgueira e Aterro do Cojo, que lhe custaram muitos centos de contos e que se evitavam se a linha fosse mais pelo interior do districto.

A estrada da Gafanha, melhoramento de primeira ordem para Aveiro, levantou clamores em Lisboa, pelo seu elevado custo, e em Aveiro por politica. Os que aqui guerreavam o tribuno, diziam que

tal estrada era apenas destinada a ligar a cidade com o *palheiro* que José Estevão tinha na Costa Nova do Prado, uma das praias do litoral de Aveiro de que elle gostava immenso.

A proposito d'isto diz o meu illustrado amigo Mello Freitas no seu formoso livro — *Violetas*, o seguinte:

«Tinha conseguido do governo a approvação da estrada da Gafanha. O *Campeão* armou-lhe uma opposição damnada dizendo que era uma estrada feita unicamente para o palheiro de José Estevão, na Costa Nova. Os jornaes clamaram com tal barulho e ruido, disseram taes catilinarias, formaram taes diatribes, imaginaram tantas verrinas, e teceram tamanhas pasquinadas que o visconde da Luz veio em pessoa certificar-se da necessidade da construcção d'esta mesma estrada, pouco satisfeito com as accusações, que em globo lhe tinham atirado.

A estrada controvertida cortava a vastidão da ria e ia ligar uma povoação crescente com a cidade de Aveiro.

Embarcaram no caes, e fizeram-se ao largo. N'este instante o vento desencadeia-se, as marés agitam-se em baloiços desesperados, o barco dançava sobre a espuma da ria, e o mastro curvado pelo vendaval gemia e estalava com o impulso cego das lufadas. A chuva desatou-se por fim em torrentes e não tardou uma trovoadá medonha.

O visconde da Luz ordenou immediatamente aos barqueiros que voltassem para traz porque não gostava nem da chuva nem do temporal. José Estevão, a cada relampago que allumiava o céu, brusco e temeroso, esfregava as mãos de contente e dizia com esplendida alegria:

— *Encommendei-o de proposito*; eu desejava que você se convencesse de que a estrada era precisa e até urgente!... Desminta-me agora se é capaz!

A *encommenda* de que fallava era do *temporal*.

Dentro em breve procedia-se á construcção da estrada, e os jornaes continuaram a berrar desamparados como as almas do fogo do purgatorio, pintadas com umas guelas hiantes nos quadros dos cenobios e das ermidas fóra do povoado, senão edificadas nas brenhas onde as cabras pastavam livremente».

### III

Em 26 de abril de 1860, falleceu o duque da Terceira, presidente do conselho e ministro da guerra. Os jornaes dedicaram-lhe artigos cheios de saudade e merecidos louvores, sobrelevou porém todos a *Revolução de Setembro*.

O artigo foi escripto por José Estevão, e como além de ser hoje conhecido de poucos, é no genero um verdadeiro chefe d'obra, dou-o aqui na sua integra.

Eil-o :

*Lisboa, 28 de abril de 1860.*—Soou a ultima descarga. Recitou-se a derradeira oração. O mundo esmerou-se em obsequios: a religião não differençou as suas santas palavras. Está em S. Vicente mais um cadaver. Na presença de Deus mais um espirito.

Mas entre nós, na vida publica, no trato particular, no exercito, no parlamento, para a confiança nacional, para o contentamento de todos, para a bemquerença geral, ha uma falta, e uma falta irreparavel. Morreu o duque da Terceira!

Não tarda que experimentemos devéras essa perda. A saudade ha-de crescer com o tempo. Por ora é sentido, e doce; mas ha-de vir a ser insoffrido e amargo.

O duque da Terceira como Deus o fez, como as cousas da vida o affeçoaram, era um ente indispensavel á affeição publica. Todos precisavamos saber que elle existia, que estava entre nós; todos folgavamos de o encontrar; a todos penhorava uma saudação d'elle. Servia de correcção ás nossas paixões politicas. Era uma censura commedida das nossas demasias. Sabiamos que se o nosso coração, obedecendo a más suggestões, se sentisse tentado ao odio, desfalleceria n'este peccaminoso desvio da sua natural vocação encarando nós o duque da Terceira e lembrando-nos da sua vida.

A lição muda que elle de continuo nos estava dando, doutrinava-nos sem nos mortificar. Como não exigia que o admirassem, acariava o nosso respeito voluntario. Podia muito em nós, porque não tinha nenhuma pretensão a dirigir-nos. O nosso amor requestava-o, porque elle estimava-o, e não o provocava. Nunca dava a entender que lhe deviamos muito, e porisso a nossa gratidão media-se pela sua modestia. Nunca nos admoestava com rigor, por isso extremeciamos de lhe desagradar.

As sociedades não se governam só com leis, só com a força, só com a palavra. Ha outro meio de influencia sobre os homens mais poderoso, mais efficaz; os seus effeitos são tanto mais maravilhosos, quanto a causa é muitas vezes desaperecebida. O exemplo vale mais do que as maximas, e as doutrinas. Reune as seduccões da eloquencia, a verdade dos factos. Desbarata argumentos; dissipa duvidas; emmudece desculpas. Com o exemplo acobardam-se os maus, e alentam-se os bons. No exemplo tudo é claro, definido, perceptivel. Quem o não segue condemna-se; quem o adopta está seguro da approvação publica.

Ah! Como são valiosos, como são uma preciosidade moral, uma fonte de bens ineffaveis, um elemento de disciplina social, um paladio popular, os caracteres lisos, eguaes, nobres, experimentados em grandes provações, e superiores aos lances da fortuna! Que ha no mundo que os possa supprir? Que ha na sociedade que possa desempenhar a missão d'elles?

Pois o duque da Terceira foi um character d'esta tempera, um

homem d'estes quilates, um cidadão d'esta valia. Toda a sua vida foi uma consequencia rigorosa da sua composição moral.

Frequentemente attribuimos á fortuna os feitos dos varões illustres. Esta explicação dos elogios alheios, é suggerida pela inveja. Por tal expediente, poupamos o nosso amor proprio e dessimulamos o pezar da nossa obscuridade. O malogro das nossas tentativas, o desconcerto dos nossos projectos, o desfavor dos nossos concidãos, quasi sempre provém de nós mesmos, e o infortunio contra que nos tornamos, nasce das nossas próprias culpas.

O duque da Terceira é uma prova irrefragavel d'esta grande verdade. Representa por todos os factos da sua vida, o grande principio da responsabilidade moral do homem. Tem paginas illustres da nossas historia e em todas essas paginas reunidas, está consubstanciado aquelle dogma fundamental da humanidade.

O duque da Terceira não tinha dote brilhante de intelligencia, nem variados recursos de influencia moral. E comtudo este homem sem condições apparatusas de superioridade, foi o homem de grande merecimento de altas façanhas, de inapreciaveis serviços, e gosou mais do que ninguem da estima de seus concidadãos. Quaes são as causas d'este seu bellissimo sestro? Essas causas estão todas n'elle; com elle nasceram, e com elle acabaram. O duque da Terceira foi embalado em todos os preconceitos aristocraticos, e em todas as sugestões do cortezanismo, e o duque da Terceira desprende-se por suas próprias forças, d'estas pequenezas d'educação.

Abraçou pela critica intima da sua intelligencia, as ideias que lhe offereceu como mais justas á sociedade do seu tempo, e logo se dedicou todo ao serviço d'ellas, sem mais pensar em vida, affeições e interesses, quando essas ideias requeriam o seu auxilio e sacrificios. O duque da Terceira era de indole docissima, de coração affectuosissimo, bom sem limites, compassivo sem restricções, e este mesmo homem era bravo sem alarde, bravo sem intermitencias, bravo no meio de todos os perigos, bravo no campo, bravo em conselho, bravo no soffrimento—quer dizer—sobranceiro nos grandes males da vida, aos tremendos lances d'ella. Que significa isto? que o duque era um homem de uma condição sublime, que a sua alma era forte, que o seu espirito era elevado, e a fortuna não dá, não póde dar estes predica-dos moraes, estas supremas excellencias. Se as dêsse, podia mais do que Deus, mais do que as raças, mais do que o sangue, e n'esse caso antes o horror de uma absoluta incredulidade, do que o culto do acaso.

Mas o duque da Terceira, pela rectidão do seu character, pela segurança do seu juizo, resolveu ainda problemas mais difficeis da politica e de moral. Foi um partidario dedicado e leal. Nunca faltou aos seus primeiros compromettimentos politicos. Nunca riscou o seu nome da parcialidade em que o inscrevera. Nunca enganou os seus correligionarios, nunca lhe voltou as costas, nunca lhe negou os seus

serviços. Como homem publico, era independente: como chegado ao rei, fiel. Sahia do paço para uma conferencia politica e apparecia n'ella sem ressabios de cortezão. Voltava da conferencia politica, para os seus officios palacianos, e não dava ahí signaes dos seus pensamentos sobre as causas publicas. Extremava com muito discernimento os deveres do seu cargo, dos seus direitos de cidadão, e em ambas estas posições se mantinha com notavel dignidade.

O duque trabalhou por vezes contra os seus adversarios politicos; foi vencido, chegou a cahir no poder d'elles.

Os agravos d'essas luctas esqueceu-os; as extincções ficaram indeleveis na memoria. Conversava sobre estes acontecimentos com extrema magnanimidade, e d'esses dias de amargura e de provações, só referia alguma anecdota jocosa, d'aquellas que costumam entre-mear-se nos transes mais serios da vida, e principalmente nas discordias civis. O duque finalmente tendo de hombraear pelos seus encargos de homem publico, com pessoas de variadissimas extracções e maneiras; tendo de descer da vida ceremoniatica e estudada das altas regiões da sociedade, para a convivencia do mundo, livre e por vezes descomedido, conservava sem affectação os ares e modos da sua educação e gerarchia, sendo lhano e accessivel para todos.

Com esta delicada combinação de franqueza e reserva, cumpria os deveres da sua profissão liberal, sem faltar ás tradições da sua fidalga procedencia — tradições que quando dão de si sómente galhardia, elegancia e bom tom, não humilham, mas agradam e ensinam.

O duque da Terceira morreu ministro; e ministro n'um governo que andava empenhado em medidas e em reformas profundas e largamente progressistas. Estas medidas, estas reformas, eram o pensamento e o cuidado do duque. Ninguem o vira em toda a sua carreira politica, tão interessado e solícito por intuitos, e trabalhos administrativos.

Seguia as fazes parlamentares porque passavam as questões pendentes nas duas camaras, e anceava porque nenhuma contrariedade viesse estorvar o seu andamento e execução.

Seria esta recrudescencia do fervor politico, uma previsão intuitiva do seu proximo passamento? Desejaria o homem que por feitos de valor tinha trazido a liberdade á nossa terra, deixando o seu nome vinculado aos mais substanciosos melhoramentos que essa liberdade creou e tem feito adoptar por toda a parte?

Temeria elle, sem d'isso dar tino, que a morte não lhe consentisse accumular mais esta gloria a tantas outras que já havia merecido?

Fosse como fosse. Esta conjectura da morte do duque compraz-nos intimamente. Porque não havia o seu epitaphio ser feito e todo acabado de referencias e notas liberaes e civilisadoras? Porque não haviam de permittir os acontecimentos que elle em vida segu-

rasse a sua memoria d'apreciações deprimentes? Porque modificaria a pureza da crença izenta das diffamações com que o fanatismo politico a quizesse manchar? Porque não terminaria os seus dias em dos fundadores do systema constitucional em Portugal, uzando confiadamente d'esse systema para acrescentar e glorificar a nação.

A Providencia ordenou que assim fosse, e a Providencia foi pista. Ha nos nossos annaes politicos algumas folhas intercaladas, com as quaes foi interrompida a numeração da nossa historia constitucional e em que foram incertas doutrinas contrarias ao escripto primitivo. Estas paginas estão truncadas. Havias-as mettido alli a paixão do momento, a fascinação do poder, as urgencias politicas e a fatalidade dos acontecimentos.

N'essas paginas liam-se nomes, que só a superstição da lealdade, e a exaggeração do espirito cavalheiresco lá tinham apontado.

Sim. O duque batalhou com a espada, porque lhe batia o coração. Não emprestou o seu sangue nem a sua bravura. Era homem convicto e a sua convicção era o seu norte. Entendia a liberdade e queria-a. Confessava-se seu adepto e sugestava-se aos seus preconceitos. Zelava a sua crença mais do que as honras postizas do mundo e as prozapias da sua classe.

Este amor á sua fé politica, não o desamparou nos ultimos momentos; e entre a vida e a morte, repartiu as forças da sua alma, para se declarar religioso, mas liberal.

O duque, que levou ao perigo e á gloria as phalanges constitucionaes, tambem acompanhou á sepultura o maior numero dos seus socios de gloria e de fadiga. Está a desaparecer totalmente a geração que inaugurou a liberdade na nossa terra. Para os feitos e para os homens d'esse tempo, começou já a posteridade. Á pressa no ultimo quartel da vida, procura essa geração resgatar o tempo perdido em banalidades revolucionarias, deixando algumas obras que lhe abrandem a severidade dos vindouros.

A gente nova por quem tem de ser dirigida a sociedade portugueza, parece mais insoffrida em tomar conta d'este penoso legado, do que preocupada dos encargos que elle traz consigo.

Atravessamos a epocha das luctas e do sangue, e atravessamos-a com coragem e humanidade. Se não deixamos um grosso expolio de civilisação, aos que nos intimam á ordem de morte, que lhes entreguemos a causa publica, e offertamos-lhes um rico peculio, de actos civicos e acções valorosas, que elles em circumstancias identicas hão-de não só imitar mas exceder.

Em nome dos poucos que restamos, até que nos vejamos todos em melhor vida, adeus, bom amigo, valente companheiro, invicto general!! Pelejamos batalhas fraticidas. Doía-nos o coração de levantarmos o braço contra os nossos irmãos, mas não nos punge o remorso de havermos feito mal á patria e á humanidade. Pelejava-

mos de manhã e abraçavamo-nos de tarde. Pelejavamos como soldados e abraçavamo-nos como homens.

Não nos opprime a alma recordar uma vindicta politica, um só assassinato juridico. Respondemos por quantos fizemos. E apezar das nossas desnecessarias contendidas, das nossas desavenças pessoaes, das nossas perniciosas fatuidades, deixamos a terra que nos creou, regida por melhores leis do que ella tinha, quando nos deu o sêr, e gosando de maiores beneficios do que disfructara, quando nos foi dado conhecel-a. Sobre o vasto tumulo, junto aos vossos tropheus d'armas, que são tambem nossos, revalidamos o pacto que nos uniu na vida. Assumimos perante Deus a parte que nos toca n'esses feitos communs, e sem affrontar a sua justiça, cremos na nossa innocencia, e para alguma falta involuntaria, confiamos na sua misericordia, que imploraveis desde já por nós, enquanto nós continuamos na terra, a obra que tão gloriosamente principiaste e em que tão meritoriamente acabaste».

## IV

O ministerio tendo perdido além do seu presidente o ministro da marinha Ferreri, que acommettido na propria camara dos deputados por um ataque apopleptico morreu horas depois, teve de recompôr-se com elementos novos.

O nome de José Estevão, parecia de que devia ser lembrado, taes eram os importantissimos serviços que com o maior desinteresse tinha prestado a situação, porém não succedeu assim. Os ministros que entraram de novo foram Joaquim Antonio de Aguiar, visconde da Luz e Antonio Marcellino de Sá Vargas. O tribuno não concordou com a entrada d'alguns d'estes cavalheiros mas nem por isso deixou de continuar a apoiar o gabinete, que com estes novos elementos se não revigorou como era natural que succedesse, e dois mezes depois deixava inexperadamente o poder, sem consultar os seus amigos e tendo maioria em ambas as casas do parlamento. José Estevão melindrou-se em extremo com este modo de proceder por parte dos ministros seus alliados e degostoso resolveu retirar todo o seu apoio ao partido regenerador chegando até a pensar em abandonar de toda a vida publica.

José Estevão tinha desposado em 7 de juuho de 1858 a ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Rita de Miranda de Magalhães. A cerimonia nupcial verificou-se na capella particular do paço episcopal do Porto, lançando a benção o bispo da mesma diocese D. Antonio Bernardo da Fonseca Moniz e servindo de paranymphos o barão de Palme e Manoel José Mendes Leite.

O primeiro fructo d'este consorcio foi um filho que nasceu em

13 de setembro de 1859 e a quem o tribuno deu o nome de seu pai Luiz Cypriano, e que hoje occupa um lugar distinctissimo entre os primeiros escriptores portuguezes, possuindo tambem dotes muito apreciaveis de orador.

Para substituir o ministerio demissionario organison-se um novo presidido pelo marquez de Loulé, que voltou ao poder quasi que com os mesmos homens de que na ultima situação historica se tinha acercado.

Não podendo obter a confiança da camara dos deputados, o ministerio dissolveu-a em 27 de março (1860) e convocou as côrtes para o dia 20 de maio seguinte.

Para a eleição foi fixado o dia 28 d'abril e José Estevão apresentou a sua candidatura por Aveiro.

O governo mandou combater-lhe a eleição n'este circulo offerecendo-lhe ao mesmo tempo uma cadeira no parlamento por qualquer circulo do paiz que não fosse Aveiro.

O tribuno recusou nobremente tal proposta dizendo que havia de ir á camara com o mandato dos seus patricios, ou então não iria lá. Para disputar a eleição a José Estevão, foi escolhido o snr. Manoel Firmino de Almeida Maia, então, como agora, presidente do municipio aveirense e proprietario do *Campeão das Provincias*. S. ex.<sup>a</sup> gosava já então de muitas sympathias e o seu nome era tambem já immensamente popular em resultado dos notaveis melhoramentos municipaes que iniciára, e além d'isso tinha assegurada a sua candidatura pelo circulo d'Agueda, que espontaneamente lhe fôra offerecida por alguns amigos seus, ainda mais particulares que politicos. O snr. Manoel Firmino, por lealdade partidaria, acceitou o ser antagonista de José Estevão, e pede a verdade que se diga, que então viu a combater ao seu lado alguns dos velhos amigos do tribuno, e formar-se em volta de si uma colligação de influencias pertencentes ao partido miguelista, cabralista e setembrista. Publicaram-se por essa occasião diferentes manifestos eleitoraes combatendo a eleição de José Estevão, em que ás vezes predominava excessivamente a paixão politica e reviviam n'ellés odios partidarios que de ha muito deviam ter esquecido. José Estevão tambem publicou então um manifesto. Dirigiu uma carta aos eleitores do circulo d'Aveiro em data de 15 d'abril, que fórma um verdadeiro contraste com aquelles documentos; tal é a cordura e moderação de linguagem, tal a elevação de principios que promete ir sustentar no parlamento. Faz a historia do seu passado politico, e depois de declarar que estava separado do partido regenerador de quem fôra alliado e bem assim do progressista que fôra sempre o seu, concluindo por declarar que ia organizar um novo partido cujo programma consubstanciava em breves e eloquentes palavras.

José Estevão veio para Aveiro tractar da sua eleição, realisou alguns comicios em diferentes pontos do circulo, mas a sua portentosa eloquencia não pôde vencer completamente as ordens do governo

e a coalisão dos seus adversarios. Nas assembleias do concelho de Aveiro perdeu a eleição por 366 votos e em Ilhavo venceu apenas por dois votos. Em Vagos, porém, é que o seu triumpho foi completo, devendo por isso ao povo d'este concelho o não ficar fóra da camara.

## V

Aberto o parlamento, José Estevão foi logo occupar alli o seu lugar de deputado, a sua attitude foi de opposição, como não podia deixar de ser.

Ventilava-se então acaloradamente na imprensa a questão das irmãs da caridade. A estreiteza do tempo não me permite, com immenso pezar meu, historiar aqui este facto da nossa historia contemporanea a que anda ligado o nome de José Estevão.

O tribuno pronunciou sobre o assumpto dois discursos importantissimos, um em 8 de julho e outro em 10 do mesmo mez. N'aquelle, aproveitando a circumstancia de ser o anniversario da entrada do exercito libertador no Porto, exclamou:

«Snr. presidente, estamos a 9 de julho, faz hoje mesmo vinte e nove annos que com essas leis no pensamento entramos sete mil perseguidos, sete mil expatriados n'uma cidade que tinha mais do que nós essas leis no pensamento, porque tinha visto n'essas congregações religiosas os insligadores e conselheiros de uma tyrannia nefanda; porque tinha visto sahir d'essas casas ou corporações religiosas cohortes de testemunhas falsas, que tinham ido aos tribunaes levantar com os processos judiciaes os patibulos de onde deviam cahir as cabeças d'aquelles que ellas tinham marcado como infestos ao seu predomínio. (Apoiados). E quem me diria que em uma assembleia aonde vejo alvejar ainda tantas cabeças que tinham este mesmo pensamento, onde tantos braços que em sua defeza se levantaram, se haviam de esquecer os perigos porque passamos e o sangue que então se derramou! (Muitas vozes: — Não esqueceu, não esqueceu). Bem; estimo bastante ouvir a manifestação da maioria; mas não basta isso, é preciso que nos convençamos de que não podemos salvar os objectos que veneramos se não reunirmos todas as nossas forças constitucionaes e moraes para desfazermos e contrariarmos as intrigas e embustes, pelos quaes se quer repôr outra vez no seu throno e predomínio estas instituições que nós combatemos, destruimos e desfizemos. (Apoiados).»

São muitos os trechos d'este admiravel discurso, mas não os posso infelizmente transcrever aqui pela sua extensão. Mas para se avaliar do seu grande merito estes dois bastam:

«Eu queria que a caridade, podendo ser, fosse invisivel; e as irmãs da caridade teriam redobrado as suas virtudes se se vissem as

suas obras, sem nunca se saberem os nomes, ou se apontarem as pessoas que as praticavam. A mulher sobretudo da alta classe, que vae com os pés mimosos costeando as portas menos abertas á limpeza até chegar ao leito do pobre, e que vae ahi com a ignorancia da sua propria familia, envergonhando-se da sua propria virtude, mas sempre fiel aos seus sentimentos, lembrando-se dos soffrimentos dos seus semelhantes; essa mulher é mais christã, mais senhora e mais nobre que as irmãs da caridade. A mulher com uma caridade verdadeira, sobretudo a mulher de uma alta gerarchia, que ajoelha perante o leito do mais infimo, querendo praticar a caridade, não ha de estar a vêr-se ao espelho das suas grandezas, nem recordar-se dos degraus do seu palacio; ha de esquecer-se de tudo isto, e lembrar-se unicamente que está debaixo da mão de Deus e junto do povo que nasceu do pó, como ella e como todos os grandes. Esta é a verdadeira caridade.

A caridade, para mim, deve ser livre, espontanea, (*Apoiados*) instinctiva, livre de toda a suspeita de vaidades humanas. A caridade não admittê recompensa, nem galardão, nem menção. A caridade está toda dentro do coração do homem e da mulher, e homem caridoso envergonha-se de que sejam citadas as suas acções virtuosas».

«A caridade é uma poesia do coração e não admittê regras; é como a poesia do sentimento que se lhe pozerem ao lado os preceitos de Horacio, e as tres unidades de Aristoteles, perden-se o esforço, fugiu o estímulo, morreu o genio; e a caridade é uma arvore immensa que cobre a humanidade toda, e que depois que foi regada com o sangue de Christo cresce sempre na extensão do desenvolvimento do genero humano; esta caridade vale muito mais que os bosques recortados que só podem dar sombra ás pessoas mimosas que os cultivam, mas que não podem dar larga sombra a toda a humanidade que soffre».

Na mesma sessão de 8 de julho, José Estevão, referiu-se tambem á sua nova situação, explicando assim o seu programma politico.

«Eu tenho uma questão politica, mas a questão politica para mim está na reforma radical da administração d'esta terra, em todos os seus pontos, em todas as estações; está na reforma do systema porque nós fazemos as leis, está na reforma dos nossos espiritos e costumes parlamentares, desde a camara até ás sessões da ultima junta de parochia. A minha reforma, a minha questão politica, é uma economia, não nos grandes soldos do estado, porque os não ha; mas uma grande economia no tempo e braços que se consomem em tramites desnecessarios, em papelladas inuteis, que mostra a ignorancia de governar e que são muitas vezes o abandono dos negocios publicos. A minha reforma politica consiste na revisão de todos os tributos, não só antigos, mas dos ultimamente lançados, para de todos se formar um systema, pelo qual se possa distribuir a contri-

buição com egualdade (*Apoiados*); e as contribuições novas que eu votei, e ás quaes reitero o meu voto, não formam ainda um systema completo e perfeito, porque o resultado é que a contribuição não tem attingido, já não digo a egualdade possível, mas a egualdade toleravel, porque os pequenos martyrios que os homens do povo soffrem, são muitos, são immensos (*Apoiados*), e é necessario procurar dar remedio a esses males.

A minha reforma é para clareza nos negocios, e para a exposição singela dos haveres de cada corpo do estado e de cada cidadão particular. A minha reforma não é economias com côrte, porque não se pôdem fazer nenhuma; é necessario mesmo augmentar os ordenados á maior parte dos funcionarios, mas a suppressão de serviços desnecessarios, com aproveitamento d'aquelles de que se não pôde prescindir, e na annullação talvez, eu não quero dizer de sinecuras, porque as não ha. (*Uma voz:—Ha, ha.*) Mas de altos corpos de administração que podem muito bem ser supprimidos. (*Apoiados*).

A minha reforma é a organização da força publica, nos termos em que o illustre parlamentar, e até certo ponto, meu amigo politico, terá talvez de apresentar hoje á camara.

A minha reforma é a reorganização da força publica, nas suas diversões naturaes, de maneira que cada um preste para o fim a que é destinado, e que nem o exercito seja policia, nem a policia seja exercito,—nem que a pretexto de armar o paiz se faça um grande alarme, como se fez com a idéa da criação dos batalhões, que só servia para nomear alferes e tenentes, dando lugar a que esta organização se prestasse a uma certa concentração eleitoral, de modo que, com um apparelho assim formado, nós perdessemos todas as liberdades publicas.

E n'este ponto direi que a minha opinião é—que o paiz que quer ter a consciencia da sua força, preparar-se decorosamente para todas as eventualidades, precisa fazer-se uma *Suissa monarchica*.

Na ultima parte do segundo discurso sobre as irmãs da caridade, José Estevão accusou severamente a demora que o governo tivera em reconhecer o novo reino d'Italia. D'ahi a mezes (sessão de 30 d'agosto) pronunciou outro discurso não menos notavel a respeito das difficuldades que se levantaram á celebração de exequias por alma do conde de Cavour em Lisboa, e ainda depois fallou largamente na discussão da resposta ao discurso da corôa, em janeiro de 1862, e pronunciou dois longos discursos nas sessões de 23 e 24 de maio d'esse anno, a respeito da liberdade de ensino, sendo essas as ultimas orações importantes que proferiu na camara, porque d'ahi a poucos mezes foi colhido pela morte de subito, na occasião em que parecia não estar longe de ir occupar a cadeira de ministro do reino.

Reatemos a chronologia.

Nos fins de 1859 José Estevão afastou-se completamente da redacção da *Revolução de Setembro* que já n'esta epocha era considerada como órgão do partido regenerador, vindo pouco depois a vender a propriedade do jornal.

Desejando ter na imprensa um campeão que advogasse a causa do novo partido politico que procurava organizar, fez com que em Lisboa, Freitas Oliveira fundasse a *Liberdade*, e em Aveiro, os seus amigos creassem *O Districto d'Aveiro*. Aquelle principiou a publicar-se em 26 de junho de 1861, e este em 2 de julho do mesmo anno. Os artigos programmas, tanto d'um como d'outro, foram escriptos por José Estevão.

N'este mesmo anno, o tribuno que obtivera que o governo cedesse um donativo offerecido por compatriotas nossos residentes no Brazil da quantia de 1:263\$400 reis para a fundação d'um asylo de infancia desvalida em Aveiro, pediu e obteve do ministerio da guerra a concessão do extincto convento de Santo Antonio d'esta mesma cidade, para n'elle se installar o mesmo asylo.

E ainda no mesmo anno José Estevão fundou o asylo de S. João em Lisboa para recolher as creanças que estavam a cargo das irmãs de caridade francezas.

«Da fusão de dois jornaes que em 1860 se publicavam em Lisboa, *O Futuro* e a *Discussão*, nasceu um outro que principiou a publicar-se em 3 de maio, intitulado *Politica Liberal*. Como o titulo indica o novo jornal, que era redigido por escriptores moços mas todos homens de talento, visava a um ideal politico que, não era o que então tinha mais proselytos. José Estevão applaudiu a criação do jornal e collocou-se desde logo ao lado dos seus redactores. Foi na redacção da *Politica Liberal* que se effectuou uma reunião de redactores de differentes jornaes politicos, para se assentar nas bases do manifesto que se devia dirigir ao paiz e que tinha de ser o programma politico do *partido novo*.

Este programma redigido por José Estevão, e assignado por elle conjunctamente com Manoel Thomaz Lisboa, José Maria Latino Coelho, Manoel Felix Rodrigues, Manoel de Jesus Coelho, José da Silva Mendes Leal Junior, Luiz Augusto Rebello da Silva, Jacintho Augusto Freitas Oliveira, José Elias Garcia, Marianno Ghira e Gilberto Antonio Rolla Junior, foi publicado em 27 de setembro.

O manifesto foi recebido friamente; a opinião não o bafejou, por isso a organização do *partido novo* teve de ser addiada.

Em novembro, um acontecimento inesperado veio ferir Portugal inteiro. Refiro-me á morte d'el-rei D. Pedro V. José Estevão que estava então em Aveiro, quiz prestar tambem a homenagem da sua saudade ao joven monarcha e para isso escreveu o artigo que vou transcrever e que foi publicado no *Districto de Aveiro* de 15 de novembro de 1861 :

« A dôr publica é profunda e sincera. O rei tinha a estima do paiz: Havia affinidades intimas entre o seu character e o character nacional. Estas affinidades já tinham sido presentidas pelo povo. Estava já urdido o laço sympathico que prendia o principe á nação. O tempo havia fortalecel-o, e a governação publica decerto não padeceria por conflictos entre a coroa e o paiz.

Esta confiança estava generalisada, e na morte do rei lamenta-se tambem a perda d'um futuro bonançoso que já era seguro sem contudo termos menores fiadores d'elle nas qualidades do principe, que vae succeder na corôa.

O rei ambicionava ser amado do paiz, e procurava merecer este amor por todos os meios legitimos e honestos. A sua consciencia não lhe permitia empregar outros. N'estas diligencias morreu.

Os seus estudos, as suas jornadas, as suas visitações ás provincias, todas tinham este fim. Não havia n'este afan designio ambicioso: obedecia aos impulsos do seu coração, e aos estimulos da sua intelligencia. Ainda mais: considerava este proceder como uma obrigação do officio de reinar, como elle chamava á realza.

Esta só denominação, que nunca sahiu outra da sua bocca para designar a alteza do seu estado, denunciava a modestia da sua indole, e a sisudeza das suas ideias. Talvez esta só palavra explique a sua vida, e adivinhe o enyigma da sua morte — enyigma dizemos, para alludir ao transvio da dôr publica, mas não para significar alguma preocupação nossa.

Não misturemos com a santa homenagem, que se deve aos mortos, com a amargura pelos golpes com que Deus nos quer provar, juizos temerarios, supposições gratuitas e paixões ruins.

A calamidade é uma lição de virtude. A dôr d'alma nasce d'um principio bom e só deve inspirar bondades. A sepultura d'um mancebo sem macula de mau feito, d'um principe purissi-

mo em costumes, isento mesmo de venalidades politicas, é veneranda como o templo, como o altar. N'este cadaver está o poder de Deus, nas suas manifestações mais tremendas e mais edificantes.

Não se pôdem levar a esta estação de saudade e de religião, tributos de suspeitas e d'odios. As lagrimas que ahi se verterem só devem ser acerbas, porque rebentam da dôr. Nem Deus nem o defunto accêita outras. Quem não tiver o coração limpo, arrede-se do luto nacional e depure o sentimento antes de principiar a oração religiosa e patriótica.

Como morreu o rei? Porque morreu o rei? A paixão publica é grande e as paixões são inventivas, imaginosas, despóticas, desarrasoadas, absurdas. O sentimento pelas vidas que nos são caras cae em desconhecer o poder dos factos e arroja-se até a negar as leis da natureza.

Não queriamos que o rei morresse. Não acreditamos que o rei tenha morrido. Louca pretensão! — Vã incredulidade!

Os medicos dirão que nome scientifico poderam dar aos padecimentos corporaes que pozeram termo á existencia do rei; e que elementos haveria na sua compleição physica que apoucassem a resistencia ao mal, que o accommetteu.

Esta sentença deve aquietar todos os animos e persuadir o paiz á resignação.

Mas se o sentimento publico quer descortinar causas malevolas, machinações tenebrosas na morte do rei, — se se quer desconsiderar os imprescrutaveis decretos da Providencia para substituir a pensamentos d'humildade, concepções pecaminosas, — se se obstina em não imputar este triste acontecimento ás suas causas naturaes, não nos será permittido investigar se os acontecimentos da vida do rei, e a sua composição moral concorreram muito para apressar o fim dos seus dias?

A consciencia timida do rei, a exaggeração dos seus escrupulos, os seus desejos de completa perfeição na vida privada e na vida politica, as suas aturadas occupações, os seus infortunios domesticos tinham gasto as suas forças e acabrunhado o seu espirito.

Pouco expansivo no tracto, com um viver recolhido, com o espirito continuamente preso a ideias determinadas, sempre mal contente dos negocios publicos, impossibilitado pela sua lealdade constitucional de metter n'elles a mão mais profundamente, confiando talvez que o poderia fazer com utilidade publica, deixou-se consumir e ralar d'esta complicação d'embaraços, d'aspirações, impossibilidades e conveniencias.

A apprehensão continuada sobre as difficuldades do seu cargo politico aggravada em cada occorrença mais grave, pelo receio de não sair bem d'ella, tinha levado o seu espirito á considerar a arte de governar nos termos d'um problema scientifico, que o trazia sempre occupado. Os espinhos da sua situação não só o punham, mas eram o objecto das suas meditações, e todas as suas faculdades carregavam com o duplicado trabalho de resolver os negocios occorrentes e d'investigar, porque modos e com que maximas um rei podia fazer a felicidade dos seus povos, sendo estimado dos contemporaneos, e admirado dos vindouros.

O rei passava, só, largas horas no seu gabinete. Só, não dizemos bem, que o acompanhavam de continuo a consciencia e a historia. Sobresaltado por uma, e estremecendo da outra o seu espirito luctava no mar d'incerteza, e depois de muito trabalhar, nem acabava satisfeito dos expedientes que se lhe antolhavam, nem das soluções doutrinaes que lhe vinham á mente.

Correndo pelo sentido os casos da sua curta e tormentosa vida não achava n'estas recordações com que robustecer o seu animo, nem onde repousar o espirito da sua agitação interior.

Rei muito antes da epocha em que o seu amor filial lhe consentia desejar-o, em que a sua súsudeza lhe permittia acceitar a corôa com confiança de bem preparado para os encargos d'elle; viuvo na idade em que a maior parte dos homens não tem ainda escolhido esposa, e no momento em que o seu coração começava a gostar os prazeres de vida conjugal, não havia bem que lhe não viesse do mal, nem ventura que a fortuna lhe não roubasse.

Ferido nos seus affectos intimos, mortificado de desastres, as epidemias parece que esperavam a sua ascensão ao throno para assaltarem o povo. Perseguia-o a infelicidade como rei e como homem. Dizer-se-hia que a morte estava apostada a trazer-lhe sempre deante dos olhos o seu horror, e este sestro havia de pezar-lhe no coração como um presagio.

Infelizmente as qualidades do rei careciam d'aquelle equilibrio que contrapeza os males com os bens da vida. Nos raros casos que a sua sorte mesquinha lhe consentiu, sentia sempre o amargo essencial que ha ainda nos affectos mais gratos da vida. Por outro lado o pesar para elle era extremo: não levava em si nenhum limitivo. O seu espirito não comprehendia as atenuações naturaes de todo o infortunio, nem o seu coração era feito para conhecer a *alegria* da desgraça.

A expressão será temeraria, ou infeliz; mas ha nas mais

densas cerrações da alma uma luz, embora tenue, que rasga a escuridão, e que nos deixa enxergar ao longe horisontes menos carregados, e ás vezes até risonhos. Para além d'estes horisontes estanceam as consolações humanas, tão variadas e efficazes como são numerosos e terriveis os males da vida. Mas o rei não respirava as auras d'aquella região. Não sabia consolar-se, e falto d'este auxilio indispensavel nos tormentos do mundo decahiu na superstição do infortunio. Julgou-se votado a elle e curvou-se á sua sorte.

Morreu a rainha D. Maria II. O seu reinado tinha sido fertil em discordias civis. Não se assombrava ella de crear inimisades, nem nunca se apartou dos seus propositos pelo receio do publico. A' noticia da sua morte todo o paiz mostrou a mais profunda tristeza.

Não tinham esquecido as calamidades do seu governo, nem porventura cessado os resentimentos dos seus adversarios, que teve muitos, e nunca lhe importou contal-os. Mas o sentimento do paiz n'esta dolorosa conjunctura participando dos affectos proprios em casos de morte, tinha outra composição e quilates.

Chorou-se a mãe e o pranto d'então ainda foi entrecortado pelos gritos da guerra em que seu pae pelejára pela liberdade. O feretro da rainha teve por ornatos os emblemas bellicosos da nossa grande lucta civil. O partido liberal apresentou-se n'aquella pompa funebre com a tez guerreira e com ademanes de vencedor. A rainha fôra sob o throno a primeira representante da grande victoria liberal e o symbolo da transformação social que por virtude d'essa victoria se operou. A regencia de seu pae ainda foi a revolução. A liberdade como direito estabelecido datava do reinado da mulher forte e d'uma rainha defuncta.

A dôr publica de então foi uma solemne homenagem historica, e um respeitoso tributo de consideração pela memoria d'uma rainha que nunca se deixára arrastar do seu character voluntarioso até faltar ao principio a que devia o throno.

Agora chora-se o filho e estas lagrimas são outras. Chora-se uma alma pura, uma intelligencia esclarecida, um homem todo votado ao bem, um principe temente á lei, um coração bondoso, e um rei liberal. Dizemol-o assim com affouteza porque D. Pedro V estava convicto das doutrinas constitucionaes, reconhecia o progresso como o fim e o dever da humanidade, entendia que a auctoridade real tinha limites demarcados pelos direitos do povo, e que para os governos não havia outra base senão a convenção social, nem outra defeza senão o bem commum.

D. Pedro V simples cidadão, eleitor, deputado ou ministro, na urna, no conselho ou na tribuna seria sempre pelos principios da liberdade e da civilisação. Ora os principios são uma garantia preciosa; e um rei que os tem, os bebeu no seu proprio estudo e os consubstanciou [com o seu caracter é por isto só um grande homem e um palladino nacional. Seguro este unico predicado não vale a pena notar se de envolta com elle havia defeitos de ordem subalterna, que a experiencia viria a corrigir.

Uma gloria suprema assignalou o reinado de D. Pedro V, uma gloria, que a phylosophia social ha-de registrar como um triumpho, a humanidade celebrar como uma honra, e a historia apontar como um exemplo. D. Pedro V não assignou uma só sentença de morte, e não assignava nenhuma. Disse-o a um de seus ministros, tão bondoso como elle, ao apresentar-lhe um processo em que aquella pena vinha imposta. O rei defuncto julgava, que o cadafalso era mais ignominioso para a sociedade do que para os criminosos; que a pena de morte era degradação moral da auctoridade publica; que o carrasco era um professor publico de assassinatos e crueldades; que as execuções eram uma barbaridade inutil, e o sangue das victimas um insulto feito a Deus, e um processo aberto á governação humana.

Este respeito pela vida do homem, adoptado como dogma, e observado como dever, encerra toda a douctrina liberal, e leva logicamente ás mais latas e generosas applicações d'ella. Bastava esta continencia governativa do rei, esta firmeza n'um principio de tão alta justiça e humanidade para lhe dar um logar distincto entre os principes da sua epocha, e para lhe abrir os corações de todos os portuguezes, que detestam o sangue, os flagicios, e as oppressões, e que aspiram á gloria santa do amor, da benevolencia e da brandura, confiando na virtude d'estes meios para a realisação de todas as aspirações sociaes, e entendendo que todas as transformações do mundo moral se podem fazer com elles e por elles...

Morreu o rei! O zelo cortezão de pôr a instituição real acima mesmo da lei da morte, a conveniencia de não admittir pelo menos em douctrina a interrupção do governo do estado, e de conservar para todas as eventualidades activa e tensa a auctoridade publica, fez inventar o aphorismo juridico e politico,— de que o rei nunca morre.

Se tal ficção de direito era admittida e seguida nos gover-

nos absolutos, nos governos constitucionaes tem ella toda a verdade possivel, e a elles é mais propriamente applicada.

Morreu o rei! Não morreu com elle a memoria do seu character politico, nem dos bons exemplos do seu reinado. — Ajuntemos cuidadosamente todas as suas virtudes e qualidades, e teçamos com ellas a corôa mortuaria que o povo lhe haja de offerlar. Conservemos esta corôa como prenda de saudade para nós, e uma instrucção de reinar para seus successores.

Morreu o rei! Mas os poderes que lhe pertenciam e o encargo que lhe incumbia tem mandatarios previamente designados. O governo legal está sempre organizado e composto. E para a vida e para a morte está precipua e inteira a auctoridade nacional d'onde todas as demais se derivam e onde todas se confundem. N'este sentido o rei não morreu porque a nação está viva.

Apartamo-nos por um pouco do mausoleu do finado. O dever civico manda abafemos a dôr, e que rijamos o coração. Voltemos os olhos para o novo throno. Alli, junto a elle, em volta d'elle é o posto da nação, é o acampamento de todos os liberaes. Cerquemos o joven principe das nossas sympathias e da nossa dedicação. Ajudemol-o na governação publica, chamando sobre elle o favor da opinião e apontando-lhe os perigos de a desconhecer e afrontar.

Para bem cumprir este dever constitucional e patriotico é mister conservar mais do que nunca a lythurgia liberal e a dignidade civica. Não nos acerquemos do novo throno como uma chusma de carpideiras, querendo cada um fazer sobresahir a sua voz sentida n'este côro funerario. Não nos acerquemos do novo throno sem regularmos a nossa apresentação, e medirmos as nossas homenagens.

Vamos em attitudo constitucional, na formatura do systema representativo. Esta attitudo e esta formatura consiste na divisão das opiniões e dos partidos cada um com os symbolos da sua fé, com a bandeira das suas aspirações.

Esta milicia que o tempo tem consagrado, e em que tem militado e morrido tanto homem illustre é a guarda da liberdade. Sem ella os foros populares não tem defeza e a corôa mesmo não tem apoio».

A morte entrara no paço dos nossos reis e victimara em poucos dias D. Pedro v e seus irmãos os infantes D. João e D. Fernando. Houve por essa occasião em Lisboa alguns tumultos populares contra o ministerio, a quem infamemente se attribuiu aquella enorme

desgraça. José Estevão referindo-se na camara a estes alvoroços definiu-os assim: «A anarchia da dôr responde ao despotismo da morte».

## VIII

Ao abrir-se a sessão parlamentar de 1862, José Estevão militava como até ahí nas fileiras da opposição, mas fazendo quasi sempre uma opposição desligada de compromissos, uma opposição sua, propriamente dita.

Discutindo-se a questão d'aquelles tumultos, accusou e defendeu o ministerio, conseguindo ser applaudido por os dois lados da camara.

Com este discurso alcançou o tribuno novas sympathias por parte de muitos deputados que principiaram a reconhecer a necessidade de o elevarem aos conselhos da corôa. A popularidade de José Estevão augmentava de dia para dia. N'este anno (1862) o tribuno foi eleito grão-mestre do Grande Oriente Lusitano, em substituição do marquez de Loulé, então tambem presidente do conselho de ministros. Foram tambem importantes os serviços prestados por José Estevão á maçonaria, pois com todo o ardor da sua dedicação e actividade exceptionaes, escreve Fernandes Costa: «e pela fascinação do seu nome tão illustre e querido dos portuguezes, consegue por seus esforços levantar este corpo maçonico (o Grande Oriente Lusitano) e dar-lhe dias de gloria e de esperanza, mas a morte derribou-o no meio dos seus projectos».

Tenho diante de mim o discurso que José Estevão pronunciou quando tomou posse do malhete da Confederação maçonica portugueza, mas tenho de praticar com elle o mesmo que já fiz com outros discursos do tribuno; não o posso dar na sua integra, irão portanto apenas alguns trechos

José Estevão principiou assim o seu discurso:

«Eleito Grão Mestre da confederação Maçonica Portugueza, acceitei este cargo com a consciencia dos deveres que elle me impõe e das honras que me confere. As honras não me desvanecem: os deveres não me acobardam.

«A maçonaria sem crença, sem dedicação, sem fraternidade é a desconsideração de um instituto ennobrecido por muitos trabalhos e virtudes, e a profanação de um rito que está consagrado por muitos rasgos heroicos e muitas empresas memoraveis. Vale mais fechar os templos, abater as columnas, do que conservar estas exterioridades de um culto a que não correspondem os trabalhos de espirito e as obras de coração. A maçonaria é uma religião que todos escolhem espontaneamente, e em que ninguem pôde ser constrangido a

persistir. O maçon que se conhece inferior ás obrigações a que se ligou, ou que descreu da Ordem em que sollicitou entrada, pôde abandonar as officinas e romper a cadeia que o liga a seus irmãos. O abandono dos trabalhos maçonicos é um mal, porque debilita e pôde extinguir a Ordem; mas a relaxação no cumprimento das obrigações maçonicas, o esquecimento das virtudes essenciaes a todo o maçon, o interesse pelas fórmas, e indifferença pelas realidades, desacreditam-na, ridiculisam-na, e tambem por este meio vem a extingui-la.

.....  
 «A *maçonaria* deve acordar do seu letargo, levantar a sua bandeira, inspirar-se das suas recordações, tomar o seu posto tradicional. Se assim não fizermos, trahimós o juramento que prestamos, injuriamos a memoria dos irmãos nossos passados, e usurpamos o titulo de maçon, por que o não é, por que não merece tal nome aquelle que é tardo em acudir pela defeza dos principios da sua Ordem. aquelle que se cança na lucta e deixa as armas no campo.

.....  
 «A Confederação Maçonica Portuguesa, elegendo-me Grã Mestre, não quiz fazer da *maçonaria* um corrilho politico, nem comprometter os maçons em emprezas contrarias ao verdadeiro espirito da Ordem. Nem esta confederação abriga tão mesquinho pensamento, nem eu era bem escolhido para executor d'elle».

Em fevereiro de 1862 teve lugar uma das muitas recomposições ministeriaes que se deram nos cinco annos que o marquez de Loulé foi chefe do governo. Parece que José Estevão foi então convidado para tomar conta da pasta do reino, mas em resultado d'uma intriga que se urdiu de proposito para o afastar do poder, não se chegou a realisar esta combinação. Por indicações do tribuno foi dada a pasta da marinha a José da Silva Mendes Leal Junior. A sua alma grande como o seu talento, não conhecia odios nem malquerenças, por isso acreditou ou pelo menos pareceu acreditar que, não era chegada ainda a occasião de ser ministro, como Loulé lhe fizera saber; e despido como sempre de ambições pessoaes concorreu a diversas reuniões da maioria da camara dos deputados que por essa occasião tiveram lugar, e offereceu ao ministerio recomposto o seu franco e decidido apoio.

Já depois de encerrados os trabalhos parlamentares pensou-se novamente em dar a pasta do reino a José Estevão, parece que agora já não havia n'isso attrictos que facilmente se não vencessem, mas d'esta vez a Providencia á que decidiu o contrario.

José Estevão que nos começos de setembro tinha ido para Cascaes fazer uso dos banhos do mar, voltou em meados de outo-

bro para Lisboa, e um ou dois dias depois da sua chegada recolhia-se á cama em resultado d'uma fortissima constipação. A febre era intensa mas combatida a tempo desapareceu quasi que de todo e dias depois o tribuno julgava-se em franca convalescença. No dia 1 de novembro tendo saído de casa pela primeira vez, recolheu pela tarde bastante incommodado, em resultado d'uma dôr intensissima na perna esquerda. No dia seguinte por determinação dos distinctissimos medicos e seus devotados amigos os srs. drs. Marcellino Craveiro e Thomaz de Carvalho foi mettido o tribuno n'um banho morno onde se conservou pelo espaço de setenta minutos. Julgava-se que a molestia se limitava a uma nevralgia sciatica, e não havia o menor receio de que a doença tomasse um caracter de gravidade. Os medicos enganavam-se, mas José Estevão parece que conheceu que o mal era mais grave do que suppunham, porque duas ou tres horas depois de ter sahido do banho disse para sua esposa — «ai Rita, vais ficar sem o teu marido». Pela tarde do dia 2 os drs. Marcellino Craveiro e o dr. Thomaz de Carvalho reconheceram que era grave o estado do tribuno, lembrando este ultimo que fosse chamado o dr. Barral. José Estevão que ouviu o conselho do sur. Thomaz de Carvalho, disse-lhe — «Então já precisas de contramestre ao leme?»

A doença augmentava de gravidade de momento para momento, os esforços da medicina eram inuteis, por isso no dia 3 pelas sete horas da tarde nove dos mais distinctos facultativos de Lisboa reuniram em conferencia em torno do leito de José Estevão. Quasi que todos foram de opinião que a molestia era uma febre perniciosa das mais graves, e que se podia julgar o doente como perdido. Na rua e escada da casa agglomerava-se uma grande multidão que vinha pedir noticias do tribuno, e que se renovava de continuo. O resultado da conferencia espalhou-se rapidamente em toda a Lisboa e como que fulminou a todos. José Estevão conhecia todos mas não podia falar. Supportou com resignação sem limites a applicação de innumerós causticos e ventosas mas quando lhe applicaram um ferro quente sobre as feridas d'estas, disse distinctamente — *basta*.

O marquez de Nisa e Freitas Oliveira que como muitos outros amigos dedicados, lhe serviam de enfermeiros, ouviram-lhe tambem pronunciar duas vezes a palavra — *padre*, pelo que foi chamado immediatamente um ecclesiastico que, ungiu o tribuno. Era meia hora depois da meia noite do dia 4 de novembro, quando José Estevão exhalou um gemido fraco, e com elle a vida.

Ficou como adormecido, os olhos um pouco encovados e aquelle seu sorriso nos labios. A este derradeiro lance assistiram os srs. Anselmo Ferreira Pinto Basto, Francisco de Avellar, dr. Deslandes, Luiz Sampaio e Freitas Oliveira. Estes e outros cavalheiros amigos do tribuno velaram o cadaver o resto da noite e dias seguintes, pois o enterro só se verificou pelas 3 horas da tarde do dia 5. Por incumbencia do já tambem hoje finado estadista Anselmo

Braamcamp, o distincto esculptor Victor Bastos tirou a máscara em gesso do finado. Por ordem de sua esposa foi-lhe aberto o peito e extrahido o coração, que em seguida se encerrou n'um cofre de prata. Este cofre foi depois mettido n'uma urna de marmore e n'ella escreveu o nosso poeta visconde de Castilho estes versos :

« Viuas a eloquencia, a patria, a esposa,  
Choram pela alma egregia aos céos volvida.  
Ganhou a eternidade em curta vida,  
Aqui d'amor seu coração repousa ».

O enterro de José Estevão que se verificou como disse no dia 3, foi uma demonstração de luctuosa sympathia como Lisboa poucas vezes terá presenciado idênticas, e senão vejamos o que n'esse mesmo dia escrevia o *Jornal do Commercio* :

« Nos braços do povo, entre as lagrimas de milhares de cidadãos reunidos nas ruas do transito do funebre cortejo, foram hoje conduzidos da sua casa na rua Formosa para o cemiterio dos Prazeres, os restos mortaes de José Estevão Coelho de Magalhães.

Ao doloroso e pungente espectáculo assistiu hoje uma grande parte da população da capital. Lagrimas sinceras, lagrimas de verdadeira gratidão, de intima saudade, de sombrio desespero, foi hoje o povo derramar sobre o feretro que encerrou para sempre o primeiro vulto da nossa tribuna parlamentar. É que o povo sabe e jámais poderá esquecer, que se despediu para sempre do amigo sincero, que o defendeu com egual valor na imprensa, na tribuna e nos campos de batalha.

Exemplo raro na imprensa, como ainda mais raro no parlamento, soldado fiel e immaculado do partido liberal, José Estevão Coelho de Magalhães era por todos estes titulos o seu mais nobre e puro character. Sempre popular, sempre dedicado, energico e severo defensor dos mais sãos principios liberaes, e eminente orador, nem um só dia deixou de merecer no mais elevado grau as publicas sympathias e o verdadeiro amor do grande partido a que pertencia.

Soffrendo com resignação e até com a alegria propria do homem de profundas convicções politicas, a sorte sempre desditosa do emigrado, todas as duras privações só no exilio bem conhecidas, José Estevão Coelho de Magalhães, quando o partido liberal triumphou, tudo esqueceu para ser generoso com os vencidos. É que n'aquelle magnanimo coração a solidez do seu amor

á liberdade não deixou nunca espaço algum para o odio e rancor politico. Era bom liberal como poucos e bom cidadão como nenhum.

Todos estes titulos, reunidos aos que o eximio orador possuia como particular, todas as virtudes que realçavam aquelle nobre character, levaram uma grande parte da população da capital a prestar-lhe hoje o mais solemne tributo de respeito, de amor e de saudade, que um povo póde offerecer a quem sempre o defendeu e honrou.

Apesar dos annuncios hoje publicados designarem as tres horas da tarde para a sahida dos restos mortaes do grande orador, da rua Formosa, já ás duas horas uma multidão compacta atulhava esta rua e occupava uma boa parte da praça do Principe Real.

Centenares de cidadãos de todas as classes que entraram na casa mortuaria e conseguiram vêr os inanimados restos do grande orador, sahiram d'alli profundamente commovidos. Ligeira alteração se observava na physionomia franca e aberta do illustre finado. Parecia dormir tranquillo somno, mas ninguem o viu assim sem que as lagrimas mais saudosas orvalhassem o feretro do grande orador popular.

Pouco depois das tres horas da tarde, o povo começou a desfilar para o cemiterio, formando extensas e dobradas alas. A dôr profunda e sincera viu-se desenhada em todas as physionomias. No cortejo não houve precedencias nem distincções. Foi popular em tudo, como o devia ser. Todas as clases da sociedade viam-se confundidas nas alas e nas grandes massas de povo que precediam, escoltavam ou acompanhavam o feretro.

O ministerio, muitos deputados, alguns pares, notando-se entre estes os snrs. marquezes de Niza e de Ficalho, e o snr. conde de Laborim, as deputações de todas as associações populares da capital, e uma da escola politechnica, os lentes d'esta escola e do instituto industrial, o snr. governador civil, quasi todos os jornalistas, e finalmente muitos representantes de estabelecimentos litterarios, iam confundidos com a multidão.

O feretro, como já dissemos, foi sempre conduzido nos braços do povo. Os amigos intimos do illustre finado, só com muita difficuldade conseguiram, por alguns momentos, substituir junto ao feretro os cidadãos que em massa o rodeavam e seguiam».

A' sahida da casa o caixão era levado pelos ministros da marinha, guerra e fazenda, pelo marquez de Nisa, Antonio Feliciano de

Castilho e pelo artista Antonio Nunes. Atraz caminhava o ministro do reino Anselmo José Braamcamp com a chave do caixão. No largo da Patriarchal Queimada, hoje praça do Principe Real, alguns homens do povo dirigiram-se aos ministros e um d'elles disse-lhe: — «até aqui v. ex.<sup>as</sup>, agora nós os do povo de quem elle foi o mais leal amigo e o mais valente defensor» — e *in continenti* tomaram conta do caixão, revesando-se amiudadas vezes até o cemiterio, porque todos queriam levar um bocado nas suas mãos o corpo do grande cidadão.

Eram cinco horas quando o funebre cortejo chegou ao cemiterio dos Prazeres. Durante o transito um consideravel numero de cidadãos reuniu-se ás alas, e, confundindo-as, foi em massa compacta que o cortejo entrou no campo dos mortos.

Logo que se concluíram as ceremonias prescriptas pela Igreja para estes actos, o feretro foi conduzido pelos ministros, pelo Marquez de Niza e pelo contra-almirante Soares Franco para o jazigo da familia Pinto Basto. Guardando então o povo o mais profundo silencio, Rebello da Silva, Mendes Leal, Freitas e Oliveira e João Manoel Gonçalves proferiram discursos. Um batalhão do regimento de infantaria 16 prestou as honras funebres e el-rei D. Luiz fez-se representar pelo seu ajudante d'ordens, Carlos Possolo de Souza. A imprensa de todo o paiz sem distincção de cores politicas commemorou em phrases sentidas a morte do tribuno. Vou apresentar alguns extractos d'estes artigos e mais apresentaria se podesse avolumar mais este escripto:

«Repousa na estancia dos mortos o primeiro orador da tribuna portugueza!

Nos penetraes da eternidade desapareceu para sempre aquelle vulto gigante, que ainda ha pouco deslumbrava com a magestade do seu genio as mullidões agglomeradas para o escutar; — que a imprensa sem distincções celebrava nos seus fastos diuturnos; — que hontem ainda assombrava pela influencia da sua palavra inspirada todas as sumidades politicas, e todas as glorias parlamentares d'este paiz!

Perdeu Aveiro o mais illustre, e o mais prestante dos seus filhos; desfolhou-se, crestada pelo sopro empestado da morte, a flor que só por si dava realce á sua corôa de cidade; partiu-se e cahiu a pedaços sobre a campa o seu mais nobilitado brasão; esvaiu-se, como uma sombra querida, a imagem d'esse protector sollicito e incansavel que vellava sem cessar por todos os seus interesses, por todas as suas necessidades, — que para o seu Aveiro tudo queria, tudo podia, e tudo lhe parecia pouco!

.....

Aveiro está verdadeiramente de luto, e nunca o escudo do seu municipio devera estar velado de crepe com tanta rasão como n'este momento.

De todas essas glorias resta uma cadeira, no parlamento, coberta de crepe; na memoria dos homens um nome, que a historia memorará nas suas melhores paginas; e no coração dos filhos d'Aveiro uma saudade que deve durar tanto quanto a gratidão dos beneficios, com que essa nobre alma quiz dotar a sua terra!

*Districto d'Aveiro.*

« Povo portuguez, descobri-vos! Dobrai o joelho perante um cadaver! Expirou José Estevão Coelho de Magalhães! Parece um sonho, mas é uma triste realidade!

Vulto grandioso da nossa historia, já não existes! acabas de exhalar o ultimo suspiro nos braços da nação portugueza, representada n'esse grupo angustioso de corações amigos e sentidos, que te cercavam o leito da morte!

Morreu o rei da tribuna portugueza! morreu o primeiro athleta do patriotismo portuguez! morreu o homem que dedicou a sua vida pela patria, pela liberdade, pela democracia, pelo progresso! morreu o inimigo implacavel da reacção!

Talento imaginoso, eloquencia privilegiada, phantasia oriental, artista da palavra, phisionomia sympathica e seductora, alma grande pelas virtudes civicas, arrojada e intrepida em todas as adversidades da vida; tudo hoje é pó, tudo hoje é nada.

Só é grande o vosso nome, tribuno do povo! Só é grande a vossa historia! Só são grandes as vossas recordações.

Povo portuguez, correi ao tumulo do grande orador, e lavrai-lhe o mais glorioso epitafio, que pódem ter os poderes da terra! — Aqui jaz o homem do povo; foi rei pela palavra; foi o genio da liberdade; nasceu pobre e morreu pobre».

*Portuguez.*

« Cessem as alegrias e cubramo-nos de luto. É triste sina do mez de novembro, que o anno passado viu succumbir a realza do throno, e este anno já triste começa vendo succumbir a realza do talento.

A morte de José Estevão não é só uma perda valiosissima para o partido liberal, de que fôra sempre tão estrenuo paladino, e um dos primeiros campeões. É uma perda para todo o paiz que elle honrava com o seu nome, e com o seu gigantesco vulto.

*Diario Marcantil.*

A tribuna portugueza está de luto. O grande vulto parlamentar cuja voz eloquente e phrase demosthenica faziam a gloria do paiz, já não existe.

O snr. José Estevão Coelho de Magalhães entregou o espirito ao Eterno a noite passada. Foi uma grande perda para esta nação e para a liberdade.

*Diario de Lisboa.*

«Sumiu-se para sempre a voz mais eloquente de Portugal, e sumiu-se n'um instante!

Morreu o snr. José Estevão! A' meia hora depois da meia noite de hontem para hoje a sua alma voou para o céu.

Choremos todos o amigo de todos, o genio inspirado, o coração limpo e puro, a alma grande e generosa, e acompanhemos a sua inconsolavel familia no seu luto e na sua dôr. Choremos todos a perda do deus da tribuna e do rei da intelligencia.

A outros serão necessarias longas biographias, a José Estevão nós não lhe podemos dar senão sentidas lagrimas.»

*Revolução de Setembro.*

«A nação acaba de soffrer uma perda irreparavel.

Morreu José Estevão Coelho de Magalhães, a flôr da tribuna parlamentar.

Estalou fatalmente o fio de uma vida toda consagrada á defeza e á manutenção das liberdades publicas; de uma vida que foi um tecido de virtudes civicas, um continuo lidar em prol dos bons principios.»

*Opinião.*

«Já não existe o snr. José Estevão Coelho de Magalhães!!!

Baixou ao sepulchro o nosso primeiro orador parlamentar, esse distincto ornamento da nossa tribuna politica, esse valente soldado da liberdade, esse illustre campeão da intelligencia, esse

nobre e grande talento, esse eloquente e arrojado tribuno, que por tantas vezes illustrou o parlamento, que por tantas vezes déra o verdadeiro esplendor ao sanctuario das leis !!!

.....  
*A Epocha.*

« O partido liberal acaba de perder um dos seus mais brilhantes talentos, e nós um adversario que sinceramente estimávamos.

O snr. José Estevão Coelho de Magalhães, foi chamado á presença de Deus.

.....  
 Nas trevas espessas da revolução, o snr. José Estevão appareceu como um meteoro brilhante, e muitas vezes nas lides politicas, arrastado pela sua grande alma foi superior a mesquinhas paixões que deshonram a humanidade.

*A Nação.*

« O homem que esmaga indifferente a humilde ervinha, pasma quando vê o cedro gigante arrancado pela raiz e prostrado no chão.

Lisboa está pasmada e absorta, porque em vinte e quatro horas a morte derrubou um cidadão, que era um gigante na tribuna e na imprensa, e grande entre todos.

Morreu o José Estevão! era a triste noticia que hoje se davam os cidadãos uns aos outros, com as lagrimas nos olhos. E a esta nova tão dolorosa para o paiz, segue-se um concerto de louvores ao cidadão eminente, roubado á vida, quando o paiz ainda esperava tanto d'elle.

Com effeito, a patria perdeu um dos seus mais illustres filhos, e a liberdade o seu mais convicto e immaculado campeão.

Ha trinta e quatro annos que José Estevão sentou praça nas fileiras da liberdade, e n'este longo espaço de tempo nem com a penna, nem com a palavra, nem com a espada, deixou de a defender; antes sempre, e em todas as conjuncturas, ainda as mais arriscadas, a serviu em extremo, padecendo por essa causa exilios e calumnias, por ventura mais crueis.

José Estevão deixa um lugar vago, que ninguem pode preencher.

.....  
 José Estevão na tribuna era, como na sua vida social, simples e modesto, e essa simplicidade era o seu maior dote.

Com uma palavra, com um gesto, dominava a assembleia. Arrancava as lagrimas com a mesma facilidade com que excitava o riso. O epigramma espirituoso sahia-lhe dos labios tão naturalmente, como as imprecações vehementes, as apostrophes apaixonadas.

.....  
 Como Mirabeau, como Fox, José Estevão nos seus discursos mostrava-se homem politico. A inspiração que lhe dictava a phrase rica, deslumbrante e fluente, tambem lhe enviava os bons principios da governação do estado.

E a natureza, que em tudo quiz ser liberal com aquelle, cuja perda a patria hoje deplora, dotou-o de magestosa presença e de uma cabeça vasada no molde antigo. Era um romano ou grego dos bons tempos da republica.

.....  
 Era um nobre character. Teve invejosos, mas não crêmos que tivesse inimigos. Não os podia ter quem era tão lhano, tão singelo no seu viver, quem nunca abusou do poder da sua palavra e da sua posição, e só o aproveitou para ser util á patria e aos opprimidos. Para si, nada quiz, nada pediu. Desce á sepultura, sem honras, sem distincções civis. Não foi barão, nem conselheiro, nem commendador. Morreu com o seu nome patronymico. No peito só se lhe vê brilhar a medallia de honra, ganhada no campo de batalha, a prol da liberdade.

Ora, pois, morreu o maior homem do partido liberal, o atalaya constante das publicas liberdades, e campeão fiel e leal de todas as causas generosas, o amigo dedicado da sua patria, o cidadão prestante, columna e esteio de um grande e nobre partido, o orador singular, o jornalista liberal—morreu José Estevão Coelho de Magalhães.

Do poder nada recebeu em vida, como premio do muito que fez a bem da sua patria; agora cabe ao povo pagar-lhe a vida de gratidão que para com elle contrahi.

O nome de José Estevão está ligado á revolução liberal; é elle a nossa maior gloria parlamentar—e, sobretudo, é uma gloria immaculada. E pois que em vida nenhuma distincção teve pelos seus singulares merecimentos, agora, que é uma sombra, receba a homenagem do povo; traduza este n'um monumento toda a saudade, toda a gratidão, todo o respeito que consagra á memoria do eminente cidadão, a quem votava tanto affecto, e tão extremosa sympathia.

«A tribuna portugueza cobre-se hoje de pesado luto. José Estevão Coelho de Magalhães, o seu mais brilhante ornamento expirou. Aquelle astro immenso que tantas vezes a illuminou com os deslumbrantes clarões do genio, eclipsou-se. Aquelle espirito vigoroso e inspirado, que levava apoz de si as multidões incendiadas no fogo do enthusiasmo, desprendeuse do involuero material, e remontou ás regiões da immortalidade, onde vae reivindicar a corôa gloriosa, que a sua voz magnetica conquistou nas lides do parlamento. N'esta hora solemne e magestosa as paixões partidarias emudecem, os resentimentos desaparecem, cala-se a inveja, accorda o indifferentismo, só falla a consciencia que ajoelha ao pé do cadaver do grande orador, e fictando as paginas da historia parlamentar portugueza, cúrva-se reverente ante os prodigios que o grande talento alli traçou.

.....  
*O Conservador.*

«A tribuna portugueza está de luto!

O seu primeiro vulto, o brilhante e eloquente orador que por tantos annos a engrandecera e illustrara, foi inopinadamente colhido pela morte, no meio das glorias que o cercavam!

O snr. José Estevão Coelho de Magalhães, deputado da nação, morreu!...

E' uma grande perda para o paiz, é uma luz brilhante que se apaga no parlamento nacional!

Homem de coração, entusiasta e energico defensor de todas as ideias generosas, o deputado José Estevão, conquistando moço a merecida qualificação de Demosthenes portuguez, soube firmal-a e robustecel-a n'uma brilhantissima cadeira parlamentar, que lhe assegurou os fóros de primeiro orador portuguez!

*O Commercio do Porto.*

«Está de luto o partido liberal!

Está de luto a tribuna portugueza.

Entregou a alma a Deus um dos homens, que n'este seculo honraram os fastos parlamentares, e illustraram com a palavra e com o exemplo os annaes da liberdade!

☛☛☛ José Estevão Coelho de Magalhães, o bravo soldado do Mindello, o valoroso caudilho popular, o grande tribuno parlamentar, o primeiro orador d'esta terra, o emulo de Demosthenes e Mirabeau — uma das mais esplendidas glorias d'esta época — já não pertence ao mundo dos vivos!

Apagou-se para sempre na região das trévas eternas o grande clarão d'aquelle espirito privilegiado e sublime.

.....  
*O Jornal do Porto.*

«Acabamos de ser surprehendidos por uma noticia aterradora, que nos transmittiu pelo telegrapho o nosso correspondente de Lisboa. O grande orador portuguez, o distincto e talentoso advogado das liberdades patrias, já não existe.

A terrivel commoção que recebemos n'este momento, com uma tão lamentavel como irreparavel perda, suffoca-nos a dôr no coração, para nos transportar o pensamento ás regiões celestes, e orarmos.

.....  
*O Braz Tizana.*

A noticia da morte de José Estevão foi transmittida pelo telegrapho para Aveiro por Rodrigues Sampaio. A cidade ficou como fulminada, ao receber tão triste como inesperada nova. A dôr divisava-se em todos os rostos e as lagrimas burbulhavam de muitos olhos. Os que politicamente o haviam combatido em vida eram os primeiros a pranteal-o agora.

Os artistas reuniram logo a fim de deliberaram fazer celebrar solennes exequias pelo eterno descanso do tribuno, nomeando uma commissão para as levar a effeito que ficou composta dos snrs. Manoel Simões Amaro, José Maria de Carvalho Branco, Jeronymo Pereira Campos, Guilherme Maria Sant'Anna e Luiz dos Santos. Esta cerimonia funebre, este preito de saudade da parte dos artistas aveirenses, realisou-se em 22 d'abril de 1863. com maxima pompa e crescida concorrência na egreja da Misericordia. O templo que é vasto, estava todo coberto de crepes, tendo ao centro um elegante cenataphio encimado por uma columna partida pelo meio. Em baixo uma pena e uma espada velada de crepes. A guarda d'honra foi feita por o destacamento de infantaria que fazia a guarnição da cidade. O panegyrico do tribuno que, foi recitado pelo professor do curso de sciencias ecclesiasticas d'esta hoje extincta diocese, o snr. dr. Francisco de Souza Janeiro, corre impresso. Foi officiante o actual arcebispo d'Evora o virtuosissimo D. José Antonio Pereira Vilhena, então vigario geral e governador do bispado d'Aveiro.

Houve tambem outras demonstrações funebres, promovidas pela familia e amigos de José Estevão, mas estas tiveram um caracter mais particular. Em Ilhavo tambem se celebraram exequias solennes, no dia 17 de novembro, e em Eixo em 4 do mesmo mez e anno de 1862. Aqui sobre os degraus do cenetaphio via-se o princi-

ro numero da *Revolução de Setembro*, acolá o retrato no meio de uma enorme corôa de perpetuas, velado de crepe. Em Eixo houve panegyrico, sendo orador o meu estimavel conterraneo o snr. padre Manoel Rodrigues Branco.

Em 23 de novembro de 1862 teve logar n'uma das salas do Lyceu d'Aveiro, uma granle reunião afim de se tractar de erigir uma estatua a José Estevão. Concorreram a ella pessoas de todas as classes e partidos. To los os aveirenses, mesmo os inimigos politicos do tribuno se associaram desde logo á sua glorificação posthuma. D'entre as muitas adhesões que n'esta reunião foram lidas, deve merecér menção especial uma, pela posição politica dos signatarios. Refiro-me a uma carta dos snrs. Manoel Firmino d'Almeida Maia, antagonista perante a urna de José Estevão, e proprietario do *Campeão do Vouga*, e José Eduardo de Almeida Vilhena, redactor em chefe do mesmo jornal. N'esta carta que foi apresentada pelo dr. Bento de Magalhães, diziam aquelles cavalheiros: « que convinham em tudo o que fosse deliberado na assembleia como demonstração honrosa á memoria do snr. José Estevão, desejando para esse fim associar o seu nome e subscrever com dinheiro ».

O snr. Manoel Firmino de Almeida Maia, quando a actual commissão do monumento iniciou os seus trabalhos, offereceu-se para em tudo a auxiliar, e por esta occasião espontaneamente pediu ao snr. conselheiro José Luciano de Castro, então ministro do reino, que o governo d'esse o bronze para a estatua. S. ex.<sup>a</sup> prometteu aceder a este pedido, mas tendo cahido a situação progressista este serviço prestou-o depois o ministerio regenerador como logo direi.

N'esta mesma reunião o director das obras publicas do districto, o snr. Silverio Augusto Pereira da Silva, declarou que uma commissão de artistas se offerecia para executar por suas proprias mãos e sem remuneração pelo seu trabalho toda a obra de canteiro, e que esta commissão se compunha dos snrs. Antonio dos Reis, Manoel Simões Amaro, José Maria Carvalho Branco, Jeronymo Pereira Campos, Custodio Simões Amaro e Gabriel de Pinho.

Depois de breve discussão assentou-se que se erigisse uma estatua a José Estevão, no Largo Municipal, abrindo-se para esse fim uma subscrição districtal. Para levar a effeito esta resolução elegeu-se logo uma commissão que ficou composta dos snrs. Vigario geral da diocese José Antonio Pereira Bilhano, par do reino Casimiro Barretto Ferraz, governador civil interino José Ferreira da Cunha, director das obras publicas Silverio Augusto Pereira da Silva, Agostinho Pinheiro, José Agostinho Barbosa, Bento de Magalhães, Pereira Junior, Antonio Vieira, Gabriel de Pinho, José Ferreira, Antonio Ferreira da Encarnação, João Marques de Oliveira, João da Maia Romão, Antonio Luiz de Sousa, Sebastião de Carvalho e Lima e Manoel José Mendes Leite. N'esse mesmo dia, foi aberta a subscrição que ficou logo em 429\$150 reis. Esta subscrição augmentou depois conside-

ravelmente mas é certo que a ideia do monumento não foi então por diante. Essa gloria devia caber aos artistas aveirenses, que depois de esforços e sacrificios de toda a ordem vêem realisada a sua aspiração de muitos annos, inaugurando a estatua do seu inclito amigo e devotado protector.

## X

A ideia do monumento suggeriu tambem logo em Lisboa. Aqui a iniciativa partiu da camara dos deputados. Foi na sessão de 5 de novembro, que se resolveu se abrisse uma subscrição nacional, a fim de se erigir uma estatua ao grande tribuno, nomeando-se uma grande commissão para incetar os respectivos trabalhos que ficou composta dos deputados Anselmo José Braamcamp, Gaspar Pereira da Silva, José Maria do Casal Ribeiro, Augusto Xavier da Silva, Claudio José Nunes, José de Menezes Toste, Joaquim Thomaz Lobo d'Ávila, José da Silva Mendes Leal, Jacintho Augusto de Sant'Anna e Vasconcellos, Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, José Augusto Gama, Antonio de Serpa Pimentel, Joaquim José Rodrigues Camara, Placido Antonio da Cunha Abren, Barão de Rio Zezere, D. José de Menezes Alarcão, Thiago Augusto Velloso, José Guedes de Carvalho e Menezes, Cesario Augusto de Azevedo Pereira, João Pedro d'Almeida Pessanha, José Joaquim Alves Chaves, Fernando de Magalhães Villas-Boas e Antonio Luiz de Seabra.

Na sessão de 3 de junho de 1871, a commissão administrativa da referida camara apresentou um parecer, no qual se dizia que tendo-lhe sido presente o officio de 17 de novembro ultimo, em que os cidadãos José da Silva Mendes Leal Junior, Joaquim José Rodrigues da Camara e conde de Casal Ribeiro, pediam licença á camara dos deputados para collocar no largo de S. Bento a estatua do grande orador parlamentar José Estevão Coelho de Magalhães, e em que a commissão ponderava que se se tractasse de levantar um monumento a expensas do Estado podia duvidar-se qual, d'entre todos que prestaram á liberdade assignalados serviços, teria o primeiro direito a tão grande distincção; mas como não se tractava, porém, de uma questão de preferencia, a camara devia acceitar reconhecida o offerecimento dos cidadãos que pagavam á sua custa uma divida publica, e, portanto conceder a licença pedida.

Este parecer, que foi approved, estava assignado pelos membros da commissão administrativa, Antonio Cabral de Sá Noronha, Adrianno d'Abreu Cardoso Machado, Antonio Pereira da Silva Souza e Menezes, visconde dos Olivaes e João Henrique Ulrich.

No dia 8 de julho de 1876 realison-se no largo de S. Bento a inauguração da construcção do referido monumento, e no dia 4 de

maio de 1878 verificou-se a inauguração da estatua. Foi modesto este acto, mas apesar d'isso grande concurso de povo assistiu a elle. A estatua que estava velada por uma bandeira nacional foi descoberta pelos presidentes das duas camaras.

## XI

José Estevão havia declarado em vida que desejava que o seu cadaver fosse sepultado em Aveiro junto do de seu pae; este desejo do tribuno foi plenamente satisfeito por sua virtuosa esposa. A trasladação de cinsas tão queridas, foi o acto funebre mais imponente que até hoje, 7 de agosto de 1889, se realisou em Aveiro. Eis em breves palavras a sua descripção.

No dia 16 de maio de 1864 pelas 4 horas da tarde, chegou no comboyo especial á estação do caminho de ferro o cadaver de José Estevão. Muito antes d'aquella hora já todo Aveiro ahi se achava reunido afim de receber os restos inanimados do mais prestante de seus filhos.

No comboio da manhã, alguns dos mais fieis e dedicados amigos de José Estevão tinham ido a Coimbra, para acompanharem o cadaver, fazendo parte da commissão alguns artistas.

A' chegada do comboio que conduzia o cadaver, uma commoção electrica se apossou de toda aquella multidão.

As portas da estação estavam abertas e o caes apinhado de gente.

O carro que conduzia o cadaver foi depois levado á mão até á passagem do nivel da estrada de Esigueira, onde o cadaver foi desembarcado.

Apenas as portas do carro funebre se descerraram, o snr. José Martins Raposo, encarregado da trasladação pela exc.<sup>ma</sup> viuva, e um dos mais dedicados e fieis amigos do finado, abraçou-se com o feretro, e, com mais lagrimas que palavras, depositou sobre elle uma corôa de perpetuas, que a irmã de José Estevão por suas mãos enterlaçára.

O snr. Raposo, rodeado de alguns amigos, entregou então o feretro a uma commissão dos artistas que lhe haviam pedido a honra de conduzirem, nos seus braços, o eminente orador á sua derradeira morada. Esta commissão compunha-se dos snrs. Francisco da Luz e Costa, Jeronymo Pereira Canissos, José Maria de Carvalho Branco, Antonio Marques de Almeida, Adão de Sousa Moreira e Manoel da Rocha.

Foi difficilimo organizar o prestito. Uma multidão compacta estava alli agglomerada, e só a muito custo foi formando alas pela estrada. Já ia a grande distancia o principio do prestito, e ainda o cadaver estava pousado sobre os descанços, esperando que o povo desse logar a que proseguisse.

Não se póde saber de quantas pessoas se compunha o prestito. Muitas iam sem tochas, por não chegarem as que estavam prevenidas, apesar de se haverem reunido todas que havia na cidade, inclusive as pertencentes a irmandades e confrarias, e terem vindo cerca de quatrocentas de Coimbra.

Aos dois lados do feretro ia a commissão dos academicos que de Coimbra veio expressamente para assistir a este acto.

Atraz iam aquelles que com José Estevão mais intimamente conviveram durante a vida.

Seguia-se a phylarmonica da Vista Alegre e o administrador d'este importante estabelecimento fabril, o snr. Alberto Ferreira Pinto Basto, e todos os seus operarios.

Ia logo após uma outra phylarmonica, a «Amisade», acompanhando-a o destacamento em grande uniforme e com as armas em funeral.

Mais adiante, defronte do convento de Sá, hoje quartel militar, ainda outra phylarmonica, a «Aveirense», tomou logar no prestito, que seguiu rua abaixo no meio d'uma multidão immensa.

Na Misericordia esperava o prestito, de cruz alçada, com o clero, o snr. vigario geral da diocese. Ahi tiveram logar os officios funebres, seguindo depois pela rua Direita para o cemiterio.

O feretro foi sempre conduzido á mão pelos artistas. Alguns, apesar do enorme peso d'elle, nunca quizeram revesar-se e insistiram em que lhes pertencia a honra de o conduzir até ao cemiterio.

Defronte da casa em que habitou José Estevão, um dos artistas que pegavam ao caixão, o snr. José Maria de Carvalho Branco, em uma breve e sentida allocução pediu aos que o cercavam que se descobrissem. Todos se descobriram. E assim proseguiu o prestito por toda a frente da casa onde nascêra o grande orador.

No cemiterio, junto do jazigo, esperavam o feretro duas alas de senhoras, vestidas de rigoroso luto, com tochas accezas.

O prestito parou ahi, e os snrs. Bento de Magalhães, Rezende Junior, Bandeira de Mello, Bernardo de Magalhães e

João de Sá, e os snrs. Elmano da Cunha e Henrique Ferreira, academicos, prestaram, com a eloquencia da dôr, a ultima homenagem, o derrodeiro tributo de veneração e saudade á memoria do grande tribuno.

Eram cerca de 11 horas da noite quando as descargas da força militar annunciaram que as ceremonias funebres estavam terminadas, e que José Estevão, o grande orador, o eminente politico, o prestante cidadão, o mais dedicado filho d'esta terra, descansava no logar que escolhera para dormir o somno eterno.

A estreitesa do tempo e a necessidade inadiavel de mandar para o prélo a ultima folha d'este livro não me permite que publique todos estes discursos. Irão portanto apenas os dos snrs. dr. Bento de Magalhães e José Bandeira Coelho de Mello.

### DISCURSO DE BENTO DE MAGALHÃES

« N'esta mansão de mortos vem hoje descansar um morto, que hade viver por muito tempo na memoria dos vivos.

Se a alma voou para Deus, e do corpo nada mais restará em breve do que um punhado de pó, as virtudes não se escondem na campa, por que não tem poder a morte para aniquilal-as.

Os grandes genios não descem inteiros á sepultura. A sua melhor parte sobrevive na terra; por que as grandes obras, e as grandes idéias, transpando os seculos, conquistam a immortalidade no mundo.

O entranhavel amor dos homens, o trabalho incessante para fazel-os ditosos, a vida sempre honrada, a abnegação do interesse proprio, e até o mártirio, — vão servindo nas gerações de estímulo para muitos, de licção, e de exemplo para todos. É assim que o homem grande, mesmo depois de ter voltado para o nada, fica sendo bemfeitor perpetuo da humanidade.

E aquelle, que é já quasi mirrado esqueleto n'esse athau-de, era tão grande! . . . que nem tinha emulos! A inveja ignóbil, — essa viu elle muitas vezes armada contra si; mas a sua alma pura nunca foi empanada pelo odio, e a unica vingança com que exultava o seu coração magnanimo, era cummular de beneficios os seus maiores detractores.

E sempre á posteridade quem paga a divida de desaffrontar das injustiças dos homens os grandes vultos. José Estevão foi rarissima excepção. Apenas morto, ainda ninguem teve mais

completo desagravo. Foi este, e já posthumo, o seu maior triumpho.

Viu sempre com indifferença erguerem-se muito abaixo de si grandes fortunas. A sua, — aquella por que anhelou sempre o seu coração, nunca foi outra, senão a prosperidade do seu paiz.

Honra e gratidão, senhores, á memoria d'este homem, que tendo vivido no fastigio da gloria, morreu tão pobre, que, se não fôra a esposa, teria de ser sepultado, como Aristides, o justo, á custa da nação ou de seus amigos.

Se o amor da familia, se o amor da terra onde se viu a primeira luz e onde sorriam os primeiros annos, aquilatham o individuo, quem, como elle, ardeu tanto n'estes amores.

Que olhos pôdem abrir-se n'esta cidade, que não vejam um monumento, uma testemunha eloquente, e sempre viva do seu extremoso affecto para com ella?

O caminho de ferro, — este sonho doirado de seus derradeiros annos... mal diria José Estevão que o dia festival em que n'elle tinha de vir a primeira vez á sua querida Aveiro, seria um dia de tanto luto! Mal pensava elle que a jornada seria unica, porque só viria inanimado, e já ossos, e podridão!

O amor de familia... quem o não sabe? Tantos de nós, que vimos os assíduos cuidados, os estremecidos desvellos do filho dos decrepitos dias do pae, — o estalar de todas as fibrás do seu coração, quando o venerando velho descansou no Senhor, — podemos dar um cabal testemunho do amor de familia de José Estevão.

Pizamos aqui cinzas de mortos. Mais de uma geração já sepultámos aqui. Todos talvez conheceram; talvez todos amaram José Estevão. Se todas essas cinzas, e esses ossos já gastos, por um milagre de Deus se reanimassem agora alguns momentos, — vêr-se-hia uma cidade de finados, nossos parentes, e amigos nossos, receber com silencioso respeito no seu gremio os despojos mortaes de tão grande varão.

E agora, o que era rei da eloquencia, jáz ahi mudo e gelado.

Agora é só mais um morto entre os mortos. Tal é o nada d'esta vida! Agora o filho vae descansar junto do pae, e junto da filhinha innocente, até ouvir os sons da trombeta do archanjo».

## DISCURSO DE J. BANDEIRA COELHO DE MELLO

«A igreja implorou já para o christão as misericordias do Senhor. A patria fallou, e dourou-lhe o nome nas paginas da historia. Os filhos d'esta terra rendem hoje o ultimo preito de lagrimas á sua memoria, e, ao receber o seu legado de cinzas n'este recinto de mortos, vem á porfia testemunhar o seu reconhecimento, relembrando as virtudes do cidadão, os serviços do patriota, e os beneficios do protector.

Permitti, senhores, que eu venha tambem depositar, juncto a estas corôas de perpetuas sobre o tumulo de José Estevão uma pobre violeta, simples na sua humildade, como elle o foi na sua grandeza. D'além dos valles da montanha, a colhi, e a trago como emblema de gratidão dos povos, a quem, para lá d'este districto, se extendiam Vouga acima os raios vivificadores do sol de Aveiro!

Consubstanciada n'um voto deixo aqui a minha offerenda.

José Estevão e Aveiro são duas ideias inseparaveis. É preciso que o sejam sempre. Para isso falta ainda alguma cousa. José Estevão deu tudo o que podia dar. Aveiro ainda não. José Estevão deu a sua intelligência, a sua actividade, a sua fortuna, a sua vida, e por ultimo... os seus ossos, porque lhe levara Deus a alma, e lhe ficara com o coração a esposa!

Eil-os ahi estão, que vieram para a mansão da morte pelo caminho da vida!

Ahi ficam agora em frente um do outro os dois grandes monumentos do seu affecto, representados, acolá no movimento successivo, aqui no repouso eterno!

Falta, senhores, o monumento da gratidão. Cumpra-se a promessa dos dias de luto. Levante-se a estatua na praça publica.

Além o movimento a engrandecer-lhe a terra. Aqui as reliquias a perpetuar-lhe o amor. Lá a imagem a repetir-lhe o nome».

José Estevão, logo apoz a morte de seu pae tractou de mandar construir um jazigo para si e para os seus, no cemiterio publico d'esta cidade de Aveiro. A camara municipal offereceu-lhe o terreno necessario, como prova de gratidão pelos serviços que elle havia prestado á cidade. O jazigo é vasto e alegre, mas modestissimo. Fica na ala esquerda do cemiterio e destaca-se pela sua grande sim-

plicidade architectonica. E' uma capella modesta, de paredes brancas, com uma porta ogival, resguardada a entrada por uma simples grade de ferro, que deixa vêr todo o interior. Ao fundo um altar de marmore, sem decorações vistosas, tendo apenas gravadas na frente as iniciaes do nome popular do famoso orador. Sobre o altar uma cruz, formada pela junção de dois toscos fragmentos de acacia, ligados por uma corôa.

Embebidas nas paredes, ha quatro jazigos, fechados por placas de marmore, com puxadores metallicos. O primeiro, da parte superior e do lado direito do altar, encerra as cinzas do tribuno. Tem gravada esta inscriçao :

**JOSÉ ESTEVÃO COELHO DE MAGALHÃES**

NASCEU EM 26 DE DEZEMBRO DE 1809 E FALLECEU EM 2 DE NOVEMBRO DE 1862  
 APOSTOLO FERVOROSO E INCANSAVEL DO PROGRESSO,  
 CONSAGROU-LHE TODA A SUA EXISTENCIA ;  
 SERVIU A PATRIA COM EXEMPLAR DESINTERESSE  
 ENGRANDECENDO-A COM OS RECURSOS DO SEU GRANDE GENIO.  
 FOI MODELO DE AMOR FILIAL, BOM ESPOSO E BOM AMIGO.  
 A SUA ALMA DESCANCE EM PAZ NO SEIO DE DEUS.

No dia 21 de outubro de 1867 inaugurou-se solenne e festivamente na sala da bibliotheca do lyceu de Aveiro, o retrato de José Estevão. A iniciativa d'este monumento á memoria do tribuno, que foi o primeiro que em Portugal se lhe levantou, partiu dos estudantes do mesmo lyceu. A commissão que dirigiu os trabalhos compunha-se dos snrs. José Gomes de Andrade, Carlos Faria de Mello, Francisco Augusto da Fonseca Regalla, Francisco Victorino Barbosa Magalhães, Antonio Barreto Ferraz Sacletti, Antonio João Lopes, Patricio Alvares Ferreira e João Domingos Louro.

O retrato que é a oleo e foi pintado pelo artista lisbonense José Maria Sales, foi descerrado pelo reitor do lyceu o snr. dr. Manoel Gonçalves de Figueiredo. N'esse momento subiram ao ar muitas girandolas de foguetes e no largo municipal cinco philarmonicas, tocaram um hymno expressamente composto para este dia pelo alumno do lyceu o snr. Amandio Ferreira.

Em seguida ao descerramento do retrato pronunciaram discursos adquados ao acto que se celebrava, os snrs. reitor do lyceu, Elias Fernandes Pereira, Albino Coelho, Francisco Regalla, Jacintho Augusto Freitas Oliveira, Agostinho Pinheiro, Antonio Marques dos Santos, Antonio José de Oliveira Mourão e Luiz Casimiro Feio. Recitaram poesias os snrs. Fernando Caldeira e José Maria Barbosa de Magalhães. Este ultimo, hoje deputado e orador distinctissimo contava então apenas dez annos, patenteando já então a precocidade do seu formoso talento.

Um filho de Aveiro, José de Sousa, um artista de raras aptidões que a morte victimou ha poucos annos, ainda quiz pagar tambem o seu tributo de gratidão a José Estevão, gravando uma medalha commemorativa da inauguração da sua estatua em Aveiro.

José da Souza gravou apenas um dos lados da medalha a que representa o busto do tribuno — e este mesmo ainda carecia de alguns retoques. A medalha, a avaliar pelo que está feito, devia ficar magnifica «e o não poder concluil-a foi uma das maiores maguas que entristeceram os ultimos dias de José de Sousa», escreveu um seu amigo e escriptor laureado, o snr. Manuel M. Rôdrigues:

«Foi em abril de 1880 que se organisou em Aveiro uma commissão, com o fim de promover os meios de levar a effeito um monumento a José Estevão Coelho de Magalhães.

Essa commissão ficou composta dos seguintes cavalheiros: presidente, snr. João da Maia Romão, professor do lyceu; thesoureiro, snr. Pedro Antonio Marques, industrial; secretario, snr. Domingos José dos Santos Leite, negociante; vogaes, os snrs. Manoel da Rocha, industrial, Manoel Homem de Carvalho Christo, mestre d'obras, José Joaquim Gonçalves da Caetana, negociante, Antonio de Souza, mestre d'obras, Anselmo Ferreira, negociante, Francisco Rodrigues da Graça, mestre de obras e José Maria de Carvalho Branco que deixou de fazer parte da commissão em outubro do mesmo anno.

Esta commissão tratou de obter donativos, elaborando o projecto do monumento o snr. João da Maia Romão, digno presidente da commissão.

A inauguração das obras do monumento, levou-se a effeito com o lançamento da primeira pedra, por occasião do centenario do Marquez de Pombal, a 2 de maio de 1882, proseguindo as obras do pedestal sob a direcção do snr. Manoel Homem de Carvalho Christo.

O logar escolhido para o monumento, foi o largo Municipal, ficando aquelle em frente do edificio do lyceu, um dos melhores do paiz e cuja construcção se deve aos esforços de José Estevão. No outro lado do largo está o edificio dos Paços do Concelho e proximo a casa em que viveu o glorioso tribuno.

O pedestal sobre que ha-de assentar a estatua é de cantaria, a qual foi apparelhada nas officinas dos snrs. José Moreira Rato & Filhos, em Lisboa.

O governo deu o bronze para fundir a estatua, por lei de 3 de junho de 1882, e mandou fazer a fundição, no Arsenal do Exercito, por lei de 4 de maio de 1886.

Para esta concessão do estado influíram especialmente o snr. conselheiro José Dias Ferreira, que além da muito auxilio que prestou á commissão, apresentou o projecto de lei para a concessão do bronze, e o snr. desembargador Francisco de Castro Mattoso da Silva Corte Real, que apresentou de accordo com os deputados do circulo de Aveiro, o projecto de lei para o governo mandar fazer a fundição da estatua no Arsenal do Exercito.

Dirigiu os trabalhos da fundição da estatua o capitão de artilheria, servindo de sub-chefe da Fundição de Canhões do Arsenal do Exercito snr. Leandro Augusto Roque Pedreira o qual empregou todos os esforços para o bom resultado da obra.

Os operarios que trabalharam na fundição foram João Baptista e Francisco da Costa, fundidores, Manoel Augusto da Piedade e Antonio José Brandão, serralheiros.

Os donativos realisados até ao presente sobem á quantia de 3:520\$765 réis; sendo provenientes de subscrição 1:416\$065 réis; de espectaculos 1:845\$580 réis; e de juros 259\$120 réis.

D'esta importancia dispendeu-se na cantaria para o pedestal, 1:091\$360 réis; em uma grade para o monumento 259\$120 réis; no modelo da estatua e transporte para o Arsenal 1:170\$700 réis.»

A estatua do tribuno chegou a esta cidade no dia 21 d'abril d'este anno (1889) e foi collocada no pedestal pelas 4 horas da manhã do dia 20 de julho.

A estatua representa José Estevão na attitude de orar. Está voltada para os Paços do concelho. As inscrições do pedestal são em bronze e dizem o seguinte:

Face da frente:

1809-1862

A

JOSÉ ESTEVÃO COELHO DE MAGALHÃES

A

CIDADE DE AVEIRO

12 DE AGOSTO DE 1889

Face posterior:

SERVIÇOS A AVEIRO  
MELHORAMENTOS DA BARRA  
LYCEU  
CAMINHO DE FERRO  
INICIAÇÃO DA VIAÇÃO PUBLICA

Face direita :

FEITOS MILITARES  
 DEFEZA DA SERRA DO PILAR  
 13 E 14 DE OUTUBRO DE 1832  
 FLECHA DOS MORTOS  
 25 DE JULHO DE 1833  
 REVOLTA DE TORRES NOVAS  
 1844  
 REVOLUÇÃO POPULAR  
 1846-1847

Face esquerda :

DISCURSOS  
 PROFISSÃO DE FÉ  
 PORTO PYRÉU  
 SUSPENSÃO DE GARANTIAS  
 CHARLES ET GEORGE  
 IRMÃS DE CARIDADE  
 DEFEZA DO JORNAL LEGITIMISTA « O PORTUGAL VELHO »

Cumpre-me pôr termo a esta desalinhada collecção de apontamentos porque sendo este livro destinado a commemorar a grande festa da inauguração da estatua de José Estevão, a sua publicação não se pôde demorar mais uma hora só. Seja. Terminarei pois com as palavras com que o tribuno se referiu á morte de Peel, palavras que com inteira justiça se lhe podem applicar n'este momento: Eil-as :

«Uma estatua sem dísticos pomposos perpetua a memoria do homem que soube pospor as affeições pessoaes ás grandes medidas de utilidade publica e que forçou os seus parciaes a respeitarem o bem commum e o engrandecimento da sua nação. A posteridade chegou cedo para elle. Poucos annos depois da sua memoravel obra já as vozes do despeito, e da inveja, que pretenderam ennegrecer tão nobre character, soavam como triste desabafo de paixões mesquinhas, que um povo illustrado ouve sempre sem irritação e despreza sem escarneio.»

Principiado ás 9 horas da manhã do dia  
 13 de julho de 1889, e concluido ás  
 2 horas da tarde do dia 7 d'agosto  
 do mesmo anno.

F I M

NOTA

Por falta absoluta de tempo deixam de publicar-se as notas e outros documentos que deviam acompanhar este volume, mas irão n'uma segunda edição que em breve seguirá a esta, e que remediarão as suas incorrecções e lacunas.